

# ***ALÉM DO ÓDIO***



**ROMANCE**

**SINHOZINHO  
CARDOSO**

**MÉDIUM JOÃO  
NUNES MAIA**

Psicografado pelo Médium João Nunes Maia

# ALÉM DO ÓDIO

ditado pelo Espirito  
"Antônio Travassos Cardoso"

1.ª Edição 1973

Fonte Viva

## Créditos

Diretos reservados a  
"EDITORA O CONSOLADOR"  
Departamento da Sociedade Espirita Maria Nunes  
Rua Esmaltina, 149. e Rua Superática, 130  
Podidos pela reembolso postal, desta ou  
do outras obras, para:  
Colas Postal, 01 — Bolo Horizonte — Mina a Gorais  
1a EDIÇÃO: 10 000 exemplares  
Toda a primeira edição se destina ao financiamento da 5.<sup>a</sup>  
'CAMPAÑA NACIONAL DO LIVRO ESPIRITA GRATUITO'

Composto e Impresso na  
MINAS GRAFICA EDITORA LTDA.  
Rua Timbiras, 2062 — Fone : 26-4022

Isbn: 9788586424076  
Ano: 1.<sup>a</sup> Edição 1973  
Editora: Fonte Viva

Conversão Digital 2019 — Digitalização web. Atendido o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa na revisão, cujas eventuais observações estão em Notas [N.R.]. E-Book sem fins lucrativos visando deficientes visuais; se não o for, considere comprar um original e doá-lo a uma biblioteca.



# PREFÁCIO

A mediunidade ainda se apresenta, na Terra, como matéria pouco estudada. Alguns querem se servir dela, como instrumento de ganho fácil; outros, que não são portadores desse dom com certa expressão, movimentam-se para controlar os que possuem, querendo, assim, prejudicar um melhor rendimento na área do bem. O estudo da mediunidade é profundo, requerendo do estudioso dose maior de vivência cristã.

O maior incentivador dos dons mediúnicos foi Nosso Senhor Jesus Cristo, que praticou a mediunidade em todos os seus lances da vida na Terra, sem se deixar atingir pelos fariseus, pelos comerciantes ou pelos gananciosos do poder temporal. Para todos Ele tinha uma resposta certa, livrando-se das antigas manobras que poderiam toldar sua faculdade espiritual. Na verdade, todos os homens carregam consigo o germe da mediunidade, mas nem todos têm a missão de exercitar-se no campo do intercâmbio com os espíritos. A sensibilidade mediúnica provém de compromissos sérios, feitos antes da encarnação, com graves danos para aqueles que não os cumprem, pois a desobediência, nesses casos, é condenada pela lei que controla a reação.

Quando partimos daqui com destino à Terra, com a tarefa de continuarmos a nos comunicar com os espíritos desencarnados, somos submetidos, no plano espiritual, a uma preparação sensibilizante de certas áreas da nossa mente, aguçando em nós os centros de captação ondulatória dos pensamentos dos espíritos, em determinadas faixas. Depois desse preparo somos cobertos, como defesa, por fluídos especiais, no sentido de garantir um certo tempo de adaptação no corpo físico. Com o tempo, essa proteção é retirada e aí, entramos em completa sintonia com o mundo

espiritual. Se compreendermos bem a missão, seremos bem sucedidos; se não, responderemos completamente por nossos atos.

A mediunidade é um dom que todos temos e que todos exercitam, querendo ou não; mas poucos têm a missão de se comunicarem mais diretamente com os espíritos, tornando-se pontes, para que eles possam deixar passar livremente suas ideias aos homens. A inspiração é comunicação comum a todos os seres e representa o adágio de todas as almas, mas o intercâmbio frente a frente, de servir de instrumento como se fosse o próprio espírito a dizer para os encarnados, é tarefa diferente; a alma já nasce com esse dom em completo preparo, só esperando a chegada da hora, o chamado dos céus. Mesmo escrever sobre mediunidade, não é muito fácil. Tentamos nos aproximar da realidade, mas a faculdade varia de zero ao infinito.

Vamos aqui explicar um tipo de mediunidade pouco comum, do qual é dotado o médium que nos serve. Usemos uma comparação nas coisas da Terra para melhor sermos compreendido. Hoje, no planeta, pode-se ver com perfeição uma fotografia da Terra, tirada de distâncias imensuráveis, de maneira que a visão humana possa observar o globo em que mora do tamanho de uma bola de basquete ou no minúsculo volume de uma pelota de gude, dependendo da distância em que foi fotografado o planeta, ou do aparelho que usamos para observação da fotografia. Mas grande ou pequena, o que ela tem em si não se modifica, pois o conteúdo é sempre o mesmo. Se pequena, depende de ampliação, para vermos a realidade; se grande, não depende de nada e o que vamos ver já está exposto aos nossos olhos.

Pois bem, essa mediunidade consiste nisso. O Guia espiritual que deseja se comunicar amplia seus pensamentos, sintetiza a história até o tamanho de um átomo espiritual e, por estagnação de ondas tenuíssimas, prende uma à outra pela vontade do espírito, ficando gravada toda a história romanceada que o Guia espiritual deseja escrever através do médium. Na hora de passar para o papel, o início, a ligação do fio da meada, a sintonia vibratória do átomo espiritual com os centros sensíveis de percepção do médium é dada pelo espírito; e o médium, tendo vasto conhecimento da Doutrina dos Espíritos, muito auxilia no trabalho de intercâmbio. O médium poderá escrever sozinho, nos casos de

necessidade, mas o melhor é marcar hora certa, para que seja ajudado pelos espíritos Interessados na captação da história.

É como se fosse um microfilme, colocado na mente espiritual do médium, sem que esse sofra qualquer distúrbio; pelo contrário, sente o conforto do magnetismo espiritual deixado pela entidade comunicante, responsável pelo ditado espiritual. Para melhor entendimento, vamos comparar com o desenvolvimento da astronomia. Os cientistas puderam fotografar galáxias inteiras, mostrando aos homens, em um simples pedaço de papel, as belezas dos céus. Com o tempo, as novas gerações irão aperfeiçoando o instrumental, já podendo fotografar cem galáxias; com o passar de mais tempo, mil, cem mil, um bilhão de galáxias, concentrando tudo no mesmo tamanho de papel, das mesmas dimensões de uma foto de carteira.

É nesse desenvolver de Ideias, é nesse intercâmbio de homens com espíritos, que os campos de trabalho se desenvolvem cada vez mais, atingindo as raias da perfeição. Amanhã ou depois o espírito poderá sintetizar com mais facilidade, não só uma história que dará um livro, mas dezenas delas, centenas e milhares, adaptando todo esse material às entranhas sensíveis da mente humana, que operará no mundo físico, como instrumento fiel aos comandantes do espaço espiritual, com o único objetivo do bem da humanidade. Ninguém é dono de mediunidade mais avançada do que outro; somos todos meros instrumentos da vontade de Deus, que é o nosso Pai e Criador de todas as coisas. Querer auferir lucros fáceis das coisas de Deus é desobedecer o sinal de perigo do nosso tortuoso caminho.

Este livro vem mostrar, com grande interesse, o que encontramos “Além do Ódio”, caminho por que todos passamos, para depois encontrarmos o amor. Eis aí parte da vida levada por uma família, pelos seus escravos, no cadinho da purificação. Ninguém desperta sem a explosão da dor, sem o ferrão dos espinhos, sem sentir a maldade dos outros, para poder mudar de rumo. Se uma história nos conta que já fomos animais, outra história nos relata que vamos ser anjos. Não é isso motivo de alegria para todos nós?

A vida continua, meus filhos, em todos os escalões das áreas

imensuráveis da criação. Todos somos filhos de Deus, e a Lei não se esquece de nenhum de nós, tanto para nos punir, quanto para nos amparar. Todos os personagens deste livro, “Além do Ódio” encontraram o amor e nesse drama de viver e morrer, tornar a viver e voltar a morrer, para renascer de novo é que chegamos ao ponto em que estamos, contando com a graça de Deus e a misericórdia de Jesus Cristo, para podermos ajudar aos que ainda sofrem nos campos da Terra.

Essa é a minha saudação a todos os homens; Avante, irmãos, e sejam fortes nas lutas de cada dia, que o Cristo nos ajudará!

Belo Horizonte, 13 de maio de 1971

Fernando Miramez de Olivídeo

# CAPÍTULO I

## O CANTO DO SABIÁ

Há muitos contos por toda parte, no campo literário. Contudo, os verídicos são poucos. E são estes que carregam consigo aquele encanto que comove, aquele interesse no leitor de ir até o fim da história, de um só fôlego.

O que vamos contar é um desses casos passados há muitos anos, entre Cachoeira dos Macacos e Esmeraldas, duas pequenas cidades na periferia de Belo Horizonte. Entre essas cidades havia muitas fazendas organizadas e grande movimento; o comércio fluía com intensidade por vários lados, usando por veículos o lombo dos burros, os sabueiros<sup>{1}</sup>, que cantarolavam noite e dia, a serviço dos Senhores de Engenho — homens com certa cultura e conhecedores da política e das finanças. E a escravatura proliferava cada vez mais, como se fosse uma disputa entre os donos das terras. O braço do escravo é que garantia a boa colheita. No entanto, não tinham eles estabilidade na vida, nem a certeza de que, na fúria do senhor, pudessem ficar livres do chicote e da masmorra. As plantações e as colheitas, como já dissemos, eram feitas por eles, bem como as estradas, o corte da cana, a moagem; enfim, do suor do escravo provinham os cofres recheados.

Nas áreas mencionadas existiam muitos quiosques, que eram pontos de grande atração para o público médio, e, em alguns casos, para escravos inquietos que conseguiam burlar a vigilância, e aos quais nem o trabalho duro, de sol a sol, nem a cara asquerosa do capataz os fazia irem, cansados, em busca da senzala. Nunca era ambiente para a classe alta; somente para viajantes, donos de tropas, pequenos sitiantes etc.

Nessa época, as Minas Gerais eram assunto de todas as conversações, pelo seu ouro fácil e pela riqueza em pedras preciosas, invejada em todo o Brasil.

Esses quiosques funcionavam livres, como motivo de distração do povo, e eram frequentados também por alguns capatazes, que ali chegavam como se tivessem o rei na barriga. Eram ambientes como o são, hoje em dia, as grandes casas de diversões noturnas, e é lá que iam os homens se entreterem e dar vazão a seus humores. Os Senhores de Engenho, conhecedores da psicologia humana, procuravam ignorar esses lugares, só tomando conhecimento dos mesmos quando o abuso dominava, fechando-os imediatamente, da noite para o dia.

Bem, vamos encontrar nessa região, uma família composta de poucas pessoas, vindas de São Paulo, em busca de melhoria de sorte e cujo chefe era o senhor José Pantoni, que foi apelidado Zé Papudo, por ter o pescoço muito grosso. Sua esposa, de descendência francesa com nativos baianos, destacou-se na família, por sua beleza invulgar: tinha os olhos de cerúlea cor, ofertando a quem tivesse a oportunidade de fitá-los as mesmas esperanças que o céu promete. Corpo esguio, serena no andar, no falar e no agir; encantava a qualquer viajante que por aquelas bandas passava. E a notícia da formosura da mulher do Papudo corria como um raio. O Quiosque “Relâmpago”, de fato, brilhava com a presença de Antônia Lis Pantoni. Era este seu nome, mas todos a conheciam por Niquinha. Vamos, de agora em diante, trata-la por essa alcunha. Niquinha era perseguida, obsidiada constantemente, mas graças à sua formação espiritual e algumas virtudes conquistadas no tempo e no espaço, reagia nas horas de tortura moral, vencendo as perseguições das trevas. Possuía um coração de ouro — era o que corria na região.

O Papudo vivia sobressaltado com as conversas. Mudara-se de São Paulo por motivo de ciúmes da sua querida Niquinha, mas o seu sofrimento parecia que iria continuar. Suas lágrimas eram fáceis e sua dor imensa. Imaginava, nos momentos de solidão: “Poderia perder minha mulher por ser ela envolvida na trama de algum conquistador-aventureiro, pois esses por aqui passam, aos bandos!...”

De fato Niquinha era linda! Deixando de imaginar coisas, Papudo

balançava a cabeça e saía para o trabalho para não ficar doido.

Assim corria o tempo. Niquinha tomava conta do botequim durante o dia, enquanto o Papudo extravasava seu potencial de energia, como homem forte e grande, nos trabalhos duros do campo. E, à noite, até certa hora, ajudava no quiosque.

Muitos conquistadores perdiam meses a fio procurando conquistar Niquinha. Tudo em vão. Com a dificuldade, a senhora parecia mais atraente, mais bela, mais linda! E a fama dessa beleza era tal que já era assunto dos Sinhozinhos fogosos e mesmo de seus pais.

De vez em quando passava por aquele local um viajante que já era conhecido de todos por sua boa conversa, por ser atencioso e também por ser bom contador de histórias e humorista de primeira linha. Conhecia ele as grandes capitais e delas vinha, de tempos a tempos, conduzindo mercadorias nunca vistas nas regiões destas Minas Gerais. Apolinário era seu nome, porém era conhecido como Poli. Em matéria de conquistas ele era um Casanova. Sempre que aportava por ali, era divertido ver-se o entusiasmo das mulheres, que acorriam de longínquos rincões, não se sabendo se tanto entusiasmo era por causa do viajante ou pelas bugigangas por ele trazidas.

Quando encontrava um interesse maior, costumava Poli permanecer no lugar até meses. E foi o que fez em Cachoeira dos Macacos, logo que teve notícias da Niquinha. Todos os dias ia ao quiosque, conversava com ela, amavelmente, como se nada lhe interessasse, mas apenas pelo prazer de ser útil em alguma coisa. Com seus modos gentis havia conquistado até o Papudo. E Niquinha sentia prazer com sua conversação desinteressada e fraterna. Oferecia a ela brincos, colares, pulseiras, vestidos, mas tudo na hora certa, na oportunidade adequada, como cobra que magnetiza os indefesos batráquios. Mas nem sempre realizamos os nossos desejos; e já naquele tempo havia um provérbio popular cujo texto se encaixa perfeitamente neste assunto e é o seguinte : “O homem faz o cálculo e Deus passa o arco”.

Assim aconteceu com o velhaco Poli. Fez manha, fez ambiente, fez tudo, amizade na casa, com Papudo, e quando a presa se aproximava, deu o

bote. Niquinha quis sair fora com educação, mas não conseguia: a conversa do homem era demais. E todos lhe deviam favores, principalmente Niquinha. Porém, daquela vez o conquistador é que ficou conquistado.

Poli não conseguia conciliar o sono; a imagem de Niquinha crescia em proporções gigantescas, tomava conta da sua mente e do seu coração. Combinou com ela um encontro, de madrugada, nas margens do riacho, em um bebedouro costumeiro dos animais e lugar frequentado pelas lavadeiras. Mas ela saíria para o encontro quando ouvisse o canto do sabiá. Possuía Poli um apito, aperfeiçoado, do canto do sabiá. Usava-o como sinal para todos os seus encontros clandestinos, e dessa maneira ninguém perceberia suas manobras e conquistas. Mesmo com essas precauções todas, Niquinha não deu o sim definitivo. Sentia o seu sensível coração atribulado com a ideia de traição ao seu honesto marido. Mas como a carne é fraca, ouvia algo que lhe dizia: você é ingrata. E esta concomitância do sentir lhe trazia grande sofrimento. Então, ficou marcado o encontro para um sábado em que o Papudo deveria ir ao casamento de uma filha de seu compadre Carmelo, e ao qual Niquinha não poderia comparecer, por lhe faltar substituto no famoso quiosque.

Havia naquele lugarejo um homem de nome José Leão, velho caçador de tatu nas noites de lua clara. E nessas aventuras, certa noite, matou um enorme tamanduá, apreendendo seu filhote. Ao chegar com esse ao Quiosque “Relâmpago”, o Papudo gostou logo do bicho, deu umas boas gargalhadas, e comprou-o de José Leão, fazendo dele um animal de estimação, muito bem tratado no quintal de sua casa. Talvez devido ao bom trato cresceu o filhote mais que a mãe. De vez em quando. Papudo passeava com o bicho pelas redondezas e se divertia de vê-lo andar como gente, nas patas traseiras.

Na tarde que antecedia a hora do encontro, e a fim de avivar a lembrança de Niquinha, em uma oportunidade em que ficaram a sés, Poli pede a ela confirmação do trato, com palavras de um verdadeiro apaixonado. Ficou ela muda e assustada.

Poli diz:

— Niquinha, nunca exigi nada de você. Nem desejo outra coisa, a não

ser que vá, esta noite, encontrar-se comigo. Ninguém vai ficar sabendo. Vá, meu amor. E baixou a cabeça, como escravo de seu coração.

Niquinha, com os olhos marejados de pranto, coração a saltar no peito, sentiu lhe bambearem-se as pernas e, meio tonta, pensou em Deus, em Maria Santíssima na fidelidade jurada a Papudo, há anos, até a morte. E disse com palavras entrecortadas, mas com decisão:

— Não, Poli, não posso. Além do mais, o Papudo, certa vez, desconfiou de mim com um homem, sem eu ter culpa, e me agarrou pelo pescoço com suas grandes unhas e quase me matou. Veja, ainda os sinais! Se ele souber disso !...

Poli levantou as vistas, encarou-a com ardente desejo e falou com toda doçura de um coração em desespero:

— Espero-a, sem falta. E não se esqueça: quando ouvir o canto do sabiá. E saiu decisivo, na certeza do caso dominado.

Na hora aprazada, nem um, nem outro havia dormido. E nem podiam!...

Quando os galos redobravam seus cantos no som costumeiro, à meia noite, vibrou no espaço o canto do sabiá, várias vezes. Niquinha, ao ouvi-lo, instintivamente, quase que se levanta, mas o bom senso não o permitiu. Todo o seu corpo se agitou com um calafrio estranho. Fechou os olhos e rogou a Jesus as bênçãos da decisão. E adormeceu.

Nisso, Poli aflito, redobra o canto do sabiá, na certeza de Indicar o rumo certo para a sua desejada e nesse ínterim, desperta o grande tamanduá. Como seu dono, o Papudo costumava brincar com ele, chamando-o pelo assobio, rebenta o cercado onde estava, desce o quintal resmungando, como se conversasse. E com a lua meio encoberta pelas nuvens, Poli avistara aquele vulto descendo ao seu encontro, de braços abertos. Vibrou de alegria. Graças, graças, que maravilha!... Correu ao encontro do vulto, cego de amor e abraçou-o com todas as forças de sua alma apaixonada. Quando sentiu um cheiro estranho e um pelo grosseiro, era tarde demais. O bicho dera a Poli o tradicional abraço de tamanduá, lhe enterrando nas costas suas afiadas e longas unhas.

Como humorista nato, mesmo percebendo seu fim e o grande engano, falou, com dificuldade:

— Bem a Niquinha disse que o Papudo tinha umas unhas terríveis! E morreu.

Daí a poucas semanas uma tropa carregada com os pertences da família Pantoni seguia em direção ao norte do país, porque o Papudo soubera, por fontes seguras, que alguns Senhores de Engenho estavam interessados no bem estar de sua família. E ele já sabia qual o móvel de tão grande interesse.

O drama ocorrido com o senhor Poli abalara a todos, sem que ninguém da localidade soubesse, ou desconfiasse, da realidade do fato. Somente Dona Niquinha, por dedução, sabia de tudo, mas trancou em seu peito a história, tal como um cofre volante, levando-a para onde fosse.

Mas o povo, como tem boa intuição das coisas, mesmo sem saber das verdades, inventou a seguinte estória para o conquistador Poli: “Naquela região, havia um homem, vendedor ambulante, bonitão, alegre, mas que gostava tanto de abraçar as mulheres dos outros que, certo dia, não encontrando nenhuma para satisfazer seu feroso desejo, agarrou um tamanduá, mesmo sabendo que ia morrer neste encontro”. E todos gargalhavam com a referida estória.

Enquanto isso, o Papudo viajava para bem longe, em busca de sossego para si, seus filhos e a linda Niquinha.

## CAPÍTULO II

### A VIDA NO CASARÃO

A Fazenda “Riachuelo” era enorme e suas terras dominavam extensa região. As picadas, sempre avivadas pelos escravos, mostravam quanto de zelo os donos tinham por aquela gleba. A moradia era um casarão descomunal e a fazenda, em seu conjunto, mais parecia uma cidadela. Na senzala cabiam mais de 300 escravos, embora muitos deles morassem em casinhas, por interferência de Sinhozinho Cardoso. Esse era um menino bom, atencioso, com grandes tendências para o humanismo e, de vez em quando, tinha fortes debates democráticos com o Padre Terêncio, defendendo os poucos direitos dos escravos. E o velho Padre, acostumado à vida fácil que levava na fazenda, sempre dizia: — Sinhozinho, Sinhozinho, para mim você é menino. Assisti a seu nascimento, tenho mais de três vezes a sua idade e meu menino quer me ensinar leis de Deus e dos homens? Lembre-se de que sou Padre, estudei tudo isso durante muitos e muitos anos. Sorria gostosamente e sua barriga volumosa fazia curvas e recurvas. Mas Sinhozinho não se convencia. Alguma coisa gritava dentro dele que as ideias do Vigário estavam erradas. Entretanto, o Padre Terêncio gostava de conversar com o rapaz porque, além de estimá-lo muito, apreciava sua gentileza e refinada educação.

Certa vez, pediu licença ao velho Pároco para dizer-lhe algo, ao que Terêncio respondeu:

— Fala, fala, meu filho. Vamos ver se em teu argumento há algum proveito.

E o rapaz, aproveitando o ensejo, com sua voz suave e mansa, inquire:

— Padre, o senhor tem falado na capela, que Deus é único e é nosso

Pai amoroso e Santo; todo amor. E que os homens são, todos, irmãos. Porventura, os escravos não são homens e mulheres, sentindo as mesmas necessidades, como nós outros? Sei que cada qual, no mundo, tem seu trabalho diferente. Se assim não fora, não existiriam as desigualdades. Mas, mesmo dentro delas, não deve haver um respeito de uns para com os outros? Deveria um ser humano, porque é escravo, ser maltratado tal como um animal de carga? Não é para esses ignorantes, pobres e desvalidos de que Jesus fala em Seu Evangelho, pregado pelo senhor, que Cristo veio? Ou eu estou sonhando, Reverendo? Perdoe-me, se desta forma eu estiver ofendendo a sua sensibilidade. Mas falo daquilo que não pode ficar preso dentro de meu peito. Já que em suas meditações o senhor fala com o Cristo, no que creio e respeito, peço-o para, numa dessa ocasiões, perguntar a Jesus se devo defender os escravos usando as forças e a posição de que desfruto, a fim de que lhes sejam dados os míseros direitos que lhes restam, como seres humanos. O que me responderia Jesus? Mas, por favor, Reverendo, que sua boca fale a voz do céu! Isso é de grande importância para mim.

Sinhozinho, tranquilo e alegre, espera, ansioso, a resposta do velho pregador da Boa Nova daquela região. O Padre olhou para ele como se estivesse sem lugar, a pensar: onde o menino aprendera isso? Esses argumentos parecem bem de fontes satânicas! Procurou ter calma e ser seguro no ponto. Concatenou ideias, deu tempo ao tempo, pediu um cigarro de fumo de rolo, no que foi logo atendido por um escravo prestativo que lhe trouxe também um tiçãozinho para acender o cigarro.

Depois de tirar umas baforadas, sorriu meio constrangido porque sua consciência não aprovava a refutação aos argumentos do Sinhozinho.

Todos nós, principalmente um velho estudante das leis de Deus, seja de qualquer linha religiosa, sente no imo d'alma o que é certo e o que é errado, mormente quando o que lhe é dito o é na voz da sinceridade. E foi o que aconteceu. Daquela vez a conversa do Sinhozinho abalara as convicções do Reverendo que mais cuidava de seu bem-estar do que do amor a Deus e ao próximo. Mas, mesmo assim, não se deu por vencido. Pigarreou e depois falou comovido:

— Sinhozinho, Sinhozinho, pelo que penso, meu filho, tu precisas

confessar muito e fazer uma comunhão diária, a fim de te livrares em definitivo das artimanhas do diabo. Há muitas ideias bonitas, que têm verniz brilhante, contudo, por dentro, estão podres. Parece que é o teu caso. Peço-te para enterrarmos este assunto aqui, entre nós dois, se á que tu me consideras um representante de Cristo na Terra.

E, de vez em quando, apagava-se seu grosso cigarro de palha, que o escravo, ajoelhando, tornava a acender prestativo.

— Mas, pelo amor que tenho à família, continuou, e particularmente a ti que até hoje não me desobedeceste em coisa alguma, vou te dar uma explicação, para não a ficar devendo. Demorou, mas deu boa risada.

— Olha, filho, escravo é escravo. Desde o princípio do mundo houve e haverá sempre escravos. E eles se trabalham a poder de chicote mesmo. E, em muitos casos são piores do que os animais. Eles foram feitos para nos servirem. E daí?... Deus quer assim, assim seja. Amém. Tu não vais blasfemar contra Deus e dizer que Ele, nosso Pai Celestial, errou de os ter criado pretos e ignorantes, vais?... Além disso, é uma caridade que o Dr. Teodomiro, senhor teu pai, pratica em tê-los aqui, juntos a nós. E eu, tu já viste, todas as semanas celebro, para todos em conjunto, uma missa, a fim de confortar suas almas. E eles ficando, como de costume, o dia todo em jejum sentem melhor a Consolação do Cristo. Quanto à pergunta que tu querias fazer ao Mestre, Ele responderia, certamente : — “O consolo pela missa”.

E deu uma boa gargalhada, batendo as mãos nas costas do Sinhozinho, que ficou triste e pensativo.

— Vai dormir, meu filho, as ideias amanhã serão outras.

Sinhozinho Cardoso, meditativo, já em seu leito, sentindo naquela noite uma ansiedade maior em seu torturado coração, orou, fervorosamente, como nunca em sua vida. E isso fez com ardente prazer espiritual, pedindo, à sua maneira, a Deus, que sabia justo e bom, uma resposta acertada às suas interrogações. Rogou a Jesus sua intercessão junto aos céus e a Maria de Nazaré, que aprendeu a amar pelas grandes qualidades espirituais, conforme lhe ensinara Padre Terêncio, ao redor da lareira nas noites de frio. Colocava-se em pensamento, no lugar dos

escravos, para avaliar a liberdade, e adormeceu rapidamente. Seu espírito ficando meio livre do fardo físico num ambiente de oração e ideal puro, sente o mesmo drama de minutos antes. E, no plano espiritual, baixa a cabeça, ajoelha-se em ato de humildade e faz sentida prece a Deus. Pede que lhe seja revelada a solução para o caso, pois que ele ouviu os conselhos do Padre Terêncio com todo o respeito que merecia um representante dos céus, mas que seu raciocínio não aceitava as conclusões do velho Vigário; que, se isso fosse pecado, perdoasse a ele, Cardoso, mas o que estava dizendo, tudo, tudo partia da maior sinceridade.

Nisso, como por encanto, aparece à sua frente, uma jovem mulher, encantadora, de olhar meigo; e com palavras de consolo, como se fosse um anjo, diz-lhe:

— Que queres que eu faça? Pediste alguma coisa a Deus, a Jesus e a Maria.

E, sorrindo, espera as perguntas.

Sinhozinho, de tanta ventura, permaneceu ajoelhado, deixando correr grossas lágrimas, e só depois de alguns segundos é que consegue articular as palavras, cheio de emoção.

— Anjo dos céus, posso perguntar o que me tortura o coração?

O Espírito, frente a frente com Sinhozinho, faz sinal com a cabeça e um sorriso iluminado:

— Pode; fala, meu irmão.

E Cardoso narrou para a entidade todas as suas dúvidas com referência à última conversação que teve com o Padre. Baixou a cabeça, em profundo silêncio, esperando, talvez, a repreensão do Anjo de Deus. E este, então, o envolve em uma chuva de fluídos, como se desse um banho espiritual em seu desinquieto espírito, transportando-o para a Roma Antiga.

Sinhozinho regride no tempo e no espaço e se vê como um general romano, no alto escalão político, adestrando tropas, para que essas servissem à segurança nacional e figurassem em todas as Nações como

glória da cidade eterna. E o Anjo, que o acompanhava, transformou-se em sua esposa; mulher meiga e dedicada, mas que tinha fortes tendências para a conquista de homens, fossem eles nobres ou plebeus, escravos ou prisioneiros. Reconheceu Sinhozinho que essa sua esposa, quando general romano, era a mesma mulher, atraente e cândida, do Quiosque "Relâmpago". Isto explicava a forte atração que sentiu por ela, desde a primeira vez em que a vira. Deu-se esse primeiro encontro quando ela, por ter granjeado a confiança do capataz Dedão, pôde ir à senzala da Fazenda "Riachuelo" visitar os escravos.

O Papudo, àquela época recuada de Roma, era gladiador romano e, conhecendo a mulher do general, foi por ela desejado, por ser forte e musculoso matador de leões. Ela conseguiu o seu intento, não por amor, mas por desejo. E ele se apaixonou por ela, e sua paixão varou os séculos.

A visão do passado se desvanece, e Sinhozinho retorna ao diálogo com o anjo, acerca da conversa que tivera com o Padre. O Espírito lhe responde, mansamente:

— Sinhozinho Cardoso, não perturbes teu coração com os acontecimentos da vida. Tudo, meu filho, está certo. Errado é quando nos colocamos no lugar de juízes, lugar que pertence a Deus. Tu estás certíssimo em defender os escravos. Essa é tua missão. Continuai... Teu pai, como homem de duro coração, ainda precisa aprender muito. E só desta maneira é que a lição é assimilada. Mesmo à custa de vidas, existências que são por ele sacrificadas, em servindo de instrumentos de progresso recíprocos. Uns sofrem agora. Ele, depois. E todos se encaminham para Deus. Quem é escravo hoje, amanhã poderá ser senhor, e vice-versa. O Padre Terêncio, meu caro, esse anda mais com o Cristo na barriga do que no coração. Contudo, ele é muito útil naqueles arredores, porquanto evita muitos infortúnios planejados pela família do Dr. Teodomiro Travassos. Tu vistes bem: nós dois somos almas afins de eras longínquas, e que nos encontramos agora, na Terra separados por grande barreira de família, como resgate. Eu, Niquinha, mulher humilde do Papudo, o ex-gladiador romano conquistado por mim, na época do Império Romano, agora pago aquela conquista da carne com a vivência na própria carne. O Poli, que foi morto pelo tamanduá, de paixão por mim, foi, na época antiga, rei da Assíria. Devasso, mas foi, igualmente, conquistado por mim. Agora fui

atormentada também por ele. Sofri, horrivelmente, com sua insistência. Graças a Deus e às bênçãos de Jesus e de Maria, as portas do sono me facultaram estas horas de alegria junto a ti, fazendo-te consciente daquilo que dormia na inconsciência profunda de teu “eu”. Vai, meu querido, acorda na roupa física, que também já vou indo.

Os dois, em pranto, se despediram com um forte abraço, molhando-se um ao outro na torrente de lágrimas.

A manhã, como sempre, linda no casarão da Fazenda “Riachuelo”. Os pássaros redobravam seus cantos, parecendo adivinhar a felicidade do Sinhozinho, que acordara alegre e disposto para a conversa e para o trabalho. De repente, escuta sua mãe falar com o Dr. Teodomiro sobre o Quiosque “Relâmpago”. E foi também como relâmpago que lhe veio à lembrança o sonho que tivera com a mulher do Papudo, a linda Niquinha. Mas, esquisito, era ela sua esposa e parece que a tomara como sua mulher em uma batalha! Era confuso o seu sonho, mas agradável e vitorioso. Lembrava-se de que havia feito uma oração e que lhe aparecera um Anjo trazendo-lhe uma resposta de Deus... O Anjo era ela mesma, a mulher do quiosque. Recordou-se, igualmente, que o espírito lhe falara, em sonho, que a vida na Terra pode ser repetida muitas vezes. Que seria Isso, então? Os escravos poderiam ser senhores em outra oportunidade? Mas não podia contar isso ao Padre Terêncio, porque ele não o aceitaria como coisas de Deus. Tinha de permanecer calado! Poderia sim, cultivar a oração todas as noites, a fim de continuarem aquelas revelações. Será que Deus o permitiria? Iria tentar. Era o único remédio para o seu caso. Sentiu, então, grande saudade da família Pantoni, principalmente da Niquinha. Sempre revivia o sonho, por prazer de pensar e sentir a trama da revelação.

Sinhozinho, muito bem humorado, encontra o Vigário que ia com seus passos lentos, bonachão, lendo, nos corredores do casarão, seu breviário, antes do suculento desjejum, e faz as reverências costumeiras. O velho Sacerdote, alegre com a manifestação carinhosa do rapaz, pergunta:

E então, meu rapaz, ideias novas, não?

— Sim, Padre — responde jovial e feliz. — Tudo mudado, tudo bom, graças a Deus. Foram tuas orações!

— Graças, meu filho, tu acordaste a tempo. Na família Travassos, enquanto Terêncio existir, não há lugar para Satã. “Só lobos caem na armadilha de lobos”, diz um velho ditado. E aqui somos um rebanho de ovelhas... — E deu uma boa gargalhada, dizendo : — Deus te abençoe, meu filho! Procede sempre assim, sempre assim!

Mas o rapaz guardava para si as revelações do sonho, como verdades irremovíveis, que alimentariam sua vida para a eternidade.

Veio-lhe logo uma grande melancolia ao pensar na partida da família Pantoni, por não saber de seu paradeiro. Aquilo lhe amargurava o coração. Onde poderia encontrar Niquinha? Gostaria de perguntar-lhe se ela também tivera o mesmo sonho, e o que ela pensava disso!

Conversava horas a fio com o capataz Dedão sobre a família Pantoni, pois este sabia dos pormenores do que se passava no Quiosque “Relâmpago”, por frequentar muito aquele lugar e, igualmente, sentia-se feliz com a prosa de Dona Niquinha.

Veio uma grande seca e, por isso, o trabalho dos escravos era redobrado. A lavoura tinha de ser irrigada por processos usados na época, que consistiam em desviar o córrego Mulato em várias ramificações, e com essas molhar as plantações, usando grandes cuias de cabaças.

Era duro o labor, mas o braço escravo vencía, com assistência do Sinhozinho, que já havia terminado um curso no Rio de Janeiro, e se dedicava, agora, a lavoura.

Com o correr dos tempos, não suportando a saudade da família Pantoni, já com bastante autoridade no comando da Fazenda “Riachuelo”, enviou o capataz Dedão em direção ao Norte do Brasil, com todos os provimentos, inclusive escravos, em busca de notícias de Niquinha.

## CAPÍTULO III

### MÃE DUDU

A vida na Fazenda “Riachuelo” corria sem nenhuma alteração, a não ser os problemas normais de cada dia. O Dr. Teodomiro preparava-se para ir a Portugal, juntamente com a esposa, D. Maria José Travassos, e as duas filhas. Sentia muita atração por aquele país, mesmo porque era a terra natal de seus pais, onde iria, agora, travar conhecimento com seus parentes mais chegados.

Sinhozinho Cardoso ficaria definitivamente na direção de todo o patrimônio da família Travassos. Essa notícia muito agradava aos escravos e a senzala toda se regozijou com a boa nova, desejando até que o Dr. Teodomiro ficasse por lá.

Cardoso não ficaria sem amparo, pois teria o Vigário para aconselhá-lo, quando necessário. E Mãe Durvalina, preta velha que fora sua mãe de leite e a quem ele apelidara, desde pequenino de Mãe Dudú, e amava de todo coração, ficaria substituindo sua verdadeira mãe.

Nas conversas do moço com o Padre Terêncio, quando falavam dos negros e seus direitos, dizia sempre com grande orgulho:

— Olha, Padre, nestas veias — e batia com a mão no braço — corre sangue negro! Mãe Dudú é escrava; e leite é sangue branco e eu me alimentei com seu leite durante muitos anos! Quando eu era pequeno, ouvi uma estória, contada por um viajante mercador de pedras preciosas, da qual jamais pude esquecer. Isto, pelo fato de ter sentido o fenômeno comigo mesmo. Dizia a lenda que, em eras remotas, os negros tinham também o sangue preto. E uma mãe preta, ao ser sacrificada em lugar de seu filho, a seu pedido, teve suas vestes rasgadas por um dos carrascos, o

qual tinha por fim oferecer ao público inconsciente um melhor espetáculo. Chama ele um dos escravos, tirador de leite de cabra, e manda que o mesmo tirasse o leite da escrava aos olhos de todos, em fúria, e o desse ao seu filho, para lhe secar as lágrimas, que derramavam incessantemente. E foi aí que aconteceu o milagre! O escravo ao tirar o leite da negra, viu, com espanto, que, ao invés de sair preto, escorria em abundância e branquinho. Dessa época em diante, diz a lenda, todas as mães negras passaram a dar leite branco, herdando, assim, parte do amor da escrava sacrificada.

O velho Padre, escutando, com atenção, a narrativa compassada e firme de Sinhozinho, diz:

— É, não sei o que aconteceu com este rapaz! Na família toda, somente ele tem ideias diferentes! — E remata seu curto pensamento : — Isso é lenda, meu filho, isso é lenda, meu filho! — E sorriu gostosamente.

Sinhozinho, triste, mas com respeito ao Reverendo, retruca com energia:

— Seja lenda, Padre, seja ilusão! Certo é que, com essa ilusão, eu quero ser iludido! Eu sou um escravo livre! Um preto branco! Um rico pobre! Sou escravo da minha consciência e quero ser obediente a ela. Sou branco de pele, mas sinto as mesmas necessidades dos negros. E quando não encontro solução para elas, minha alma se escurece de tristeza e eu me torno todo negro! Sou um rico pobre, porque o dinheiro, as terras e os outros pertences que possuo não valem o amor da Mãe Dudú, que não tem onde reclinar a cabeça!

Padre Terêncio, meditando um pouco, saiu meio pensativo na filosofia do rapaz, a gritar com seu escravo:

— Zé Melête vem cá, vem cá! Traze-me um cigarro pronto! — E recostou seu volumoso corpo em uma cadeira confortável, muito sua conhecida, a concatenar ideias, a fim de somar as atitudes do Sinhozinho e conhecer-lhe melhor o ideal. Antes julgava serem coisas de crianças, mas, agora, estava sentindo que aquilo era sério e o que ele dizia estava mesmo em sua alma. Tinha de ter cuidado... O Dr. Teodomiro estava fora e ele, Padre Terêncio, tinha o dever de orientar o Sinhozinho, qual seu pai, nos melhores caminhos. Todavia, não estava encontrando mais argumento que

desse para convencer a Cardoso. Tirava as baforadas e pensava secretamente. — Será que isso é influência da preta Durvalina? — E como havia almoçado bastante, adormeceu.

Mãe Dudú tinha uma doença chamada de São Guido. Muitas vezes, desde menina caía pelo chão, ficando inconsciente; e em outras ocasiões rodava, contorcia o corpo, falando de coisas incompreensíveis. O próprio Padre Terêncio já a tinha abençoado, já lhe tinha feito exorcismo para expulsar alguns maus espíritos, se os tivesse, mas tudo foi em vão... A doença continuava. Porém, mais branda. Quando a crise passava, Mãe Dudú ficava parecendo uma santa. Muitos escravos procuravam tocá-la nessas horas, porque, diziam, ficavam curados de suas dores, pois ela estava em estado de graça. Sinhozinho havia comprovado isso várias vezes.

Mãe Dudú era uma mestiça da região. Fora escolhida para babá da família pelo seu carinho e amor às crianças, qualidades que as outras não possuíam. E as crises eram passageiras, não tinham tanta importância, não impedindo que ela pudesse cuidar das crianças.

Certa noite, Cardoso entrou, silenciosamente, na senzala, fazendo-se confundir com os escravos até na vestimenta, para espreitar o que ocorria no meio deles. Só assim poderia ficar ciente do que eles pensavam acerca do tratamento que recebiam na Fazenda “Riachuelo”. Encontravam-se os escravos reunidos ao redor de Mãe Dudú, em semicírculo. Mãe Dudú estava tendo uma crise, coitada! Sinhozinho pensou em levá-la para sua casinhola, mas os escravos poderiam reconhecê-lo e não ficaria bem. Então, aproximou-se mais do semicírculo para melhor ver e ouvir e, quando mais de perto, quase desmaiou! Mãe Dudú estava sentada num cepo. O salão estava em penumbra, pois apenas dois candeeiros, nos extremos da senzala, o iluminavam frouxamente. Mas o extraordinário é que o rosto de Mãe Dudú estava circundado por uma luz que ele jamais vira em sua vida! Essa claridade parecia que brotava dela e era, para Sinhozinho, muito misteriosa. O rapaz nunca ouvira a preta falar assim, serena e firme. Estava ela em estado de graça, dizem os escravos, que estavam ajoelhados, a ouvi-la atentamente.

Naquele transe, inconsciente, chama um escravo pelo nome. Esse desliza no meio da multidão, agacha-se aos pés de Mãe Dudú, meio

trêmulo, e beija-lhe as mãos. Sinhozinho teve o ímpeto de fazer o mesmo.

Mãe Dudú pôs a mão na cabeça de Zé Melête e disse-lhe:

— Olha, meu filho, serve bem o Padre Terêncio, cumpre suas ordens, pois quem cumpre o dever, seja onde for e para quem for, é chamado de filho do céu; a pirraça é um veneno que mata sempre o dono. O velho não é dos piores. Além de tudo te ensina muito a obediência e fala, com sabedoria, sobre as coisas de Deus, para todos da fazenda. Quem respeita, acaba sendo respeitado; quem obedece, encontra carinho e conforto; quem trabalha alegre, encontra, na vida, mesmo sendo escravo, a felicidade. — E o escravo abaixava a cabeça, como aceitando a lição.

Naquela noite foram chamados uns dez. Não era mesmo uma repreensão o modo pelo qual Mãe Dudú falava. Era mais uma advertência sábia para que os escravos não sofressem com os capatazes. Depois falava a todos, fazendo uma recomendação para o dia seguinte; mas essa sempre girava em torno de obediência, trabalho e alegria, onde fossem chamados a servir. A conversação era sempre em tom baixo, não havia vozerio na senzala, nessas horas.

Ainda em estado de graça, Mãe Dudú solícita a atenção de todos e diz:

— Meus filhos! Hoje, para todos nós, é motivo da maior alegria. E sabeis por que? Porque, entre nós, disfarçado de escravo, está Sinhozinho Cardoso. — Todos se assustaram, inquietando-se; mas, a velha retomou a palavra, dizendo com serenidade :

— Acalmai-vos, acalmái-vos, meus filhos, Sinhozinho é dos nossos. Porventura, ele, o nosso bom rapaz, já vos perseguiu? O silêncio era profundo.

— Vem cá, Sinhozinho — chamou a velha, com alegria. Esse se aproxima de sua mãe de leite, ajoelha-se qual os escravos e beija-lhe as rugosas mãos. Ela pôs a mão sobre sua cabeça, parecendo que deixava fluir todo seu amor, de coração para coração; dir-se-ia que a luz dos céus estava visitando a Terra. E, de cabeça baixa, pensava o rapaz: como pode, a Mãe Dudú, conhecer tudo isso que acabei de ouvir? Não é possível, ela não tem esses conhecimentos!

Para os escravos que ali estavam nada era de admirar, pois eles não tinham muito raciocínio e achavam que a preta velha adoecia, ficando em estado de graça. E com aquilo eles eram beneficiados, recebiam conselhos e consolo para seus corações sofredores; e, em muitos casos, eram-lhes ensinados remédios, para curar seus males. A velha era muito admirada no meio deles. Nunca passara por suas cabeças que quem falava bonito, ensinava remédios e dava conselhos, poderia ser alma do outro mundo, e que Mãe Durvalina fosse apenas o instrumento!

Com Sinhozinho foi diferente. Logo percebeu que aquela filosofia brilhante e lógica, no meio de tanta ignorância, era de outra fonte. Quando estudante, no Rio de Janeiro, lembrou-se, havia lido, e por sinal havia gostado e muito, um livro já velho e enebado, que se intitulava : “Como Falar com os Mortos”. Fora escrito por um iniciado português, há mais de duzentos anos. Tudo isso surgiu em sua mente, em segundos de meditação.

Mãe Dudú, instrumento completamente inconsciente dos espíritos, alteou um pouco a voz e disse:

— Recolhei-vos todos às vossas enxergas e procurai dormir. Eu ficarei aqui com o Sinhozinho, pois quero falar com ele a sós.

Todos obedeceram, deixando ali somente Cardoso e Mãe Dudú. O espírito, incorporado na velha escrava, foi logo dizendo ao Sinhozinho :

— Meu filho, o que tu estás pensando é certo. Quem fala aqui não é Mãe Dudú. Sou eu, um espírito. Nasci, na última vez, na Espanha, no ano de 1615. Quando ouvi falar, pela primeira vez, do Brasil, fiquei fascinado. Uma voz interna me convidava para estas terras, no que fui obediente. Instalei-me neste país a serviço do governo espanhol, mas como era naturalista conhecedor da fauna e da flora, apaixonei-me ainda mais ao ver as riquezas desta Pátria, em plantas curativas. Eu dava mais valor a uma erva, que tinha a virtude de curar uma doença, do que a várias pedras preciosas. Meu nome é Fernando Miramez de Olivídeo. Não precisas, meu filho, perturbar-te com isso. As comunicações dos mortos com os vivos, foi comum, em todas as épocas, e poderão ser encontradas menções das mesmas em todos os livros sagrados. Podes tu, com atenção, observá-las na própria Bíblia do Padre Terêncio, não obedecendo aos comentários feitos

pelos tradutores. No futuro, as conversações entre os homens e as almas vão ser comuns e devemos dar graças a Deus por essa profecia. Desta nossa conversa, tu, meu filho, não deverás contar nada ao Padre Terêncio, porque ele ainda não está preparado para essas verdades. E ainda mais : ele troca qualquer coisa, mesmo valiosa, pelo seu bem-estar. Não sacrifica seus interesses transitórios pelas verdades eternas.

Calou-se um instante, parecendo que meditava, e depois prosseguiu, com bom humor:

— Rapaz, fica sabendo no que concerne aos escravos, é bom que eles continuem a pensar que esse fenômeno da Mãe Dudú é mesmo uma doença! — E quis sorrir, rematando : — É uma doença sagrada e valiosa. Agora, quanto a nós dois e a velha escrava, nossa querida irmã, vamos ter que conversar muito!

Cardoso parecia mudo, mas, em êxtase, bebia, qual um sedento, todas as palavras que fluíam dos lábios de Mãe Dudú. As lágrimas corriam-lhe pelas faces, lhe molhando o peito; e ao percebê-lo, quis estancá-las, não conseguindo.

O espírito, notando o grande esforço que fazia para não chorar, falou-lhe com voz suave e doce:

— Sinhozinho, deixa correr suas lágrimas, esvazia o coração das coisas do mundo e enche-o, esse vaso sagrado, com as bênçãos de Deus.

A entidade, dominando totalmente o corpo da preta velha, quis impressionar ainda mais o Sinhozinho Cardoso, dizendo: Meu filho, venho notando, desde há tempos, que meu rapaz está sofrendo muito dos rins, mesmo com os tratamentos que tem feito com grandes médicos e regimes, não é verdade?

— Sim. respondeu Cardoso, com humildade.

— Pois bem, vou te ensinar um remédio que já curou muitos escravos desse mal. Manda arrancar uma erva de nome quebra-pedra e a erva pinto. Procura moê-las juntamente com carvão de aroeira. Põe a mistura na água quente, coa, tomando três vezes ao dia, meio copo de cada vez. A lua está

propícia para colher as ervas. Depois, o resto nós faremos, em nome de Jesus.

Os escravos ressonavam, o silêncio reinava na casa grande, mas só duas pessoas estavam acordadas. Lembrou-se Sinhozinho, fortemente, da família Pantoni, do capataz Dedão... Será que ele iria encontrar Niquinha? E eu poderia pedir ao sr. Fernando notícias da Niquinha? Será que ele as daria? Todas essas indagações lhe assomaram na mente inquieta. Se o Espírito o satisfizesse, lhe daria muita felicidade. E antes que completasse seu pensamento, já o Sr. Miramez, incorporado na Mãe Dudú, lhe responde :

— Meu filho, hoje não vou te falar nada sobre esse assunto. Mas, talvez outro dia, falaremos disso. Aproxima-se a hora de nossa despedida. Desta vez fui eu só que falei, mas de outra feita, tu falarás e muito, se Deus quiser. Abençoou o rapaz e lhe disse: — O sono te faz falta, procura o leito sem demora, e antes que eu saia. Vá primeiro.

## CAPÍTULO IV

### A VIAGEM A PORTUGAL

O Dr. Teodomiro embarcara no Rio de Janeiro com destino a Portugal onde, dizia ele, iria conhecer, pessoalmente, muitos parentes e pisar o chão luso — sua maior paixão. Tudo que lera e ouvira falar sobre esse país o impressionara vivamente. Embora tenha dito, por inúmeras vezes, ser incrível não surgir para ele uma oportunidade de ficar conhecendo a terra de seus sonhos, esta lhe chegou então, e com vantagem! Pois iria também ganhar muito dinheiro e poder gastá-lo a valer, o que não era muito de seu costume. Sua usura, o orgulho de sua esposa, bem como a vaidade de suas duas filhas eram impressionantes! Formavam um quarteto de forças negativas, não muito favoráveis a seu bem-estar.

No entanto, o móvel principal da viagem não era sua paixão pela Pátria de seus pais, mas o interesse de vender umas pedras preciosas que possuía. E o mercado de Portugal, naquela época, era um dos melhores! O pretexto de visitar parentes favorecia seus planos de riqueza fácil, de bem-estar, de ser dono de muitas terras, de muitos escravos e de muito ouro. Queria ser o Senhor de Engenho mais rico da região! Ambicionava posição para si e para os seus. Falava, de vez em quando: “Homem inteligente como eu não gasta tempo com coisas misteriosas, muito menos com assuntos de Deus e do céu. Para isso, temos, somente nosso, um confessor. Os casos espirituais estão entregues a ele, como os materiais o estão a mim. O Padre Terêncio concorda comigo; se não estivesse certo meu modo de pensar, ele me repreenderia.”

Realmente, o Padre não o contrariava, pois era de seu interesse desfrutar da posição de líder espiritual de todos e gozar do respeito e conforto que ali lhe eram dispensados. Por seu bem-estar, o Vigário torcia tudo que fosse de doutrina, e até o Cristo e o Evangelho tinham de ser

amoldados de conformidade com a situação.

Com referência às pedras preciosas que o Dr. Travassos levava para serem vendidas em Portugal, não lhe custara a sua aquisição nenhum dinheiro, nem trabalho. Haviam sido encontradas por um escravo, no córrego Mulato, quando da escavação de um barranco para dar livre curso às águas. O preto já fora patrimônio de um mineiro, por isso entendia de pedras. Ao encontrá-las, colocou-as numa velha cesta de taquara. E com medo de que alguém visse o achado, escondeu-o. Sabia que, nos garimpos, quando se encontrava alguma pedra preciosa, por perto havia mais. Por isso, prosseguiu a escavação sem cansaço, com maior ânimo. Pouco além do lugar do primeiro achado, encontra, qual uma panela feita pela natureza ou ali colocada pelas mãos de algum ganancioso milenário, enorme quantidade de diamantes. E o escravo, embora não soubesse precisar o valor daquelas pedras, não ignorava que representavam uma fortuna. E sua mente começou a trabalhar: o achado lhe pertencia; não iria entregá-lo ao dono das terras... O que iria fazer com as pedras? E esse pensamento o obcecava noite e dia! Não, não iria entregar suas pedras ao Dr. Teodomiro! Preferia enterrá-las de novo, o que fez, colocando marcas disfarçadas. Teve o cuidado de procurar lugar de difícil acesso para guardá-las.

E daí por diante o escravo Miguel não mais teve sossego, aumentando seu sofrimento a cada semana que passava!

Certa noite, quando o silêncio já dominava na casa grande, vamos encontrar a senzala mal iluminada, como de costume, e a Mãe Dudú rodeada pelos escravos que bebiam aquela água purificada, do saber transmitido pela mediunidade.

O espírito, incorporado na velha escrava, falou, então, com profunda simplicidade:

— Meus filhos, terminando nossa festinha desta noite, peço a Deus, nosso Pai, que dê a todos uma noite tranquila e que amanhã seja um novo dia de felicidade para a família inteira. Mas antes, vamos falar um pouco mais de Deus.

O escravo Miguel estava inquieto... Mãe Durvalina meditou um pouco e falou serenamente:

— Meus irmãos, ficai sabendo que o sol que nos ilumina durante o dia é um dos olhos de Deus a vigiar o que estamos fazendo. E, durante a noite, todas as estrelas são outros tantos olhos do Senhor nos procurando, tal como um pai ou mãe vigiam os passos de seus filhos queridos, quando esses ainda são pequeninos. Vejam como elas piscam no azul dos céus!

O silêncio reinou, por instantes, no salão, parecendo temer-se o que estava para ser revelado, ouvindo-se, a seguir, apenas um sussurro.

E o escravo Miguel argumentava consigo mesmo : “Será que Deus viu mesmo as pedras que achei e enterrei novamente?” O Guia espiritual deu a eles tempo para pensar e depois falou :

— Meus filhos, todos para as enxergas, já é hora de dormir.

E a massa de negros espalhou-se num instante, ficando apenas o Miguel, a pedido do espírito. Este, depois de esvaziada a sala, perguntou-lhe:

— Miguel, tu estás pensando no achado, não é? Pois bem, tudo aquilo meu filho, que encontraste não é teu. Esta fazenda tem um dono e tudo o que nela existe pertence a ele. Tu mesmo não és livre, quanto mais o que se encontra nestas terras. Os escravos não precisam de pedras preciosas. Não comemos pedras, nem as usamos para vestir! Por lei, escravo não pode possuir nada, porque é possuído. Além disso, Miguel, a riqueza traz um tormento muito grande para quem a possui. Já não ouviste o Padre Terêncio falar, depois da missa, muitas vezes, que Jesus não possuía uma pedra onde reclinar a cabeça? No entanto, era Ele dono de tudo. Tudo o que vês no mundo, Miguel tem marcas das mãos do Cristo, em favor dos homens. Foi um trabalho de muito tempo que Ele teve, sem exigir nada para Si, somente a recompensa do dever cumprido, da alegria eterna. Essas pedras, Miguel, são um peso na tua consciência. Deves entregá-las ao legítimo dono — Dr. Travassos. E o melhor é que fique tudo em segredo. Que ninguém perceba nada deste fato, entendeste?

O escravo, de cabeça baixa, numa tristeza profunda, balança a cabeça aquiescendo, com muito esforço. Se não fora a velha Dudú que estivesse falando!...

O Sr. Fernando Miramez de Olivídeo, dominando por completo as faculdades da Mãe Dudú, rematou com um doce tom de voz a que nenhum coração resiste:

— Felicidade é alegria íntima do coração; é aquele bem-estar permanente do espírito, onde ele estiver, seja escravo ou senhor. Todos podem possuí-la, muito embora na sua feição de totalidade ela não exista na Terra. Todavia, é na Terra que damos início ao seu nascimento. Se encontrasses todas as pedras preciosas do mundo e conseguisses todo o seu ouro, mas tivesses a consciência pesada, não valeria a pena tal fortuna, meu filho. Deixa-a para quem nasceu para possuí-la, porque, na verdade, é um fardo muito pesado! Jesus, sendo pobre de coisas materiais, era o mais rico de todos, porquanto possuía o maior tesouro, o de ordem espiritual, o que nunca se acaba! Vai, Miguel, e entrega ao Dr. Teodomiro Travassos o que é dele e vem me procurar que te darei a bênção, em nome de Deus e de Jesus Cristo, e terás o sossego dos justos.

Miguel curvou mais a cabeça, beijando as mãos da velha escrava e disse consternado:

— Sim, Mãe Dudu, sim senhora, farei isso.

Foi abençoada, levantou-se e foi à procura de sua enxerga, sem, contudo, perceber a ajuda espiritual que teve para entender o objetivo da entrega das pedras que achara.

O Sr. Fernando fez uma rogativa a Deus e deixou a Mãe Dudú limpando os olhos, que pareciam estar despertando de um longo sono.

\* \* \*

O Dr. Teodomiro chega a Portugal sem nenhum acidente digno de menção nesta narrativa. Aporta com sua família, alegre, jovial, como um cidadão romano no meio de profanos, achando-se dono do mundo. E até que parecia um romano dos antigos tempos, bonitão, elegante! Mas nunca, desde a saída da fazenda, separara-se de sua valise, onde, somente ele sabia, se encontrava um grande tesouro. E em pensamento já vasculhava todo Portugal, oferecendo as pedras, uma a uma, usando toda sagacidade de velha raposa!

A família Travassos foi logo reconhecida pelos parentes, pelo lírio de ouro que usavam: o Dr. Teodomiro, na lapela do paletó; e as mulheres, nos vestidos, conforme haviam combinado, anteriormente, por carta. Abraçaram-se fraternalmente, entre risos e lágrimas de emoção, e depois partiram para a rica Quinta dos Nogueiras. Familiarizaram-se logo com os parentes desconhecidos e tanto uma como a outra família contava as vantagens das fortunas, indispensáveis ao orgulho e vaidade, para manterem as posições fictícias no mundo de César. Mas quanto às pedras, o silêncio era total.

Andou o Dr. Travassos auscultando todo o comércio de pedras preciosas em Lisboa, Coimbra e demais cidades importantes de Portugal. E, por sua vez, os compradores dos lapidários procuravam o Dr. Teodomiro para conversarem, a fim de tomarem conhecimento de negócios, porque sabiam ser o Brasil uma das maiores fontes de riquezas, sob o domínio português; e que todos os Senhores de Engenho, quando visitavam Portugal, sempre levavam valiosas pedras para negociá-las na terra lusa.

Depois de fazer amizades e de se cientificar de quanto dinheiro realmente dispunham os seus interlocutores, é que o Dr. Teodomiro se resolvia a dizer que havia trazido algumas pedras, poucas, e que eram para ser vendidas, desde que o preço agradasse.

Passado algum tempo, já o Dr. Teodomiro Travassos possuía uma fortuna imensa nos bancos portugueses, produto da venda das pedras, em variados pontos da Nação lusa. Adquiriu muitos imóveis e se fez sócio de várias empresas. E, satisfeito, dizia de si para consigo : “Sou um homem riquíssimo, talvez um dos mais ricos de Portugal! Sem contar o que possuo no Brasil!” Sorria, como o homem mais feliz do mundo! Sua família frequentava os melhores ambientes sociais. Era evidente que a família Travassos nadava em rios de puro ouro, fazendo-se notar que o seu patrimônio ultrapassava de muito o de todos os seus parentes juntos, o que lhe valia um lugar de destaque no mundo social e financeiro da velha Lisboa. E era isto o que ele desejava : riqueza. Pois tinha ambição de mando. Todos os seus pensamentos eram carimbados com cifrões. Suas duas filhas eram cortejadas pelos mancebos da alta linhagem social e financeira, mas a vaidade orgulhosa, em larga expansão, abafava todo o amor feminino que começasse a florescer em seus corações. Dir-se-ia que

eram gêmeas no modo de pensar no que se referisse a sentimentos!... A senhora Travassos exultava; jamais pensara que seu marido fosse lhe dar tanto conforto, tanta abundância de luxo nessa estadia em Portugal! Resmungava mentalmente: Será que estou na Terra, ou no Céu? E, depois balbuciava baixinho: “Ah!, também mereço. Deus deve ter notado a dura vida que levei, durante muitos anos, na Fazenda “Riachuelo”, quase no meio de escravos ignorantes”. E rematava, sozinha: “Bem dizia o Padre Terêncio que Deus tarda mas não falta. Certinho, o que o nosso Vigário fala! Vou até mandar um bom presente para ele”.

O Dr. Teodomiro, quando moço, no Rio de Janeiro, gostara de uma viúva portuguesa, nova e bonitona. E dessa explosão de amor e inconsciência que traz a paixão sensual, nasce-lhe um filho, de cuja existência não teve o pai conhecimento, por ter-se mudado para os rincões das Minas Gerais.

E os anos passam... A viúva casara-se com outro que lhe adotara o filho. Dr. Teodomiro também se casa e desse casamento lhe vieram três filhos: um rapaz e duas moças.

Certa vez, vindo ao Rio em busca de suas filhas que ali estudavam, resolveu passar na cidade uma semana, a fim de que as meninas gozassem as delícias da cidade maravilhosa. Nesse ínterim, uma delas, Belinda, fica conhecendo um rapaz que muito se parecia com ela e pelo qual se apaixona. Este aproveita-se da facilidade feminina, da confiança do sexo fraco, e Belinda se engravida.

Logo que a mãe do rapaz soube do ocorrido, por seu próprio filho, instigou o marido, também português, e abastado, para se mudarem para Lisboa. Estava com saudades de sua terra natal. Mas, com o filho, ela falava:

— Vamos embora daqui, porque eu bem conheço a família Travassos. Eles são terríveis. Se ficarmos aqui, vamos todos desaparecer; mas não deixe que o Joaquim Nabuco, teu pai, saiba disso.

E mudaram-se para Portugal...

Chegando à Fazenda “Riachuelo” começa, para Belinda, a tortura:

saudades do namorado, a situação em que se encontrava... Como iria contar à família? Mas como a Natureza não esconde nada, a família desconfiou e ela teve que contar toda a verdade.

É!... o aborto é a solução. A família Travassos não poderia ser envergonhada perante a sociedade! E o aborto foi feito. Mas o ódio cresceu no seio da comunidade familiar, exceto no peito de Sinhozinho Cardoso, filho mais velho do casal, que era a personificação do bem, da ponderação. Não concordava ele com seus pais, nem com o Padre Terêncio, em matar um ser indefeso, que mal iniciava a viver!

E o Dr. Teodomiro fez seus planos para descobrir, por qualquer preço, e matar o rapaz. Quando investigou, ficou sabendo, por fontes seguras, da mudança do moço para Portugal. E guarda o ódio no coração para depois; toma nota em sua caderneta, para se vingar em outra oportunidade.

Depois de um abundante repasto na Quinta de seus parentes, satisfeito com as culminâncias de seus créditos bancários, lembrou-se o Dr. Teodomiro Travassos de sua caderneta de anotações vingativas, vindo à tona de sua memória o caso de sua querida filha. Sorriu entre dentes, surgiu nos cantos da boca leve escuma e assomou em seu coração toda a mortal revolta.

Não quis descansar naquela tarde. Procurou detetives particulares e tratou o serviço por bons escudos, dando os dados necessários para que fosse encontrado o rapaz que Infelicitara sua filha. Se o Dr. Travassos tinha ódio por esse rapaz, sua esposa o odiava ainda mais, fomentando sempre as ideias de vingança do marido. Acompanhavam com ansiedade todas as diligências efetuadas pelos detetives na caça ao mancebo, e desde então acabou-se a paz do casal. Somente as moças, por Ignorarem a trama dos pais, continuavam alegres.

Depois de algum tempo de procura, foi a família do rapaz localizada na cidade de Queluz. Logo que o Dr. Teodomiro tomou conhecimento do encontro, a peso de ouro, mandou liquidá-la, inteiramente. As autoridades, como nos dias atuais ainda acontece em muitos lugares, não se interessaram em descobrir os culpados.

Ignorava, no entanto, o Dr. Travassos, que mandara matar o seu

próprio filho, a ex-amante e um antigo colega dos bancos escolares!

Esforçavam-se, o Dr. Teodomiro e sua esposa, para sorrir como antes, mas a alegria lhes escapara para sempre, tendo os seus céus constantemente nublados pelas nuvens encomendadas pelo carma. A melancolia era, agora, o clima permanente para eles, mesclando-se, às vezes, com o arrependimento.

# CAPÍTULO V

## PRINCÍPIO DE DORES

A fortuna é muito boa e constitui, na Terra, uma força poderosíssima, possibilitando-nos, inclusive, caminhos para a eternidade. Mas, quando mal empregada, produz sulcos nas almas, de difícil reparação. O ouro é sempre brilhante e faz com que também brilhem, algum dia, os caminhos de quem o possui. Porém, para alcançar essa etapa o espírito terá de se purificar, de sofrer, de se burilar, em todos os campos indicados pelas necessidades de evolução, a fim de corresponder ao programa de Deus em benefício da Criação.

Os espíritos não surgem das mãos do Criador purificados e redimidos. Se assim fosse, onde o mérito de cada ser, que já recebesse as virtudes, sem nenhum esforço, por obra e graça do mundo maior? Embora tudo pertença a Deus, nosso Pai, existe, no entanto, a nossa parte, que nos exige os melhores esforços, árduos trabalhos, afincados estudos. Os espíritos, intrinsecamente, são puros, de uma pureza incomparável, e não poderia ser de outra forma, já que oriundos do próprio Deus, a Pureza Suprema, não poderiam trazer qualquer mácula. A água, que se mistura a outros elementos e sob a ação da própria Natureza sobe, em forma de vapor, para cair como chuva abençoada, ofertando sempre novas esperanças, por onde passa, no eterno silêncio do desprendimento. Assim também os espíritos, que não fogem a essa lei. Rarefazem-se, perdendo o corpo carnal, quantas vezes forem necessárias, sobem aos céus e tornam a descer com novas possibilidades de servir e de serem servidos. Essa é a rota que garante a nossa ascensão aos mundos mais evoluídos. Os caminhos errados que muitas vezes tomamos entre os dois mundos; a sujeira com a qual empanamos nosso brilho, são aparentes, são ilusórios, porque depois desaparecem, desde quando reconhecemos e sentimos a realidade interna

com Jesus Cristo. Tudo isso é necessário à maturidade! E essa não se ganha por acréscimo, nem tão pouco por aparente superioridade, mas por árdua conquista, na difícil subida da grande escada de Jacó, de degrau a degrau, até a imaculada pureza que confere ao ser a sabedoria universal e o amor de Deus. Cada espírito, de conformidade com seus sentimentos, cria em torno de si um atmosfera colorida. E por essa luz, nossos maiores conhecem nossa posição na escala evolutiva e nos coloca em lugares que nos possibilitem progredir nos campos em que ainda precisamos evoluir. E é nisso que consiste a lei: “Dar a cada um o que merece”. Diz, também, o Evangelho de Jesus: “Todo trabalhador é digno de seu salário”.

O preguiçoso se alimenta com o salário alheio, mas, sem o saber, fica devendo, ao grande suprimento da vida, resgatando seu débito em outras etapas. Estacionamento total não existe. O que chamamos de estacionar é o evoluir lentamente. Mas nunca, jamais mesmo, em parte alguma da Criação, o espírito progride, do zero ao infinito, lentamente. Isso porque, quando ele atinge, com lentidão, certo estágio, terá, por lei, de recuperar o tempo perdido para atingir a outra parte da evolução. Surgem, então, para esses espíritos, no seu mundo, as grandes calamidades, prolongados sofrimentos e toda ordem de agressões, tanto pelas mãos dos homens, como pela Natureza, a fim de amadurecê-los.

Foi o que aconteceu à família Travassos, que fazia todos os esforços para não sentir a fome das coisas espirituais. Mas quem vai contra as leis de Deus é ignorante, pois que elas corrigem instruindo!

O tempo corre célere e a família do Senhor de Engenho procura gozar a vida. Mesmo o sr. Teodomiro e a esposa, antes tristonhos, buscam toda sorte de entretenimentos na velha metrópole. O jogo lhes devorava o tempo, sem par; o vinho do Porto agora era sua água e nele procuravam afogar certas lembranças, fugindo, pelo entorpecimento do álcool, às acusações de um passado culposo, gravadas na consciência. Bebiam, bebiam o quanto podiam, para esquecer todo o passado, citando sempre o rifão popular de que “águas passadas não tocam moinho”. Mas enganavam-se, as águas de seu culposo pretérito estavam tocando o moinho de suas consciências. E quando o fubá estivesse pronto, assomaria na vida sob forma de toda ordem de desequilíbrios, a fim de que, em verdade, pudessem se esquecer de tudo, mas depois de terem pago, até o último

ceitil, todos os estragos que fizeram em muitas vidas, à força de muito dinheiro e da grande maldade vingativa.

Recebiam, de seis em seis meses, notícias da Fazenda “Riachuelo”, através das longas missivas de Sinhozinho Cardoso. Nelas o dedicado filho sempre contava do progresso da fazenda, da obediência dos escravos, das bênçãos de saúde e prosperidade enviadas pelo Padre Terêncio, que não escrevia por não tolerar fazê-lo. As cartas traziam ao Dr. Teodomiro muito conforto, não só pelas palavras, mas, igualmente, pelo magnetismo de que iam impregnadas.

Os espíritos do sr. Joaquim Nabuco, da viúva Beatriz e o do rapaz Cláudio, ao perceberem, gradativamente, que estavam mortos, como foram engendradas suas mortes, e por quem, revestiram-se de roupagens de verdadeiras feras, formando, assim, um trio de vampiros, com o único objetivo de desintegrar a família Travassos, encontrando nela profunda sintonia. Dividiram entre si as tarefas, desta forma: Joaquim Nabuco tomaria conta do Dr. Teodomiro; a viúva Beatriz ficaria com a esposa de Teodomiro e Cláudio tinha a tarefa, que muito lhe agradava, de desencaminhar as duas moças. Dizia ele:

— Antes eu queria apenas uma, agora as duas são minhas, são minhas... gargalhando, desrespeitosamente, já à procura de faixa para sintonizar o aparelho de seu sentimento. E ainda mais, disseram entre si:

— Quando festejarmos a vitória da empreitada, pegaremos uma carona em um navio qualquer, iremos para o Brasil, e a Fazenda “Riachuelo” será o nosso ponto estratégico!

\* \* \*

A Quinta dos Nogueira era uma mansão fabulosa e a vinda da família Travassos emprestou mais brilho às reuniões que ali se realizavam.

A mais alta linhagem da sociedade lisboeta frequentava agora a Quinta, onde permanecia, até alta madrugada, jogando e bebendo em companhia dos anfitriões que, para proporcionarem maior atrativo, contratavam artistas e ali improvisavam teatros.

Certa vez, até um alto funcionário do governo português foi convidado para as referidas reuniões. E retribuiu a amabilidade, com outro convite para as festas de comemoração, pelo segundo aniversário de governo do Primeiro Mandatário e de sua boa administração. Isso muito envaideceu as duas famílias, que procuraram se esmerar no aparato, contratando os melhores alfaiates e costureiras, não se importando mesmo com a grande soma que despenderiam.

No dia aprazado, lá se foram eles em suas suntuosas carruagens, rumo ao palácio, onde já fervilhava de convidados, inclusive de outros países, como da Espanha, França e até do Brasil! O dia foi pequeno para os desfiles, os recitais, os discursos.

No salão real a alegria imperava. As filhas do Dr. Teodomiro Travassos encontraram, naquele, o ambiente com que sempre sonharam. Fizeram amizades, rapidamente, com outras moças do mesmo nível social e com as quais partilhavam os mesmos anseios e sentimentos. Eram seus assuntos ali: rapazes e amor.

Os toneis de vinho desafiavam a qualquer comparação, em quantidade. Pois, parece, existia no palácio mais vinho que água potável nos depósitos da cidade. Também a música e o canto faziam do ambiente uma realidade das fábulas orientais.

Lá fora, a lua refletia em profusão a luz solar, doando o suave magnetismo que desperta nos seres humanos sentimentos de saudades, propiciando-lhes lembrarem-se de Deus, da vida espiritual, do amor verdadeiro. Mas infelizmente, os homens usam essa intuição, esses sentimentos, para o proveito transitório. Era o que estava acontecendo nos bastidores da mais alta sociedade, no mais digno salão da Pátria portuguesa: as duas filhas do Senhor de Engenho, muito embora não tivessem tendências para conquistas, foram enredadas pelo espírito de Cláudio, que fez despertar nos corações de dois mancebos espanhóis, com os quais elas dançavam, grande paixão pelos seus pares. As famílias por conhecerem a procedência uma da outra, faziam gosto por aquelas recíprocas demonstrações de simpatia entre os dois jovens pares. Com a ação do obsessivo Cláudio, a liberdade dos namorados aumentava até a paixão ardente.

O Dr. Teodomiro se achava à vontade com o convívio social ao nível de sua condição, embora, de vez em quando a morte da família Nabuco lhe perturbasse os pensamentos, sobrevindo-lhe uma estranha melancolia. Aí, geralmente se entregava à bebida para se ver livre daqueles pensamentos. A madame Travassos se destacava pelos vestidos caros e ricas joias que ostentava nos acontecimentos sociais mas, de vez em quando, deixava escapar algumas lágrimas, cuja procedência ignorava. Procurava disfarçar sua tristeza visando manter a alegria das filhas, sem sequer imaginar que o espírito da Dona Beatriz empastava sua mente com fluídos pesadíssimos de tristeza e vingança.

A noite correu com o esplendor desejado e só quando o dia anunciava suas primeiras claridades é que os participantes da festa se despediram, recolhendo-se às respectivas residências. A luxuosa carruagem, que transportava a família Travassos até a Quinta dos Nogueiras, era ocupada também pelo trio vampiresco que, sem descanso, procurava perturbar o casal brasileiro e suas filhas. As moças não conseguiam esquecer os belos rapazes espanhóis, surpreendidas por serem tomadas, de repente, por tão forte paixão.

Por seu turno, os jovens da Espanha sentiam o fogo correr em suas veias, mercê do forte desejo pelas moças brasileiras. Estranhavam o fato, por serem ambos compromissados em seu país, mas a força que os impulsionava para aquela estranha obsessão era mais forte. Deitaram-se pensando nas moças e pareciam sentir seus suaves perfumes.

O Doutor Travassos e sua esposa aderiram ao cansaço e dormiram um sono cheio de pesadelos, com pessoas e animais ferozes parecendo querer devorá-los. Retorciam-se na cama, procurando se esconder, mas novos inimigos apareciam, maléficos e vingativos. A certa altura, os amigos espirituais da família entraram em ação, achando que as coisas estavam passando dos limites, surgindo, então, a bonança temporária nas almas da família Travassos.

No dia seguinte, todos sentiam a ressaca dos excessos da noite anterior. Ainda assim, os recém-namorados se encontraram, parecendo já velhos conhecidos, com certos direitos já conquistados. Naquele regime de liberdade, dentro de alguns dias as moças estavam grávidas, apesar de

nunca terem sido muito dadas ao sexo. Pelo contrário, tinham até certa aversão por ele e costumavam destratar acremente as escravas que se apresentavam para servi-las em estado adiantado de gravidez, quando se encontravam no Brasil. Como lhes aparecera aquele impulso irresistível?

As moças pensavam, comentavam entre si, e acabavam dizendo :

— Ah! Isso é da vida mesmo, e riam-se, espreguiçando-se na fofa cama de casal que lhes servia de leito.

O casal Travassos atravessava uma fase de aterradora melancolia. Consultaram médicos, tomaram inúmeros remédios, sem nenhum resultado para a inquietação que os atormentava. Vez por outra pensavam em retornar ao Brasil, como única solução. Mas como voltar à Fazenda "Riachuelo", logo agora que as filhas pareciam firmar o seu futuro, mesmo com o sangue de estrangeiros? Era necessário o sacrifício da permanência. Essa era a atitude certa de um bom pai e de um cidadão de alto conceito.

Às vezes, em colóquio particular, o Doutor Travassos contava à esposa sobre a imensa fortuna que possuía em bancos e propriedades em Lisboa, bem como da sua procedência, o que muito alegrava a senhora, fazendo-a sentir um bem estar íntimo que quase lhe trazia a alegria primitiva.

Após duas semanas gozando a vida e simulando o namoro com as moças brasileiras, os rapazes espanhóis partiram, deixando em frangalhos os dois corações femininos. Daquele dia em diante, as moças se comparavam a dois anjos caídos e as noites eram verdadeiro martírio para elas. Trancafiadas em seu quarto, confabulavam em segredo:

— Será que as nossas relações com aqueles rapazes passaram dos limites? E se a semente deles encontrar fertilidade em nós? Bem hoje em dia há muito jeito de se livrar disso, a Ciência evoluiu muito e livrarmos-nos desses possíveis intrusos é questão de somenos importância. Esperemos algumas semanas.

Daí a dois meses estava positivada a gravidez das duas moças. Procuraram esconder, mas um terrível abalo ocorria-lhes no psiquismo e suas noites eram povoadas de sonhos terríveis, simbolizando a elas que abortar era matar, era trucidar serezinhos indefesos em formação.

Faltando-lhes coragem para iniciativa no sentido de provocar o aborto, e diante do tormento crescente das consciências, resolveram convidar os velhos para uma conversa, onde tudo foi narrado com riqueza de detalhes. Os pais escutavam mudos e petrificados; somente as lágrimas corriam abundantes. A dor moral era intensa, principalmente para os velhos, pois as moças ainda nutriam alguma esperança de que os rapazes cumprissem suas promessas, feitas no auge do amor, em obediência aos instintos inferiores.

Ouvindo a narração das filhas, o velho chegou a pensar em suicídio, mas como homem frio e forte, ponderou que essa não era a melhor solução. Sua mulher sentia o cérebro explodir e o sistema nervoso, que não era bom, desgovernou-se por completo. A senhora desmaiou e foi socorrida pelo marido, que não percebia a armadilha improvisada no plano astral pelos ferrenhos inimigos da família. As moças conservavam-se mudas e assustadas.

Chamou-se, às pressas, um clínico da família Nogueira e este constatou o rompimento de uma pequena veia irrigadora do coração. Ministrou alguns medicamentos e recomendou à paciente repouso absoluto. O Senhor de Engenho tomou alguns calmantes e pôs-se a pensar...

As meninas, após transmitirem seu drama aos pais, sentiam-se mais aliviadas da pressão mental que sofriam com o segredo da gravidez.

Quanto à velha, a natureza parecia favorável ao seu restabelecimento, mas o espírito de Dona Beatriz fazia tudo para impedir a ação medicamentosa e o auxílio da disposição orgânica para o soldamento da veia que se abria.

O tempo passa e a atenção de todos estava voltada para a senhora Travassos, que obtinha algumas poucas melhoras. As moças começaram a engordar em demasia e todos os fatos já eram do conhecimento também da família Nogueira, o que fazia reinar o abatimento moral na rica mansão. O velho Bartolomeu Nogueira e Silva e sua família sentiam-se constrangidos e envergonhados, desejando agora se verem livres dos parentes, antes bem-vindos, e agora a preocupar e perturbar o sossego familiar. Não

obstante, por educação, o velho animava a família em desespero e estudava, juntamente com o Dr. Teodomiro, um meio para resolver o problema que torturava todos os corações, resolvendo fazer uma carta para a Espanha, com certo rigor, convidando os dois rapazes a cumprir os compromissos assumidos, sob pena de serem procurados, pessoalmente, em seus domicílios, pelo Dr. Teodomiro e alguns amigos de Portugal. Ao receberem a carta e após trocarem ideias, os moços resolveram simplesmente rasgá-la, tendo em vista o próximo casamento dos dois, com marca para o verão que já se prenunciava.

Notando a demora da resposta das cartas, tomados de indignação e preocupação, o Dr. Travassos, ainda de comum acordo com o velho Bartolomeu, resolveu levar as moças para uma clínica especializada para, sem o conhecimento delas, colocarem mais dois anjos nos céus.

No plano astral, sabendo do plano da família, os obsessores cuidaram de preparar meios para frustrar toda a ação dos médicos encarregados do trabalho. O Espírito de Joaquim Nabuco conhecia um temido obsessivo, dono de vastos conhecimentos de hipnotismo, que usava para o martírio de suas vítimas. Era o espírito do Prof. Pantaleão Gonzalez, verdadeiro professor do hipnotismo e emérito conhecedor de processos infalíveis de obsessão, mercê do que adquirira fama nesse terreno. Procurando o professor Pantaleão, Nabuco contou-lhe toda a história, ao fim da qual o professor disse, aquiescendo:

— O que queres que eu faça, Joaquim? Dize e serás atendido.

Meio estupefato, alegremente vingativo, Nabuco esclareceu; — Mestre, eu quero que o senhor não deixe que se faça a prática criminosa do aborto nas duas filhas do Senhor de Engenho Dr. Teodomiro Travassos.

— Pelo que vejo — comentou o mestre Pantaleão — é até uma caridade o que queres que eu pratique!

— Justamente, professor. Mas com essa caridade surge esplendorosa a nossa vingança. Mas creio que só o professor está à altura de impedir a consumação desse intento, forjado a peso de ouro, pois é tamanha a soma oferecida pela efetivação dos abortos, que talvez nenhum médico de Portugal recearia experimentar essa deliciosa empreitada. Por gentileza,

quero que o professor se apresse.

Na Casa de Saúde, as duas moças, já internadas, nem de longe percebiam as intenções das duas famílias da mansão dos Nogueiras. Dois médicos, já donos da situação, alegravam as moças com uma conversa bem humorada, fazendo-as sentirem-se tão à vontade como em casa. Elas tomavam todos os remédios receitados, mas cinco sombras, no plano espiritual, acompanhavam toda a assistência que lhes era prestada, injetando fluidos, sob a supervisão do Prof. Pantaleão.

O Dr. Bastos, o mais experiente dos dois médicos, fez uma receita de umas cápsulas, pedindo ao farmacêutico que aviasse o medicamento. O profissional veio a procura do médico, alegando que, na sua longa vida profissional, nunca vira dose tão elevada de quinino ser aplicada em um organismo humano, supondo tivesse havido algum engano na prescrição. O médico, sorrindo, responde:

— Não, meu velho, é isso mesmo! Quando o pau é muito duro, a gente não usa machado muito forte para decepá-lo? Pois bem, a árvore que eu vou derrubar é imensa e é necessário que as ferramentas sejam fora do comum. Obrigado pela atenção, mas podes ir preparar o remédio.

Naquela noite, ao se deitarem, as moças receberam, das mãos criminosas do Dr. Bastos, duas cápsulas, achando tratar-se de um sedativo. No plano invisível, porém, o Mestre Pantaleão concentrou sua poderosa mente quando o médico estava com as cápsulas na mão. Atraiu para si um tipo de fluídos em completa obediência à sua vontade; esse magnetismo dança em sua aura e mistura-se com certa massa leitosa que se desprendia de seu corpo, circundando novamente a atmosfera espiritual do Prof. Pantaleão. De sua cabeça saem filetes em direção às cápsulas, expulsando delas uma nuvem cinzenta, que se desintegrou na atmosfera.

Os discípulos do hipnotizador não perdiam um só lance da Ciência empregada peio mestre. Já conheciam bem os seus trabalhos, e quanto mais viam o seu enorme poder no controle das forças da natureza, mais admiravam seus feitos. Pantaleão acalma o feixe de forças em sua cabeça, desliga sua poderosa mente dessas energias e estende as mãos para o alto. Recebe então uma massa avermelhada, com algumas tonalidades para o

azul brilhante, faz dela uma pasta com suas hábeis mãos, deixa escapar de seu peito uns raios que dão mais vida à pasta, e aplica aquilo, com todo o cuidado, nas placentas das futuras mães, garantindo as duas vidas em plena floração. Terminando, muda a fisionomia e fala com alegria:

— As crianças estão completamente salvas!

Fez voitar no ar o turbante manipulado por ele, encaixando-o na cabeça do Cláudio, que sentiu um estranho calafrio em todo o corpo espiritual. O moço recebeu instruções de como usar aqueles recursos e, dando por terminada a sua tarefa, o professor acenou com a mão em adeus, e desapareceu.

## CAPÍTULO VI

# DRAMAS DE CORAÇÕES

Os médicos da Casa de Saúde São José empregaram todos os esforços, sem lograr êxito nas suas empreitadas assassinas. Aplicaram várias fórmulas medicamentosas extravagantes, sem resultado. Tentaram até a introdução, por via direta, de forte dose de arsênico, com todas precauções no sentido de resguardar a saúde das gestantes; nada conseguiram.

As duas jovens, pensando que ali estavam para não serem vistas por amigos maledicentes, confortaram-se, achando razoável tal cuidado. A notícia dada pela mansão esclarecia que elas haviam viajado para Coimbra, em companhia de alguns parentes que lá residiam, com o fim de conhecerem aquela cidade, famosa por seus atrativos e beleza natural. Encontravam-se tranquilas na Casa de Saúde, com a única preocupação de como proceder em relação ao destino das crianças depois do nascimento. A intenção dos pais e parentes era entregar as crianças a outras pessoas, mas as futuras mães pensavam de outra forma. Uma voz íntima, mais poderosa, não aprovava essa atitude desumana; que poderia acontecer? Pensavam... pensavam... Finalmente afastavam o problema da mente, na certeza de que o dinheiro do pai seria a solução para todos os problemas, ignorando que a solução para todos eles é a lei de Deus, as bênçãos de Jesus e a voz da consciência.

Os dois clínicos, que já tinham recebido algum dinheiro como sinal, sabiam que tinham sério compromisso com a família Travassos. Mostravam-se preocupados com os resultados negativos de suas tentativas de provocarem os abortos, mesmo porque os parentes das jovens internadas tinham certeza de que aquele era um caso banal para a Medicina, principalmente para os dois médicos experientes e habilidosos da capital portuguesa.

Passaram-se semanas e meses sem que as drogas mais diversas apresentassem solução para o caso; os médicos nunca haviam defrontado com casos idênticos; os organismos das meninas eliminavam qualquer droga venenosa, com eficiência. Aquilo era um milagre pensava um dos médicos. As doses administradas poderiam até matar as moças, se essas não possuíssem um organismo sadio; mas, no caso, elas eram dotadas de equilíbrio orgânico invejável. Mais ainda, mostravam-se alegres e bem dispostas todos os dias, sendo comum sonharem com seus bebês, ao dormirem, a exemplo do que ocorre com várias candidatas a mães.

Os médicos, sem controle da situação, trocavam ideias, resolvendo mandar ao Dr. Teodomiro Travassos, por um mensageiro diligente, o seguinte bilhete: limo. Sr. Dr. Teodomiro Travassos; Cordiais Saudações:

Desejo-vos saúde, inclusive às famílias Nogueira e Travassos, e que os céus coloquem em vossos caminhos muita paz.

Vossas filhas estão sem perigo, vivendo entre nós como se fosse em vossa companhia; esperamos com isso merecer a vossa atenção e a honra de poder sempre contar com a vossa amizade e convivência.

No entanto, quanto à desejada solução de nos livrarmos dos pequenos intrusos, não o conseguimos, por incrível que pareça. Empregamos todos os nossos esforços com medicamentos violentos, mas o mundo orgânico das jovens têm recursos desconhecidos para nós; nunca houve caso como esse em nossas mãos. Rendemo-nos, Doutor, diante dos fatos, pois se aumentarmos alguma coisa na administração de medicamentos venenosos, não poderemos garantir as vidas delas. O que foi ingerido por vossas filhas bastaria para matar qualquer uma outra. Assim sendo, e sem mais recurso, pedimos a vossa honrosa presença nesta casa, adiantando-vos que, se Deus existe mesmo, não aprovará que continuemos as tentativas. Eu e meu colega já desconfiamos de algo sobrenatural com relação ao caso de vossas filhas.

Creio, e a razão nos ajuda a certificar isso, que sempre houve e haverá coisas novas para a gente aprender neste mundo, sendo, o presente episódio, merecedor de uma atenção toda especial. O caso é urgente. Do vosso admirador, Dr. Bastos.

O médico selou rapidamente o envelope com o lacre do hospital, entregou-o ao moço, prevenindo-o para que só voltasse com a resposta.

No plano espiritual, a situação era completamente dominada pelos três inimigos da família Travassos, que procuravam tirar o próprio sossego dos médicos, plasmando neles um fluido desinquietante, durante o sono, que os fazia acordar com horríveis impressões.

Os médicos já haviam pensado em cirurgia, como último recurso, mas o medo rondava seus planos, e já não encontravam capacidade para essa consumação vergonhosa. Até as mulheres dos clínicos tiveram sonhos mais ou menos proféticos. Uma, embora desconhecesse o caso do hospital, sonhou que seu marido havia matado seu filhinho mais novo, de apenas dois meses, com uma facada. A mulher, em estado de transe, abraça o travesseiro, rola de um lado para outro na cama, gritando:

— Não mates!... Não mates!... meu filho... monstro... meu Deus!... ajuda-me a livrar meu filho deste assassino!

O médico acorda assustado com aquele quadro. Balança Uandra com força, chamando-a várias vezes. A mulher acorda molhada de suor e, trêmula, narra a seu marido todo o sonho, apavorada. E diz, finalizando:

— Deus... meu Jesus! Graças a Deus, foi sonho. Graças a Deus! Nunca tive isso, o que será?

O Dr. Bastos reagiu na hora, para não demonstrar fraqueza como homem e como médico, persuadindo sua delicada esposa de que se tratava de sonho e que sonho não indicava nada. Prenunciava apenas certa fraqueza nervosa. Todos os neurastênicos veem coisas e sonham constantemente.

A mulher, com a boa conversa do esposo, consegue esquecer em parte o drama da noite, mas o médico se impressionara mais do que a própria esposa. Ele ligara o sonho à situação real do problema que vivia no hospital.

Chegando à Casa de Saúde, enquanto se aprontava para iniciar seu trabalho, nem um instante conseguia se esquecer do sonho da mulher. Seu

colega entra, cantarolando, e tira-o da desagradável meditação. Cumprimentam-se, e o Dr. Bastos vai dizendo:

— Quero, com urgência contar-te uma coisa muito séria.

— Vai dizendo logo — retrucou o outro — enquanto temos tempo.

Tu bem sabes, as nossas horas são curtas.

E o Dr. Bastos narra todo o ocorrido ao seu amigo e colega, que se assusta um pouco, mas recobra a tranquilidade, dando uma boa gargalhada e dizendo:

— Até tu estás crendo agora em coisas misteriosas?

Mas notando seu companheiro muito sério, e tentando fazê-lo esquecer aquelas preocupações inexistentes, que só encontram lugar no mundo mental das criaturas, conta também um sonho de sua mulher:

— Olha Bastos; minha querida Lígia sonhou, há algumas semanas, e o sonho tem semelhança com o que tu acabas de narrar. E não estou nada impressionado. Sonhos, ela já teve tantos que dariam um livro!

O Dr. Bastos caminhava de um lado para outro, ansioso para ouvir e comparar os sonhos das duas mulheres e o caso das duas jovens internadas no hospital.

— Minha Lígia sonhou — prosseguiu — que estávamos à beira de uma lagoa muito perigosa, cheia de cobras venenosas, monstros esquisitos a nos espreitar. E nós, alegres, sentados à margem da lagoa, pescando. Quando as linhas se balançaram nas águas e fizemos uma força gigante para arrancar os peixes... sabes o que aconteceu?

Riu-se gostosamente, para distrair o companheiro.

— Sim — retrucou o Dr. Bastos — o que aconteceu?

— Pegamos, cada um de nós, o próprio filho. E ambos choravam e gritavam por socorro, físgados nos anzóis. Nossas mulheres, na hora, transformaram-se em jacarés e avançaram em nossa direção, para tomar os

seus e nossos filhos; e a lagoa era a própria Casa de Saúde. Tu já pensaste? Isso é a coisa mais besta do mundo! — Já, respondeu o Dr. Bastos — Já pensei que isso é a coisa mais certa do mundo. Fica sabendo que esses dois sonhos estão relacionados com os abortos que intentamos praticar, nas filhas do Dr. Travassos. E o filho que no sonho da minha esposa eu estava matando com uma faca, era alguma coisa, que não sei ao certo, mostrando-me a reação que eu sentiria, ao matar meu próprio filho. Se a reação fosse o temor como me sentiria disposto a matar, em plena consciência profissional, os filhos dos outros?

Para essa interpretação lógica e sensata, o espirito de Cláudio se aproximara do Dr. Bastos e, depois de certa afinidade, fez longos passes rotativos em seu cérebro, ligando suas antenas de recepção com a vontade transmissora e comandando, quase completamente, o aparelho do médico, que tinha propensões para essa faculdade.

— Olha, amigo — continua o Dr. Bastos — fica sabendo que o sonho da tua mulher foi outro aviso para nós e veio reforçar, ainda mais, o da minha senhora. A lagoa — disse ele com ênfase — onde estávamos pescando é realmente o hospital, porque é lá que ganhamos a vida. As cobras e os monstros que queriam nos atacar são a nossa falta de responsabilidade, porque lá é lugar de darmos a vida, curar enfermidades, e para isso juramos com as mãos na consciência. Estamos querendo tomar atitudes contrárias aquilo que prometemos aos nossos professores, que representam a vigilância da Medicina. Os dois filhos pareciam ser os nossos, para nos deixar uma impressão mais nítida. No entanto, eles são os futuros bebês das duas filhas do Dr. Travassos. As mulheres, que se apresentavam como as nossas, são as moças, que vendo seus próprios filhos figados por nós, nas vias da morte, transformaram-se em monstros para nos perseguir. Mudando o tom de voz, arrematou:

Acredita, Miguel, que não darei um passo sequer para abortar esses entezinhos inocentes e nem consentirei isso aqui nesta casa. Para tirar o encargo da minha responsabilidade, já mandei chamar o pai delas, que não deve demorar a chegar. Devolveremos seu dinheiro, e se não quiser mudar de ideia, que as remova para outra Casa de Saúde, pois aqui em Lisboa há muitas. Tomei essa deliberação e não mudarei de atitude.

O espírito de Cláudio despreendeu-se parcialmente do Dr. Bastos, a espreitar as reações. Dr. Miguel, assustado com seu colega, pois nunca o vira tão severo e tão decisivo, pensava: não fora ele que o chamara para tal empreitada? por que, agora... não estava entendendo. Queria conversar demoradamente com o Dr. Bastos, pois as coisas estavam tomando rumos diferentes e sua reputação seria prejudicada se tudo não desse certo. Já vira antes, como estudante, tantas coisas fáceis tomar aspectos sumamente graves... aquele poderia ser um caso assim.

O Dr. Bastos, livre do espírito de Cláudio, parecia estranho, mas toda a conversação que tivera com o seu colega ressoava em sua mente, o que o fazia sentir-se feliz, pensando no cumprimento do dever para com os seus semelhantes, principalmente dentro da Casa de Saúde. Estava alegre com a atitude tomada.

O silêncio se fez. Quebrou-o o Dr. Miguel, moço arrogante, que se levantou, deu alguns passos de um para outro lado, balançou a cabeça para se ver livre de alguns pensamentos e falou, num tom de voz brando e sincero:

— Dr. Bastos, porventura não foste tu que me convidaste para participar do caso pelo qual mostras agora tanta repulsa? O trabalho não foi iniciado por tuas próprias mãos? Não foi? Perdoa-me se firo teus melindres. Não foste tu que recebeste dinheiro da família Travassos para matar essas crianças que ainda não têm vidas próprias? E como ousas falar em tom de voz que parece me acusar de irresponsabilidade na profissão? Não estou compreendendo tuas atitudes, que mudaram muito rapidamente. Caso eu não sirva para... pedirei minha retirada desta casa! Não fui eu quem combinou nada disso que está em vias de acontecer! Tu foste e és o único responsável por tudo! Não posso aceitar acusações, por mais leves que sejam!

Senta-se comodamente, esperando a resposta do colega. O trio de espíritos vingativos, achando desnecessária sua interferência, se acomoda em uma grande cadeira de vime, para assistir as respostas do Dr. Bastos, sem saber nem ver que, na hora, o Guia espiritual do hospital, Monsenhor Cardume, toma o controle do centro de palavras do clínico, que fala com tranquilidade:

— Miguel, meu amigo, meu companheiro de todas as horas; nunca te acusaria de irresponsabilidade nesta casa e nunca tomaria o gesto desumano de assumir um compromisso desonesto como esse e transferi-lo, por não dar certo, para um colega a quem muito prezo. Sou o responsável por tudo nesta casa e saberei cumprir, de agora em diante, o dever de um cidadão honesto e de um terapeuta respeitador de compromissos assumidos com a minha consciência. As atitudes tomadas antes desvanecem-se no tempo, e a minha razão não concorda com a ganância. O dinheiro não é o bem estar de um homem. A carreira de um médico é como a missão do Sol na Terra: preservar vidas ou, se não puder, pelo menos cuidar delas com o mesmo desprendimento do astro de luz, a todos considerando com igual respeito. Se nós, que estudamos tantos e tantos anos, tomarmos caminhos contrários ao bem e à segurança das famílias que tanto confiam em nós, que seria da humanidade, com certo espaço de tempo? Qual o exemplo por nós deixado a nossos filhos? E se essas lindas moças fossem nossas filhas? Que faríamos com elas? Se não temos coragem de pensar no sofrimento dos nossos garotos, como teríamos a servilidade de assassinar filhos alheios? Isso, Miguel, não coaduna com a nossa profissão. Principalmente com a nossa. Tu deves compreender, eu não estou te acusando e não concordo com tua saída desta casa. Aceito, sim, e com alegria no coração, nossa radical transformação de caráter; estudar mais a Ciência do amor ao próximo, como sendo os nossos próprios familiares. O que falo é para o nosso bem. Não sei explicar agora o impulso dessa força que sinto no coração. Parece que a felicidade ronda nossas vidas, a convidar-nos a adotar essas normas. Não quero magoar-te, meu amigo, mas simplesmente convidar-te para uma nova fase de vida. Só teremos a ganhar com isso. Não sei por que, mas, com esses dias de completo tormento consciencial, começo a aceitar a existência de Deus. Não pode deixar de existir um Criador de tudo o que pegamos, admiramos e sentimos. Meditemos nisso e seremos recompensados.

Depois, percorreu sobre a própria Ciência, a Natureza, enfim, a vida que pulsa em toda a parte. Os homens, como animais, só olhando para baixo, esquecendo as belezas dos céus. Antes de terminar a preleção, o Guia espiritual foi se desprendendo para que os dois médicos continuassem o diálogo, e o Dr. Bastos, ainda sob a ação espiritual de Monsenhor Cardume, falou demoradamente sobre variados assuntos relacionados com

a existência de Deus, respeito à vida, como evitar as más obras, sem que o colega se sentisse ferido com seus argumentos.

Parou, deu tempo ao tempo, sentou-se para colocar em ordem novas ideias, quando o Dr. Miguel, levantando-se, pediu licença ao seu colega, dizendo-se indisposto para o trabalho. Queria voltar ao seu lar para pensar bastante no ocorrido. Após a aquiescência, despediram-se amavelmente.

Enquanto isso, o mensageiro anunciava sua chegada na Quinta dos Nogueiras, como enviado da Casa de Saúde São José.

Atendido, o rapaz é levado a presença do Dr. Travassos, dizendo:

— Dr., o Dr. Bastos foi quem enviou esta carta, pedindo urgência na resposta, sem a qual não poderei voltar, motivo por que não me retiro.

Conservou-se em pé, humildemente, em atitude que muito agradou ao Senhor de Engenho. Este transmite ordens para fazerem descer o mensageiro para algum lugar adequado na Quinta, servirem-lhe refeições e deixá-lo à espera da resposta à missiva de que era portador. Entrando para o quarto, o Dr. Teodomiro tranca a porta e, a sós, pensava em mil coisas. O que poderia ter acontecido com suas filhas? Mas pensamentos não bastam, vamos à realidade! Rasga o envelope e começa a ler, ansiosamente, o bilhete do Dr. Bastos.

Terminada a leitura, ciente do ocorrido na Casa de Saúde sobre as suas filhas, fica pensativo. A situação das filhas já era motivo de inquietação, com as saudades torturando o coração de pai, mas a necessidade e a grande força de vontade faziam com que o coração se acalmasse em seus sentimentos. Mas aquela carta fazia voltar à tona toda a vontade de rever suas queridas mocinhas. Sentiu um raio partir seu ser ao meio, ao saber que o trabalho não fora realizado! Não poderia aceitar desculpas, o planejado tinha que ser executado! Quem sabe poderia mudá-las de hospital, será que haveria tempo? E o pensamento se estendia no universo dos limites humanos, buscando solução para o problema.

O Dr. Teodomiro começava a aceitar os fatos, mas logo o seu eu orgulhoso rebentava em revoltas. Preferia morrer do que ter uma desonra em família, não podia tolerar. Em seguida, surgia em sua mente impaciente

o estado da sua mulher, as consequências diante da possibilidade de morte das filhas, o dinheiro em abundância nos bancos e nas indústrias. Depois vinha à lembrança a Fazenda “Riachuelo”, o seu querido filho Nhozinho Cardoso, enfim, essas lembranças pesavam em suas atitudes, tornando-o mais manso em relação aos acontecimentos. Pegando a pena, começa a escrever a resposta:

Caro amigo Dr. Bastos:

Meu cordial abraço;

Recebi suas notícias, que não me trouxeram conforto algum. Se não foram certos sentimentos que tenho por minha família, daria vazão ao desespero, que ultrapassa os limites da imaginação.

Fiz com o senhor uma combinação honesta e com certo selo d’oiro, e não tenciono recuar, nas linhas por onde me propus avançar. Sou e serei sempre aquele Dr. Teodomiro Travassos, no nome e na vida.

Nunca consegui entender que um negócio entre dois homens possa se desvanecer, antes da sua definitiva realização, a não ser quando o homem deixa de sê-lo ! Assim espero que tudo aconteça, como combinado.

Aceitando o convite, estarei aí dentro de dois dias.

Do amigo respeitador,

Dr. Teodomiro Travassos

Recebendo a resposta, o mensageiro despediu-se com cortesia, rumando em direção a Casa de Saúde São José.

As atitudes na Casa de Saúde haviam mudado por completo. Os dois clínicos debateram longamente o assunto e por maior força do Dr. Bastos e com a ajuda invisível, concluíram que o trato feito com o Dr. Travassos não poderia subsistir.

— Constituiria falta grave no campo da Ciência médica, e por mim — argumentava o Dr. Bastos — preferiria abandonar a profissão, caso fosse necessário, do que servir de instrumento de escândalo para uma geração

inteira.

A cada dia que passava, as moças sentiam os corações pulsarem pelo desfecho. As saudades dos pais torturavam cada vez mais, e não fora a delicadeza dos médicos e enfermeiras, teriam fugido para rever os seus, sem sequer pensarem nos resultados de uma aventura desse tipo. Mas o hospital parecia um prolongamento da Quinta dos Nogueiras e por isso suportavam a dor da saudade. Recebiam cartas de vez em quando, com notícias principalmente da mãe e, no fundo, duvidavam de que ela realmente estivesse com saúde. Coração não se engana por muito tempo.

Nesse torvelinho de acontecimentos, passam-se os dias e correm os meses. Em uma tarde nublada, quando rastreavam os últimos raios de sol poente, chega a velha Casa de Saúde o Dr. Teodomiro Travassos, com seu céu todo nublado também, pelos acontecimentos da vida. A carruagem para à porta, e desce o imponente e pretensioso Senhor de Engenho, das esperançosas terras brasileiras. Seus cabelos ondulados em mechas, davam uma ideia de seda raríssima, vinda das bandas do Oriente. Seu porte másculo, irradiando coragem e disposição, sua feição intrépida, tonalizavam uma figura rara naquelas regiões.

Logo deu um sinal e foi conduzido para o interior da casa. As moças que ali trabalhavam se inquietaram com a presença magnética daquele homem, difícil de ser esquecido. Enquanto esperava, o Dr. Travassos começou a ler sua caderneta de anotações, sem desviar a atenção para o movimento buliçoso que as mulheres faziam à sua chegada. Encontrava-se absorto, quando ouviu os passos do Dr. Bastos, que entrava na sala.

## CAPÍTULO VII

### SOMENTE O BEM É ETERNO

O trio Inimigo da família Travassos não se interessava por incluir os médicos da Casa de Saúde como alvos da sua ação danosa. Queriam apenas desmoralizar o Dr. Teodomiro e os seus, abater seu orgulho e reduzir seu transitório pedestal a cinzas, que o tempo leva. Quanto aos médicos, nada tinham contra eles, conforme também havia pedido o Prof. Pantaleão: que eles tivessem discernimento para irem até ao ponto que não os perturbasse; assim procediam.

No momento em que o Dr. Bastos se encaminhou para a sala, ao encontro do Dr. Travassos, os espíritos do Sr. Nabuco, Sra. Beatriz e do jovem Cláudio também se aproximaram da ampla sala de visitas, com o intuito de assistirem ao encontro, sem interferir, deixando a explicação por conta exclusiva do Dr. Bastos. Nem de longe desconfiavam da interferência direta do Guia espiritual do hospital, que tinha o alto propósito de dobrar, com paciência tolerante e construtiva, a cerviz do Senhor de Engenho. Pela argumentação lógica e sadia, procuraria, Monsenhor Cardume, ajudar o milionário a se compenetrar do erro que estava prestes a cometer, tentando eliminar duas crianças indefesas. Na parte invisível, tudo estava preparado para o encontro dos dois homens.

Quando o Dr. Bastos penetrou na sala, o Dr. Travassos pôs-se de pé, estendendo-lhe a mão, em cumprimento, dizendo:

— Dr. Bastos, muito prazer em ver-te com saúde!

— Digo-te o mesmo, Dr. Teodomiro. Vamos nos assentar, a casa é nossa!

— Pois bem, Dr. Bastos, aqui estou eu, atendendo a teu chamado com urgência; creio que não seja...

— Não, Dr. Teodomiro, não é nada de grave ou que poderá perturbar-te. O assunto é digno e fundamentado no mais alto conceito espiritual. Espero que tu, como pai e esposo, e como homem de senso, entendas o mais depressa possível meus argumentos acerca dos acontecimentos. Em primeiro lugar, quero te dizer que tuas filhas passam bem e estão ansiosas para rever-te, mas antes disso, quero expor-te o caso delas neste hospital, com tua licença e pedindo-lhe toda atenção.

O Dr. Teodomiro quis falar, mas a educação não o permitiu. O Dr. Bastos meditou um pouco e disse, com as faculdades quase todas de posse de Monsenhor Cardume:

— Dr. Teodomiro Travassos: fiz com o digno amigo um trato, que não estou disposto a cumprir. Não porque desapareceu em mim a honra da palavra. Ao contrário; essa palavra, de agora em diante, vai ser mais honrada, frente a Deus e à consciência; o que não quero fazer e nem alimentar, é um erro de difícil reparo, baseado no transitório ouro do mundo. Se estiveres capacitado a me entender, verás que sou pessoa merecedora de teus respeitos, valorizando tua família, em profunda defesa dos teus entes queridos. Ainda mais que o Dr. poderá, dentro de alguns instantes, falar com as tuas filhas e elas dirão por nós do modo pelo qual vêm sendo tratadas como pacientes deste hospital. Fiz na verdade, como já relatei, um nefando trato contigo de... e usei todos os recursos que conhecia como médico. O meu colega, Dr. Miguel, é testemunha do que falo e poderemos chamá-lo, se necessário, para a devida confirmação. Nada, mas nada, fez o efeito desejado, no sentido de expulsar os fetos das suas moradas; por último, apliquei um método antigo de injetar gotas de arsênico, por via direta, nas vidas em formação, com toda a precaução em defesa das mães, que antes tomavam o antiveneno, ficando seu sangue já preparado para a defesa contra o drástico medicamento. Até isso foi inútil. Os organismos reagiram, eliminando todo o veneno, como por encanto. Até hoje estamos confusos com esses acontecimentos, parece que é Deus interferindo, não aprovando esse gesto de duplo assassinio em nome da Ciência. Quero pedir-te desculpas por falar muito. Contudo, precisas de uma explicação que possa merecer teu apoio. Depois disso, Dr. ...

E contou a ele os dois sonhos das esposas dos médicos e a respectiva interpretação, rogando ao Dr. Travassos que meditasse no caso e falasse com o pensamento em Deus, dando sua opinião sensata.

O Dr. Travassos, sentado, ereto, parecia tranquilo. Tinha autodomínio nos casos difíceis, controlando seus extravagantes impulsos.

— Dr. Bastos, posso falar-te merecendo a tua atenção silenciosa? —  
Perfeitamente — retrucou o médico.

— Quero que o Dr. Bastos saiba, acima de tudo, que não pertenço à classe de homens que desfazem contratos. Não sou, nem pretendo ser, daqueles indivíduos do vaivém comercial, que por causa de banalidades se desfazem da palavra. Não! Acho que a palavra é uma coisa sagrada que deve ser usada com o timbre da honra como garantia. A palavra deve ser o próprio homem presente onde estiver o seu contrato. Portanto, não creio que o Dr. Bastos, como digno diretor desta respeitosa casa e como profissional renomado neste país, deva ser instrumento de desonra de toda uma família ilustre, e de si mesmo. E pode alimentar esta certeza: está, com essa atitude, colocando em jogo sua reputação, no alto escalão social que frequenta! Quanto a medicamentos aplicados, sem resultado, o Dr. Bastos mesmo é sabedor de que isso pode acontecer. Há reações diferentes de pessoas para pessoas. Igualmente, pode acontecer de as drogas, com o tempo, perderem seu efeito. Por vias naturais, vão se desfazendo, com grande perda dos seus valores. E deve ser isso o que aconteceu. Além do mais, qual o dever de um bom médico quando falha uma tentativa? Qual o dever quando falha a segunda, a terceira e a quarta? É continuar sempre... meu amigo. Está te faltando experiência ou estímulo para a vida profissional. Tu ao que parece, não vais conseguir tratar de um enfermo enganado pela Ciência. Com certeza, o mandarás embora, para morrer em sua casa, sem nenhuma esperança de vida. Tua missão não é essa, Dr. É de ir até ao fim, em qualquer caso que porventura venhas às tuas mãos. Não creio ser preciso ensinar-te essas coisas. Com relação a sonhos, admiro muito teu interesse por esses devaneios das almas femininas, que nunca estão em perfeito equilíbrio mental, quase sempre acompanhadas por velhas neuroses produzidas pelas labutas do lar, filhos e interesses não realizados. Os sonhos são produtos de cabeças doentes; o cérebro, o Dr. bem sabe, grava tudo o que pensamos e falamos com mais interesse e a

hora mais fácil de expandir suas gravuras é na hora do repouso físico, dando vida às imagens para o seu próprio criador. Tenho ouvido Inúmeros desses, de minha mulher. Na hora, respeito, mas nunca dou crédito, por serem ilusões! Coincidências existem demais, meu caro, por toda parte, e a maior atenção que devemos ter é aquela que se refere ao nosso bem-estar, quando está em jogo a nossa vida. Caso o Dr. Bastos não esteja disposto a cumprir o prometido, estarei pronto para uma solução ofensiva, que não é do meu feitio. Mas os acontecimentos me obrigam a assim proceder; tirarei minhas filhas desta Casa de Saúde, levando-as para outra, que tenha maior interesse com casos de alto valor moral. Bem sabes, sem que eu mencione, que as famílias interessadas não são procedentes e nem pertencem atualmente à escória de Portugal. Portanto, exijo o cumprimento do combinado, que é o teu dever.

O trio vingativo, na parte espiritual, não perdia uma só frase e gesto dos dois homens; os três obsessores, torcendo para a vitória do Dr. Bastos, de vez em quando soltavam um palavrão de ódio ao Dr. Teodomiro, com tanta raiva, que tomava forma viva no espaço, volatizava-se na sala animando outros do mesmo valor e franjeava a aura do Dr. Travassos. Sem a consciência dos três, o Monsenhor Cardume retirava essa massa fétida e corrompida, através de passes magnéticos transversais, desintegrando-a e dando-lhe destino desconhecido.

O Dr. Teodomiro silencia um pouco, vai à janela e respira o ar mais puro, dando ao mesmo um valor que nunca sentira antes. As mãos espirituais começaram a mostrar ao Senhor de Engenho que também os pulmões têm fome, mas de elementos mais puros; quanto mais se aproxima da pureza, mais difícil a constatação pelos sentidos físicos. A sensação do estômago é de ordem grosseira comparada com os dois foles humanos. É a terceira fome? A espiritual?

Gradativamente, o Senhor de Engenho ia compreendendo o valor da vida, porque vivemos e qual o tesouro que mais vale no mundo. Volta da janela para sua confortável cadeira, sentindo necessidade de meditação, para continuar o debate que a honra requeria.

Nesse lapso, o Mons. Cardume se aproxima do Dr. Bastos e este se levanta e pede ao Dr. Travassos licença para dar melhores esclarecimentos,

já que parecia não ter sido suficientemente claro para se fazer entender. Com os olhos ainda fechados, o pai das moças aquiesceu.

O Dr. Bastos tomou uma feição diferente e falou com segurança:

— Dr. Teodomiro Travassos, que Deus nos ilumine nesta hora em que eu tento, por todos os meios que a palavra me confere, explicar a teu coração outro lado da filosofia que o mundo profano desconhece e cujo ideal o senhor, protótipo da honradez nas raias de César, ainda não atingiu. O Doutor está certíssimo no tocante às coisas materiais, ao cumprimento dos deveres quando assumimos compromissos. Mas por favor... meu amigo... entende-me... Os compromissos do mundo frente aos deveres espirituais desvanecem-se, perdem totalmente sua existência; é isso que tento explicar-te e quero que entendas! Nós combinamos uma coisa, mas forças maiores do que a nossa não desejam que seja feita a nossa vontade. Somos ainda crianças para entender isso. Só com o tempo poderemos aceitar uma vontade maior e que a tudo preside. Não estou tirando tua razão em exigir o cumprimento dos compromissos assumidos por esta casa, não! Quero e peço-te, em nome do amor que dedicas às tuas filhas que compreendas, que coloques tuas meninas nos lugares dessas crianças que queres ver destruídas. Analisa o que sentes, ao vê-las hoje crescidas, alentando teu coração de pai, aromatizando as saudades que alimentas nas suas ausências. Pensa na felicidade do teu reencontro com elas. Medita sobre a candidez e o carinho delas para com o senhor e os demais. Que seria da vida da tua esposa enferma, se soubesse da morte de suas filhas, por ignorância nossa, nesta Casa de Saúde, onde ao invés de sustentar a vida resolvemos matar? Dr. Travassos, não abafes a voz do coração por orgulho de uma casta, que só existe nos cérebros doentios. Acompanhemos um pouco a Natureza e ela nos ofertará valiosas lições. Não sei se o Doutor reconhece que a Medicina faz muito pouco na cura dos enfermos. Aplicamos os medicamentos, mas o resultado não depende de nós, pois interferem fatores que desconhecemos e que longe estamos de começar a perceber. Asseguro-te Isso porque tenho muitos e muitos anos de profissão e se tivesse curiosidade, desde o princípio da minha carreira, poderia escrever livros e mais livros, meu amigo, focalizando esse assunto. Nós humanos temos um grave defeito: aquilo que não nos interessa, mesmo que seja de grande valor, relegamos ao esquecimento, por orgulho ou por

desleixo. O Dr. Teodomiro Travassos, homem digno de respeito, caráter ilibado, teria a coragem de me dizer, com a consciência tranquila, que nunca deparou com casos fora do comum dos humanos, no decorrer dos passos da sua vida? Já, eu sei, mas é o que acabei de falar: não havia interesse da sua honrosa pessoa em examinar detidamente, com profundidade. Negar tudo o que desconhecemos é muito mais cômodo e é o que fazemos sempre, alegando falta de tempo. A desculpa é a essência da hipocrisia, o caminho da irresponsabilidade, que busca encobrir a ignorância e o medo de conhecermos o desconhecido. Isso já aconteceu comigo por muito tempo, mas, de agora em diante, não mais ocorrerá, porque sou um homem de Ciência, livre de preconceitos e livre para agir. Não sou mais escravo do dinheiro e sim escravo da consciência, que me impulsiona para o cumprimento do dever, por dever se entende o que visa o bem comum, e que não prejudica a ninguém. Fora disso, distrato tudo que tratei, gananciosamente, visando apenas meu bem estar e prejudicando a outros. Não me importa posição social, quando ela me propõe coisas desonestas; não me interessa, de agora em diante, por fortunas, quando essas venham por vias ilícitas. Só quero uma coisa, meu amigo; ajuntar um tesouro que nunca será destruído com o balanço dos câmbios, com os incêndios e com a morte. É a riqueza da serenidade imperturbável, de que é portador o homem de qualquer seita ou profissão, de qualquer país ou raça, que tenha a consciência em plena felicidade...

O Dr. Bastos silenciou um pouco, sentindo um prazer imenso por ter falado daquela forma. Não sabia que estava servindo de instrumento para o Guia espiritual do hospital, mas desconfiava de que estava sendo inspirado, como um Sacerdote em um templo religioso; falara muitas coisas que desconhecia e a facilidade de argumentação é o que mais lhe impressionara. Era o maior fenômeno comprovador, para ele, da existência de Deus. Será que ia continuar a ter aquela mesma inspiração? Ou era só naquele dia? Uma coisa diz ao seu coração que não seria um sentimento passageiro. O homem renovado para Deus está sempre inspirado por Jesus... Parecia-lhe ter ouvido aquelas palavras antes não sabia onde...

O Dr. Travassos parecia confuso, porque no momento em que ia formular determinadas perguntas, ou quando sentia vontade de refutar a explanação do Dr. Bastos, ele já respondia antecipadamente, com uma

lógica imperturbável. É o fim do mundo, pensava ele, nunca fiquei assim.

Os dois homens, frente a frente, pareciam mudos. Os espectadores inimigos gozavam com a derrota quase consumada do orgulhoso Senhor de Engenho. Nisso, passa próximo à sala uma enfermeira, e o espírito de Cláudio faz com que a moça escute uma parte da conversa dos dois homens. Afastando-se rapidamente, por força do bom senso, não sem ouvir o nome do Dr. Teodomiro Travassos, pronunciado pelo diretor da casa. Vai ao apartamento da duas internas. Envolvida pelo espírito de Cláudio, e afobada, anuncia a elas que, passando pelo corredor, ouvira falar o nome do Dr. Travassos, que se encontrava conversando com alguém na sala do diretor.

A boa notícia foi uma bomba para as moças. As saudades do querido papai eram enormes, atingiam o insuportável. Gostavam da mamãe, mas o pai era a figura mais expressiva no mundo dos seus corações. E a notícia da chegada dele constituía um remédio único na cura da enfermidade que se chama saudade. Enquanto o Dr. Teodomiro recompunha suas ideias e o Dr. Bastos preparava novos argumentos, as moças avançam para dentro da sala, sem serem convidadas para isso, com as mesmas roupas íntimas com que se encontravam em seu quarto.

Os corpos das jovens tinham se avolumado demais, também em virtude do excelente tratamento que lhes fora ministrado na Casa de Saúde, onde recebiam especial atenção dos médicos e das enfermeiras. Não foram as saudades e a falta da vida social que levavam anteriormente, a Casa de Saúde seria, no dizer delas, uma outra Quinta dos Nogueiras.

Ao empurrarem a porta, veem a figura helênica do pai e entram gritando:

— Papai ! papai!... papai!...

Esse, contemplando aquele quadro difícil de ser aceito por um cavalheiro de sua linhagem, fica como que em êxtase. As filhas, na plenitude da alegria, abraçam-no com efusão. Uma não podia esperar a vez da outra e os sentimentos não tinham força para dividir as manifestações de carinho das duas futuras mães. Tanto sorriam quanto choravam, ao mesmo tempo, e o Dr. Teodomiro tomava a chuva mais pura do mundo, a

de lágrimas; na temperatura mais amena da vida, a da saudade...

A palavra, antes fácil de aflorar aos lábios rosados do milionário brasileiro, desaparece. Ele ficou qual escravo ignorante, sem encontrar uma palavra só que interpretasse os seus sentimentos daquele momento; ficou mais confuso, parecendo que as rochas duras do seu coração estavam sendo desmoronadas pelas explosões do amor, com a vida, mostrando que não há ninguém ruim eternamente; somente o bem é eterno.

Todos partimos de um só ponto, todos cursamos a mesma escola e todos encontramos a mesma felicidade. Há um só Deus, uma só matéria e uma só vida em profusão. As divisões que se apresentam em todas as coisas devem-se aos degraus evolutivos que temos de percorrer.

O Dr. Bastos tivera a intuição de preparar um documento satisfazendo a vontade do Dr. Travassos, dentro do cumprimento do combinado, e o conservava no bolso. Quando as filhas ingressaram na sala, o médico pensou; — Eis a hora certa de propor ao Dr. Teodomiro que ele assine este papel, diante das filhas e na presença do coração e da consciência. Recusando, o que acho quase certo, ele cairá com todos os seus argumentos. Dar-se-á por vencido e mudará, com relação ao crime que deseja praticar.

Aproveitando-se daquele momento de indescritível emoção, o Dr. Bastos arranca do bolso um papel, levando-o aos olhos em lágrimas do Dr. Teodomiro, e falando com energia, chegando a assustar as moças que, ao lado do pai, ficam em estado de interrogação. O Dr. Teodomiro, como envolvido pelo destino, lê rapidamente o documento: Lisboa, ano da graça de...

Este contrato, abaixo assinado por mim, Dr. Bastos P. da Silva e pelo Dr. Teodomiro Travassos, morador na Quinta dos Nogueiras, temporariamente, mas residente no Brasil, como Senhor de Engenho, dono legalmente da Fazenda “Riachuelo” de família tradicional, que parte de ramos de duas raças, Brasil e Portugal, homem reconhecidamente honrado e muito querido nas duas Pátrias, tem por finalidade:

Propôs-me o referido Senhor de Engenho que eu, como diretor deste hospital, extraía, a ferro ou por medicamentos, os dois filhos das suas duas

filhas legítimas, gerados há cerca de oito meses, sendo que em caso de morte das mães, será por sua inteira responsabilidade, ficando os dois médicos desta casa, Drs. Bastos P. da Silva e Miguel da Silveira Conrado, e esta instituição, Inteiramente livres de conivência com este desumano procedimento.

Que Deus inspire os assinantes.

Este documento está em duas vias e será registrado em cartório para o real valor, sendo uma das vias destinada ao arquivo desta Casa e a outra entregue ao interessado.

Quando o Dr. Teodomiro lia o contrato estendido à sua frente pelo Dr. Bastos, o Guia espiritual da Casa de Saúde, ao lado do médico, concentrou-se em sentida prece a Deus e Jesus, apresentando aos céus aquela nova ovelha, a retornar ao rebanho do Senhor.

Nisso parte, do tórax do benfeitor da Casa, uma luz azulínea com estrias de dourado brilhante a penetrar no plexo do Senhor de Engenho, banhando por completo todo o músculo sagrado que simboliza em toda parte, o amor. A luz era portadora de uma voz que ecoava em todo o mundo encefálico do Senhor de Engenho, como se fosse também uma plasmografia, escrita pelo seu próprio pensamento, no livro da sua consciência, de forma tão clara que poderia ser lida quantas vezes quisesse, nestes termos:

— Rasga Teodomiro, este documento, não assine. A tua assinatura, dada em segundos neste papel, meu filho, se houver arrependimento, somente a borracha de centenas de anos limpará.

E aquela voz ficou se reproduzindo em sua cabeça, sem que ele pudesse impedir.

Lido o papel, foi tomado de um ímpeto de revolta, de ódio de si mesmo e de ânsia por se livrar da consciência. Olha para o Dr. Bastos como um animal acuado, sem forças para ofendê-lo, abatido perante seu tesouro maior que eram as duas filhas queridas!

O mentor da Casa de Saúde, Monsenhor Cardume, transbordante de

alegria, aproxima-se do Dr. Bastos, domina suas cordas vocais e, parcialmente, seu cérebro. Enfrenta a fera na jaula da consciência, dizendo assim:

— Dr. Teodomiro Travassos, pensa um pouco em Deus. Analisa que existe uma lei invisível, orientando as leis da Terra; nunca faremos somente o que desejamos, a não ser que esteja certo. Se estás pensando no Sacerdote da família, continue, porque às vezes, por intermédio dele, poderás encontrar Deus. Com ele ficará mais fácil Introduzirmos a ideia do Criador em teu coração. Não interrompas as lágrimas, comandando teus impulsos pela poderosa vontade; as lágrimas represadas no coração é que empanam tua visão, tornando-te cego. Não percas essa oportunidade de compreender o valor dos fatos, de sentir a vontade de Deus através das coisas. Pelo amor que tens às tuas filhas, não pratiques essa tortura em seus corações. Não se salva honra matando, depreciando o caráter em formação, de duas jovens mulheres. Teu dever de pai honesto e honrado não é o de exigir que outros sejam fieis e cumpridores de palavras compradas com o peso do teu ouro, mas deve ser, acima de tudo, uma honra vivida por ti, perante tua consciência, com bases no Evangelho. Lê esse livro, medita e pergunta a ti mesmo se Jesus, que bem conheces, faria isso que estavas engendrando, à custa de vidas. O céu, meu caro senhor, não se compra; é conquistado por obras do bem, que nunca morrem, e não por falsas virtudes. Não adianta satisfazeres tua vaidade orgulhosa, colocando tuas filhas como donzelas virginais diante dos homens, sendo que, na realidade, pode-se dizer que já são mães. E existe missão mais sagrada? Se o Destino colocou em teu caminho essa pedra de tropeço, remova-a com amor, e não com violência e ignorância. Que seja feita a vontade de Deus e não a nossa, assim na Terra como no Céu. Senhor de Engenho Dr. Teodomiro Travassos, não temo a tua presença como quer que seja; respeito-a, como a de qualquer cidadão, na posição que ocupa no mundo. Mas se fazes muito empenho pela integridade da tua honra e da tua ilustríssima família, não desonres a ninguém; se lutas com todas as forças para conservar tua vida e a dos teus parentes, não mates quem quer que seja; se o amigo exige dos outros fidelidade de palavras, sê correto com as tuas. Se o Dr. Travassos ama a verdade, por que procurou esta casa às escuras, querendo comprar consciências que não lhe compete perturbar? O sério, o honrado e a verdade é que assines este papel às claras e responda pelos teus atos, sem

sacrificar uma instituição, duas famílias e duas almas, que por bênção de Deus vêm ao mundo. Fazer esse estrago todo somente para alimentar tua vaidade? Rasga, Dr. Teodomiro, esse documento tem um novo destino, com uma nova vida, com Jesus Cristo.

O Dr. Teodomiro, ouvindo a alocução do Dr. Bastos, notou pela primeira vez em sua vida um fenômeno: havia hora em que ele falava como se fosse outro! E aquelas Ideias não eram do Dr. Bastos! E aquele domínio, exercido na sua vontade? Nunca vira coisa igual!

Dá-lhe uma convulsão nervosa e, à vista de todos, inclusive do trio inimigo, rasga o documento, para gáudio dos obsessores que pareciam torcedores fanáticos de futebol dos dias que correm, pulando no meio da sala, dando o hurra da vitória.

O Guia espiritual, Monsenhor Cardume, afasta-se mansamente do Dr. Bastos e esse, mais do que qualquer outro, certifica-se de uma intervenção na sua conversa com o Senhor de Engenho. Notando um papel rasgado no chão, reconhece ser o documento por ele forjado, mas não se lembrava de tê-lo mostrado e entregue ao Dr. Teodomiro. Sabia mais ou menos o que tinha falado; aquilo poderia ser como a inspiração dos tribunos, a dos escritores e a dos poetas. Falou consigo mesmo : “Quando se trata de coisas certas, devem proceder de Deus”.

O Dr. Teodomiro se acomodou direito na poltrona, junto às suas filhas, recompôs-se, controlou as emoções, mas como na raça lusa a emotividade aflora nas horas que pertencem ao coração, não teve argumentos para refutar os do Dr. Bastos. Pede, gentilmente, para ficar a sós com as filhas. O médico sai da sala, parecendo cansado, cabelos em desalinho, mas sua consciência cantava de alegria, por cumprir um dever difícil de ser realizado: o de fazer compreender a uma pedra que ela é uma pedra mesmo.

O Dr. Teodomiro, viu as duas filhas trêmulas, por não compreenderem o que acontecera, sem saber o porquê daquilo tudo com seu pai. E logo com o Dr. Bastos, tão amigo, tão bom!

O milionário desanuviou a mente, colocou as jovens à vontade, começando por dar notícias da mãe, dos parentes, enfim do que se passava

na Quinta dos Nogueiras. Trouxera uma carta do filho, provinda do Brasil, onde os nomes das meninas eram mencionados, dando a entender que todos tinham saudades delas na Fazenda “Riachuelo”. O Padre Terêncio enviava bênçãos, desejando mil felicidades. Aquele assunto consolou as jovens, pois a juventude é sempre mais fácil de ser distraída das agruras do mundo e da espada irreversível do carma.

Na demorada conversa, as moças não perdem a oportunidade de revelar ao pai as qualidades do Dr. Bastos, asseverando que, se não fora ele, elas não suportariam as saudades da família. Haviam conhecido um novo pai, seriam eternamente gratas pelo carinho daquele homem. Como Deus era bom, em todo lugar, principalmente naquele, onde colocara um anjo para que a vida fosse mais alegre, mesmo na dor.

Naquele entusiasmo do reencontro, uma delas pede ao pai :

— Papai, eu queria uma coisa do senhor!

— Fala, minha filha, — redarguiu o Senhor de Engenho — e cumprirei o teu desejo. Porventura deixei de cumprir algum?

E deu aquele bom sorriso... A menina encarou em seus olhos e pediu com meiguice:

— Papai, meu maior prazer é que o senhor escolhesse como seu maior amigo o Dr. Bastos. Tirando o senhor, para mim não existe outro homem melhor no mundo!

E a outra moça balança a cabeça, em sinal de aprovação. O homem abaixa o olhar, por força do orgulho, mas o coração aprova a ideia das filhas, com o sinal das lágrimas que afluem com abundância nos seus grandes olhos. As meninas, notando o amor de seu pai por elas, lhe enxugam o rosto com o lenço dos beijos, e o velho, com grande esforço, consegue articular essas palavras:

— Sim, filhas, farei o possível para que isso aconteça.

Na sua cabeça, surge uma frase, de procedência desconhecida, dizendo : “Teodomiro, Teodomiro” Sé o bem é eterno! ”

## CAPÍTULO VIII

### PONTO FINAL EM UMA EXISTÊNCIA

O Dr. Teodomiro Travassos e as duas filhas mataram as saudades. Naquele encontro, falaram acerca de tudo que lhes interessava, com todos os pormenores, revivendo, em poucas horas, o ocorrido em muitos meses.

Belinda, a mais moça, sentara-se para descansar um pouco, enquanto sua irmã conversava com o pai, animadamente. Fechando os olhos, a moça deixa seus pensamentos mais secretos divagarem: “Que beleza o dom de pensar; podemos, mesmo pelo pensamento, sentir a felicidade, vivê-la, aproveitar seus melhores frutos, que são a alegria e a paz. Como pode Deus criar o ser humano tão perfeito, tão bem dotado! Pensar a viver, viver a pensar. E a esperança? Força poderosa que produz um clima de bem estar indizível, parece até que cura os enfermos! Quanta coisa ainda existe, no campo da filosofia, que a gente desconhece! Ah... lembrei-me de outro encantador estado da alma: é a saudade! Antes de vir para esta casa, não dava valor a essas coisas, mas agora que estou sentindo isso, vivendo essas reações, sei valorizá-las, quero pensar, pensar, pensar! Como será a saudade? É muito difícil explicar mas vou tentar... Acomodou-se direito na cadeira de vime, relaxou o corpo, imaginou que estava bem longe dos seus queridos e que não recebia notícias há muito tempo, e o coração deu o sinal da saudade. Ah! Já sei! A saudade é quando lembramos da pessoa querida e o pensamento vai lá e visita essa pessoa, trazendo para nós aquilo de bom que sentimos quando estamos juntos! É isso mesmo, encontrei a fórmula de explicar o que é a saudade! Que beleza, que maravilha!”

Nessa divagação, foi balançada pela mão carinhosa do seu papai, que pensou ter a filha adormecido. Essa, acordando, ou abrindo os olhos, sorrindo, comenta com ele o que estivera a divagar:

— Saibam todos que encontrei o modo pelo qual se explica a saudade, coisa que nunca vi escrita nem tampouco falada, eis a receita:

E contou o que tinha pensado acerca da saudade. Todos riram juntos, admirados da filosofia tão bem inspirada.

O Dr. Travassos, quando se lembrava que os seus netos iam nascer, e sem meios de impedir, deixava transparecer, em seu rosto alegre, algumas sombras de tristeza mesclada com orgulho. Achava uma desonra ter em casa dois netos, sem que as filhas tivessem se casado. Sem, portanto, possuir genros para garantia da moral. Seria o fim da sua intrepidez de caráter! Começava novamente a revolta contra os futuros bebês; ficar livre deles era o melhor caminho, mas como fazer? O que escutara do Dr. Bastos o impressionar sobremaneira. Além de tudo, pela narrativa das meninas, o Dr. Bastos havia se colocado no lugar do próprio pai, a quem substituíra, carinhoso, junto as filhas, sem deixar faltar nada, até mesmo afeição. Era preciso, por honra, respeitar aquele homem. Como já havia, mesmo premido pelas circunstâncias, rasgado o contrato que lhe fora apresentado pelo diretor do hospital. Ele, Dr. Teodomiro, por honra de seu nome e de sua linhagem, iria garantir o seu gesto, que valia mais do que palavras.

Conversou com as filhas e depois se despediram, deixando-lhes a promessa de buscá-las, tão logo tivessem alta. Márcia e Belinda encaminharam-se para o apartamento e, mesmo de longe, acenavam com as mãos em breves despedidas ao velho, postado à porta da sala de visitas.

O Senhor de Engenho dá algumas passadas pelo amplo salão, recompondo os pensamentos, quando a porta range, dando sinal da entrada do Dr. Bastos. O médico pede licença, entrando no acolhedor salão.

O pai das moças estava amargurado, seu coração palpitava ardentemente, por ter visto as filhas com aquele mesmo vigor de antes, lhe matando as saudades. Entretanto, o íntimo se lhe desequilibrava. Não suportava a ideia de ser avô daquela forma; sua alegria total seria ver os pirralhos morrerem antes de nascer.

O Dr. Bastos deu tempo ao tempo, e depois falou com brandura, como se fora um mestre da psicologia:

— Caro amigo; estou aqui não mais para discutir com o digno companheiro sobre o assunto de Belinda e Márcia, nem para torturar teu coração de pai, ou para acalentar tuas Ideias, sejam elas quais forem. Não Dr., aqui estou para cumprir um dever, que leva o homem até ao sacrifício, como diretor desta casa. Se casas como esta, espalhadas em toda a Nação, cedessem às vontades impensadas, como aconteceu com a tua proposta, o que seriam delas? Seriam, nem mais nem menos que ambientes de sedução pelo ouro.

O Dr. Teodomiro, deparando-se a sós com o Dr. Bastos na sala de recepção do hospital, rememorava todo o ocorrido momentos antes e, como homem inteligente e nobre, não encontrava outra saída, mesmo contrariado por ter de aceitar a situação, concordando com os argumentos do Dr. Bastos no sentido de salvaguardar as vidas em perigo, tanto dos futuros bebês, quanto de suas mães. Pois, se por acaso praticassem a cirurgia, com o fim nefando de matar os fetos, poderia acontecer de as parturientes sucumbirem com seus filhos e ele não teria meios de esquecer tais fatos, nunca mais. A primeira vez na vida que sentiu medo foi na hora em que leu o documento apresentado pelo Dr. Bastos, nas presenças de Márcia e Belinda; sentiu como que uma corrente de forças desconhecidas invadir todo seu ser, e teve vergonha de si mesmo. Envolvido por uma fúria pouco comum, rasgara o documento, em sinal de repúdio àquele plano traçado por ele mesmo. Teria ele, Teodomiro, duas personalidades? Como havia mudado assim de opinião tão ligeiramente? Sentia saudades incontidas do Reverendo Terêncio, lamentava sua falta, gostaria que o Padre ali estivesse para lhe dar uma explicação satisfatória sobre o acontecido com ele. Poderia escrever para o velho Sacerdote, mas o tempo era curto e a resposta demoraria a chegar a Portugal. Pensou em procurar outro Padre, mas lembrou-se das advertências do velho Vigário da Fazenda "Riachuelo", que sempre lhe dizia:

— Olha minha gente, estando fora daqui e necessitando de meus conselhos, não se precipitem procurando outros Sacerdotes, porque por aí há muito lobo vestido de pastor! Não confiem tanto... Quando vocês partem, levam nos corações as minhas bênçãos. Tenham fé, meus filhos, pois daqui mesmo estarei pedindo, sempre, ao Senhor Deus, por todos os que pertencem a esta casa.

E Teodomiro pensava e pensava... Será que eu não encontraria um Vigário como o Padre Terêncio em Portugal? Poderia ser mesmo difícil, o melhor era confiar nos conselhos do Sacerdote e confiar nas suas bênçãos. Procurar resolver os problemas surgidos em seu caminho, sem ajuda de mais ninguém! Mas aquele era por demais intrincado para sua capacidade espiritual!

Resolve então, depois de muito pensar, seguir o conselho do Guia religioso da Fazenda "Riachuelo" "Vou manobrar com aquilo que achar melhor, o resto é como sempre fala o homem de Deus: fica por conta do Pai Celestial, que tudo fez sem pedir opinião aos homens".

O Dr. Teodomiro achava-se em estado de isolamento pela concentração da vontade em um só ponto, sensação que nos permite sentirmo-nos perfeitamente a sós, mesmo em companhia de outras pessoas. Saindo desse estado, volta-se e pede desculpas ao Dr. Bastos, que esperava, tranquilamente.

O Sr. de Engenho sentia-se diferente, parecendo-lhe que o encontro com as filhas tivera o condão de despertar em seu coração uma nova fonte de sentimentos, o que o fazia ver as coisas sob outro prisma, no tocante à sua velha estrutura tradicional de honradez, de dinheiro e de posição.

Mas não é e não pode ser de um salto que o espírito pode modificar todos os seus pontos de vista sobre a lei de Deus e Sua justiça; é com tempo e espaço que a renovação do homem vai tomando maior curso, atingindo as fibras mais íntimas da alma. Assim estava acontecendo com o milionário do Brasil, que estava meio encabulado ao explicar-se para o médico:

— Dr. Bastos, não é do meu feitio mudar de atitudes. Adotei esse sistema desde quando me entendi por gente; talvez seja uma herança da aristocrática linhagem tradicional da família Travassos. Mas neste caso, como és tu que propões, consideremos desfeito aquilo que combinamos. Se for covardia, se for fraqueza, que tudo isso pese sobre teus ombros e que a consciência deste que te fala continue impoluta, pois não partiram de mim tais ideias. As circunstâncias que envolvem o problema de minhas filhas fazem com que eu, mesmo constrangido, aceite teus argumentos, sem, contudo, profanar a minha integridade moral.

Mudando um pouco o tom de voz, continuou:

— Agradeço teu bom trabalho junto às meninas; as referências dadas por elas a teu respeito são das melhores que já ouvi. Não nego ao Doutor a minha alta gratidão, confiando em que continue a servi-las fora da minha presença, como se fosse eu mesmo, magnânimo e bom. Rasguei o documento, destruindo todo o plano que traçamos antes, mas tomara que as consequências não sejam desagradáveis, com o nascimento desses dois pirralhos. Caso eles passem a servir de escândalo e desmoronamento das famílias Nogueira e Travassos, não sei e não posso aquilatar agora o que poderá acontecer! Já que o plano foi mudado, o Dr. Bastos tem a obrigação moral de aceitar outras propostas minhas a fim de contornar o caso em andamento. Preciso que acolhas essas crianças, ao nascerem, aqui no hospital ou onde achares conveniente. Quanto às despesas, não tenho necessidade de saber o preço. Outra coisa: a minha esposa, como o Doutor sabe, está enferma na Casa de Saúde Santo Antônio de Pádua e não pode ter conhecimento de que essas crianças vivem. Assim que as minhas filhas estiverem em condições, o senhor deve mandar me avisar, para que eu as leve para a Quinta dos Nogueiras. Creio que estamos entendidos e desejovos, para ti e teus familiares, para esta instituição e seus componentes, a pura felicidade.

Quando ia estendendo a mão em despedida, o Dr. Bastos, que estava só ouvindo, pediu licença ao Dr. Teodomiro para lhe falar algumas palavras em agradecimento ao seu gesto, por ter mudado de atitude no caso em discussão apesar de conservar uma expressão de grosseria e dureza orgulhosas.

— Caro Dr., se a felicidade que desejas existir, já sou possuidor dela só ao ouvir tuas palavras cedendo, não à minha vontade, mas à vontade de Deus. Não tenho pretensão de preparar vontades na força da vaidade, para ser aceita pelos outros! Não, nunca o tive! Acabas de concordar é com a vontade exclusiva de Deus, que tudo criou e a tudo impõe Sua lei. Eu é que fico eternamente grato pela honra que me concedes, de conservar vivas essas crianças, cujos Destinos foram planejados pelos céus para renascerem na Terra em meio a um turbilhão de contradições. Fica sabendo, senhor, que prezo muito tuas filhas, amo-as com aquela pureza de sentimentos, tanto como os meus. Quanto aos teus futuros netos, não haverá nenhum

problema, não os deixarei órfãos nesta casa nem em orfanatos: levarei as crianças para minha própria casa e as tomarei como sendo meus próprios filhos. Sei que minha esposa não se oporá, conheço bem os dotes do seu coração. Além de tudo que falamos, quero dizer-te uma coisa de meu grande interesse: é que o dinheiro dado por ti, como sinal daquele trato desfeito, já se encontra em tua conta bancária. Eis aqui o recibo! Com isso, acabo de limpar o resto de trevas que ainda existia em minha consciência; quanto às despesas das moças na Casa de Saúde, só receberemos quando elas estiverem na mansão dos Nogueiras, sãs e salvas.

O Dr. Teodomiro, que escutava impaciente, pensou em falar, mas sentiu a voz embargada. Levantou-se e despediu-se, estampando no rosto uma profunda melancolia.

Daí a pouco tempo nascem na Casa de Saúde São José duas lindas crianças: uma menina e um menino. A alegria foi geral, as filhas do Dr. Teodomiro Travassos ficaram encantadas com os filhos. A Espanha entrelaçou-se com Portugal em dois seres humanos, para servirem ao Brasil.

O Dr. Bastos narrara para as moças o que havia combinado com o Dr. Teodomiro, mas elas não concordaram em ficar definitivamente separadas de seus filhos. Tinham no Dr. Bastos um segundo pai, mas apesar de seus argumentos, Márcia lhe dizia: — Dr., as crianças são pedaços da gente, o coração não concorda com isso.

O diretor da Casa de Saúde silenciava, porque era pai e conhecia de perto o amor e seus irresistíveis laços.

Na época aprazada, avisa a Quinta dos Nogueiras da alta dada às duas jovens senhoras e em seguida uma luxuosa carruagem as leva para a mansão residencial, ficando o casal de pérolas, as duas flores unidas, aos cuidados do Dr. Bastos.

As mães saíram chorando como ordena a sensibilidade feminina, infelizes por não poderem sair com seus dois filhos nos braços. Queriam ser mães perante as outras mães. Houve momentos em que pensaram em preferir a pobreza extrema, pedir esmolas de porta em porta, implorar a miserável côdea de pão que sobrasse da mesa dos ricos, mas que não

tivessem a barreira da aristocracia, da vaidade humana que impede e separa a verdadeira felicidade. Dentro dos molambos rotos da pobreza, sentiriam a alegria dos anjos, andando para onde entendessem, com seus filhos aconchegados ao peito.

Mas o Destino não quis, e a obediência ainda é a melhor solução. O Dr. Teodomiro recebeu as filhas com alegria mesclada em tristeza. Não perguntou pelos netos nem desejou conhecê-los. Imediatamente mandou pagar toda a conta da Casa de Saúde, juntando uma carta de agradecimento pelos serviços prestados, colocando-se à disposição em caso de necessidade de seus préstimos.

Dona Maria José, esposa do Dr. Teodomiro, piorara, apesar de terem sido usados todos os recursos terapêuticos existentes na época. A enfermidade tomava novas dimensões e ela, em delírio, chamava sempre pelas filhas, gritando, quase inconsciente:

— Belinda! Belindai... Márcia! Márcia... porque não respondeis?...

E sempre que melhorava tornava a perguntar por elas. Os médicos da Casa de Saúde Santo Antônio de Pádua já davam muito pouco pela vida de Dona Maria José, tanto que aconselharam ao Dr. Teodomiro trazer as moças com urgência, para visitar a mãe inconsolada por falta das filhas.

Quando as saudadas pareciam torturá-la ainda mais, um certo dia, entra na Casa de Saúde o Dr. Teodomiro Travassos, acompanhado de duas lindas jovens, causando certo reboliço no hospital, pela beleza e graça das lindas mulheres. A velha, quando avista as filhas, empalidece, perde a voz, quase se sufoca de emoção. Eram suas filhas! Eram elas com a mesma juventude, com a mesma beleza, com a mesma candura! Que felicidade!

Só Teodomiro ela achara abatido e triste. Mas o encontro de mãe e filhas tranquilizava tudo pelo amor; o maior sofrimento daquela mulher era a preocupação com as filhas e já que elas estavam ali, aquele lugar, mesmo sendo um hospital, era o céu... Suas energias se renovaram como por encanto, passando a conversar animadamente, repetindo, às vezes:

— Teodomiro, agora posso morrer, porque estou em paz. Meu coração estava partido com a ausência da Belinda e da Márcia! Graças a Deus e a

Santo Antônio estou vendo, pegando, escutando minhas duas moças!  
Graças a Deus!

Aquela noite de luz ficara inesquecível na história do seu mundo íntimo. Pediu para que Belinda e Márcia dormissem no hospital; ficaram tanto tempo fora... Queria aproveitar mais a presença das filhas. Teodomiro, se quisesse... E ele acabou ficando.

À noite, o sono fugira do orgulhoso Dr. Travassos. Seus pensamentos divagavam de norte a sul, de leste a oeste à procura da paz, à procura de alguma coisa que ele mesmo ignorava, a fim de restabelecer seu equilíbrio psíquico. A certa hora a vontade de orar a Deus tomou-lhe o cérebro, mas conteve-se, retrucando consigo mesmo : “Não pode ser, já fiz minhas orações que o nosso confessor ensinou. Além disso, onde ele estiver, sempre reza por nós todos da família, onde quer que estejamos. Também, não será com um punhado de palavras em silêncio que irei resolver meus difíceis problemas”.

Com isso conseguiu sustar as lágrimas. As duas filhas ressonavam no quarto contíguo. A esposa, ainda sob o efeito do encontro feliz, dorme um profundo sono. E a Casa de Saúde, naquela noite, dava a aparência de uma enorme capela completamente vazia. Somente o silêncio! Somente o silêncio... a falar sem barulho.

No plano espiritual, vamos encontrar o Monsenhor Cardume com o Dr. Lelis, diretor espiritual da Casa de Saúde Santo Antônio de Pádua, e alguns enfermeiros espirituais em conversa animada, tomando providências no sentido de que a Dona Maria José Travassos fosse preparada, depois das doze horas, para o desenlace, que se daria perto das quatro e meia da madrugada.

Porém, notando o embaraço dos enfermeiros, que não compreendiam, bem o fato que ocorria com a enferma que, apesar de todas as maldades praticadas durante a vida, conservava aquela tranquilidade, incomum em casos semelhantes, o Dr. Lelis aproveita a oportunidade para esclarecer:

— Meus amigos, a senhora Maria José Travassos está gozando o próprio amor que alimenta pelas filhas; isso é um processo comum entre as criaturas, lei que garante, em toda parte, uma reação valorizada. Quem

ama é sempre amado e quando o objeto do amor não corresponde às energias impregnadas da virtude maior, as vibrações voltam ao encontro de quem ama, enriquecidas, e confortam seu criador durante o tempo que durou o amor. E por isso que quem ama a todos, e sempre, é sempre amado, sem interrupção. Não é assim, Mons. Cardume?

O Monsenhor balança a cabeça sorrindo, em sinal de aprovação.

— E esse amor — continuou o Dr. Lelis — esse encontro de hoje, dela com as filhas, nos poupou grande trabalho. Ela está totalmente anestesiada, pelas energias vivificantes, para a operação desencarne, em virtude da felicidade que pensa sentir e que, no momento, acha duradoura. Mesmo sendo ela um pequeno demônio, vai desencarnar, pela aparência, como se fosse um anjo. Como vemos, meus amigos, os melhores recursos estão dentro do próprio espírito.

Com o semblante alegre, Monsenhor Cardume, percebendo o gesto e o olhar do Dr. Lelis, acrescentou: além do mais, o Mestre ensinou também que o amor transporta montanhas. O Evangelho registra a fé, mas o que faz a fé sem o amor? Ela é filha dessa virtude sublimada. O grande discípulo de Cristo, João, sintetiza Deus, dizendo para a posteridade que “Deus é amor”. Portanto, onde essa virtude estiver em função, em qualquer lugar, aí está Deus mais presente, restabelecendo todas as coisas. Que a nossa irmã seja beneficiada em nome de Deus e de Cristo, por esse amor que possui pelas filhas.

Fizeram uma prece no salão espiritual da Casa de Saúde Santo Antônio de Pádua, e cada um dos componentes daquele núcleo de trabalho saiu, a fim de dar sequência ao seu mister, em benefício dos que sofrem. Penetraram no aposento da Dona Maria José Travassos: Monsenhor Cardume, o Dr. Lelis e mais três espíritos cooperadores. Daí a pouco, a enferma acorda assustada, como se lhe tivessem obstado as vias respiratórias. Dor aguda, no tórax. Dá o alarme, os enfermeiros vêm em socorro, chamam o médico de plantão, que era o Dr. Cícero, e esse aplica os recursos disponíveis, mas em vão. Acorda o Dr. Teodomiro; as filhas fazem aquele alvoroço. Dona Maria José, a muito custo, olha para as filhas e para o marido. Faz um grande esforço para falar, não consegue. E para de respirar. Deixa, como último gesto, um sorriso nos lábios, reflexo da paz no

coração por ter visto, antes de morrer, suas queridas filhas.

As meninas fazem o costumeiro barulho. Dr. Travassos não dá uma palavra. A amargura causada em seu coração semanas antes não deixa lugar para outros sofrimentos.

O que o Destino traça, as mãos dos homens não podem interromper. Acontece que o Dr. Cícero Drummond Calislande ficou conhecendo as duas moças naquela noite. Ele já era médico conhecido de Dona Maria José, que já lhe havia falado a respeito das filhas, dizendo que logo que elas chegassem da viagem que haviam empreendido a Coimbra, viriam ao hospital vê-la, e ele poderia conhecê-las. Dona Maria José gostava muito do Dr. Cícero. Com pouco tempo já o amava como a seu próprio filho, e o médico retribuía com grande afeição e especial interesse na cura da senhora brasileira.

O Dr. Cícero, procurando brincar com a doente, de vez em quando chamava-a “minha sogra” e ela sorria dizendo:

— Talvez, quem sabe, Meu Jesus; tu és solteirão e elas são duas rosas nascidas do mesmo galho. Poderás ter dificuldade para escolher uma delas, para ser o complemento da felicidade que já desfrutas.

E, como já se disse, naquela noite ficou conhecendo as filhas de Dona Maria José. Olha para Márcia e Belinda, admirado, e pensa: |”Como pode se ajuntar em dois corpos tanto beleza e graça? Mas por uma delas, exatamente Márcia, sentiu verdadeira paixão. Por seu turno, sem deixar transparecer, a menina já procurara chamar a atenção do Dr. Cícero sobre ela, apesar do momento ser completamente impróprio. Achara-o extremamente simpático.

Passaram-se as exéquias, com grandes pesares para toda a família e a Quinta dos Nogueiras enlutou-se por algumas semanas. O Dr. Cícero procurava consolar a todos, inclusive os Nogueira, tornando-se amigo íntimo dos moradores da mansão. De vez em quando, o médico lembrava-se das palavras da falecida Maria José Travassos:

— Ser-te-á difícil a escolha; são duas rosas, nascidas do mesmo galho.

Comparando-as materialmente, tinha dificuldades. Mas escolhendo com a lente do coração, não. Márcia já estava escolhida, seria sua futura esposa se o Destino não se interpusesse. Falaria com ela na primeira oportunidade que se lhe apresentasse.

E logo após, havendo a primeira chance, comunicaria ao Dr. Teodomiro Travassos, pessoa a quem dedicava grande respeito.

Belinda também olhava para o Dr. Cícero com certo interesse, mas além de sua irmã já lhe ter cochichado alguma coisa, o espírito de Cláudio, logo que percebeu, envolveu a moça de tal carinho que a fez esquecer de qualquer tentativa amorosa. Dizia o obsessivo:

— Essa não, essa é sé minha!... cedi para aquele miserável espanhol, porque eu não conseguia fazer o que foi feito e a força da vingança era maior do que o amor. Agora não, o amor ultrapassou a tudo, e salpicava o rosto da moça com demorados beijos, repetindo várias vezes : “Tu és minha!... só minha!... querida do coração, onde estiveres, estarei contigo para a eternidade. Lembras, lembrás meu amor, do Rio de Janeiro, daquelas horas de felicidade que passamos? Pois elas vão se repetir, hoje e sempre!

E abraçava a moça, fazendo-a rememorar os tempos passados, na retina consciencial, sentindo assim as maiores emoções.

O trio inimigo regozijava-se pelo segundo golpe dado na família Travassos. A Dona Maria José foi, por acréscimo de misericórdia, tirada do corpo pelo Dr. Lelis, com a assistência de Monsenhor Cardume e ajuda dos três enfermeiros espirituais. Logo deu entrada no hospital a iluminada figura do conhecido mentor espiritual da Fazenda “Riachuelo”, Fernando Miramez de Olivídeo, que saúda todo o grupo em trabalho, desejando-lhes felicidades. Todos sorriram sem dificuldades. O ambiente transformou-se da água para o vinho, com a chegada do benfeitor espiritual com elevada missão no Brasil. Trocou, com todos, olhares que valiam por palavras, recolheu a irmã Maria José em seus próprios braços, colocou-a em uma maca encaixada na parede do hospital. Deu uns passes na recém desencarnada, de maneira que ficasse invisível aos olhos dos espíritos cujo grau evolutivo ainda não lhes permitia enxergar as vibrações de frequência

mais elevada. Ligou uns fios tenuíssimos nos plexos cardíacos e solar da irmã, e projetou de seu tórax uma faixa de luz azul viva. Assim, as contorções provocadas pelo deslocamento do espírito, do corpo físico para o mundo espiritual, foram acalmadas.

Realmente, a quebra dos vínculos existentes entre o corpo físico e o espiritual, quando definitiva, pela morte, provoca essas contorções, o que não ocorre quando a separação se faz pela costumeira porta do sono.

O benfeitor Miramez notou que o espírito de Dona Maria José Travassos começou a respirar sem dificuldades, em profundo sono.

Mais alguns passes magnéticos são aplicados e a mulher perde totalmente a consciência de si mesma.

Os três obsessores presentes procuram, como se fosse uma agulha no palheiro, o espírito de Dona Maria José. Mas esse estava invisível para eles, por bondade de Deus; manifestada na fulgência de amor e de saber do seu tutor espiritual, Fernando Miramez Olivídeo.

E Beatriz, espírito obsessor, aproxima-se do cadáver. Toca, cheira os lábios esbranquiçados da morta, com repugnância e diz:

— Esse caso é muito comum. Lembro-me que o Prof. Pantaleão Gonzalez já contou muitos desses. O espírito dela é tão maldoso, tão ruim, tão Inquisidor, que mesmo morrendo o corpo, continua dentro dele. E ainda mais: vai enterrado com o bagaço físico!

E, batendo uma mão na outra, disse:

— Dou por terminado meu trabalho. Que a terra seja propícia às tuas maldades, bruxa! — e foi saindo, dizendo : — Tenho horror e repugnância da catinga de mulher mortal.

O mentor Miramez convida Monsenhor Cardume para que coloque suas mãos no tórax do cadáver. Dr. Lelis, no plexo solar; e os três outros companheiros, para que se mantivessem em estado de oração. Concentra-se um instante e dá-se um milagre: dos seus dedos partem fachos de luzes policrômicas, a desenhar no espaço os gestos que fazia com elas,

desintegrando com isso todo magnetismo de ordem inferior. Depois injeta com as mãos uma transfusão dessa energia no cordão fluídico de Dona Maria, junto ao seu espírito e uma luz viva desce no cordão de prata, desobstruindo todos os seus filamentos, como se fosse uma soda cáustica desentupindo pias. Essa força, aproximando-se do corpo físico, estatiza, avoluma-se como se arrolhasse uma garrafa e, com isso, não deixa passar nenhum miasma deletério da organização fisiológica em putrefação.

## CAPÍTULO IX

### REGRESSO AO BRASIL

Após o corte final do cordão fluídico de Dona Maria José Travassos, operação que foi feita pelo Dr. Lelis, ela seria removida para a Legião do Triunfo, organização que se localiza no plano espiritual, no Brasil, e da qual trataremos mais tarde.

Dona Beatriz, ficando sem função com a morte de Dona Maria José, passa a ajudar o marido Joaquim na tarefa vingativa contra o Dr. Teodomiro, enquanto Cláudio deixa a moça Márcia, preocupado em dedicar-se inteiramente a sua ex-namorada Belinda, que amava com todo calor e paixão.

O Dr. Cícero Drummond Calislande passou a frequentar a mansão dos Nogueiras, onde era muito bem recebido por ambas as famílias. O Dr. Teodomiro, mesmo tristonho, gostava de conversar com o Dr. Cícero, em quem via duas grandes qualidades que muito apreciava: cultura e humildade.

Dotado de esmerada educação, o Dr. Cícero agradava sobremaneira ao Senhor de Engenho, evitando conversar com o mesmo sobre assuntos em que tinham opiniões divergentes, como era o caso da escravatura e da Inquisição, que tinham a repulsa do Dr. Cícero, amante da liberdade em todos os seus ângulos.

Entre o Dr. Cícero e Márcia continuavam os encontros, e já não escondiam a ninguém a mútua afeição. Haviam trocado declarações de amor e era naturalmente necessário que o Dr. Cícero falasse a respeito com o Dr. Teodomiro. Certo dia, ao entrar na Quinta dos Nogueiras, onde já gozava de certa liberdade, encontra na varanda, descansando, o Dr.

Teodomiro, que parecia dar expansão aos pensamentos, procurando solução para seus problemas.

Abrindo os olhos, o milionário vê o Dr. Cícero entrando mansamente. O médico, após cumprimentá-lo, pede licença para falar-lhe, se a ocasião fosse oportuna e propícia.

— Podes entrar, Dr. — responde-lhe o Dr. Teodomiro — podes entrar e falar à vontade. Estava aqui aproveitando a faculdade de pensar, para me distrair. Estou a descobrir que, o que precisamos, nós encontramos dentro de nós mesmos. Não sei ao certo, mas há dias que estou experimentando isso, com bons resultados. Mas podes dizer o que pretendes, sem constrangimento.

Dr. Cícero, com certa dificuldade, começou a faiar:

— Dr. Teodomiro Travassos, quando vi pela primeira vez a tua filha Márcia, o amor, de pronto, nasceu em meu coração. Espero que me perdoes se te pareço precipitado, mas essa é a verdade. Fui médico da sua inesquecível esposa, com toda a dedicação, sem o móvel de nenhum interesse a não ser o de curá-la. Mesmo antes de conhecer Márcia, eu me sentia preso à tua família, sem saber o porquê. Agora sei: espero que o Destino favoreça meu coração, para completar minha felicidade, como dizia a falecida, nas suas brincadeiras para comigo. Hoje vejo que as palavras dela eram proféticas. Não gostando de nada às escondidas, principalmente amor, venho mui respeitosamente pedir-te licença para namorar tua digna filha e frequentar esta casa, com esse objetivo.

Márcia entra, beija o pai, volta-se e cumprimenta o Dr. Cícero. Delicadamente, o velho pede à filha para se retirar por um instante, pois tinha algo a conversar com o Dr. Cícero a sós. A moça, que já sabia mais ou menos do assunto, retira-se, deixando os dois homens tecerem-lhe o futuro.

O Dr. Teodomiro já havia desconfiado da simpatia entre os dois, há muito tempo. Achava o moço excelente, homem de primeira água, além de médico. Só não conhecia nada sobre a descendência do Doutor, mas já não estava, no fundo, dando muito valor e isso. O moço servia. Disse, com ênfase :

— Dr. Cícero, já desconfiava de teu interesse pela minha querida filha e não me oponho ao teu amor por ela, e vice-versa. Mas resta saber se o Doutor está preparado para os problemas sociais que vibram no Destino dessa menina. Talvez não conheças a tragédia dessa alma inocente, e nunca se deve enfrentar uma conquista sem se conhecer todos os seus pormenores. Não tenho pressa de que ela se case, mas tenho urgência de que o pretendido por ela seja cientificado de todos os fundamentos da sua história, para que amanhã eu não precise usar os meios que já usei para limpar caráter, mas que pese a consciência. Não, não quero fazer isso mais, tenho fé em Deus. Portanto, vou explicar-te o que deves saber a respeito da minha filha.

E narra tudo ao rapaz, sem interesse mesmo de ver a filha casada. Esperava voltar ao Brasil o mais depressa possível em companhia delas, para morrer e ser enterrado na Fazenda “Riachuelo”, lugar onde passara seus dias mais alegres.

O moço escutou o Or. Travassos, que discorreu longamente, sem interrupção. Terminando, o Senhor de Engenho ficou à espera da resposta, que veio, carregada de emoção:

— Dr. Travassos, lamento muito e sinto com ela, Márcia, o tanto que sofreste. No entanto, minha vida está marchetada de sofrimentos piores, e o meu amor por ela cobre tudo isso, faz esquecer os dramas do Destino, a honra, e mostra a afeição pura que tenho por tua filha. Sofro um pouco com o ocorrido, porque não sou feito de pau, tenho sensibilidade, mas agradeço muito tua lealdade, tua honestidade, ao me relatares tudo isso, antes que pudéssemos nos ligar por laços indissolúveis. Mas, ao invés de pedir-te licença para simplesmente namorar tua filha, proponho que me conceda a mão de Márcia em casamento.

O velho, meio cansado da vida, olha firmemente para o Dr. Cícero e responde :

— Da minha parte, concedo.

E chama Márcia, que atende com presteza.

— Chamei-te para que possas dar também uma decisão. O Dr. pede

tua mão em casamento; aceitas?

Dos belos olhos da moça correram duas grossas lágrimas e o seu torturado pensamento rememorou todos os acontecimentos. Sua linda feição refletia tristeza misturada com alegria e ela pensava: quando ele souber do que aconteceu... E o meu filho? Teria de abandoná-lo para me casar! Esquecer eternamente da criança... Meu Deus, o que devo fazer? Pensava e se arrependia das maldades que fazia com as escravas em estado de gestação e outras, a quem não permitia que a servissem, com crianças nos braços. Quantos infortúnios foram causados por ela às mães escravas? Na verdade, era muito instigada pela mãe, mas dependia sé da sua vontade fazer, ou não, as escravas sofrerem.

Acorda do momento de êxtase e responde, sem pensar:

— Quero papai, quero sim, de todo o coração. Desde a primeira vez que o vi, meu coração deu sinal de amor por ele. E além disso devemos muito ao Dr., por tudo que fez pela nossa querida mamãe. Quando ela souber, no céu, ficará contente com o nosso casamento.

O Or. Cícero estava possuído de verdadeira felicidade, ao pensar em ter Mareie como esposa. Chama toda a família que se encontrava na Quinta e marca os esponsais, como muita alegria para os dois. Na sala em que estavam comemorando o início da felicidade do futuro casal, achava-se também Belinda, que pouco sentiu a felicidade da irmã. O espírito de Cláudio acompanha-a, de mãos dadas, e aproximando-se do Dr. Teodomiro, diz-lhe, frente a frente, naturalmente sem que o velho percebesse:

— Carrasco desumano, não tenho necessidade nenhuma de pedir a mão da tua filha em casamento; não me interessa o seu parecer, por que ela já é minha e ninguém vai possuí-la, só eu, só eu!

E o Dr. Teodomiro, na hora, teve lembranças vagas do acontecimento do Rio de Janeiro, quando Belinda ficara grávida de um rapaz que ele tinha mandado matar em Portugal, juntamente com a mãe e o pai. Aquela lembrança lhe fazia mal. Balançando a cabeça, como que jogou aqueles pensamentos fora do cérebro e entrou nas conversações dos demais presentes.

Márcia, saindo um pouco com o Dr. Cícero, sentia-se afogada, parecia aérea, sem nada falar. E pensava : “Quando ele souber do meu drama, o que vai ser? Nenhum homem perdoa isso!”

De vez em quando, o Dr. Cícero perguntava alguma coisa à moça, sem resposta. Tão absorta se encontrava ela em seus pensamentos negativos, que não percebia a conversa do noivo. O rapaz não ignorava que todas as moças, nesses dias de grande emoção ficam mesmo meditativas. Puxando-a pela mão, anda um pouco e senta-se em uma grande pedra no pátio da mansão. Aperta a mão da noiva com emoção e chama-a pelo nome. Márcia, quebrando o silêncio, responde:

— Sim, Cicero, podes falar. Não me queiras mal pelo meu silêncio. De alguma maneira sofro a ausência de minha mãe, tu deves entender isso, não?

— Sim, meu amor, eu entendo. Mas acontece que tua tristeza não é só por isso. Gostaria de saber o motivo de tal depressão íntima. Comigo não precisas esconder nada, pois já temos bastante intimidade para que eu saiba de tuas coisas. Estou errado?

Não percebia a moça que o Dr. Cícero era sabedor de tudo, através do pai. As lágrimas borbulham intensamente nos olhos de Márcia, sem motivo aparente. O moço puxa um lenço e enxuga, com carinho, seu rosto molhado. E, com os dedos em seu rosto, diz com delicadeza:

— Não precisa tanta dor, Márcia. Já sei do caso todo, pois sem que notasses, teu sincero pai contou-me tudo, quando eu fui lhe pedir tua mão. Isso já constitui, para mim, lixo imprestável, que deve ser recolhido para o adubo de outras vidas em formação, como experiências para aqueles que não precisam mais sofrer; é um sinal de perigo para as moças da retaguarda, para as nossas próprias filhas, se por acaso vierem.

Márcia, quando nota que o Dr. Cícero sabia de tudo, de toda sua vida, começa a soluçar. O médico chama-a com insistência, mas a moça quase perde os sentidos. Com muito tempo e com o carinho do noivo, ela começa a conversar, com pouco interesse. Mas ele remove os problemas da futura esposa, narrando a ela sua própria vida, sua descendência, afinal sua história. Com as mãos seguras nas da moça, dizia:

— Márcia: eu era criança de cinco anos, filho de camponeses, e vivíamos felizes, quase na divisa da Espanha com Portugal, quando um certo dia acontece um desastre e a família é denunciada a Santa Inquisição! Horror dos horrores. O tribunal manda chamar toda a família para depor, e aí já sabes: nunca mais voltaria para o lar: Nesses casos, ao sair a pobre família, como gado para o matadouro, jogavam óleo na casa, incendiando-a para, segundo diziam, não germinar mais nada de subversão naquela região, ficando as terras na posse dos inquisidores. Assim aconteceu com a nossa propriedade.

Márcia estava gelada de horror. O médico, com feição meio agressiva continuou:

— Ao chegarmos lá, frente ao inquisidor-mor, ouvi toda a denúncia feita contra meus pais, sem que eles pudessem se defender das acusações. Minha mãe, sentindo o drama, percebendo que era inútil qualquer tentativa de fuga ou defesa, abraça uma Irmã de Caridade que vai entrando. Ajoelha-se aos seus pés e pede, pelo amor de Deus e de Jesus Cristo, que intercedesse por ela junto ao tribunal do Santo Ofício, e que salvasse ao menos seu filho inocente, que nada tinha que ver com o caso. A irmã condeu-se com o pedido de minha mãe, toma-me pela mão, e como parecia ser amante do inquisidor chefe, fala a ele com certa liberdade, mas com respeito, nestes termos:

— Reverendíssimo, Sacerdote de Deus e representante do Cristo na Terra: sinto à vontade, não sei se é por graça do Espírito Santo, de salvar esta criança, que não deve morrer pelas consequências de seus pais. Peço desculpas se por acaso interrompo os trabalhos inspirados da Santa Inquisição, que tem o poder em toda a Terra de limpar os vendilhões da grande casa de Deus!

A irmã irá à sala Inquisitorial levar o chá com torradas costumeiro para o grupo de Padres associados na nefanda tarefa de dismantelar famílias e destroçar vidas. Quando ia saindo, uma voz grossa e rouquenha ecoou na sala:

— Irmã Cristina, se é teu desejo, como boa servidora da causa, leva este menino, mas toma cuidado minha filha: lembra-te que isso aí é galho

de uma árvore maldita!

A Irmã baixa a cabeça, em reverência, e com muita dificuldade tira-me dos braços de minha mãe. Daí em diante, não sei nem quero saber o que aconteceu com meus pais. Eu fui educado pelas freiras, no silêncio de um mosteiro. Quando já rapaz, ouvindo os discursos dos Padres e das Irmãs sobre o Evangelho de Jesus, tinha ímpetos de dizer que o procedimento deles e das Irmãs, nos mosteiros, eram incompatíveis com o que falavam ao se referir ao Grande Mestre crucificado. Mas o coração não aconselhava tal desrespeito com os superiores. E agi bem, pois do contrário não estaria aqui hoje, contigo, desfrutando deste prazer incomparável. Não resta dúvida que devo às Irmãs minha educação. Estudei Medicina e, graças a Deus, hoje sou médico. Fiz um aprimoramento dessa Ciência, na França, e me encontro aqui em Portugal, ao teu lado, sem linhagem familiar, sem nada, sem parentes, com uma grande revolta abafada no peito contra a Santa Inquisição, que também atinge o Brasil, tua terra, na feição da escravatura. Veja, minha querida, sinta minha Márcia, também tenho meu drama, e dos mais tristes.

A moça abraçou o noivo com grande felicidade, demonstrando uma gratidão que não se compra com o vil metal, mas com o ouro do coração dizendo:

— Dr. Cícero Calislande, nunca pensei que tivesses tão grande compreensão, como a que manifestas para comigo. Vejo que teu coração também já sofreu, meu querido, e se não fora a dor, não poderias compreender o que passo com a minha pobre irmã e meu dedicado pai. Muito te agradeço, por tudo.

O ombro do médico estava molhado pelas lágrimas de um coração já confortado por outro compreensivo. E os dois noivos regressam a Quinta dos Nogueiras, onde todos já estavam apreensivos pela demora dos dois. Despediram-se e recolheram-se, a refazer as energias.

Daí a uma semana via-se a Quinta dos Nogueiras movimentar-se com grandes preparativos para o casamento do Dr. Cícero Drummond de Calislande, com Dona Márcia Travassos. Parece que todos os aborrecimentos de antes haviam se desvanecido. Com os preparativos, a

alegria invadiu a mansão, de canto a canto.

Somente o Or. Teodomiro Travassos não conseguiu mais a paz de espírito que desfrutava antes. Sua mente estava preocupada constantemente; não manifestava alegria para mais nada na vida. O dinheiro que possuía com abundância não valia, no câmbio da vida, para que ele adquirisse o que estava precisando : Paz, paz e mais nada. Lembrou-se da sua fazenda no Brasil, do Padre Terêncio, do seu filho, que ficara em seu lugar, e a quem escrevera uma carta participando a morte de Dona Maria José, adiantando que logo que fosse possível embarcaria com destino ao Brasil. Pedia sempre as bênçãos do velho Vigário. Recebia, de vez em quando, cartas da Fazenda “Riachuelo”, era isso o que mais confortava seu massacrado coração. Queria pressa no casamento de Márcia para voltar logo ao Brasil; acendeu-se em seu íntimo a saudade das terras de Santa Cruz.

Uma certa tarde, vai entrando na Quinta o Dr. Cícero, a procura do Dr. Teodomiro , que logo o atende, dizendo:

— Estás a minha procura. Vai logo dizendo o que queres, porque eu já conheço quando estás impaciente.

E o Dr. Cícero diz com a liberdade que não possuía antes:

— Dr. Travassos, venho avisar-te que resolvi completar a paz das tuas filhas; não quero que elas partam daqui de Portugal, deixando saudades nesta Pátria, deixando aqui alguma coisa que possa perturbar suas felicidades. Se posso resolver esse problema, farei mais esse sacrifício por amor não só a Márcia, que já me pertence, mas por todos vós.

Chegou para mais perto do Dr. Travassos, para que ninguém escutasse:

— Meu senhor, vou registrar os dois filhos das meninas, como sendo meus filhos. E vou fazer isso esta semana. Quero tua permissão, pois acho que não te ofendo com esta proposta. Creio que teu coração de pai pensa igualmente na felicidade de tuas filhas e que a separação das crianças, definitivamente, delas, será um golpe desastroso, cujas conseqüências não podemos prever. Vamos procurar, Doutor, tudo de paz, tudo de conforto

para a tua e nossa família. Sem paz não se vive, a tranquilidade de consciência não pode ser comprada a peso de ouro, mas conquistada pelo coração, com a vida reta e em nome de Deus, nosso Pai que está no Céu.

O Dr. Travassos tinha ódio mortal dos dois pirralhos, que se encontravam sob a tutela do Dr. Bastos, depois de quase provocarem a desmoralização da família Travassos. O Dr. Cícero notou a frieza de seu futuro sogro, que ficara mudo, sem dar uma resposta que fosse, parecendo não aceitar aquela ideia. O noivo achava que tinha que tomar aquelas providências, e o sogro precisava tomar conhecimento. E ficou também pensativo, esperando uma resposta. Daí a pouco o Dr. Travassos responde, com voz quase sumida:

— Dr. Cícero, o teu gesto é admirável; sei que se houver sacrifício, esse é um dos grandes, e só o coração aprova isto que estás fazendo. Mas, eu não vou decidir e peço-te, se me prezas, que não contes comigo nesta solução. Chame Belinda e Márcia e o que elas decidirem junto contigo... Muito obrigado por tua atenção. E com licença...

E foi saindo.

Quando as meninas souberam da intenção do médico, foi aquela alegria. As duas, irradiando grande felicidade com a notícia. Márcia, tomando a palavra, disse:

— Quando chegarmos ao Brasil a notícia vai ser esta, escute bem: tive um parto duplo, as crianças são da mesma idade. A diferença é de poucos dias, o Dr. Bastos pode arranjar isso, tirando novos atestados de nascimento das crianças.

— Não é preciso — fala o Dr. Cícero — já conversei com ele e ele não registrou os pequenos.

— Que bom — interveio Belinda — vamos fazer então a coisa direita, já como filhos do Dr. Cícero — e brincou — que não casou e já tem dois filhos.

Sorriam todos juntos, quando o obsessor de Belinda, Cláudio, escutou a conversa de levar as crianças, enfurecendo-se:

— Não, não ! Pode levar um só ! O filho da Belinda tem que ficar! Vou matar aquele infeliz! Não mataram o meu filho na fazenda “Riachuelo”, antes de nascer? E esse é que vai tomar o lugar dele?

E o ódio alimentava seu maldito plano de vingança. Mas o Guia espiritual do hospital, Monsenhor Cardume, percebendo a fúria do espírito de Cláudio, antes que esse chegue à Casa de Saúde São José, aproxima-se da criança, na casa do Dr. Bastos, e concentra todo seu pensamento com amor e caridade em Jesus, fazendo em seguida sentida prece, de um coração dedicado ao serviço do bem, que se empenhava em um interesse maior de salvar a vida daquele entezinho. Que os céus o favorecessem com poderes, no sentido de proteger aquela criança, em nome de Deus. Terminada a rogativa, Monsenhor Cardume foi envolvido por uma luz de rara beleza, de cor branca, mostrando aqui e ali alguns lustros de um azul sem par e um dourado vivo. Aquele fluido foi cobrindo completamente todo o corpo do mentor espiritual, deixando-o exercitar sua poderosa mente no trabalho que desejasse. Monsenhor Cardume, vendo e sentindo aquelas bênçãos dos céus, sorri. Movimenta, pelo pensamento, todo aquele fluido. Dá a dimensão necessária ao caso e veste a espertinha criança com aquela roupa de luz, o que a torna Invisível aos olhos de Cláudio.

O obsessor, chegando às pressas ao hospital, procura as crianças. Não as encontrando, fala consigo mesmo:

— O tolo do Dr. Bastos deve ter levado os bebês para casa, mas logo estarei lá.

E foi rumando em direção à residência do Doutor. Lá chegando, avança pela casa a dentro, entra em um quarto, entra em outro e só encontra uma das duas crianças.

— Ora essa, onde está a outra?

O Dr. Bastos terminava uma esticada conversa com sua esposa e dizia assim:

— Olha, mulher, não teve jeito, a menina morreu mesmo!

Cláudio, ouvindo a conversa saiu, regozijando-se e dando pulos de

alegria em busca de sua querida, sem saber que a menina que tinha morrido não era a filha de Belinda e sim a de uma senhora que chegara à casa do médico, alta madrugada, pedindo socorro. Como o Dr. Bastos estava chegando do hospital naquela hora, a esposa desejou saber notícias da menina, o que serviu para tirar da ideia de Cláudio o pensamento fixo de vingança.

Os preparativos na Quinta dos Nogueiras atingiam à plenitude dos gastos. A alegria era demasiada nos corações, menos em um pessoa: o Dr. Teodomiro Travassos, coração bloqueado pelo orgulho, a vaidade da honra, da casta e da posição, ficava insensível a quaisquer outros sentimentos que quisessem brotar nas entranhas do seu ser. Às vezes, seu coração dava sinal, intentando fazer germinar a luz viva, aquela que faz crescerem as plantas do bem em qualquer terreno árido da alma. Mas ele, impetuoso, achava que a modificação do homem não era possível. Continuaria, até o fim, com sua própria personalidade. Renovado, ele não seria mais o Dr. Teodomiro Travassos. Perderia aquele destaque do seu eu superior, que amava há tanto tempo.

Estava abatido, desanimado, reduzido a escamas, no dizer da época. Tinha momentos de alucinações Incontidas. Questionado por Márcia, acerca dos motivos da tristeza, desculpa-se dizendo que a causa seria a morte da esposa. Mas não era; era a consciência, acusando-o pela morte dos três inimigos, cobrando-lhe agora a paga, com juros pesados

No dia do casamento, a Quinta dos Nogueiras transformou-se em um festival de alegrias. Verdadeira multidão de pessoas da classe compatível com a dos Nogueira e Travassos invadiram a grande mansão comemorando gostosamente a união dos jovens Dr. Cícero e Márcia.

Passados uns dois meses, as crianças já eram filhos legítimos do Dr. Cícero Drummond Calislande, carregando como estigma o seu próprio sobrenome: Calislande. O Dr. Bastos e sua amável esposa estavam irradiando alegria com aquele gesto do colega. Aquilo sim, era gesto que merecia ser honrado pelos homens: salvar vidas, harmonizar consciências. Mas as crianças não poderiam ir para a Quinta em companhia das mães e somente se reuniriam a todos, quando da partida para o Brasil.

O Dr. Teodomiro era o que tinha mais pressa de voltar ao Brasil.

Providenciava para que alguém de sua inteira confiança, em Portugal, passasse a tomar conta de seus negócios, com procuração sua. Não havia tempo para dispor de tudo o que possuía em Portugal e em outra viagem rápida, poderia liquidar os últimos negócios.

Viagem marcada, o velho quase sarou, de contentamento, e a animação era geral. O Dr. Cícero, ouvindo falar na Nova Jerusalém Brasileira, ficava encantado com as terras sonhadas, procurava não deixar nada para traz, certo de que o Destino era mesmo o de se transferir, definitivamente, para a nova Nação. Dizia também que Deus abençoava aquelas terras distantes.

Na noite que precedia a viagem, o Dr. Teodomiro Travassos, em completa insônia, sente a cabeça rodar durante toda a noite, notando que havia qualquer dificuldade da irrigação sanguínea no cérebro. Esforça-se para alegrar-se, pensando que talvez aquilo fosse fruto de sua melancolia. Mas era o princípio de um derrame cerebral. Não queria o Destino que o orgulhoso Doutor voltasse ao Brasil e aquela paixão de ver a terra natal, mesmo em espírito, poderia ensejar-lhe a seiva da árvore Divina: o amor ao próximo.

Dr. Teodomiro deixou passar alguns momentos, para uma observação mais acurada do que sentia e, como homem inteligente e experiente, viu que se tratava de coisa séria. Deu sinal de alarma e um criado transmite aos demais a notícia. Todos vieram ao encontro do Senhor de Engenho, já havia perdido parcialmente a consciência; falava com dificuldade, sentindo o cheiro da morte. Chama seu genro e quando começa a articular algumas palavras, o Dr. Cícero põe os dedos nos seus lábios e fala baixinho em seu ouvido:

— Não fales nada agora. Estás cansado, deixa para depois. Nós não podemos perder tempo: essa doença é muito progressiva, quando não é cuidada imediatamente. E é o que vamos fazer. Fica quieto, por favor; não precisa temer, que logo estarás melhor.

Aquelas palavras, ditas pelo médico, confortaram sobremaneira o sogro. A carruagem já estava pronta e o Dr. Teodomiro Travassos foi

removido para a Casa de Saúde Santo Antônio de Pádua, local onde Dona Maria José ficara internada muito tempo, quando de sua prolongada enfermidade.

As duas filhas do Senhor de Engenho fizeram grande alvoroço, com medo que o pai viesse a falecer, acalmando-se depois da assistência e do carinho do Dr. Cícero, que logo mandou chamar com urgência o Dr. Bastos, porque, além da grande amizade que os unia, ele era de muito valor em todos os casos difíceis.

Cancelaram a viagem e mandaram urgente aviso à fazenda “Riachuelo” sobre todo o ocorrido, pedindo para que todos tivessem serenidade, aguardando outras notícias, pois tão logo houvesse melhora no estado do Dr. Travassos, seguiriam para o Brasil.

Não sabiam, em Portugal, que o Sinhozinho era sabedor de tudo, mas tudo que se passara em Portugal com seus pais e irmãs. A notícia lhe era dada pelo magnânimo espírito de Fernando Miramez de Olivídeo que, apossando-se da Mãe Dudu, descrevia todos os acontecimentos com a família Travassos em Portugal. Quando a notícia chegava lá, havia meses que ele já era sabedor; não tomava susto, porque o ambiente era preparado pelos espíritos, em comunicação no salão da senzala. E além disso o Sinhozinho Cardoso estava ciente de que no Brasil só chegariam as duas irmãs, o Dr. Cícero, casado com sua irmã Márcia e duas lindas crianças, registradas como filhos do seu cunhado, mas que não eram realmente filhos dele. Sinhozinho, com quase três anos na direção da grande fazenda, e sempre em contato com o plano espiritual e os problemas do mundo, amadureceu com suficiência. Já não se assustava com o que poderia vir. Pedia a Deus forças para suportar tudo com a devida coragem.

O Padre Terêncio ficava admirado com a disposição do Sinhozinho. A Fazenda “Riachuelo” prosperava, sem limites; os escravos encontravam a paz desejada, já não pensavam que eram escravos. Porém, tinham noção de que devia fazer parte da vida de todos eles.

Quando as cartas de Portugal chegavam à fazenda, Sinhozinho já havia comentado as notícias com o Padre, deixando o velho Sacerdote intrigado com aquelas profecias, a ponto de dizer:

— Menino! Passam umas coisas contigo que eu não sei explicar. Satanás não é, porque estás sob a minha sombra e além disso és muito obediente comigo. Será que Deus!... não sei!... vamos verificar mais. Que Jesus abençoe todos nós e que Deus seja o nosso Guia, hoje e eternamente.

O Sinhozinho era sabedor até da fortuna de seu pai em Portugal e pensava: Isso é a causa da demora do papai, mas seja o que Deus quiser. Cuidarei da fazenda cumprirei meu dever.

Foram logo aplicados todos os recursos disponíveis no caso do Dr. Teodomiro, e após uma mesa redonda com a participação do Dr. Cícero, Dr. Bastos e Dr. Antônio, resolveram que se a doença progredisse, seria aconselhável, para o bem de toda a família, a ida do Dr. Teodomiro com urgência para Paris, podendo o próprio Dr. Cícero ser o seu acompanhante, como seu genro.

Mas essa ideia não vingou. Demorariam demais a chegar ao destino e o doente poderia não suportar a viagem, que era cansativa. Ficaria mesmo em Portugal. Mobilizariam todos os recursos, chamariam os médicos mais competentes para aqueles casos e dariam ao velho toda a assistência possível.

Um certo dia, o Dr. Teodomiro chama seu genro e diz a esse com convicção:

— Dr. Cícero, agradeço-te pelos teus bons serviços. Conhecendo meu fim, peço-te que olhes minhas filhas, como se fosse eu. Uma, já tens obrigação com ela, mas a outra, a mim pertenceria a vigilância. Pois bem: peço-te que cuides das duas, pois ambas são ligadas ao meu coração, tu entendes. E depois, faze uma procuração cancelando a que já dei ao meu representante aqui em Portugal, e coloca-te nesse lugar, com todos os poderes para mandar e desmandar com meus pertences. Traze aqui essa procuração para que eu assine. Em seguida, pelo amor que tens a Márcia, volta com elas, o mais depressa possível, para o Brasil, logo que eu morrer. Não precisa lágrimas, minha gente. Já conheço, sei que estou chegando ao fim das minhas lutas. Que Deus me conceda um bom lugar. Dr. Cícero, vende tudo, meu filho, e não te esqueças de prestar contas, lá no Brasil, ao Sinhozinho. Sei que vós vos dareis muito bem lá na Fazenda “Riachuelo”.

Obedece também ao Padre Terêncio, o nosso Gula religioso no Brasil, que serás muito feliz.

Daí a duas semanas, saia para o cemitério o enterro do Dr. Teodomiro Travassos, Senhor de Engenho no Brasil, em passeio a Portugal. E, com mais um mês embarca com destino ao Brasil o resto da família Travassos, acrescida do Dr. Cícero Drummond Calislande e duas crianças rosadas, em um grande navio. Havia muita tristeza, mas também muita alegria. Os dois pirralhos, cada um no colo da respectiva mãe, pareciam sentir também vontade de chegar ao país da promessa.

E na Terra de Santa Cruz o Sinhozinho Cardoso já estava em grandes preparos, para receber os viajantes de além-mar.

O Dr. Teodomiro Travassos foi retirado do corpo físico pela equipe do Dr. Lelis e recolhido em um hospital espiritual apropriado, para que ali ele pudesse refazer as energias e, com o tempo, ser levado por benfeitores às áreas assistenciais do Brasil, pois o amparo desse irmão era de competência da Legião do Triunfo.

Os espíritos obsessores da família Travassos, dando por terminada aquela etapa de trabalho, queriam seguir para o Brasil, no mesmo navio, com o intuito de dismantelar a Fazenda “Riachuelo”. Quando avança em direção à entrada do navio, são barrados pelo porteiro espiritual:

— Não podeis entrar!

Eles ficaram meio cabisbaixos, e o velho foi dizendo:

— Mas moço, precisamos ir para o Brasil, temos negócios lá.

O porteiro levando as mãos nos queixos deles, sem argumento, só dizendo:

— Desaparecei daqui.

Eles saem, amedrontados e tristes, quando surge um trabalhador espiritual mais graduado e fala, sorrindo, para o homenzarrão espiritual, nestes termos :

— Bragança, deixa-os entrar, chegou uma ordem como passaporte, acho que é pedido do Monsenhor Cardume.

E assim, os três embarcam, viajando rumo ao Brasil.

## CAPÍTULO X

### DOIS MÉDICOS RENOVADOS

O diretor da Casa de Saúde São José, Dr. Bastos, após os episódios que o envolveram, juntamente com a família Travassos, deu nova dimensão às atividades do hospital. Os acontecimentos constituíram para ele lições valiosas, talvez mais profundas que as que havia recebido nos longos anos de Universidade, em Lisboa e Coimbra. Fazia frequentes viagens à França, procurando aprimorar seus conhecimentos na Capital cultural do mundo, como consideravam na época. Após essas viagens de estudos, sempre trazia alguma novidade interessante a aplicar em seus pacientes, como esperanças novas de cura em casos difíceis.

Ora, a Medicina da época, a exemplo do que ocorre até os nossos dias, adotava a frieza espiritual diante de qualquer caso misterioso. O campo de estudos que não pode lhe trazer vantagens passa a não lhe interessar. E, principalmente quando o caso pode ameaçar sua grande extensão econômica, o combate passa a ser veemente, sem tréguas, por parte da Medicina. Essa vaidade e esse egoísmo vêm de eras antigas, desde quando a Medicina desmembrou-se da fé. Aí é que começou a guerra, pois a ala que cultivava a fé também faz o mesmo combate ao pé do ouvido dos fiéis, cometendo o mesmo erro, sem reconhecer a nobilíssima missão dos discípulos de Hipócrates.

Ambas as correntes cometem injustiça, pois são dois polos que completam a vida humana. Quando cansados e abatidos pelo próprio tempo, os médicos vão em busca da religião, buscam consolo para o espírito, que não ficou satisfeito apenas com a arte de curar, fria como os túmulos. Os espiritualistas, de um modo geral, ao fim da vida física, batem nas carcomidas portas da velha fabricante de xaropes de longa vida,

buscando esperanças de renovar suas energias, gastas pelo tempo.

Existem exceções de um lado e de outro. Muito poucas, mas dentro desse pequeno número de exceções, Incluíam-se os dois médicos da Casa de Saúde São José. Conhecedores dos recursos terapêuticos da medicina na Terra, pela própria experiência da recuperação de centenas de doentes que entravam em seu hospital, mutilados pelo Destino e que dali saíam completamente curados, retornando aos seus lares para levar o conforto moral e econômico para a família inteira. Não era uma missão nobre?

Estranhamente impressionado pelas coisas do Oriente, Dr. Bastos percebe, com a leitura de livros sobre o misterioso Egito, que os Sacerdotes daquela terra, além da função religiosa, eram também afamados médicos, isso era o mais certo, pensava o Dr. Bastos. Medicina que cura o corpo e a alma. Por que esses velhos tempos não voltam atrás?

E dizia consigo mesmo: “Por que a Medicina oficial não adota esse trabalho, esse sistema de curas? Tudo o que Deus deixou no mundo é para ser usado, mas é lógico que com o devido critério. E quem tem mais critério do que um clínico em sua missão de aliviar, de curar, de consolar? Esse é o caminho que vamos tomar, em nome de Deus, que ajuda até a um ladrão na sua fuga, quanto mais a um médico, um hospital, com a sagrada intenção de fazer exclusivamente o bem. A minha religião de agora em diante vai ser o uso de tudo que possa ser veículo para cura e equilíbrio do corpo e da alma do ser humano. Que Deus me abençoe!”

E anda no seu gabinete, para lá e para cá, quando entra o Dr. Miguel.

— Ah! Miguel, quero muito falar-te, hoje! Preciso, com urgência propor-te um assunto de grande interesse, não só para nos dois como para a coletividade.

Após se sentarem, o Dr. Bastos descreveu seus planos ao Dr. Miguel, com alta filosofia, referindo-se à nova arte de curar. O Dr. Miguel, já bem mudado de sua opinião anterior, aceitou em parte, dizendo:

— Dr. Bastos, o que acabas de narrar é muito bonito, porque o colega dá aquele cunho de seriedade ao assunto e fica parecendo verdade. Mas isso não funciona na prática, meu caro, essas coisas Invisíveis são ilusões

impregnadas tanto no povo como nos livros. Tenho para mim que há muito exagero nesses casos. Nem tanto à água nem tanto ao fogo. Acho que devemos ficar no meio. Estás muito entusiasmado com isso e precisas tomar cuidado para que não se torne em fanatismo. A própria Ciência oficial, em alguns casos, é certo, ela é fria e sé depois de muita análise, de confirmação completa, é que aceita. Acho espetacular a vigilância, dizia um nosso velho professor; é a eterna segurança de uma Instituição. Guardo essa advertência como relíquia; conheço tua formação moral e cívica, Or. Bastos, sei com quem estou lidando. Mas... vigilância! vigilância! Vamos devagar e sempre... O teu entusiasmo é nascido mais do coração que dá razão e isso é muito perigoso, pois os sentimentos podem ser enganados!

Dr. Bastos escutou pacientemente seu colega; meditou um pouco em suas palavras — gostava de tirar proveito de toda conversação — e tomou a palavra com o mesmo fulgor de antes:

— Dr. Miguel, não sou criança, nem tampouco estamos lidando com meninos. Os grandes místicos que sustentam as verdades espirituais têm uma vida reta, têm consciência tranquila e limpa, meu filho. Conheci um desses na última vez que estive na França. Apesar de ser médico também, foi muito ridicularizado pela Medicina oficial, na França e em vários outros países, mas não se deixou intimidar; rompeu todas as barreiras da incompreensão e está cumprindo sua missão, com grande proveito para toda a humanidade. Acho isso uma beleza, um ser humano com uma estrutura moral e espiritual que chega a essas culminâncias. Que Deus abençoe esse grande homem.

Diante do silêncio feito pelo Dr. Bastos, pergunta o Dr. Miguel:

— Quem é esse homem?

— É Mesmer — responde o Dr. Bastos — descobre ele uma nova terapêutica de curar, sem remédios. Fala com muita propriedade, e não só fala mas prova até em praça pública que existe um fluido invisível para os nossos olhos, que denomina de força magnética, cujo agente restabelece todas as enfermidades. E à sua porta, todos os dias, há uma multidão de enfermos de todas espécies. Por fim eu o vi magnetizar uma árvore e os que passavam por perto ficavam curados. A cura depende também do

estado de fé das pessoas, do estado psíquico, é claro. Também na nossa velha filosofia de curar nada podemos fazer se o doente não ajudar. Curas um doente que não segue os preceitos indicados pela Ciência? É fácil curar um doente que não confie em ti? Quanto às crianças, que apesar de não terem entendimento são curadas, serve para elas a fé das mães. Pois bem, a cura magnética tem igualmente seus preceitos, o primeiro dos quais é a fé, porta pela qual passa esse fluído Divino, que restabelece a alma e, com essa curada, meu caro, o corpo, sendo inferior, obedece; isso é lei.

Observando o interesse do colega, o Dr. Bastos sente-se animado a prosseguir:

— Li vários livros sobre o assunto e o interessante é que os antigos egípcios também curavam os enfermos com essa força. Os faraós conheciam essa Ciência, com maior perfeição que os sábios místicos de hoje. Talvez seja o Dr. Mesmer um missionário, com a grande tarefa de reviver na atualidade as grandes coisas do passado, dar começo à reconciliação entre a Religião e a Ciência, que antes eram unidas, para de mãos dadas, completarem a felicidade dos homens. Eu, Dr. Miguel, já fui frio com relação às coisas de Deus. Mas hoje, graças a Ele, pulsa em mim uma nova força, a água da fé, que jorra dentro de mim. Procede do coração, e dou glória a Deus e a Jesus por isso. Tenho lido a vida de Jesus e vi uma narração em Atos, cap. 5 v. 15 que descreve o seguinte : “A ponto de levarem os enfermos até para as ruas e os colocarem sobre leitos e macas para que, ao passar Pedro, ao menos sua sombra se projetasse nalguns deles”. No versículo seguinte, continúa a narração : “Afluía também muita gente das cidades vizinhas a Jerusalém, levando doentes atormentados de espíritos imundos, os quais eram todos curados”. Entendeste, meu amigo? Qual a pessoa que pode ter a petulância de desmentir o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo? Veja, isso é velho, esse método de curar era usado pelos discípulos de Jesus e certamente ensinado por Ele mesmo. Em vários pontos dos Evangelhos poderemos encontrar os discípulos do Mestre, e Ele mesmo, impondo as mãos nos enfermos e curando-os. Por que o apóstolo Pedro, antes de conhecer Jesus, não curava? A resposta é simples: não conhecia, o pescador, os meios de manejar esse fluído magnético, no dizer de Mesmer, para curar os enfermos. Jesus, grande sábio, vivia impregnado desse magnetismo, tanto que uma mulher se curou

de uma hemorragia simplesmente tocando em suas vestes, como nos narra o Evangelho : “E Jesus, sem olhar, diz: de mim saiu virtude”. Essa força gira em torno de nós e faz parte da nossa vida. Quando sai, nós percebemos; quando chega, notaremos seu efeito. Eu fiquei na fila, na França, para passar debaixo da árvore magnetizada e senti uma chuva de uma coisa Invisível penetrar em mim e a disposição de ânimo que senti foi maravilhosa. As grandes escolas iniciáticas em todo o mundo conheciam tal método de tratamento, tão eficaz que trata não só do corpo, mas também da alma.

O Dr. Bastos faz uma pausa, observa o colega que se mantém atento, e prossegue sua exposição:

— Para mim, essa força ou é inteligente ou é manobrada por inteligências que desconhecemos e isso constitui uma Ciência, meu Dr., de grande profundidade; parece que esse magnetismo tem mais afinidade com corações puros, com disciplina, com amor. Quanto ao fanatismo, meu amigo, não precisas temer, não tenho vocação para isso. E tu sabes que o pior fanatismo não é o religioso; é o ateu, porque esse sim cega a alma para as coisas de Deus. Conheço os caminhos que devo ou não pisar e peço ao colega para estar sempre atento ao meu lado, pois como dizes, quanto mais vigilância, mais segurança, para nós e para todos que nos cercam. Dr. Miguel, não quero andar às cegas praticando coisas misteriosas. Meu plano é formarmos aqui na Casa de Saúde uma grande biblioteca com livros de todo mundo, que tratem de espiritualismo puro e sério. Podemos manter correspondência com os grandes espiritualistas de todos os países. Eles nos indicarão as melhores obras a estudar, assinaremos as melhores revistas que comentem o assunto. Aqui mesmo em Portugal devem existir pessoas de grande conhecimento nesse ramo. E agora que nos interessamos pelo assunto, vamos descobri-los. França é, atualmente, o foco desses assuntos mas também na Inglaterra essas ideias proliferam muito. No Oriente, nem imagine. Não vamos propagar essas ideias; não temos competência para isso; vamos estudar, praticar, pois a Casa de Saúde é um lugar propício. Daqui a alguns meses vamos curar enfermos, dar visão aos cegos e levantar os mortos — dizendo isso sorria. — Transformemo-nos e depois mudaremos os métodos de curar desta casa introduzindo a ação magnética, a água magnetizada e a oração, como base de atração dessa força de Deus,

entregue aos homens por misericórdia.

O Dr. Bastos, irradiante de alegria, sentou-se em uma poltrona. Falara coisas que não conhecia : entretanto, já se habituara com a inspiração de uma força poderosa, a manejar sua mente. Tivera vários sonhos em que frequentava aulas, e ao acordar lembrava-se de alguma coisa que não compreendia antes e que, na hora de debates como aquele, vinha tudo à tona, e ele mesmo aprendia com o que falava. Isto, pensava, é uma Ciência maravilhosa. Talvez os outros não aceitem, por falta de sentirem algo, como eu sinto. Não podemos acusá-los, pois com o perpassar do tempo compreenderão. Todos os grandes homens, inclusive o Cristo, sofreram, ao lançarem novas ideias, ao aplicarem novos métodos de cura para o corpo e a alma. Não vou lançar novos sistemas de terapêutica, mas seguir os caminhos já percorridos pelos grandes astros dos céus, que tinham a chancela de Deus.

Sua mente era um turbilhão de forças em ação e o seu desenvolvimento mental tomou dimensões maiores, com o exercício diário. Até mesmo o Dr. Miguel havia notado o aumento de cultura e a lógica irrefutável do colega. Para o Dr. Miguel, todo o esforço para impedir a proliferação do micróbio do fanatismo ainda era insuficiente. Mas sabia que o Dr. Bastos não deixava ambiente para tais desequilíbrios, pois era muito vigilante e detestava mentiras, mesmo que pudessem fazer o bem.

Dr. Bastos, mãos entrelaçadas, rodopiando os dedos, dava tempo ao tempo. Os dois médicos pensavam, analisavam, porque de qualquer forma iam tomar um caminho perigoso perante a sociedade.

O Dr. Miguel levantou-se, deu algumas passadas pela ampla sala, limpou a garganta e falou com desembaraço:

— Olha Bastos, todas as inovações do mundo requerem sacrifícios e já que as nossas intenções são melhores da Terra, lancemos mãos à obra. Mas nota bem: se não fosse tua a iniciativa, eu não tentaria nunca!

Dr. Bastos deu uma risada de contentamento pelo apoio que o colega dava a sua decisão. Daquele dia em diante, penetrariam na Casa de Saúde São José dois médicos renovados, portadores de novas esperanças para os enfermos de toda ordem. E o diretor, com o entusiasmo refletido nas

feições, dizia:

— Ninguém vai temer a morte neste hospital, porque a morte não existe, e nós nos propomos a fazer experiências comprobatórias de que todos, inclusive nós, vamos viver eternamente. Aliás o mesmo já fazia Sócrates que, bebendo a cicuta, animava seus discípulos, morrendo com alegria, porque confiava na ressurreição da vida. E o mesmo ocorria nos casos dos companheiros de Jesus. A história nos relata que todos eles entregavam o espírito a Deus, nas horas mais difíceis, cantando hinos de glória ao Senhor de todas as coisas. Vamos começar, Miguel, a estudar, a aprender, com esforço e dedicação. O resto pertence a Deus. Primeiramente, quero que estudes a Bíblia; e não fales em cansaço. Nela, encontraremos muita lição que em outro lugar não existe. Depois, iremos a outras fontes, divagaremos ao longe, e Deus nos abençoará.

No plano dos espíritos, três entidades também se reuniram, para dar assistência espiritual mais acentuada àquela Casa de Saúde, tendo em vista a resolução dos dois médicos. Tudo estava preparado no campo invisível e os espíritos, com a cooperação do Monsenhor Cardume, haviam plasmado acima do hospital um vasto salão espiritual para novos tratamentos dos enfermos, com aparelhamentos ultra especializados, reservatórios de forças desconhecidas pelos homens.

E a biblioteca, destinada aos estudos de todos os assuntos relacionados aos tratamentos espirituais e físicos poderia ser comparada a uma pequena Universidade, no dizer do Monsenhor Cardume. Poucos teriam a felicidade de ali ingressarem, para altos estudos sobre a vida e acerca de Deus: somente aqueles que, já no mundo físico, se dispuseram a aceitar o Deus, os espíritos e as consequências da lei. Não haveria ali tempo para discussões estéreis. Nas conversações daquela casa não existiriam as expressões: não tenho tempo, estou cansado, vou pensar, essa doença não tem cura e muitas outras similares e, portanto, somente o homem renovado em Jesus Cristo vai encontrar as portas desta casa nos caminhos da sua existência. Os outros, ficarão por onde estiverem, envolvidos nas suas próprias concepções e teorias, até que amadureçam para o aprendizado mais útil. Essa casa, graças a Deus e a Nosso Senhor Jesus Cristo, teria um marco de luz, como ponto de despertamento do bem eterno nos corações.

O Dr. Bastos sentia a felicidade bater em sua porta; o Dr. Miguel também estava dissipando todas as suas dúvidas, com os acontecimentos. Ligava um fato a outro e deduzia a existência das coisas reais que não conseguimos apalpar, com os recursos físicos. Na sua mesa de trabalho um livro estava sendo folheado e na cabeceira de sua cama achava-se a Bíblia, como força nova, a modificar o homem. Recitava alguns salmos à hora de se deitar e sentia todos os dias novas esperanças, compreendendo agora porque os místicos amam tanto a vida. Eles vivem, pensava, em outra faixa; respiram outros ares. Mas logicamente, sabia necessário cuidar-se para se livrar do condão mágico do fanatismo, do entusiasmo excessivo pelo atraente assunto das coisas misteriosas.

Organizou-se, no hospital, uma sala de estudos espirituais, onde os dois médicos, aproveitavam todas as suas horas de folga, até domingos e feriados, para entabular conversação edificante. Logo arranjaram três simpatizantes, homens de brio, amantes da verdade, um dos quais era dono de vasta fortuna em Portugal. Parece que o Destino favorecia aquelas ideias, conduzindo para aquele reduto de trabalho e de estudo das leis de Deus, criaturas dotadas de alto valor moral e espiritual. Já eram cinco pessoas filiadas ao grande objetivo do bem comum, que é a felicidade dos que sofrem. Marcaram um estudo a ser feito duas vezes por semana, em horas certas, em conjunto, fora os minutos que sobravam de cada um, que eram dedicados ao estudo na nova escola, funcionando na Casa de Saúde São José.

Com seis meses de estudo, os frutos foram aparecendo: alguns doentes já desenganados pela Medicina oficial já estavam em seus lares, com a esperança de viver muito tempo e com a fé mais robustecida nos corações, o que é o mais interessante. A notícia corre, de boca em boca. Anunciavam que na Casa de Saúde São José ocorriam milagres, todos os doentes que ali entravam saíam curados, inclusive os desenganados. E o povo é, como todos sabemos, o melhor noticioso que conhecemos. A notícia, boa ou má, corre mundo pelo veículo da língua, velho instrumento do bem e do mal.

Os Drs. Bastos e Miguel, depois de ministrar nos enfermos os recursos materiais, complementavam o tratamento, carinhosamente, com a força magnética, oriunda de todos os cinco que compunham o seu grupo de estudos. Os espíritos responsáveis por aqueles trabalhos, ampliavam cada

vez mais seus recursos, por encontrarem ambiente adequado às coisas da vida maior. Em certa ocasião, à guisa de experiência, usavam somente o tratamento magnético e era o suficiente para a recuperação dos enfermos. Daí deduziam que havia, em muitos casos, doentes só da alma e como é essa que comanda o corpo, claro que esse sofria as consequências.

Os dois médicos rompem a barreira criada na escola universitária entre espiritualismo e materialismo, aproveitando o que cada um oferece de melhor para o bem-estar de toda a comunidade. Como a escola que fundaram carecia de um nome deram-lhe o de “Templo de Jesus Nazareno”, com uma enorme pintura do Mestre da Galileia, de braços abertos, abençoando uma multidão de fiéis, no fundo do salão.

\* \* \*

Certo dia, o Dr. Bastos foi convidado a ir ao palácio episcopal de Dom Rafael, bispo muito influente nas finanças e no comércio de outros países com Portugal. “Será que isso é princípio de dores?” pensou. Mas não temeu. Ergue a mente, com fé em Deus e vai, atendendo ao chamado da grande autoridade eclesiástica. Chegando ao luxuoso palácio, depois dos cumprimentos habituais, Dom Rafael convida o Dr. Bastos para uma conversa a sós. Entram em um quarto, mais adequado, pela aparência, a príncipes que a Sacerdotes. O médico sentou-se confortavelmente escutou o príncipe da Igreja Romana falar, sem rodeios:

— Dr. Bastos, tenho tido notícias da tua fama, como médico em Portugal, e queria experimentar tua terapêutica. Não para mim, mas para meu sobrinho que muito amo. Vem ele sofrendo de uma enfermidade desconhecida, para a Medicina, há mais de dez anos. Já estive nas melhores clínicas da Espanha; consultou os mais abalizados médicos da França, e a doença progride, sempre. Não compreendo, não há mais ninguém a quem apelar meu Doutor...

E começou a chorar. Dom Rafael era muito ligado ao sobrinho, que dependia apenas de um ano para se ordenar Sacerdote. A maldade do bispo na área inquisitorial desaparecia quando pensava no bem-estar do sobrinho, que retribuía ao tio a mesma afeição, pois fora criado por ele, com os cuidados de um pai. O médico, grande psicólogo, notando que a

brecha no coração de Dom Rafael se abriria, com o sobrinho sendo o estilete, argumentou, com voz branda mas firme, o graduado Sacerdote da Igreja Católica:

— Reverendíssimo Padre, rogamos a Jesus que V. Reverendíssima seja atendido pelos céus, no caso do seu sobrinho.

Vamos fazer o que estiver ao nosso alcance...

Notando que o velho queria interrompê-lo silenciou.

— Meu módico amigo — disse Dom Rafael — senti certa felicidade ao ouvir o Doutor pronunciar o nome de Jesus. Mas parece-me que não frequentas a Igreja, pelo menos não vejo teu nome na lista dos fiéis da tua região. Tens fé em Deus, Doutor? Conheces bem a Jesus? Acreditas nos santos? Como encaras a Igreja Católica Apostólica Romana?

O Dr. Bastos estava em um beco sem saída, na presença do príncipe da Igreja. Como sairia daquela situação? O cristão não deve temer nada. A coragem é meio caminho para a vitória, em todos os campos da vida. Jesus nunca temeu César, nem Paulo de Tarso teve medo frente aos carrascos, nem os discípulos nos circos romanos, sabendo que iam ser comidos pelos leões. Mas, quem era ele para ser comparado com aqueles grandes nomes do cristianismo nascente? Assim, após esse raciocínio, enfrentou o tigre romano, com vestes de homem.

— Querido Sacerdote de Deus — falou o Dr. Bastos com amor no coração — de fato não tenho frequentado, como deve um católico, a Igreja. Em primeiro lugar, V. Revma. sabe que um médico não pode ter horários certos para sua vida particular, pois quando juramos, em cima do diploma, assumimos compromisso para com os seres humanos que sofrem, independentemente de horários. Sei que o senhor não ignora isso e ademais, meus estudos tomam todo o resto de tempo que me sobra. O médico que não estuda não aprende, quem não aprende não serve, quem não serve não pode ser cristão, não é assim? Acredito muito em Deus, se assim não fora não estaria cuidando dos enfermos, cuja maior parte é desprovida de recursos materiais. Para quem não acredita em Deus, na alma e nos santos, filhos dos céus, qual o interesse de fazer essa caridade? Que interesse V. Revma teria, se não aceitasse Deus, de ser pastor

incondicional de todo o rebanho de Portugal, para defendê-lo dos ataques dos lobos? Mas cada um tem uma missão diferente, todos obedientes ao mesmo Deus. O Deus de Abraão o Deus de Jacó, o Deus de Isaac, o Deus de Moisés, o Deus de Jesus, todos eles são o mesmo Deus, o verdadeiro Pai de todos nós, não é assim? Minha ideia sobre a Igreja Apostólica Romana é das melhores, porque sei que ela, dirigida por homens conscientes da verdade, como são, não trocaria por nada do mundo a pureza dos ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo. Acho a missão da Igreja grandiosa, pois a ela foi dada a tarefa de levar o nome de Jesus a todos os rincões do mundo. Peço-lhe desculpas, Dom Rafael. Se não frequento a Igreja assiduamente é por razões já mencionadas e, creio eu, que um hospital é uma igreja de Cristo em alta função de consolar almas e de aliviar corpos danificados. Nessa Igreja estou, todos os dias, confessando com a minha consciência e comungando com o meu dever. Na opinião sensata do prezado bispo, acha que Deus e Jesus se aborrecem comigo? Creio que não, pois quem trabalha para a felicidade dos outros só poderá ser bem aceito no reino dos céus.

Dom Rafael, com os olhos fitos no médico, falou, suspirando: — Dr. Bastos, eu pensava que fosses ateu. Vejo agora que professas uma crença. Mas cuidado, meu filho. Os ensinamentos dados pelo Cristo, nos seus Evangelhos, dão muitas aberturas. Não sejas um desses que passam por elas, pois as interpretações verdadeiras dos textos sagrados, meu amigo, pertencem aos pais da Igreja, como deves saber. A Igreja do Cristo de Deus é portadora desse tesouro do céu, com estadia na Terra. E muitos, Doutor, têm se desviado, querendo dar às palavras de Jesus outras interpretações, que nunca existiram, na realidade. Confio em que não sejas um falso profeta.

Dom Rafael calou-se, esperando a resposta do médico, e esse dando vazão aos conhecimentos, comenta com serenidade: — Dom Rafael, se devemos reconhecer a árvore pelos frutos, peço a Vossa Reverendíssima saborear os frutos da minha vida e julgar sua procedência, e verá que falo a verdade. D. Rafael, como homem de Deus, deve ser justiceiro. Apelo para o seu coração, nesse entendimento que julgo necessário.

Silenciando, toma um chá que é servido e espera mais alguma palavra do bispo que, terminado o seu chá, volta a falar:

— Dr. Bastos, eu estou passando dos limites traçados pela ética. Não te convidei para vires até aqui — e foste muito gentil em atender — para discutirmos religião ou filosofia. O Cristo, como herança de luz, já entregou os seus Evangelhos, para serem explicados à humanidade, aos pais da Igreja, e nós outros seguimos suas pegadas, isso é tudo.

E voltou ao assunto do rapaz, seu sobrinho, falando com um sentimento que espelhava Indubitável amor.

— Quero, Doutor, que o examines. O rapaz, de vez em quando, é tomado por uma tristeza profunda. Depois, bate os dentes como um macho suíno a festejar sua fêmea, e começa a falar coisas desconexas. Ele não é disso, conheço sua formação...

De uns tempos para cá, não respeita nem a mim!... A coisa está ficando grave! Pediria a teu bom coração para usares todos os recursos, Dr., mesmo que sejam condenados pela Igreja... Eu os perdoaria, tenho poder para isso. E quanto ao pagamento, não faço objeção nenhuma, fica à tua escolha. Poderás examiná-lo hoje mesmo, e dar tua opinião sobre o caso dele. Espero tua compreensão e te desejo os melhores dias possíveis nas tuas andanças em prol do bem comum e, caso necessites de meu prestígio, que bem conheces, usa-o a qualquer momento que pretenderes. Mas cura meu sobrinho, que muito amo.

O Dr. Bastos agradeceu a gentileza do bispo e combinou com o mesmo o internamento do rapaz na Casa de Saúde São José, para lá ser examinado com todo o cuidado e tratado pelos recursos da casa, mantendo o Sacerdote constantemente informado sobre o rapaz. O bispo mostrou-se imensamente alegre e abençoou o Dr. Bastos, desejando que a felicidade atingisse toda sua família.

Dentro de duas semanas, o rapaz já estava bem melhorado no seu aspecto físico, mas quanto ao espiritual, ainda deixava muito a desejar. Em uma noite de reunião dos estudantes da verdade, no salão da biblioteca, depois de muito comentar sobre o caso do sobrinho de Dom Rafael, resolveram fazer uma corrente magnética em torno do rapaz, com o fito de o libertarem das artimanhas de alguma imundície espiritual. Haviam chegado à conclusão de que não se tratava de enfermidade do corpo,

simplesmente; sua vasta cultura espiritual indicava-lhes a necessidade do tratamento por intermédio de fluidos magnéticos, e marcaram para o dia seguinte o banho de fluídos, como chamavam ao magnetismo atraído por muitas mentes agrupadas.

Na noite marcada, formaram uma corrente, todos deram-se as mãos, colocando o rapaz no centro e, depois de fervorosa prece a Deus e a Jesus, começaram a fazer o banho no enfermo, como se o pensamento fosse mãos e água. No mesmo instante, o sobrinho do Sacerdote entra em êxtase e começa a contorcer-se todo. Depois, passa a pronunciar nomes desconhecidos para os ali reunidos. Fala da raiva que tinha do Dom Rafael, do ódio pela inquisição e da revolta contra tudo, porque ele fora escolhido para sofrer nas unhas daqueles miseráveis de saía. E falou durante mais de uma hora.

Todos ali tinham conhecimento da vida do rapaz. Sabiam que ele era pacato e inofensivo, meio calado. Aquilo era uma possessão de algum espírito maligno. Naquele momento o Dr. Bastos começa a falar com o rapaz possesso:

— Meu irmão, não sejas endurecido.. Não faças isso com este moço, que não deseja mal a ninguém. Quanto ao Dom Rafael, devemos respeitar sua posição como pastor de almas, pois Jesus ensinou o perdão sem limites, até mesmo aos nossos inimigos. Peço que compreendas, e serás feliz, serás um dos filhos de Deus.

Nessa altura, viam-se no salão muitas entidades espirituais de alto nível evolutivo, destacando-se o Monsenhor Cardume, que aplicava vários passes no espírito incorporado no moço, como também no enfermo retirando uma massa leitosa do centro nervoso do sobrinho de Dom Rafael, lançando nela uma luz desintegrante, sendo os resíduos dessa operação recolhidos em lugares apropriados por competentes trabalhadores da novo socorro<sup>[2]</sup>. Aí, começa o moço, sob a influência da entidade, para que o coração, com a solda dos lágrimas, desse lugar ao amor a Deus, e compreendesse o objetivo da vida. Depois, o Dr. Gastos fala, com doçura influenciado por Monsenhor Cardume :

— Meu filho, não sejas endurecido no mal. Continuando com esse

propósito, serás castigado pelo teu próprio modo de pensar. A lei de Deus é muito justa; sê bom e perdoa, que serás confortado e amanhã verás o novo sol brilhar em teu caminho.

O moço se acalma aos poucos, olha para todos em sinal de gratidão, pega e beija os mãos do Dr. Bastos, esperançoso da sua recuperação, e de voltar a ser um homem sadio o forte. O Espírito foi retirado pelos competentes trabalhadores do bem e o rapaz, livre daquela fardo que carregava havia dez anos, levantou-se, com outro aspecto. Deu umas passados na sala, como se fosse um pássaro libertado da gaiola, depois de muitos anos Sentindo uma alegria indescritível levanta os braços para cima, espreguiça-se várias vozes, dizendo:

— Graças a Deus! Graças a Deus estou são! Quero avisar meu tio! Quero avisar meu tio!

O grupo de homens em concentração descansou suas mentes. Desfizeram a corrente, e o Dr. Bastos, com lágrimas nos olhos, agradeceu aos céus as bênçãos recebidas. Todos estavam emudecidos, com exceção do rapaz que chorava e sorria ao mesmo tempo, não sabendo como se comportar naquele ambiente de tanta fraternidade, de tanta compreensão. O moço, que havia anos não tinha a faculdade de pensar livremente, já mostrava a liberdade do raciocínio, pensando: “Queria que meu tio tivesse aqui, para que ele pudesse sentir essa beleza de ambiente espiritual. Parece que os céus desceram nesta sala, sinto perfume conhecido...” E seu coração cantava, pulsando a harmonia desejada. Terminada a prece, todos abraçam o rapaz, que tinha perdido toda a melancolia e dava plena expansão à alegria natural da juventude. Queria ir embora naquela mesma noite, mas o Dr. Bastos, que ele respeitava muito, ponderou:

— Não, meu rapaz, hoje não. Precisas mais uns dias, para que teu equilíbrio se alicerce. Isso, meu filho, é a lei de Deus, vamos obedecê-la. Lembra-te que, quando plantamos uma semente, esperamos o tempo certo para que ela possa desabrochar e crescer, além de dispensarmos o necessário cuidado à árvore em formação; o teu caso é mesmo. A semente da vida foi plantada em ti, e a energia Divina te libertou, por misericórdia dos estranhos poderes das trevas, plantando no teu coração e equilíbrio correspondente à tua evolução. Para isso temos que dar o tempo

indispensável, na certeza de garantir tua felicidade. Vai dormir, meu irmão, que o sono, em todos os casos, principalmente no teu, é o melhor complemento para a restauração final. Sê obediente.

Os componentes da reunião espiritual estavam encantados com os resultados positivos daquela experiência feita com o sobrinho de Dom Rafael que, com mais uma semana, entrava no palácio episcopal, perfeitamente são, curado na Casa de Saúde São José.

As notícias correm, anunciando aos quatro ventos os milagres; os outros hospitais se esvaziam. Dom Rafael, quando viu o rapaz são colocou tudo à disposição do Dr. Bastos; se surgia algum movimento em perseguição ao médico, o bispo desferia tudo com sua imensa força política, dizendo:

— Esse homem é um santo, temos de respeitá-lo. Já conversai com ele e pude comprovar que respeita a Igreja e conhece a missão dela na face da Terra, com os poderes do Cristo. Enquanto eu viver, o Dr. Bastos viverá em paz.

O rapaz voltou aos estudos com outra mentalidade, mais vivo, mais inteligente, após contar tudo para o tio, de como ficou livre do espírito imundo, pelas bênçãos de Deus e pela intervenção do Dr. Bastos.

Dom Rafael ficou pensativo : “Como será esse negócio, meu Deus? Não somos nós, os Padres, principalmente os da minha categoria, que temos poderes sobre espíritos imundos? Tais poderes não foram transmitidos para nós? Pelo menos é o que fala o Evangelho”. E pensava, pensava, sem solução; o único remédio foi tirar aquele pensamento da cabeça e procurar respeitar mais o Dr. Bastos, o admirá-lo. com amor.

O grupo de estudiosos passou de cinco para dez pessoas. E depois, para entrar para a escola espiritualista, o candidato passava por rigorosa sindicância, e de qualquer forma era um processo muito demorado. O Templo Jesus Nazareno era admirado por todos e o nome da Casa de Saúde São José se alastrou por toda parte. Quase todos os doentes ali internados só queriam ser tratados por processos magnéticos. O Dr. Bastos correspondia com o famoso Iniciador dos passes magnéticos, Dr. Mesmer, que se sentia feliz em saber que em outra Nação eram usados seus

processos do cura, com bastante êxito. A correspondência chegada ao hospital era volumosa e muitos enfermos eram curados pelo passe à distância, quando residiam longe de Lisboa. Esse tratamento era feito uma vez por semana.

Do mundo espiritual desceram mais recursos para a Casa de Saúde, pois o crédito dela era muito grande nas raias da espiritualidade maior. O Dr. Bastos, de vez em quando, pensava : "Devemos tudo o que àqueles aqui se faz ao Dr. Teodomiro Travassos, suas duas filias e àqueles dois anjos que nasceram aqui, verdadeiros instrumentos dessa renovação feita principalmente nas pessoas que aqui trabalham".

Dr. Bastos era chamado o médico dos aflitos. Não tinha cansaço, sempre tinha hora para ricos e pobres, o mesmo sorriso para todos. A biblioteca do Templo Jesus Nazareno cresceu rapidamente e os estudos ali processados horas a fio, davam resultados excelentes. A vida moral dos seguidores do Dr. Bastos era exemplar, garantindo a estrutura da nova escola. O Dr. Miguel transformou-se radicalmente e de vez em quando tinha a atenção chamada pelo colega, que costuma lhe dizer:

— Miguel, Miguel! Cuidado com o fanatismo, meu filho: ele sempre nos leva à decadência. Sustentemos a fé, sem que ela nos leve para lugares que ignoramos. Jesus pedia fé aos discípulos, mas antes ensinava a todos a lei de Deus. O equilíbrio é a melhor maneira de o homem encontrar a felicidade; não vês que quando o fiel da balança está no meio, tanto o comprador quanto o vendedor ficam satisfeitos ?

E o Dr. Miguel lembrava que antes era ele mesmo que fazia tais advertências ao colega. Mas o entusiasmo era muito grande, o sabor da luz era muito agradável e quem se acostumasse com ela não queria mais saber das trevas; porém, o Dr. Bastos estava com a razão. No mundo ainda se precisa de César e eles viviam dentro de um corpo, indispensável para o desempenho de suas tarefas na Terra. O Dr. Miguel prometeu todo o esforço para mudar, procurando o equilíbrio.

Os espíritos superiores criaram uma rede magnética em torno da Casa de Saúde São José, no intuito de defendê-la das tramas dos obsessores, que se reuniam em legiões, para atacá-la. Centenas de legionários do bem

comum apresentaram-se voluntariamente para dar serviço na casa. Dr. Bastos era a figura central no comando físico, enquanto na área espiritual chefiava o espírito iluminado de Monsenhor Cardume.

Nas horas de orações, na sessão magnética, o Dr. Bastos já vislumbrava a figura singular de Monsenhor Cardume, e muitas vezes pegava seus pensamentos, numa espécie de início de intercâmbio com o mundo espiritual. A casa crescia em tamanho físico e em extensão espiritual.

## CAPÍTULO XI

### O CAPATAZ DEDÃO

Sinhozinho estava pensativo, analisando os recentes acontecimentos que envolviam o Quiosque Relâmpago. Nunca nada havia ferido tanto a sua sensibilidade quanto a mudança da família Pantoni para lugar ignorado : “Por que, Meu Deus, eu não me interessei por essa gente antes que eles se mudassem? Tive uns sonhos esquisitos em companhia desta Niquinha e quanto mais lembro mais sinto uma realidade dentro de mim, sem explicação. Não sei o que fazer: ir à procura dessa família, além de ser fora da ética humana, é impossível diante das atuais circunstâncias, porque não posso me afastar desta fazenda, na ausência do meu pai e, além do mais, que desculpa eu iria inventar para o Padre Terêncio, ao empreender uma viagem de duração incerta?”

Foi para sua sala de trabalho e de lá manda um escravo chamar o capataz Dedão, que vem prestimoso:

— Sim, Sinhozinho, que deseja de mim? É algum escravo... — Não Dedão, não é nenhum escravo. Tu mesmo sabes que depois da viagem do papai, nenhum escravo foi chicoteado nesta fazenda; estou mentindo?

— Não, Sinhozinho, o senhor é bom demais para essa raça imunda, como dizia Dona Maria José, sua mãe.

— Não é bem assim, Dedão! Há muitos escravos obedientes, tu não achas?

— Sim!... Sim!... Sinhozinho, é verdade. Mas tem cada um...

— Mas esses — retrucou Sinhozinho — com o tempo, com o amor,

eles vão se educando.

O capataz virou o rosto para um lado, como era seu costume, e deu uma risada, baixinho:

— Sinhozinho é quem sabe o que devemos fazer...

O moço, inquieto com seus pensamentos íntimos, fala:

— Senta-te aí, meu filho. Vamos conversar um pouco.

O capataz, meio arredio, sem saber o que iria acontecer, senta na beirinha da cadeira, ouvindo. O novo comandante da fazenda traz à tona da mente a linda figura de Antônia Lis Pantoni, observa seus contornos, sua palavra envolvida em suave brisa de amor, seus cabelos brincando com o vento, seus olhos encantadores como dois faróis a iluminar as almas por eles focalizadas, seu andar meigo e enfim, seu inesquecível sorriso, que parecia escrever dentro do coração das pessoas, como a dizer: “Estou encantada contigo! Não te esqueças de mim, que estaremos juntos, para a eternidade”.

Abriu os olhos e falou comovido com o capataz Dedão, que se achava completamente alheio aos pensamentos do patrão:

— Dedão, sabes de quem estou me lembrando agora?

— Não senhor, só se é do Padre Terêncio.

Sinhozinho deu uma longa risada e disse, com dificuldade de expressão:

— Não, Dedão. A pessoa em quem estou pensando usa saia, mas não é Padre.

E Dedão riu também, sem saber de quem se tratava. O silêncio reinou por uns instantes e o Sinhozinho bastante confortado com aqueles pensamentos, disse:

— É da Niquinha, meu velho. Ah... Ah... é da Dona Niquinha! ... Sinhozinho tem saudades dela... Que mulher boa e que mulher linda

aquela... Conheceste-a bem, Dedão?

— Demais, patrão. Sempre que podia ia para lá ouvir a conversa dela e também afastar alguns pestes que ficavam amolando no quiosque; e ela gostava muito de mim por causa disso. O Papudo também era meu amigo, sabia que quando estava fora eu ajudava olhar sua casa. O Papudo era um bom homem, senhor, só tinha uma coisa: matava qualquer um por causa da Dona Niquinha.

— Tinha ciúmes! Retrucou Sinhozinho, com satisfação.

— Ora se tinha, Sinhozinho. Também, ele tinha razão, porque esses olhos aqui — e aponta para os próprios olhos com o dedo indicador — não vão ver mais nunca na vida peça igual àquela. Não pode aparecer coisa mais formosa do que a Dona Niquinha; a lembrança dela me faz muito bem, Sinhozinho. Se o senhor fala antes que também gostava da família do Quiosque Relâmpago, nós não os teríamos deixado ir embora, coitados! Devem estar encontrando muita dificuldade nos caminhos, porque as estradas são perigosas

Sinhozinho, suspirando, deseja que Deus os acompanhe onde estiverem.

Dedão, sem saber ainda porque estava ali com o Sinhozinho, pede licença para sair, mas o moço não dá licença ao capataz, dizendo:

— Ainda não te falei o que queria.

— Sim... sim... O senhor pode falar. Ficarei aqui até a hora que o Sinhozinho quiser.

Sinhozinho olha para o capataz com alegria e fala, como se fosse a um filho:

— Dedão, quero te mandar em uma diligência, queria que fosses procurar o paradeiro da família Pantoni, onde estiver. Dar-te-ei dinheiro e proventos para a viagem, além de escravos mas não me voltes aqui sem notícias. Convém passar pelas redondezas, perguntando pelo paradeiro da família. Quem sabe eles contaram a alguns amigos daqui o destino que

tomaram?

— Isso é fácil, senhor. Eu mesmo sei muita coisa da família do Papudo, e esse trabalho eu faço para o senhor, com toda alegria, não só para o servir, como também vou rever a Dona Niquinha e o amigo Papudo. Queria que o senhor me deixasse escolher os escravos para essa viagem, porque tem uns que não valem um pedaço de fumo ruim.

Sinhozinho riu muito e concedeu ao Dedão a escolha dos escravos de que precisava para a viagem em busca de notícias da família Pantoni. Dedão iniciou imediatamente os preparativos, arrumou a bagagem, escolheu uns muares de muita resistência, cangalhas, pares de bruacas sem defeitos, armas de primeira qualidade. Os cinco escravos selecionados para viajar, alguns deles parentes do Dedão, ficaram cheios de alegria; Dedão gostava de todos e nenhum deles tinha marca do chicote do capataz. Tudo preparado, faltava apenas a ordem do Sinhozinho e a bênção do Padre Terêncio. Os preparativos da viagem não eram vistos como nada de especial, porque era comum saírem capataz e escravos para alguma finalidade de interesse da fazenda, como buscar roupas, comprar animais ou transporte de famílias convidadas para temporadas na fazenda dos Travassos. Por isso, ninguém suspeitava de nada, quando saíam um capataz e vários escravos.

Assim, partiu Dedão e sua comitiva em busca de notícias da Niquinha amada, após receberem as bênçãos do Padre Terêncio e os votos de boa viagem de todos. O Sinhozinho sentiu-se mais tranquilo com a ida de Dedão. Parecia-lhe um dever de consciência fazer alguma coisa a favor daquela família que o destino encaminhou para os arredores da fazenda e que ele, na época mais própria, não se lembrou de amparar. A figura daquela mulher o impressionara demais.

Conversou um pouco com o Padre Terêncio, sobre o novo templo que ele pretendia levantar na fazenda, e deu ordens ao Servindo, homem conhecedor de construções, sobre o devido andamento da capela do Sacerdote. O velho Reverendo, de barriga cheia, saiu assoviando de alegria, pela construção da nova Casa de Deus.

A Fazenda "Riachuelo" obedecia cada vez mais à ordem do progresso,

com o Sinhozinho a frente, comandando os destinos da fazenda, sem se descuidar de nada. Alguns dos escravos mais obedientes já tinham suas casinholas próprias e na fazenda mesmo se fazia o casamento daqueles que tivessem condições para tal, segundo a decisão do Padre Terêncio e do Sinhozinho. O Padre sempre chamava a atenção do filho do Dr. Teodomiro, dizendo-lhe: — Sinhozinho... Sinhozinho! Toma cuidado, meu filho com essa liberdade que está sendo concedida, com excesso aos escravos. Quando teu pai chegar aqui, meu menino, vai ter que mudar tudo. E aí!

— Não te preocupes, Padre Terêncio. Quando o papai voltar não vai mudar nada; isso tudo que vês é a evolução dos tempos. Não podemos continuar esfolando os escravos no serviço sem os oferecer alguma coisa de útil. És Vigário de Cristo e achas que um ser humano deve ser animal de carga, por toda a vida? Não compreendo o Cristo dessa maneira, e acho que tu também pensas da mesma forma!

— Bem!... Bem!... — resmungou o Padre — é por isso, Sinhozinho que te apoio em algumas coisas. Mas às vezes acho teu sistema de direção muito avançado para a época. O cuidado no que a gente faz é muito interessante para a garantia futura. Eu já tenho meditado muito nesse assunto, meu filho. Então tu pensas que um Padre não tem sensibilidade? Tenho sim, meu menino, e das mais apuradas. Quando estudamos, os nossos professores mais abalizados na vida, sempre nos recomendam para não tomarmos decisões extremas, nem pender demais para um lado, nem tampouco para o outro. Fica sabendo que deve ser assim: “Nem tanto ao sol, nem tanto à lua”; precisamos tanto de um como de outro. Essa é uma velha filosofia que nunca falha. Não tomes decisões muito avançadas, sem a época exigir, porque do contrário pagarás muito caro por Isso. Tudo na vida tem sua época e a presente é a fase da escravidão. É daí? És tu quem quer mudar as coisas que têm que existir? Toma muito cuidado com tuas atitudes. Lembra-te que já te falei várias vezes, e torno a falar de novo: escravo é escravo, não tentes colocá-los em outro lugar.

O Sinhozinho raspou a garganta, dando curso livre a voz, e disse:

— Padre Terêncio, talvez não estejas me compreendendo bem. Não estou querendo entregar a fazenda aos escravos; absolutamente, mesmo

porque nem sou dono dela. O que quero é aperfeiçoar o modo pelo qual tratam os escravos. Eles não são criaturas de Deus? Precisamos entender que esses homens que nos servem e que são vendidos como animais, quando não mais nos interessam, ou quando nos falta dinheiro, têm sentimentos também: sofrem, amam, desejam liberdade, e não encontram direito nenhum que os garanta. Isso me faz sofrer, Padre... Se dependesse de mim, não haveria escravos, e sim companheiros. Tu podes notar: depois que melhoramos o modo de tratá-los, quantos deles progrediram na área do serviço, na obediência, na educação etc. Até o animal de carga, que apanha demais fica imprestável. O amor constrói, meu Vigário... E eu tenho uma forte impressão que fora dele não existe outro remédio para os males da humanidade. Deves ter observado quanto o papai gosta de ti. Pois bem, é porque o Guia religioso desta fazenda, da família Travassos, ama o dono destas terras. Quem, nesta fazenda, não obedece ao Padre Terêncio? Não ouve seus conselhos? Todos, todos te temos admiração. Por que? Eu sei porque: É devido ao teu amor por todos nós, sem distinção...

Sinhozinho tocara na vaidade do velho Sacerdote; quando ele ouvia falar que o Dr. Teodomiro gostava dele, fazia tudo pelo anunciante. Principalmente sendo o próprio filho do Senhor de Engenho. E ainda mais, porque Sinhozinho o colocara num plano superior: falou do amor que ele dedicava a todo o rebanho, que ele se orgulhava de dirigir, de ser o Guia exclusivo. Batendo de leve nas costas do Sinhozinho, vai andando, com alegria incontida, dizendo : — Esse menino!... esse menino! vai longe!... vai longe!... o dia que ele tira para filosofar, ninguém aguenta...

Sinhozinho tinha saudades da família que estava em Portugal e sentiu um abalo no coração quando recebeu notícias da morte de sua genitora, confirmada por carta. Mas a Mãe Dudu consolava-o, ajudando-o a suportar tantos dissabores no seio da família . Cheio de fé pensava: “Graças a Deus os céus nunca deixam seus filhos órfãos de consolo.

O Padre Terêncio sentira muito, também, a morte de Dona Maria José. Mas a consolação do Reverendo nascia dele mesmo, da dedicação que tinha pela religião. A Igreja era, para ele, tudo na vida: era pai, mãe, irmãos e parentes, vivia pensando como deveria ser o céu e se os Padres, quando morressem, iam chegando e...

Nada aborrecia o Vigário que, além de amar a Deus, nutria grande amor pelos pratos cheios: comia sempre com o Zé Melête do lado, para servi-lo em qualquer outra coisa que desejasse. Depois da comida, um bom cochilo e em terceiro lugar o cigarrão de palha, para completar sua felicidade. Pela manhã, comia muitas frutas saía pelo quintal a olhar aqui e ali, debaixo das árvores frutíferas e quando achava uma do seu agrado, Zé Melête tinha de virar um gato nos galhos para apanhá-la, imediatamente, ficando de novo na posição de dar o bote, caso o Padre encontrasse outra. Assim ficava o Padre Terêncio no pomar, horas a fio, com o escravo nas suas pegadas.

Quando a família Travassos chegasse de Portugal, iria encontrar tudo diferente na velha fazenda, quase tudo mudado para melhor. Qualquer visita que chegasse ao casarão não gostaria de deixá-lo, devido ao ambiente, à visão panorâmica, à limpeza, além do gado e os outros animais. Parecia que alguém tinha acrescentado ao ambiente mais vida: era impressionante o aroma agradável do ar que ali se respirava.

Sinhozinho tinha o costume de ler todas as noites o Evangelho, com a aquiescência do Vigário, sem contudo, dar obediência aos rodapés, que procuravam explicar os textos. Uma noite, como já era hábito, procurou a Mãe Dudu na sua casinhola. A escrava morava em uma casinha singela e dentro daquele lar em miniatura tudo era limpinho, cada coisa estava em seu lugar na pequena casa de um quarto, uma sala e uma cozinha.

A mãe de leite do Sinhozinho tinha certa liberdade; podia vir para casa a hora que quisesse e, principalmente depois que a família Travassos foi para Portugal, a liberdade da velha aumentou. Na sua salinha havia duas cadeiras mais confortáveis, ali colocadas pelo seu filho de leite, para que pudesse sentar à vontade quando visitava a velha escrava. Para ele, o tempo mais proveitoso era o que passava ali. A velha tinha uns conceitos sobre a vida que mexiam com o intelecto de qualquer sábio. Inspirada por Miramez, só conversava assuntos de alta relevância com o Sinhozinho e logo que chegava outra pessoa calava-se, humildemente, pois a obediência era o seu clima.

O Padre Terêncio começou a frequentar constantemente a casa da

velha Dudu, provocando a curiosidade do filho do Dr. Travassos, que certo dia lhe perguntou:

— Padre, estás indo à casa da preta velha, minha mãe de leite. Será que já concordas comigo na defesa dos escravos, na liberdade que eles merecem?

— Não! Não! Eu estou Indo lá, Sinhozinho, porque a casa da Mãe Dudu é muito limpinha e o ambiente da casinha é agradável. Parece que a gente descansa lá, Já notaste?

— Já— respondeu o moço — já notei, Padre. E sabes o que?

— Na realidade, não!

— Pois bem, meu caro Reverendo: o que desfrutas ali é o clima do amor que aquela preta tem pela humanidade; é o perfume do coração. Quem ama é sempre admirado por todos. Não és o único que gostas dali, não! Não notaste que mandei colocar na sala duas cadeiras confortáveis? Não foi ela que pediu, nem tampouco exigiu; fui eu que as mandei colocar ali, para que nós dois pudéssemos conversar confortavelmente e também para servirem a outras pessoas apreciadoras, como nós, do ambiente do céu. Entendeste?

O Padre Terêncio coçou a cabeça e respondeu:

— Já vens com tuas ideias de santificar escravos...

E, sorrindo, remata:

— Sinhozinho, já pensaste num céu somente com pretos? O que seria? Deus me livre!... Eles servem muito, meu filho, mas precisam de nós para guiá-los, se não, já viste, caem todos no buraco. O dia em que o mundo for governado por escravos, Sinhozinho, tudo volta para a estaca zero. Eles têm cabeça, na verdade, mas é só para levar pancada, não sabem pensar sozinhos. É preciso que os ajudemos a fazer o exercício do raciocínio, que para nós é agradável, mas para eles é um purgante, e dos piores.

E terminou seu argumento, dizendo:

— Esse negócio de ambiente nada tem a ver com coração, nem com vida santa, meu menino. As árvores não têm coração, nem são santificadas e quem não adora uma sombra com o clima delas?

E deu uma boa gargalhada e saiu assoviando, seguido a uns cinco metros pelo Zé Melête, que esperava a qualquer momento alguma ordem do Padre, para cumpri-la com a máxima rapidez.

O Sinhozinho, ficando a sós, pensa: “Coitado do Padre Terêncio. É como disse o nosso Miramez; ele é bom, mas ainda não assimila o Evangelho do Mestre, tem o Cristo mais na barriga que no coração”.

Na sala da velha Dudu encontravam-se o Sinhozinho e sua mãe de leite quando, a certa hora, ela fala ao rapaz ;

— Olha, meu filho, o nosso amigo de Deus está chegando e pede para leres alguma coisa da vida de Jesus.

Sinhozinho abre as páginas amarelecidas do livro santo e lê, com voz pausada, um capítulo de Mateus. Dir-se-ia que sua voz atingia a harmonia dos anjos, fazendo daquele rancho humilde um paraíso. Quando finaliza a leitura do Evangelho, Mãe Dudu cai no domínio do grande amigo espiritual da família Travassos, Fernando Miramez de Olivídeo, que saúda o Sinhozinho:

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo! Que a luz Divina brilhe em nossos caminhos. Abristes bem, meu amigo, no Evangelho de Mateus. Fizeste o que muito nos agrada: ler um trecho da boa nova do Cristo para então conversarmos nesse clima de paz com trabalho, cujo silêncio ambiente nos propícia uma conversação mais proveitosa. Os pessimistas têm o mundo como sendo um fardo pesado, de difícil transporte. No entanto, esse é o erro maior dos seus arrogantes corações. Muitos outros pensam em um céu diferente do que figura nas leis reais de Deus. O paraíso celestial não á vendável nem comprável com a moeda do mundo, mas sim conquistado com o ouro do esforço próprio; a diferença é pequena, na teoria; mas na prática, a distância é imensurável. O Evangelho de Jesus Cristo ainda não foi entendido na sua profundidade; ele está nas mãos dos homens como joia de grande valor, mas sem grande utilidade no uso diário. Mas nós não temos nenhuma autoridade para acusar os homens

por essa vigilância. Eles estão, como nós outros, caminhando para Deus, no calor da mesma luz. Eu sou um simples servidor que agradece aos céus a oportunidade que me foi dada de ser útil a esta comunidade, sem o que estaria na contemplação fria, esperando a vontade de Deus, para uma outra chamada semelhante. Confiemos e trabalhemos, sem esperar dos outros confiança e trabalho em nosso benefício. Esperemos e ajudemos, sem, com isso, pensar que alguém nos espera e nos ajuda nas nossas lutas provativas. Sejamos caridosos com os nossos semelhantes, dentro do clima de perdão sem condições, sem alimentar a certeza de que vamos encontrar caridade e perdão nos nossos caminhos. Acendamos o fogo do amor puro no coração, para que esse calor Divino aqueça a todos, sem, contudo, alimentarmos esperanças de que os outros nos devolvam essa mesma felicidade vivida por poucos. Quem resolveu acompanhar o Cristo não pode refletir, na imagem dos seus atos, o general romano que, de braços cruzados, assistia passar à sua frente as tropas da águia. Jesus é operante em toda parte. A oportunidade de praticarmos a caridade surge com o Mestre, em todo lugar: na dor e na alegria; no poder e na decadência; na carne e fora dela; nas trevas e na luz, como escravo ou senhor. Ele, o Cristo de Deus, vibra em tudo e sobre tudo, seja para os que acampam temporariamente nos domínios do corpo, seja para os que estão fora da carne. Ele representa o fundamento da própria vida. Com Ele, a vida em espírito é suave e a existência na Terra é digna. Sem Ele, falta-nos tudo o de que necessitamos para a grande escalada rumo à vida eterna. Sejamos conscientes disso e caminhemos com o Mestre e pelo Mestre, eternamente, se quisermos encontrar Deus.

Mãe Dudu silenciou. Depois mudou de voz, e o mentor espiritual falou com mais doçura, com mais encanto. A sala faiscava de luzes espirituais e o conforto reinava naquele quinhão de Terra, com o calor dos céus. Sinhozinho não tinha voz para perguntar nada, mas, de vez em quando, relampeava por seu pensamento : "Meu Deus, queria que o Padre Terêncio ouvisse isso; essas coisas me fascinam! Como é lindo o Evangelho explicado pelo senhor Miramez! É o Cristo vivo, é Ele de novo junto a nós. Mas não queria beber sozinho dessa água, e sim ofertá-la a todos. Será que estou errado, Meu Deus? Os escravos desta fazenda já ouviram as mais lindas canções do Evangelho por esse mensageiro da verdade, ao passo que os senhores são mais necessitados desse alimento! Não cabe a mim julgar o

procedimento do céu, mas... "

Acalmando seus pensamentos, o rapaz fala baixinho:

— Senhor Deus, perdoai-me, porque não sei o que falo. Cumpra-se a Vossa vontade, e não a minha.

Miramez, percebendo os pensamentos de Sinhozinho, aproveita o texto evangélico para responder-lhe:

— Meu filho, acabaste de ler no capítulo seis de Mateus, o seguinte : "Guardai- vos de exercer a vossa justiça diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles; doutra sorte não tereis galardão junto de vosso Pai Celestial". Analisa essas palavras do Evangelho de Mateus e julga se são certas. Não podemos alimentar nos nossos corações a vaidade de fazer justiça a ninguém; não podemos desmoralizar o modo de pensar errado dos nossos semelhantes, fazendo com que eles comunguem conosco nas mesmas ideias. Não podemos aplicar aos outros a justiça, desmantelando seus conceitos, arraigados com a força de milênios. Ficarão sem chuva e sem sol, porque, caso abandonem de pronto seus conceitos antigos, ainda não terão maturidade suficiente para viverem os novos. Procurando impor a transformação aos nossos companheiros, não estaríamos praticando a caridade, mas exercendo a exigência; não estaríamos exercitando o amor, mas a imprudência; nem o perdão, mas a intolerância. Se tens a felicidade de ouvir estes altos conceitos da vida é porque preparaste o coração, para que eles sirvam de flores na tua casa íntima. Se encontraste essa roseira perfumosa, onde poderás Inalar o suficiente para manteres a vida em paz, é porque és bom jardineiro, soubeste cuidar da planta de luz quando começou a nascer no teu coração. Nós não surgimos ao teu encontro para remover teu modo de pensar, de entender a vida. Simplesmente atendemos, em nome de Deus, teu convite, feito muitas e muitas vezes, ao argumentar contigo mesmo se poderia ser desta ou daquela forma; pediste sim, muitas vezes, de espírito para espírito, explicações de como entender de maneira certa as leis de Deus, porque teu coração não aceitava as explicações do Padre Terêncio. Nós não impusemos essa ideia em tua cabeça, nunca cometeríamos tal erro. A consciência, meu filho, é terreno que todos nós respeitamos com prazer. Servimo-nos, bem sabeis, de Mãe Dudu, mas não impusemos a ela esse trabalho; ela mesma se propôs a nos

servir de instrumento, antes de abrir os olhos na Terra. Sua condição de escrava nada impede no nosso trabalho, antes valoriza-o. Como aceitaste essas verdades espirituais? Não foi comparando o que ouviste da boca de Mãe Dudu, quando em transe mediúnico, com o que ela sabe no seu estado normal? Jesus não escolheu reis para serem Seus discípulos; a pedra angular da Sua doutrina foi Pedro, um simples pescador. Padre Terêncio, vindo aqui, não vai aceitar as nossas concepções acerca do Evangelho e, pior ainda, Mãe Dudu seria perseguida como portadora de Satanás, e a nossa perda seria muito grande, desfazendo-se o ambiente que ora desfrutamos, porque mantivemos a devida prudência. Se quiseres propagar a verdade, propaga com a vida reta que deves levar, pois dessa maneira a voz é mais soberana, mais contundente, mais benfeitora e veraz. O Evangelho que leste esta noite ainda se refere ao modo pelo qual devemos fazer a caridade. Vejamos uma parte do versículo: "Quando, pois, deres esmola, não toques trombeta..." Estamos aqui em função da caridade. Tanto no plano espiritual onde estamos, quanto no plano terráqueo, onde vos encontrais, dádivas vão sendo preparadas para os famintos das coisas de Deus. E eles as receberão pelo exemplo que deveis dar durante a vivência na Terra. Mas se tocades a trombeta diante dos homens, anunciando o que sabeis, sem que eles estejam preparados para ouvir, sereis apedrejados, sereis hipócritas, pois estareis querendo receber logo a recompensa da compreensão dos homens, e o seu respeito, para serdes glorificados por eles, por cumprirdes um dever espiritual, que não admite exigências. Em seguida, o Evangelho nos ensina a orar e nos dá uma fórmula, na qual todas as orações devem ser moldadas. Explica, ainda, a realidade do jejum mental, que só o Pai que está nos céus deve ver.

E continua, mostrando os verdadeiros tesouros da vida.

Miramez fez outra pausa, para que Sinhozinho mastigasse o alimento espiritual, e mudou de assunto:

— Meu filho, sê forte, qual um cristão verdadeiro; creio que terás muitos aborrecimentos em teu caminho e se te falo alguma coisa é com o intuito de te ajudar, prevenindo teu coração, para que quando eles surgirem, as forças do teu espírito não se abale de maneira a prejudicar-te. Terás toda a ajuda necessária ao sustento da serenidade desejada. Mãe Dudu é o teu cajado e o teu escudo nas horas das lutas com o destino.

Recorre a ela, que serás amparado. Tenho muita coisa a te falar, mas vou dizendo aos poucos, porque tudo demais torna-se veneno. A vida nos pede equilíbrio, ponderação em todos os nossos atos e é isso que estou fazendo e sempre procederei dessa maneira com relação a ti. Quanto à família Pantoni, cujo paradeiro desejas saber...

E silenciou um instante. O coração de Sinhozinho bateu forte, ao ouvir Miramez falar da família Pantoni. Será, pensou, que ele vai revelar o paradeiro da Niquinha? Para mim, isso é uma felicidade! Vou aguçar bem os ouvidos para não perder uma só palavra! Deve dizer sim, porque há tempos havia me prometido dizer para onde eles foram. Pelo menos foi o que entendi.

Miramez, velho psicólogo, toca na tecla do coração do Sinhozinho a canção do amor, esperando que ele viva mais para Deus. A ressonância era profunda no íntimo do filho do Dr. Travassos, que tinha ligações perdidas na noite dos tempos com a família Pantoni, principalmente com a graciosa Niquinha! Aquele nome lhe dava um certo entusiasmo para viver! E o Guia espiritual continua a conversa, como se falasse a um filho:

— Não és o único a sofrer saudades meu caro rapaz. Os Pantoni viajaram com os corações partidos de ter que deixar esta região, bem habituados que já estavam com o clima e com os amigos. No entanto a lei funciona, usando processos os mais diversos para que se cumpra a vontade de Deus. Eles encontraram as maiores dificuldades na viagem. Um dos dois filhos morreu na estrada, vítima de uma queda de um animal e sem recursos para tratamento adequado. Não fora a habilidade do tropeiro que os conduzia, já acostumado às viagens, não sei o que seria da família. Pararam em várias cidades, refazendo energias e mesmo a saúde, mas a intuição falava mais alto em seus corações e partiam novamente. O entusiasmo do Papudo em viajar era o exagero do ciúme por Niquinha; era medo de perdê-la, queria chegar a um lugar em que sentisse paz, notasse confiança, pudesse trabalhar sem preocupação. Após muitas andanças, resolveu se radicar na cidade de Feira de Santana. Ali, arranjou amigos, não desconfiou de ninguém, pelo menos na chegada, e começou a trabalhar. Depois, adquiriu uma hospedaria que a Niquinha pudesse tomar conta. O tempo corre célere e os nossos personagens trabalham e sofrem, em busca de algo que eles mesmos ignoram.

Miramez parou de falar um pouco. Sinhozinho estava perdido, como se estivesse sonhando. Não gostou da interrupção, queria ouvir aquele assunto sem parar, sem limites. Miramez voltou a falar:

— Sinhozinho, quanto ao assunto do Dedão, ele ainda viaja sem cessar, apesar de um acidente com a comitiva, no qual desapareceu um dos escravos. Mas não te preocupes com isso. São forças da lei inexorável de Deus. Não convém que a comitiva continue, pois a família não vai ser localizada por eles. Deves mandar outros escravos em direção a Feira de Santana, com instrução de encontrar a comitiva de Dedão, transmitindo tua ordem para regressarem todos à Fazenda “Riachuelo”. Quando o capataz Dedão chegar à cidade de Feira, caso continue, a família Pantoni já terá saído, de lá, com destino que depois irás saber.

O Guia espiritual roga a Deus por todos, desejando a compreensão para os moradores da Fazenda dos Travassos, e Mãe Dudu acorda do sono da felicidade, como dizia sempre...

Sinhozinho conversou animadamente com a velha, acerca do ocorrido durante o transe, e se despediram à procura do descanso do sono.

No dia seguinte, uma comitiva de três escravos de confiança, acostumados a longas viagens, partiu rumo ao Estado da Bahia, no sentido de fazer regressarem o capataz Dedão e seus subordinados, por ordem pelo Sinhozinho Cardoso e segundo a vontade do muito querido Miramez.

Em Feira de Santana, a família Pantoni faz amizade com muita gente. O Papudo era um boa praça e a Dona Niquinha... nem precisa dizer... A sua cativante beleza física somada às virtudes de que era portadora irradiavam um ambiente que todos desejavam desfrutar. Até o Vigário da cidade passou a comer na hospedaria do Papudo, dizendo que a comida dali era muito mais gostosa e, como morava só, não tinha jeito de comer melhor.

Papudo gostava muito do Reverendo porque, com a presença dele, a hospedaria requeria dos hóspedes mais respeito. Havia uma mesa separada somente para o Vigário Gregário alimentar-se, sem ser perturbado pelos demais. Niquinha cuidava muito bem do homem da Igreja, por ordem do próprio Papudo.

A vida na Bahia, para a família Pantoni, corria bem. Além da hospedaria que Papudo montara, mantinham também um açougue, na mesma cidade de Feira. Papudo tinha um espírito inquieto, nunca se ocupava com uma coisa só, sentia prazer com muito trabalho e com isso podia ganhar muito dinheiro. Niquinha tomava conta da hospedagem, com eficiência, tomando as decisões necessárias para o bom andamento da casa, que era muito frequentada, mercê da limpeza que imperava no ambiente e da boa comida, que nada deixava a desejar. Quem comia ali uma vez, nunca mais ia para outro lugar. Além de tudo, havia a atração da graça e beleza da mulher do Papudo, que cada vez mais se encantava com a esposa. Ela nunca reclamava nada, por Incrível que pareça. Niquinha nunca se queixara de doença com o marido e, em ocasiões em que sentia cansaço, ou certo abatimento moral ou físico, buscava na oração o remédio e o consolo, sem comentar seus dissabores. Sua conversação era sempre otimista, abordando sempre assuntos proveitosos e impregnando tudo o que fazia ou falava com a marca da alegria e da esperança. A fama de Dona Niquinha naquelas redondezas era enorme e o Papudo progredia muito com a hospedagem e o açougue, arranjando tempo ainda para ferrar tropas que passavam por ali.

O Padre Gregório, com poucos meses que tomava refeições na hospedagem do Papudo engordara já alguns quilos. Nas suas labutas diárias na Igreja, nos conventos e no repouso do seu sítio, lembrava a toda hora da comida da Dona Niquinha. Mas uma coisa o impressionara mais do que o repasto na casa dos Pantoni: era aquela mulher dotada de tudo que se desejasse, trabalhadora, virtuosa e digna, pensava o Sacerdote. Nunca vira, no tempo todo que conhecia a família, aquela senhora falar, nem de leve, uma palavra mal empregada, fora da moral reclamada por um ambiente sadio; suas brincadeiras eram todas construtivas.

O Padre pensava sobre a Niquinha, principalmente quando estava no seu sítio, a balançar-se na rede, mergulhado em ideias não muito próprias a um Sacerdote da Igreja Católica Romana. Mas mesmo assim continuava, dizendo consigo mesmo ; “A liberdade que ninguém nos tira é a de pensar; as outras nos são tomadas pela religião, pela sociedade, pelo poder do mundo”. E olhava para um lado e para outro, achando que alguém pudera ter escutado o seu pensamento. "Mas graças a Deus o pensamento é livre, ó

Meu Jesus, que faculdade maravilhosa! Ela nos dá, mesmo sem existência real, um pouco de felicidade”. E naquele êxtase de conforto, plasma a mulher do Papudo na retina, materializa todos os seus contornos, dá vida à sua criação, dá algum retoque aqui e ali, mira a linda dama, suspira com desejo e convida-a em pensamento, para fazer companhia a ele, na rede. Ela se nega a satisfazer seu ardente desejo, quer retirar-se, mas ele agarra-a, obriga-a a ceder, embora com relutância. Vibra com firmeza que ela vai dormir, e a imagem de Niquinha, criada pelo Padre Gregório, cai em profundo sono, como anjo, os dois a balançar-se na rede, e o Reverendo com medo de abrir os olhos e não ver Niquinha ao seu lado. Permanece de olhos fechados, em estado de sonho fictício e de êxtase consciente, conservando o silêncio para a linda mulher não acordar e suavemente, passa as mãos em seu corpo, como se fosse uma flor de mil pétalas a desprender perfumes variados. E adormece em um longo sono. Ao acordar, vendo que todo aquele acontecimento não passava de uma ilusão, aborrece-se e vai embora para a cidade.

Dias antes, o Papudo e seu filho tinham ido à missa e se confessaram. Tendo o Padre Gregório notado a falta de Niquinha interpelou o Papudo, no confessionário desta forma:

— Meu filho, vejo-te sempre, e a teu filho, na Igreja e no confessionário, mas a Dona Niquinha nunca aparece. E não fica bem, em uma família católica, esse procedimento. Não é possível que uma mulher coma tua, tão virtuosa, tão cuidadosa com a família, sem defeitos, a não ser esse de não vir à Igreja, seja ateia, não acredito!

Papudo pediu licença e disse com humildade:

— Seu Vigário, a Niquinha é muito crente, reza todos os dias e lê sempre o livro de Deus. Os afazeres inúmeros é que a fazem esquecer da Igreja. Espero que o senhor a perdoe.

— É, vou perdoar desta vez, mas diga à tua esposa, Papudo, para vir nesta semana ainda à Igreja, pois sem confissão não pode haver mais perdão, entendeste?

— Sim senhor, entendi — respondeu Papudo.

E garantiu ao Reverendo que sua esposa viria confessar-se com ele logo, naquela semana ainda. Isso não seria problema, ele tomaria conta da hospedagem enquanto Niquinha se confessasse com o Padre Gregário. Também, quanto tempo podia gastar?

Minutos... minutos...

## CAPÍTULO XII

### A FAMÍLIA PANTONI

A noite, depois de tantos afazeres, Papudo, depois de esperar Niquinha no quarto até tarde para lhe dar o recado do Padre, adormecera. Ele tinha certa reserva em conversar essas coisas com a esposa e não usava qualquer lugar para tais assuntos, conforme pedido da própria Niquinha. Qualquer assunto referente ao bom senso, à moral, à educação, era tratado de forma particular e o lugar mais adequado era o leito.

Antônia Lis Pantoni era mulher culta, principalmente para aquela época. Tirara o diploma de professora em São Paulo, e Papudo tinha em alta conta suas opiniões, impressionado também pela sua fascinante beleza e exemplar conduta. A autoridade estava sempre com ela, mesmo que não desejasse, pois seus argumentos ponderados valiam ouro para o marido.

Niquinha entra no quarto silenciosamente, para não acordar o marido, necessitado de bom sono para recuperar as energias. Mesmo assim ele acordou, preocupado que estava com o recado do Padre.

— Não dormiste ainda, querido? — disse Niquinha, baixinho. — Já, meu amor. Mas acordei para te transmitir um recado do Vigário.

— Mas poderia ter ficado para amanhã!

— Não, minha filha: recado de Padre, na cabeça da gente, tira o sossego.

— Então vamos, vai dizendo e durma feliz, que amanhã o trabalho é duro para ti.

Papudo relatou para Niquinha toda a história do Padre, solicitando a

presença dela na Igreja e no confessionalário. Essa já sabia do ardente interesse do Vigário, que já havia lhe falado sobre sua falta na Igreja, tendo ela se desculpado com os muitos afazeres em casa. Mas o Reverendo usou seu marido como instrumento para se aproximar dela, desejoso de devassar a vida íntima da respeitável senhora. Niquinha ouviu o marido e respondeu:

— Bem, durma, meu filho. Depois vamos pensar nisso.

— Mas não te esqueças dessa obrigação cristã, pois o Padre nos adverte.

E dormiu, descansado por ter cumprido o seu dever de transmitir o recado à mulher. Niquinha dormiu pouco naquela noite. Achava que não ficava bem contar sua vida em um confessionalário a um homem cujas intenções ela conhecia bem e que frequentava sua casa como hóspede. Além de não ficar bem, não possuía coisas misteriosas para contar; sua consciência vivia tranquila e na paz de Deus. Conhecia bastante o mundo, as maldades, havia estudado muito a religião católica, não só pelos livros como também através dos Padres. Sua sensível alma percebia tudo o que o Reverendo desejava; não estava ignorante acerca dos escusos desejos do Vigário, mas tinha educação com sobra e habilidade com fartura, no sentido de sair do caminho dos interesses do Sacerdote.

Muitas vezes ela mandava a empregada da hospedagem servir ao Padre as refeições, para tristeza do Sacerdote, que nada podia reclamar. Em outras ocasiões pedia ao marido para chegar mais cedo, para fazer companhia ao Padre Gregário, no almoço e no jantar. E Papudo aceitava, com alegria: Padre, para ele, era Deus mesmo na Terra. Mas o Sacerdote não gostava muito. Preferia tomar as refeições a sós, mas sem poder falar Isso ao marido de Niquinha, tinha que suportar sua presença todos os dias. Isso agradava sobremaneira a Niquinha, que dizia aos dois:

— Estou satisfeita em ver-vos alimentando juntos, porque o Papudo adora conversar com Padres, ouvir os conselhos dos homens e de Deus e isso para mim representa grande alegria. É pena que eu também não possa desfrutar dessas conversações sadias e cristãs. Mas o Papudo escuta para nós dois.

O Padre sorria por fora, mas mordida por dentro; ele queria era a companhia de Niquinha, conversar bastante com ela, até fazer ambiente para falar o que pretendia. Era raposa velha, acostumada a agarrar as galinhas pelo pescoço depois da meia noite. Mas com aquela franga, que enchia seus olhos de ansiedade, estava difícil.

Após alguns dias, Papudo pergunta a Niquinha se ela tinha ido à Igreja conforme pedira, ao que ela responde, mansamente:

— Não, meu amor. Ainda não sobrou tempo para isso, mas te garanto que se esse é teu desejo e do Padre Gregário, irei amanhã mesmo.

Faze assim — retrucou Papudo — eu te peço e garanti ao senhor Vigário que irias. E o povo, como todos sabemos, conversa muito quando não nota a frequência das pessoas novas na cidade nos ofícios da Igreja, quando essas pessoas não dão provas de crença fervorosa, com a presença na capela. Tu mesma sabes que somos muito perseguidos por outras coisas de menor importância, quando mais por faltar a crença em Deus. Vai, minha filha, vai logo que puderes e o nosso amigo Padre ficará satisfeito com todos nós.

Niquinha sorriu bastante e respondeu:

— Não te perturbes, meu amor. Irei sim, sem falta. Mas fica sabendo Papudo, que a melhor religião é a vida reta que havemos de levar, é a consciência tranquila no dever cumprido; as demais organizações dos homens na Terra são cópias sujas das leis de Deus, porque o valor da pregação do Evangelho está na vivência do que falamos e a palavra só é realmente construtiva, quando acompanhada pelo exemplo. A caridade só é bem feita, quando esquecemos totalmente as recompensas; o amor só tem valia quando não desejamos nada em troca.

Papudo abriu a boca, sem poder falar nada, e finalmente articulou algumas palavras:

— Niquinha, onde aprendeste tudo isso?

— Aprendi — respondeu amavelmente a mulher — na escola do coração, com o grande mestre da razão em livre raciocínio, entendeste,

Papudo?

Mas Papudo não havia entendido nada da profunda filosofia da esposa. Não obstante, achou bonitas aquelas palavras, ficou admirado. Sabia que Niquinha era culta, mas não tanto, a ponto de falar sobre a vida, igual aos Padres.

A mulher tornou a afirmar que logo iria confessar com o Padre Gregório, tirando a aflição do pensamento do marido.

No dia seguinte, Dona Niquinha procura a igreja, colocando um véu na cabeça, ao entrar, o que a tornava ainda mais linda. Ao ser avistada pelo Padre, esse fez que não percebera sua chegada, continuando a ministrar os preceitos religiosos, como se estivesse isolado de todo o mundo. Mas em todos os lances não perdia de vista a mulher do Papudo que, após entrar, procurou um lugar comum a todos e tomou assento, esperando sua vez, logo que começasse a confissão, enquanto os olhares todos convergiam para a senhora do novo açougueiro de Feira de Santana.

O Padre Gregório desce para o confessionário e passa a atender um e outro, até que chega a vez de Niquinha. Ela se aproxima do Vigário, com a mente em Deus e o coração em Jesus, enquanto o Padre tem a mente empestada de luxúria, e o coração bêbado de amor pela mulher do Papudo. Ela se ajoelha, com todo o recolhimento. E ele, sentado confortavelmente. Ela, de olhos fechados, e ele com os dele tão abertos que dá para os dois.

Começa o Reverendo, com estudada mansidão:

— Conte, minha filha, os teus erros, não precisa acanhamento. Lá fora sou um homem qualquer com a obrigação de zelar por esta Casa de Deus e pelo rebanho a mim entregue. Mas, aqui dentro, sou o Vigário de Deus, instrumento de Jesus Cristo para consolar os aflitos, para perdoar os pecadores e para acalmar os corações torturados. Muitas vezes guardamos dentro de nós ressentimentos que nos corroem a alma; acalentamos, nos nossos corações, feitos impensados que magoam nossos espíritos. E é necessária uma mão amiga de um ministro de Deus para remover esses fatores negativos, pelo perdão. Não tenhas constrangimento em nada, podes te sentir com segurança, pois o que sair dos teus lábios morrerá em meu coração. E ainda pedirei aos céus que intercedam por ti diante do

Senhor, transformando o teu gesto de humildade, frente ao homem de Deus, em uma verdadeira bênção especial, para teu amargurado coração.

Niquinha parecia estar em outro mundo, dando pouca importância aquele rosar de fera livre da jaula, mas com a insistência do Vigário, ela pede licença e responde, sem olhar para o rosto emocionado do Padre:

— Meu Senhor: graças a Deus não tenho nenhum segredo no coração, que meu marido não possa saber, no que toca aos meus atos. Meu coração, como o Senhor acabou de falar, anda mesmo amargurado, mas por não encontrar na maior parte da humanidade, principalmente nas pessoas que até hoje conheci, aquela importância moral, aquela dignidade e aquele amor pelo Cristo. Encontramos, sim, homens e mulheres, cada qual em suas funções, deturpando-as sem atenção àquele preceito antigo do Mestre de Nazaré, quando dizia aos seus discípulos: “Orai e Vigiai”.

Infelizmente, a humanidade ainda pensa que orar é balbuciar palavras impensadas, sem nenhum valor intrínseco, sem nenhum amor e respeito no coração. E isso Reverendíssimo Padre, é isso que tortura um coração cristianizado: não encontrar mais aqueles valores que existiam com abundância no cristianismo primitivo. Só quem desconhece o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo é que pensa o contrário. Estudemos os escritos dos quatro evangelistas, Paulo de Tarso e o Apocalipse, procurando viver aqueles ensinamentos, para ver se temos coragem de cometer desatinos, de desejar as coisas dos outros, de pecar ao menos por pensamento, ou desnortear famílias alheias. Será que pregamos para os outros que Jesus está em todo lugar e esse mesmo Jesus não enxerga nossos atos? Por isso, Senhor Padre, respeito muito a Igreja, sou consciente do valor de um Ministro de Deus, quando esse vive o que prega. Mas não encontro sentido em uma confissão de pecados, esperando perdão, quando a nossa consciência às vezes não nos perdoa. Talvez tudo isso sirva para alguém, menos para mim, principalmente quando sou forçada a praticar um ato que só a consciência pode exigir. Sei que minhas palavras não terão ressonâncias nas exigências da Igreja, mas terão, tenho certeza, valor real no coração de Jesus. O Senhor poderá hoje não compreender o sentido pelo qual eu falo, mas no amanhã da renovação cristã perceberá quanto eu estava certa. Todos somos Vigários de Deus, quando decidimos servir aos céus com dignidade na alma e amor verdadeiro no coração.

Silenciou, dando tempo a que a inspiração renovasse a carga de conhecimentos evangélicos e, nesse intervalo, o Padre Gregório se mostrava pasmado, boquiaberto, mudo, sem que o pensamento desse algum sinal de raciocínio. O Padre jamais pensara que a mulher do Papudo tivesse tanta cultura religiosa, a ponto de suplantar o que ele sabia de Evangelho e de teologia, após os vários anos de seminário e mais dois de estudos especiais. As reações que antes formigavam seu ser, esfriaram de vez. Teve vergonha de ser Sacerdote, diante daquela mulher simples e humilde, mas de coração puro e de consciência impoluta, de caráter nobre e de profundo saber.

O Padre pensou logo em uma saída; tinha que tomar uma decisão, e essa é logo forjada pela sua astuta mente. Tomando posição, limpa as vias do verbo e fala como lobo revestido de pele de ovelha :

— Minha filha, que Jesus, o Mestre por excelência, nos cubra de amor e graça! Eu queria que soubesses qual é a minha missão na Igreja Deus. O meu dever é perguntar à pessoa que vem confessar sobre a tranquilidade de sua consciência, sobre o que ela porventura praticou fora das leis de Deus e da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo. E eu, representando o Mestre na função de Sacerdote, poderei aliviar o fardo do pecador. Ninguém, minha filha, pode prescindir de uma ajuda neste vale de lágrimas, que é a Terra. Conheço, de perto, os dramas dos seres humanos; onde começam e onde terminam. E é neste sentido, ovelha de Deus, que às vezes falo de uma maneira e sou mal entendido. Confia no pastor das ovelhas deste rebanho em que entraste, com tua respeitável família, que serás bem sucedida, em nome de Deus e do Cristo. Respeito, igualmente, tuas interpretações acerca do Evangelho; conheço de perto tua conduta em face da vida, e como mulher compromissada pela Igreja com um homem que muito admiro, desejo, para ti e os teus, a eterna convivência, no mais puro amor. Se desejei tua presença nesta casa é porque com ela mostraria ao povo, ao meu rebanho obediente, que a minha conquista nesta cidade, que tanto amo, é total; e a confiança deles para comigo será maior. Não obstante, esse desejo poderá servir de dissidência em nossa valiosa amizade, coisa que eu não gostaria. Se for preciso, pedirei perdão, no sentido de continuarmos a nos admirar mutuamente, rogando para teu bem formado coração as bênçãos de paz e luz dos céus.

O Padre Gregário estava revestido por uma aura semelhante a um pneu gasto a rodar em alta velocidade, que estouraria a qualquer hora, em seu próprio benefício; sua boca falava, mas nada relativo ao Evangelho partia do coração, pois suas intenções eram outras. Dona Niquinha estava envolta em um halo de luz, a se desfazer, como por encanto, na atmosfera da velha Igreja, mais parecendo um sol de primeira grandeza. Atrás dela, a mais ou menos cinquenta centímetros, via-se a figura majestosa e fiel do Mentor Miramez que, com facilidade, controlava suas faculdades psíquicas. Os dois permaneceram alguns instantes no silêncio divino, que é aquele em que a mente e o coração começam a assimilar o alimento dos céus. Com bastante disposição, a mulher do Papudo voltou a falar:

— Senhor Reverendo, dou graças a Deus por ter sido compreendida pelo chefe espiritual desta cidade que me acolheu, talvez por misericórdia. Sinto-me feliz por ter-me confessado da maneira que entendo que deve ser: dialogando. A meu ver, o Evangelho do Cristo não pode ter interpretações particulares. Deve ele ser disseminado de acordo com a inteligência de cada um, de cada povo e de cada consciência. Talvez a figura que vou apresentar seja muito forte para a hora, mas é a que tenho em mente: os animais, Senhor Vigário, alimentam-se de capim; as aves, das sementes; os homens, dos frutos; e os anjos, da essência das virtudes, que é o amor. De maneira que o Evangelho, como alimento espiritual, e sendo a única fonte, não pode fornecer somente um tipo de alimentação, devido à variedade da escala evolutiva. Por isso é que ele não pode ter interpretação particular: as interpretações têm de estar de acordo com o tamanho espiritual de cada um. Contar pecados ao Senhor, no confessionário, pode ser certo para muitos e dar valiosos resultados, mas isso não é para todos, e quem deve ter mais sabedora dessa verdade é a própria Igreja! O Senhor gostaria que aparecesse outra religião que se avolumasse, tomasse dianteira e, com a força que possuísse, obrigasse o Vigário que me ouve a mudar de ideias acerca da crença em Deus e do modo como entende Jesus? Com certeza não! Pois bem, vamos então nos lembrar desse mesmo Jesus, quando relata no seu Evangelho : "Não desejeis aos outros aquilo que não quereis para vós". Portanto, cada um tem liberdade de viver no mundo que lhe é próprio e a razão pela qual lhe falo dessa maneira não pode ser traduzida como falta de respeito, pois constitui impulso santo da consciência.

O adestrado Pároco já havia confessado milhares de homens cultos, mulheres famosas, nas Artes e nas Letras, Irmãs de todo um mosteiro, de todos os níveis culturais e de santidade; como aquela simples figura, de uma família apagada, poderia impedir que ele desse curso à sua sagrada missão em um dos departamentos da fé cristã, dos mais sagrados? Colocava ela por terra o valor da confissão? Mas onde arranjaría argumento e forças para dobrar aquela linda mulher? Como velho político, sabia que não deveria forçar demais. E também ninguém ficaria sabendo daquele diálogo entre os dois. Com paciência ela poderia, aos poucos, Ir frequentando a Igreja, pois “água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”.

Deu sinal para que a mulher se levantasse e orasse frente ao altar, dizendo-se satisfeito. Mas ela preferiu orar ali mesmo onde estava, havia quase uma hora, a sós com o Padre. Terminada sua ardente prece ao Senhor, sai em direção ao lar, tranquila e feliz de ter cumprido o dever imposto pelo coração em alta vibração com a consciência.

O Reverendo procura, às pressas, a sacristia, onde se desfaz das incômodas roupas. A fome o castigava, tinha de ir imediatamente para a casa do Papudo. A moral estava abalada: surgiu no seu íntimo uma tristeza impressionante, sem lugar para outra disposição que não fosse o céu nublado dentro do peito. Caminhando para a hospedaria, argumentava consigo mesmo : "O que vou falar para o Papudo sobre a confissões de Dona Niquinha? O ocorrido era impossível! Como um Padre perde uma batalha espiritual para uma leiga? Havia de ter uma saída. Também o Papudo tinha pouco entendimento no tocante às coisas de Deus e qualquer coisa que falasse, o marido de Niquinha aceitaria. Só não podia ser na presença dela".

Dona Niquinha não serviu a mesa naquele dia, e os dois homens conversaram animadamente. O Papudo transbordava de alegria pela obediência da mulher com relação às exigências da Igreja de Deus, não sabendo das condições espirituais do Padre Gregório depois da confissão de sua mulher. Ah! Como é bom ignorar certas coisas!

Depois de várias semanas, as conversações do Padre com Niquinha ainda eram rápidas e mesmo nesses poucos minutos nunca se tocava em assuntos religiosos. O Vigário passou a respeitar mais a mulher do Papudo,

mesmo em pensamentos. Depois da esfrega moral que ele tomara na Igreja, melhorou um pouco, não tendo mais aqueles delírios mentais de realizar o que desejava, torcendo as leis de Deus com sua chancela de homem. No entanto, e apesar de tudo o que aconteceu, ainda existia no fundo uma chama a fumar, um desejo a consumir, de possuir Niquinha. Mas Deus sempre ampara as criaturas que O amam em espírito e verdade.

Passados muito tempo, ainda que aparentemente, Padre Gregório tomou outra direção de conduta na cidade de Feira. Aquele embate espiritual com Niquinha removera um pouco as mazelas de seu íntimo e a consciência achou brecha para chamá-lo ao cumprimento do dever, perante tantas famílias, que trilhavam no caminho por ele indicado.

Observemos quanto de valor existe na conduta de uma pessoa. A mulher do Papudo, com sua vida reta, lavara a mente do Reverendo com a água viva que lhe brotara do coração. O Padre, com um pouco de renovação íntima, beneficia toda a população de uma cidade inteira. Sentia ele alguma força controlando seus pensamentos, regulando sua palavra e dando sentido mais amplo aos conceitos evangélicos; era a consciência acordada, que não permitia outro procedimento.

Com o passar dos meses o movimento da hospedaria aumentou mais. Papudo não tinha mais tempo para outros afazeres a não ser o açougue. Niquinha se libertou da perseguição mental do Padre, mas sua imagem de mulher fascinante, linda de não haver substituta, estava como que dormindo no torturado coração do Sacerdote, que esperava oportunidade para acordá-la. Mas ele não queria chamá-la, pois o impacto que recebera tirara todo seu ambiente e só o tempo poderia resolver. Também não pretendia perder terreno; quando desse o bote não falharia, mas não queria nem alimentar esperanças desse ideal. Sentiu vontade de ser bom, até o tempo ensejar a ação das suas artimanhas, como lobo trajado de pastor renovado.

Como a hospedaria da família Pantoni recebia gente de todas as bandas, dada a sua fama de ambiente selecionado e ordeiro, mesmo os bandoleiros da região procuravam a casa, sentindo ali mais segurança. Quem não gosta do bom, da luz e da paz?

Época de festa em Feira superlotava a hospedagem de Papudo; o ambiente se tumultuava, na correria por atender a todos. E foi sob esse clima que ocorreu o inesperado: encontraram-se ali dois inimigos, homens que carregavam a jura recíproca de que quando se encontrassem o terreno ficaria árido, não nasceria capim, como costumava dizer o povo. E os dois se encontram na sala da hospedaria. Um olha para o outro, vociferam alguns sons ininteligíveis e brandem os facões, armas muito usadas na época. O povo se aglomera, mas conhecendo a fama de valentia dos dois homens, ninguém se atreveu a apartá-los. E os sons das duas armas se encontrando mais pareciam o sino da capela do Padre Gregório. Eram ambos hábeis no manejo das afiadas lâminas, e os minutos corriam, o suor descia pelas faces dos dois jagunços, sem que um ou outro apresentasse ferimento.

Quando alguém avisou o ocorrido ao açougueiro, ele veio como uma fera, sentindo o desrespeito daqueles indivíduos em uma residência honrada. Papudo era um homenzarrão que amedrontava qualquer um só com seu porte. Penetrando a custo na sala, avançou em direção aos homens para apartá-los e chamá-los às contas por falta de decência, principalmente em dia de festa em toda a cidade. Quando tentou agarrar os punhos rígidos de Janjão Cangaceiro, esse habilmente torce um pouco o tronco e a grande lâmina que lhe era destinada acerta em cheio a cabeça do Papudo, quase dividindo-a ao meio. O esguicho do sangue impede a visão do marido de Niquinha, que sente os olhos turvados com o forte golpe no crânio e cambaleia para cair. As duas feras humanas não percebem direito quem foi o ofendido e tratam de defender cada qual a sua pele. O filho do Papudo, quando notou que seu pai caíra fulminado pela maldita arma do cangaceiro, avança com rapidez incrível em direção ao pai caído e, ao ampará-lo, o facão do bandido de novo desliza em direção a Janjão, que torna a sair de sua trajetória, e a lâmina decepa quase totalmente o pescoço do filho do Papudo.

Os dois cangaceiros, notando a tragédia e olhando a massa humana que se reunia, alguns com paus outros com pedaços de cordas, dispostos a pegá-los, os dois, como por encanto, tomam direção oposta. Um, como um raio, corre para os fundos e o outro de facão em punho, abre alas como se fosse um touro inconsciente e salta em cima do primeiro cavalo que

encontra, dando o fora sem nenhuma interrupção.

O resultado foi desastroso. O saldo do ódio foram duas vidas: Papudo e seu amado filho, que não largava o pai para nada na vida. Quase todo o povo da cidade se espremia em torno da hospedaria da família Pantoni; uns já conheciam o ocorrido, outros perguntavam ansiosos o que havia que ajuntara tanta gente...

Niquinha, quando contemplou aquele quadro, perdeu os sentidos na própria sala, sendo logo amparada por amigos que tomavam providências para desfazer aquele ambiente de amargura e tristeza.

O Padre, assim que soube, veio correndo. Aquele que morrera era seu maior amigo, o que fazer? O que o confortava sobremaneira era o que sobrara da família Pantoni. No curto espaço de tempo, da Igreja à hospedagem, pode pensar muita coisa sobre seus malditos planos e sobre o futuro da Niquinha. Mas guardou seus pensamentos no cofre do coração, com segredo decorado, para, quando na hora oportuna, movimentar seu câmbio mental e materializar tudo na vida real.

Esquecendo tudo aquilo procura entrar na casa dos Pantoni com lágrimas nos olhos e dizendo:

— Meu Deus, não tinha ninguém aqui para pegar esses assassinos? Onde estão os policiais? Mandem chamar com urgência!

Mas alguém já avisara o Delegado, que logo apareceu no local dos crimes, ordenando que os dois soldados intimassem mais uns quatro homens bem apropriados para a tarefa, armassem todos e partissem nas pegadas dos assassinos. A ordem foi logo atendida mas em vão, pois os dois cangaceiros viraram éter, penetrando no malvarisco fronteiriço, sem notícia nem da direção que haviam tomado.

\* \* \*

Bem, vamos pedir licença para regredir no tempo, lembrando uma existência do Papudo como gladiador Romano, e seu filho, como um dos espectadores mais fanáticos, a ponto de corromper os sagrados direitos dos homens, mesmo depois de morto.

Em dias de festas, nas áreas governamentais, os festejos comumente terminavam nas galerias do Coliseu de Roma, onde feras e homens se misturavam e os gladiadores eram ali as peças mais importantes do enredo de todo o dia. Vinha gente de todas as partes assistir às olimpíadas, jogos, bandas de música, lutas simples entre crianças e mulheres, que terminavam sem nenhum dano digno de menção e, finalmente, iam assistir à concentração do Coliseu.

Ali era apresentado o maior espetáculo. A massa, cansada e embriagada, só queria ver sangue, famintos, como vampiros, do líquido sagrado que sustenta a vida na Terra. Papudo, como gladiador famoso, ficava por último, e tinha, como ocorre nos dias de hoje nos esportes, os fanáticos torcedores do fio da sua pesada espada. Após embebedarem os criminosos, para que eles dessem pouca importância à vida, e após lido o relato de seus crimes, os guardas os soltavam na arena do Coliseu e, sob o delírio do povo, os gladiadores se preparavam. Os criminosos investiam contra os gladiadores e estes, só com uma cutelada, abatiam os farrapos humanos, como se fossem animais sem importância.

Este filho do Papudo, aproveitando-se da condição de parente de altos políticos de influência na época, podia ficar junto à arena e até mesmo entrar nela, na hora das lutas. Sendo fanático pelo cutelo seguro do gladiador, entrava na arena no final da atrocidade, puxava a vítima que não havia sido golpeada no pescoço, colocava-a em uma cepa de árvore e, pedindo silêncio, em alta voz, dava sinal para o gladiador que, de uma só vez, separava a cabeça do tronco já inerte do famigerado assassino. Era um delírio geral. Ele sobe na cepa de árvore e levanta os braços do gladiador, em sinal de vitória.

Papudo e o filho eram esses dois amigos da Roma Antiga e vieram saldar, no Brasil, suas velhas contas com a lei.

Mas, voltemos ao caso de Feira de Santana: Dona Niquinha acorda meio atordoada, perguntando pelo marido e o filho, chorando, e as amigas fazendo o possível para consolar a mulher que ficara viúva naquele sangrento drama na festa de Feira.

Os dias, as semanas e os meses vão correndo e, com o passar do tempo,

passam também as aflições, os pesares, que não devem ser alimentados, porque não resolvem os problemas da vida, que continua sempre nos oferecendo outras oportunidades. E Deus é sempre bom e misericordioso nas nossas lutas contra as Trevas, em conquista da Luz.

Logo, Dona Niquinha, portadora de certo equilíbrio espiritual, iniciou sua vida só, mas confiante em Deus, esperando em Jesus Cristo a solução para seu Destino. Fechou a hospedaria e, vendendo as coisas que possuía, foi levando uma vida honesta e reta, dedicando seu tempo a ajudar as Irmãs de Caridade. Visitavam os arredores de Feira, consolando os tristes, dando pão a quem tinha fome e vestindo os nus.

Antes, não sabia daquelas verdadeiras Irmãs de Caridade. A afinidade que possuía com aquele trabalho era enorme; o grande golpe que sofrera era compensado por aquele serviço de Cristo em favor dos sofredores.

O Padre Gregório é que não gostou de ver Niquinha naquele grupo de trabalho das Irmãs de Caridade. Por sua vontade, a Niquinha continuaria com a hospedagem, mesmo que fosse em outra casa, sob seus conselhos e sua bênção. Mas a mulher do Papudo renunciara às suas bênçãos, em troca das bênçãos de Jesus e de Maria de Nazaré, cuja figura líria era sempre lembrada por Niquinha. Certo dia, notando a ausência prolongada de Niquinha, o Vigário procura o orfanato das Irmãs e a encontra lá, quase integrada no ambiente da casa, como uma verdadeira cooperadora da comunidade.

As Irmãs, da cozinheira à superiora, tinham verdadeira amizade por ela. Todas admiravam sua conduta, sua educação, dizendo sempre:

— Não nascestes para o mundo e sim para seres noiva do Cristo.

E ela dava graças a Deus por ter encontrado uma das portas do Céu.

O Reverendo manda chamar Dona Niquinha, que atendeu prestimosa. Mas, vendo o Vigário, pressentiu o rastro da onça. Esse, cumprimentando-a com grande amabilidade, pediu que ela se assentasse, pois pretendia conversar a sós com ela, sobre assunto de muita importância para seu futuro.

Atendendo, a viúva senta-se ao lado do Reverendo, escutando suas irrealizáveis propostas de voltar para a hospedagem; poderia passar para outra casa, outra rua, para que as lembranças não dessem motivos para tristezas; ou então que ela ficasse tomando conta do sítio, com empregadas às suas ordens, ou mesmo morando na Casa Paroquial.

Dona Niquinha, depois de escutar as promessas do Padre Gregório, agradece-lhe, pedindo a Jesus que abençoasse tão generoso coração. E diz:

— Sou muito grata ao senhor, Padre Gregório, mas pretendo arranjar um noivo!

E sorri tranquila e alegremente...

O Padre olha-a, de cima a baixo, sente fogo nas veias, sente acelerar o coração, acalma-se logo após, vendo os encantadores dentes de Niquinha, que pareciam um punhado de pérolas molhadas na saliva de luz, refletidos por um sol interno.

E Niquinha continua:

— O noivo que estou querendo arranjar á Jesus! Quero ser servidora Dele, Padre! Agora, sim, estou encontrando a verdadeira felicidade, aquela que consiste em ajudar sem interesse, em servir sem recompensa, em amar sempre, a todos. Aqui nesta casa não se prega o Evangelho aos sons da trombeta, mas vive-se a mensagem cristã, com exemplos dignos da mesma.

Não queria Niquinha prolongar a conversa, pois conhecia a vontade do Vigário ao se apresentar para ajudá-la. O Padre, meio constrangido, começa a pensar: "mas não é possível! Dona Niquinha, Irmã de Caridade! Não pode, todo o meu plano vai ser desfeito, assim desaparece toda minha esperança de felicidade! Até a batina eu deixaria, em troca de sua companhia. E fala tristonho, com grande pesar:

— Não esperava que a Dona Niquinha desse para isso e se acostumasse com uma vida sem vida, desde que, em seu passado, em companhia do marido, foi andando pelo mundo, entre o povo, em alegrias mais humanas. E de repente...

— De repente tudo mudou mesmo ! — respondeu Niquinha — Sim, Padre de uma hora para outra tudo mudou mesmo. Mas não vou esquecer o povo, não! É com esta mudança que vou me enfronhar mais na vida do verdadeiro povo, pelo qual o Cristo veio: o povo que sofre! As alegrias humanas vão continuar! O próprio apóstolo Pedro nos recomenda granjear amigos. Mas qual é a amizade nova que granjeamos, sem a moeda da alegria cristã? Não serei uma noiva que se esconde com receio do ciúme do noivo. Não, eu irei, ao encontro de todos que carecem do carinho espiritual e do amor, com bases na fraternidade; serei uma noiva honesta, que carrega a figura do pretendido, não pendurada ao pescoço, e sim dentro do coração.

Logo foram chegando outras Irmãs, parando por ali em atenção a sinais de Niquinha, e o Padre Gregório se despede de todas, despedindo-se também de suas maléficas intenções. Depois daquele dia, nunca mais o Padre de Feira alimentou em seu íntimo a ideia de conquistar mulheres alheias, passando a estudar mais, a se esforçar no sentido de ser realmente um Ministro de Deus, a serviço do Cristo. O que ele desejava mais na vida era possuir a mulher do Papudo e já que ela não lhe correspondeu, nunca mais pensaria em conquistas e iria viver para Deus e para o Cristo na regra traçada pela Igreja Católica Romana.

Antes de conhecer Niquinha, era meio perdulário, andava sempre de alçapão armado, dentro de uma ética aparente, impedindo a qualquer pessoa perceber suas intenções. Mas agora pensava nas palavras de Niquinha, na Igreja, quando dizia frente a ele, no confessionário: “Será que pregamos para os outros que Jesus está em todo o lugar e esse mesmo Jesus não vê os nossos atos?”. Envergonhava-se com aquela lembrança; qualquer pessoa pode levar uma vida fora dos preceitos do Cristo e ser tolerado. Mas ele, um Sacerdote, não! O perdão para os outros é fácil, mas para ele, como Padre, é difícil, pois se as pessoas do seu convívio ignoravam seus atos, o mesmo não acontecia com Jesus, que estava em todos os lugares observando os feitos dos homens, principalmente dos seus agentes na Terra.

O Padre sente o coração se partir. Brota em seu íntimo uma irresistível vontade de orar, a fome do coração suplantava a do estômago, e em vez de procurar uma casa que servisse refeições, acelera seus passos

rumo à Igreja, hospedaria de Deus com as portas abertas, sem exigências de nada, como se fosse Cristo a receber a todos, sem distinção de cor, sem escolha dos abastados, sem preferir as mulheres bonitas. Ali, todos, mas todos, eram iguais perante Deus e ele queria ser um desses necessitados, a consolar seu coração, a matar sua fome com o repasto Divino do amor sem limites. Ajoelha-se sem constrangimento, sem olhar para os lados e com o pensamento exclusivamente em Deus e em Jesus, pronuncia sentida prece aos céus, colocando-se como um dos mais necessitados da cidade, a implorar as migalhas do amor para seu coração faminto.

E nisso explode o pneu da sua aura, chegando ao fim da rodagem tortuosa do erro, aparecendo no esplendor da sua sentida oração, estrias de luzes e faiscas em torno de seu corpo, anunciando o princípio da renovação de uma alma em marcha para Deus. Iria começar a percorrer os caminhos das dores, porque somente elas desintegram a argamassa espiritual fétida das mazelas vividas por nós. O Padre Gregário deu um passo para a dor, instrumento da limpeza cármica, do impulso evolutivo, na certeza de que, no amanhã da reforma cristã, no dizer de Niquinha, iria compreender aquele coração na grande batalha de espancar as Trevas.

## CAPÍTULO XIII

### NOVAS ESPERANÇAS

Sinhozinho Cardoso ordenara a volta do capataz Dedão à Fazenda "Riachuelo" o mais depressa possível, e para isso enviara em seu encalço uma segunda comitiva. O capataz viajara muito, passando agruras terríveis no longo percurso, juntamente com seus comandados. Não fora ordem do patrãozinho, já teria desertado, tomando outro rumo, vendendo os escravos em alguma fazenda, pois propostas nesse sentido não lhe faltavam. Mas como era uma missão encomendada pelo Sinhozinho, que, acima de tudo, era como um companheiro e irmão, chegariam até a derramar sangue em seu favor, pois a Fazenda "Riachuelo" não era uma fazenda de escravos, mas sim uma comunidade de irmãos com o objetivo de trabalhar e viver com felicidade.

A segunda comitiva andou mais depressa, porque ia diretamente à cidade de Feira de Santana. Eram homens hábeis para viagens longas, acostumados à dureza do tempo, que rompiam as estradas sem temor. Sabiam também que, voltando à fazenda, seriam recompensados pelo generoso Sinhozinho de Engenho, e isso os animava bastante, fazendo com que chegassem ao destino antes da caravana do capataz Dedão.

Os animais estavam magros e feridos e a parada à espera de Dedão, proporcionou aos homens e aos animais a oportunidade de um descanso revigorante. Os escravos procuraram saber notícias da caravana do Capataz, mostrando uma carta do Sinhozinho, para evitar suspeitas. Acomodaram-se numa das chamadas "Casas Abertas", acampamentos populares, comuns naquela época, destinadas a abrigar os andarilhos, sem pagamento de aluguel.

Dentro de poucos dias, tiveram notícia da chegada, à cidade, do

capataz Dedão, o que constituiu motivo de festa para todos. A primeira comitiva passara necessidades, mesmo de alimentação, e mais de uma vez precisaram trabalhar em fazendas, para adquirirem alimentos. Após a confraternização e um ligeiro descanso, o capataz bateu à procura da família Pantóni, desesperando-se com as notícias que colheu, pois estimava a Papudo e seu filho. Soube, por fonte segura, que Dona Niquinha havia se mudado para a Bahia e ingressado em um convento de Irmãs de Caridade. Teve vontade de ir aonde estava Dona Niquinha, com o objetivo de buscar uma notícia certa e também para ver e ouvir aquela senhora a quem tanto admirava. Mas a ordem do patrão era taxativa e Dedão teria que voltar. Sobre a morte dos parentes da senhora, comentou com os escravos:

— Se eu estivesse aqui no dia da morte do Papudo, mataria esses covardes e fazia deles salada, pois também sei brincar, e bem, com facões.

No dia seguinte, bem cedo, as duas caravanas vão ao cemitério da cidade, a fim de visitar a sepultura do falecido Papudo, não só para confirmarem as informações, como também para cumprirem o dever ditado pela antiga amizade. E ao verem, ao lado de uma velha cerca do Campo Santo, uma cruz de madeira lavrada com o nome José Pantóni e logo abaixo outra com o nome do filho, lágrimas desceram pelas faces daqueles homens rudes, pela força da saudade, pelas bênçãos do amor, parte integrante de todas as criaturas.

As tropas descansaram uma semana, comendo bons pastos e ótimo milho, refazendo-se para a viagem de volta, que se prenunciava mais tranquila, em virtude da boa soma de dinheiro trazida pela segunda caravana.

De fato, com pouco tempo, davam entrada na enorme cancela da fazenda os servidores encarregados das duas missões: a primeira, trazer notícias da família Pantóni; e a segunda caravana, fazer voltar o grupo do capataz Dedão. O Sinhozinho recebeu-o efusivamente, abraçando a todos e perguntando pelos detalhes da viagem. Os escravos contavam como Dedão apareceu na cidade de Feira, magro, sujo e cabeludo. Sinhozinho abraçou o capataz e disse-lhe:

— Serás recompensado, meu filho, não só pelo dever cumprido, como

também pela obediência. Eu agradeço, a todos, os serviços prestados. Podeis descer para o casarão, que depois conversaremos.

Sinhozinho bateu com a palma da mão, levemente, nas caras dos animais, em sinal de gratidão, notando o desgaste que haviam sofrido. Não se interessou por notícias da família Pantoni, pois já sabia do ocorrido, através do espírito de Miramez, pela mediunidade de Mãe Dudu.

No dia seguinte, o capataz narrou todos os detalhes da viagem, a perda de um escravo e as notícias que foi obtendo sobre a família Pantoni, até chegar a Feira de Santana, onde sofreu o grande abalo da notícia da morte do Papudo. Contou também sobre o paradeiro de Niquinha:

— Tive vontade de ir até Salvador vê-la e falar com ela, mas a ordem do Sinhozinho me impediu. Fiquei triste, mas tinha de cumprir seu desejo e aqui estou, Sinhozinho, para obedecê-lo sempre.

O Sinhozinho sentiu mais amor por aquela gente, que tinha valores extraordinários, dependendo do modo pelo qual fossem tratados. Dirigiu-se aos escravos:

— Todos os que viajaram têm trinta dias de folga, com direitos especiais.

Jubilosos, os servidores foram abraçar a Mãe Dudu, com muitas saudades, saindo depois à procura do Padre Terêncio.

O Sinhozinho estava impaciente naquele dia. Sentiu uma amargura irresistível, chegando a ponto de voltar para a cama e tentar dormir outra vez, sem conseguir. A imagem de Niquinha não saía da sua mente, nem por um instante. Pensava: “Meu Deus, o que será isso? Parece que sinto felicidade ao me lembrar dela; outras vezes, isso me causa sofrimento. Preciso consultar a Mãe Dudu e talvez esta noite ela possa me dizer o porquê desses dissabores e o que devo fazer para me livrar desse estado de coisas”.

O Padre Terêncio, naquele dia, também se achava impaciente, andando por toda a parte, sem saber o móvel das suas desinquietações. Mas logo começou a se distrair com o pomar. As frutas lhe interessavam mais

que qualquer coisa, e ajudavam-no a esquecer os problemas. Gritou por Zé Melête, que já estava pronto a receber as ordens, e mandou o pretinho subir nas árvores para colher os frutos de que tanto gostava.

O dia passou meio triste. A noite, após todos se recolherem em busca do sono reconfortante, Sinhozinho se dirige à casinhola de Mãe Dudu, que já o esperava, pois era dia marcado para a conversa com o benfeitor Miramez. Sinhozinho, que primava pela pontualidade, chegou mais cedo que de costume. Entrando na pequena habitação, ficou pensativo, provocando a preocupação da velha:

— Meu filho, o que foi que viste hoje, que pareces tão triste?

— Não sei, Mãe. Não sei! Acordei com isto e estou até agora! Quero pedir uma ajuda ao nosso Miramez para me livrar deste estado terrível, que esmorece qualquer um.

Após conversarem alguns minutos, a velha escrava anuncia a Sinhozinho a entrada do velho amigo Fernando Miramez de Olivídeo, que foi logo tomando as faculdades de Mãe Dudu, dizendo:

— A paz seja convosco!

Sinhozinho Já estava acostumado com a comunicação do espirito, através de Mãe Dudu. Respondeu humildemente, dando graças a Deus pela chegada do espirito, que sorri, transformando completamente as feições da velha. O filho do Dr. Teodomiro, olhando para o rosto de Mãe Dudu, notou, pela primeira vez, uma transformação total no seu semblante. E pensava : “Será possível?! Um ser humano mudar desta maneira, a ponto de parecer outra pessoa? A fala muda sempre; o sotaque é outro; a cultura, nem se fala. Mas não sabia que a expressão fisionômica se modificava tanto! Meu Deus, por que os homens das Ciências não estudam esse fenômeno? Quanta coisa útil não sai da boca desta escrava, e que os homens sábios da Terra Ignoram? Seria de grande utilidade se eles soubessem, porque poderiam fazer essa Filosofia Divina correr o mundo todo, beneficiando multidões! Mas Deus é quem sabe. Se Ele quer assim, assim seja.

O espirito espera o tempo necessário para que Sinhozinho possa

pensar, e cumprimenta; — Boa noite, meu filho!

— Boa noite Sr. Miramez; é com imenso prazer que volto a falar com o Amigo espiritual.

— Também eu! Aqui estou, trazendo novas notícias. Sei que hoje estiveste alimentando a Melancolia, que se intensifica com o tempo, dando nascimento à Tristeza que, com o apoio do sofredor, cresce para a Cólera. Essa, nunca fica só; procura a companhia da Vingança, que se aproxima, de mãos dadas com o Ódio. Achando que o Orgulho é virtude e o Egoísmo segurança individual, o ser que passa por essa fase negativa tende a descrever de Deus, da vida e da fraternidade, achando que só ele merece viver, sem cogitar da vida dos outros. Mas Deus é muito bom e faz o indivíduo sofrer as consequências de seus atos para aprender a pensar, sentir e a proceder bem na vida, para que a vida proceda melhor com o indivíduo.

Sinhozinho pede licença e interrompe:

— Senhor Miramez, porventura fui eu que criei este estado depressivo de que o Sr. acaba de falar, e que realmente sinto? Não me lembro de desejar tais condições aos outros, e muito menos a mim mesmo. Como poderia criar para mim um estado espiritual que detesto? Ou fazemos tais coisas inconscientemente? Se fosse assim, eu não teria culpa. Perdoe-me, se com isso ofendo a Lei e contrario o Senhor.

Abaixa os olhos, pensativo. Miramez ouviu tudo, com paciência, como um pai escuta a um filho que não via há muito tempo, e comentou:

— Creio que não te lembras do que fizeste, há muito tempo, com tua lembrança positiva do momento. Mas a Memória Inconsciente, que se reflete em gotas, no Consciente, guarda a lembrança. Não podemos confundir o Hoje com o Ontem nem com o que está preparado para o Amanhã. Então, caro irmão, somente os documentos que assinaste hoje é que têm valia? A tua assinatura, que garante um contrato, tendo já feito um ano tua chancela no papel, não vale mais? Para nós, tem valor igual ou maior, porquanto as contas velhas requerem pagamento urgente, não achas?

Sinhozinho , meio confuso, continuou calado, esperando o

complemento do pensamento do Guia, que prossegue:

— Caro irmão Cardoso: talvez não tenhas compreendido bem o que falamos; conversemos mais. A tua melancolia vem de eras remotas, de vivências inúmeras. Tudo o que fazemos, pensamos e sentimos fica plasmado no cosmo consciencial e na força cósmica universal. Quando andamos nas trilhas da Lei de Deus, quando já não nos interessa o Mal, começamos a desentulhar o depósito de lixo acumulado pelos nossos atos indignos do passado. Toda ação provoca uma reação correspondente, e se levamos milênios acumulando matéria imprestável na consciência profunda, não é com poucos anos que iremos nos libertar dela. Tu, que não estudaste ainda com profundidade esse assunto, achas que tua tristeza não é criação tua. Mas quem conhece os fundamentos da Lei de Deus e reconhece a Justiça Divina, não pode compreender de outra forma. Já leste, no Evangelho, quantas vezes, que ninguém recebe o que não merece? Lembras-te quando o Mestre advertiu a Pedro, dizendo: “Embainha a tua espada, Pedro, porque quem com ferro fere com ferro será ferido”? Esqueceste? E, se somos feridos quando ferimos, é claro que somos amados quando amamos, não é certo? Pois bem, meu filho, deixa que o lixo saia do teu coração, como veículo da consciência, mas sem alimentar os impulsos que o criaram, e sim perseverando no trabalho do Bem, que nunca morre. Foi para isso que Jesus ensinou a prática da Caridade e das outras virtudes, que servem como instrumentos sagrados para limpar as vias das almas em conflito consigo mesmas. Quando sentires Melancolia, esforça-te no serviço da Alegria Cristã, que essa queimará as mazelas da outra, pois se procurares alimentar a Melancolia, com descanso, desinteresse pela vida e raiva dos outros, por qualquer coisa, serás condenado pela Lei, que regula, novamente, em sentido duplo, aquela reação que já estava sendo expulsa, retardando tua liberdade. Ouçamos o Mestre de Nazaré outra vez, ensinando aos Seus discípulos: “Aquele que perseverar até o fim, será salvo”. Será salvo desse lixo que foi assunto de nossa conversa. Aquele que perseverar no bem, que construir bons pensamentos e praticar boas ações, mantendo conduta exemplar, de maneira que a própria consciência, sendo Deus em miniatura, possa aprovar tudo o que fizer e que tiver a intenção de realizar. Tu estás dando os primeiros passos, mas é necessário continuar, sem interrupção. Renovar não é dar o que se possui aos outros; não é provar, através do verbo inflamado, que se conhece a Lei e suas

consequências, nem tampouco ficar em estática adoração a Deus. Não! Renovar é compreender o Estatuto Divino e colocá-lo em prática diária e, ao invés de adoração estática, ação constante no Bem e no Amor, sem limites. Já tiveste um sonho com a nossa querida Niquinha, lembra-te?

Sinhozinho aguçou a mente e sentiu o palpitar do coração. Esperava que algum dia Miramez tocasse no assunto para que ele soubesse a verdade a respeito de seu sentimento para com aquela mulher que tanto o impressionara. “Meu Deus...” — pensou — “Será que este estado de tristeza que toma conta de mim, de vez em quando, significa alguma coisa, alguma ligação com Niquinha? Quem sabe? ... Já que a gente vive muitas vezes!...”

E o Guia espiritual, mudando a entonação da voz, dá continuidade à conversa:

— É mesmo, meu caro. É alguma ligação com a nossa Irmã Niquinha sim, e outras mais!

Sinhozinho sentira o corpo gelar com o início da resposta de Miramez aos seus pensamentos.

— Aquele sonho que tiveste foi realidade. O espírito, meu amigo, é um viajor eterno dentro da eternidade cósmica. De que valeria um hábil engenheiro planejar uma construção difícil, com todos os seus contornos, usando toda sua Ciência, para não falhar, dando tudo de si, para conforto e estímulo de seu coração, se essa obra se conservasse apenas por um dia? No caso de Deus, Saber sem Limites, Ciências sem Fronteiras e Alegria Duradoura, iria Ele ser o arquiteto da obra mais perfeita do Universo, o espírito, para que esse tivesse apenas uma existência na Terra, correspondendo talvez, a um dia diante da Eternidade, na existência espiritual? Baseados nesses argumentos é que aceitamos, quando preparados espiritualmente, mesmo na Terra, a vida espiritual e o retorno ao mundo, quantas vezes for necessário. Conta uma lenda que, à época em que os seres humanos habitavam as cavernas, saíam para aqui e para ali, espreitando alguma caça, no sentido de se alimentarem. Certo dia, estando um grupo de homens numa dessas andanças, um deles teve vontade de olhar para cima, o que nunca havia feito antes, deparando com o Sol a pino. Seus olhos nunca haviam visto tanta luz, e como todos

acompanharam o gesto do aventureiro, caíram por terra quase cegos. Após esse episódio, nunca mais quiseram sair da caverna durante o dia. Com o passar dos anos, as novas gerações, sabedoras do que se passara com seus ancestrais, se aventuravam a sair durante o dia, mas olhando devagar, com cuidado. E os primeiros grupos, que empreenderam as novas excursões, viram a grande luz como no relato antigo, mas com mais brandura, não cegava tanto quanto os relatos dos antepassados. E assim, continuaram a sair, e nunca mais se mantiveram presos às cavernas, porque gostaram da luz. Pois até hoje, meu filho, o significado da lenda dos homens das cavernas continua vigorando: aquele que de repente, enxerga uma luz que não suporta, isto é da lei, ficará cego, amedrontando-se. Mas os que seguem devagar, olhando somente os reflexos dessa luz, para, após o tempo necessário, encarar frente a frente a luz verdadeira, nunca sofrerá danos. Não queiras saber tudo que te venha à mente inquieta, fazendo suas próprias deduções e aceitando-as como certas e definitivas. Tudo no mundo, mormente no tocante às coisas espirituais, demanda amadurecimento, ponderação, estudo e bom senso. Não queiras saber dos modos como se processam as genes da Vida, porque elas se escondem nas dobras milenárias da Eternidade.

A Vida é Deus e só Ele Se conhece; nos outros, por bondade do Pai Misericordioso, percebemos algumas résteas do clarão da Vida, sem contudo sentir a engrenagem da mesma, por nos faltar sentidos para tal. Compreendemos apenas o que suportamos, em relação ao nosso tamanho na escala evolutiva. Já imaginaste um macaco querendo entender sobre o que um rábula discorre em um tribunal? Se fosse dotado de um pouquinho de raciocínio perceberia que estava sendo feita a defesa de alguém. Mas pormenores da lei e o mecanismo do desenrolar dos processos seria Inatingível para ele, por lhe faltar qualidades para tal assimilação. Podemos nos comparar a macacos, querendo compreender as coisas que se passam no Tribunal Divino, seus pormenores, sua engrenagem de luz. Se temos certeza da Justiça de Deus, suas sentenças foram, são e serão sempre para o nosso bem. Espero que desta feita tenhas compreendido melhor.

Sinhozinho respira aliviado, com a beleza e lógica da argumentação. Se pudesse, ouviria o sr. Miramez toda a vida; que felicidade seria ter esse Guia espiritual como um companheiro humano, para andarmos juntos por

toda a parte, conversando ao nível dessa alta filosofia de vida! E pensava: “Não tenho companhia à altura!” E pensava... e pensava...

— Aquele sonho, meu filho, é uma realidade, em que a própria Vida procurou mostrar-te, dado o certo preparo que já tens, o campo da outra vida em que, na Roma antiga, tu eras um General e Niquinha tua mulher. Nessa época, ela possuía muitas virtudes, mas sentia desejo sensual por homens fortes e bonitos e só o tempo poderia educá-la. Portanto, acabaste de ver parte de sua vida; lutar contra o desejo ardente de seus admiradores, o que já vem de longas eras. O próprio Papudo e também Poli, que ela desejou ardentemente, acompanharam-na para o devido resgate. Ela, que já os tivera, como mercadorias à sua disposição. Tu já Imaginaste colocar-te no lugar de Niquinha, a suportar por toda a vida um ser que te é bem Inferior a te comandar, a te dirigir, com exigências primárias? Sabes o que isso significa, para quem já se libertou de tais inferioridades? E o mais difícil é viver como ela o fez, em plena paz, em compreensão elevada, chegando ao ponto de o inferior se tomar como um animal manso, um cão doméstico que, só por ver os olhos do dono, deita-se ao chão, esperando as ordens. Isso não é fácil sequer falar, quanto mais viver. Quando o nosso amigo José Pantoni voltar novamente ao corpo físico, conseguindo, com as bênçãos dos céus, uma companheira do seu mesmo nível, não será fácil para um ou outro. Mas o tempo passado e o que aprendeu junto a Antônia Lis Pantoni ser-lhe-á muito útil, constituindo frutos obtidos através da obediência e da simplicidade, junto à luz. Quanto a ti, o silencio é o melhor caminho, continuando sempre a propugnar o bem para todos, e serás feliz, hoje e sempre. Sentes-te melhor?

— Sim, Senhor! — responde o Sinhozinho — Nunca me senti tão bem quanto agora.

— Prepara teu coração, pois irás ter mais um abalo psíquico: o Sr. Teodomiro Travassos, teu querido pai, morreu em Portugal.

Sentindo um calafrio lhe percorrer o corpo, mas procurando manter o equilíbrio, o moço não pôde sustar, no entanto, as lágrimas que lhe encheram os olhos.

— Deixa, caro amigo, caírem as lágrimas. Chorar é esgotar

ressentimentos, é orar. Sê forte e viverás com a paz de Deus e o respeito dos homens. A presença de teu pai, em Portugal, produziu bons frutos no sentido espiritual, culminando com a vinda para o Brasil de um médico e duas crianças, que muito irão fazer pela futura liberdade desta jovem Nação. Tuas irmãs, sob o impulso de sofrimentos, voltam com concepção diferente em relação aos escravos, seres humanos que sofrem menos por não serem livres, que pelo tratamento cruel dos Senhores de Engenho. Nenhum de nós é livre; somos todos presos pelos deveres da consciência. Teu pai, no gozo completo das abundâncias, em uma das melhores cidades do mundo, torturava-se com as saudades destas terras, das suas coisas e da sua gente. Ao acordar no mundo espiritual, a sensação primeira que irá sentir é a saudade da sua terra. Quanto a Niquinha, expurgará em Salvador todo um passado de corrupção e escândalo, aproximando-se mais e mais do sol da redenção.

Não te perturbes excessivamente com a notícia, pois, em todos os tempos, todos os pais morrem e morrerão para renascer com perspectivas sempre mais alentadoras. No esplendor de novas vidas, atendendo à Lei inexorável, que não exige, mas ensina como devemos nos aproximar de Deus. Que Deus te acompanhe, meu filho. Vai dormir.

Mãe Dudu foi acordando, espreguiça-se e sorri, ao ver Sinhozinho ao lado, também com feição alegre. Pergunta ao moço:

— Sinhozinho, estás melhor?

— Sim, mamãe, estou bem... sinto-me renovado espiritualmente e, apesar dos novos sabores, já me acho confortado.

Mãe Dudu, já sabedora dos acontecimentos daquela noite, abster-se de comentá-los com o moço, por não ter consciência dos momentos adequados para tais revelações.

Meditando, Sinhozinho ouviu algumas palavras de ânimo e conforto de sua mãe de leite. Após tomar o chá com beiju quente, preparado pela velha, procura o leito, cheio de esperança na vida futura.

A velha, ao deitar-se, após orar a Deus agradecendo o dia passado, vê pontos diversos de luz dentro do quarto. Os pontos vão tomando forma e

se mostram com mais clareza: são amigos espirituais, felizes e entusiasmados com o trabalho planejado por eles, para o que, muitas vezes, usavam a contribuição inestimável de Mãe Dudu. A velha é submetida a uma série de passes, por Miramez, preparando-a para uma viagem até o navio que conduzia os remanescentes da família Travassos. Tais treinamentos espirituais requerem vida muito reta, coração bem formado e consciência tranquila. Mãe Dudu quer dominar o sono e não consegue; sente um perpassar de fluídos pela espinha dorsal, perde parte da visão e da consciência e salta para o mundo extra físico, como se fora uma criança nascendo. Vê Miramez em outra dimensão, aproxima-se do Guia e abraça-o, beijando-lhe as luminosas mãos. Miramez recebe-a com carinho de um pai, dizendo:

— Dudu. sê forte minha filha! Vamos avante, que o Cristo espera, há milênios. A Fazenda “Riachuelo” tem que ser o marco Divino da redenção para muitos que nos acompanham. Os Incidentes na Terra não são nada, em comparação com a ventura que nos espera. Contempla, cara irmã, o outro lado da vida, e sentirás que aqui tudo é luz e paz, para os que trazem, na consciência, essa luz e essa paz. Tu contemplas essa realidade, mercê da soma de esforços de muitas vidas somadas, com a tinta do sacrifício e a pena da persistência no bem, provas de que estamos com o Cristo, até o fim.

Dudu ensaiou umas voltas e notou, como de costume, o total desaparecimento das paredes da casinhola. E pairou nos céus, na companhia de Anjos em serviço na face da Terra. Livre, plena de liberdade no espaço imensurável, Mãe Dudu sente ardente desejo de levar também o Sinhozinho Cardoso naquela caravana de luz, em missão de paz.

Miramez percebe o desejo da escrava e, retornando à fazenda, em uma fração de segundo penetra no quarto do filho do Sr. Travassos, que se virava no leito, de um lado para outro, sem conciliar o sono. Seus pensamentos divagam, dando curso à imaginação, procurando preencher o tempo da noite imensa dos insones. Nisso, o quarto, obscuro é invadido por intensa claridade. Dir-se-ia um sol a raiar entre aquela parede. Sinhozinho sente, de súbito, grande conforto e, com lágrimas nos olhos, volta o pensamento a Deus, em prece nascida no coração. Ao terminar sua oração, pesam-lhe as pálpebras e ele adormece, sendo logo retirado do corpo físico,

com passes especiais, ministrados pelo espírito de Miramez.

Sinhozinho sai meio tonto, mas é rapidamente amparado, conservando um terço da consciência do seu estado espiritual. Recuperado, abraça com gratidão Miramez, Mãe Dudu e os outros, brotando-lhe incontrolável vontade de ir em busca de Niquinha.

Mãe Dudu olha preocupada para Miramez; este consente e, mais rápidos que a luz, vencem a distância entre a Fazenda “Riachuelo” e a velha cidade de Salvador.

A caravana entra em um convento, dominado pelo silêncio, onde se viam alguns espíritos a balançar no espaço, almas de Irmãs em transe de sono físico, experimentando forças volitiva sob a orientação de velhos servidores que, ao verem os caravaneiros fizeram reverências, impressionados com tanta claridade, irradiada pelos espíritos recém-chegados, em função do amor de Jesus.

Penetrando no quarto onde se alojava a Irmã Antônia Lis Pantoni, encontramos-a meditando sobre o texto de Paulo aos Coríntios, cap. 5, que acabara de ler: logo no versículo I diz que quando largarmos nosso corpo material, encontraremos outra casa espiritual; quando deixarmos o tabernáculo da carne, entraremos no do espírito. Absorta nessa meditação, vê penetrar em seu quarto, sem se servir da porta, já trancada, um Anjo, no seu modo de ver, a sorrir para ela. Aquela figura majestosa, de reminiscências sem limites, era Miramez, que a visão psíquica de Niquinha abarcava completamente. Depois, foi vendo os outros componentes da caravana. Em êxtase de alegria, quis se levantar da cama, mas estava inerte. Levantou-se, sim, em espírito, proporcionando a todos uma vibração de alegria que fazia alguns chorarem e rirem ao mesmo tempo.

Miramez, centro das forças espirituais ali reunidas, deu algumas instruções e o grupo planou no espaço, como aves livres das gaiolas da carne.

A sensação que Cardoso sentia era incomparável; suas atenções estavam concentradas em Niquinha, que se revestia de um manto de esplendor magnífico; de sua mente desciam fochos de gala, rastros de luz azul combinando com doirado seda, e o conjunto fazia um todo

encantador. Lado a lado, conversavam desejando que o passeio não mais terminasse. Alcançavam as culminâncias da felicidade.

Miramez aponta com o dedo, em alto mar, uma pequena embarcação a balançar-se nas ondas ,como se fora uma bolha de sabão em água fria. Ali ninguém pensava em divisões sociais ou barreiras de castas; ali não havia lugar para as diferenças instituídas pelas riquezas e posição do mundo. Todos, mãos dadas, volitavam, sentindo percorrer, no íntimo do espírito, uma graciosa energia partida de Miramez e que proporcionava uma dinâmica inexplicável de avançar nos espaços, sem cansar, sentindo uma alegria sem precedentes. Nesse estado de alma que faz desaparecer tempo e espaço, Miramez aguça a mente e comenta, sem aflição:

— Está havendo um pequeno acidente com a embarcação onde viajam nossos amigos. É uma forte tempestade, comum nos altos mares, principalmente nesta região.

Com os pensamentos unidos e comandados pelo Mentor Miramez, os espíritos atraíam uma nuvem favorável à estabilidade do pequeno navio. Mesmo em meio àqueles companheiros, Cardoso sentia medo, na hora. Parecia que uma pequena nebulosa corrosiva e ácida ia desintegrar a todos. Miramez tomou uma feição séria, agarrou com o pensamento aquela nuvem selvagem, como se fosse uma argamassa, e lançou-a em direção às ondas bravias, a meio quilômetro de distância do navio. E as ondas se desfaziam, quais labaredas ao contato com um grande jato d'água.

O navio se equilibrou, o mar serenou e os tripulantes e passageiros, em alvoroço, deram graças a Deus, pois todos temiam o naufrágio e já haviam arriado todos os mastros.

Um pouco mais no alto, Miramez, tranquilo e sorridente, mostra aos companheiros de onde vinham os fortes impulsos que agitavam as águas: era uma falange de espíritos primitivos, usados por hábeis obsessores, para botar abaixo a casa flutuante que se dirigia ao Brasil.

## CAPÍTULO XIV

# O REGRESSO DA FAMÍLIA

A horda de espíritos inferiores, notando as águas se acalmarem como por encanto, pararam com suas estripulias, inteiramente assustados.

O Mentor Miramez, colocando-se à frente, faz-se visto por todos eles, como um sol a cegar os obsessores, por sua intensa luz. Tapando os olhos com as mãos e tombando como cegos, desaparecem, uns volitando em voo rasante sobre o mar, outros caminhando por cima da água calçados com grandes sapatas.

Cardoso, quando acabou de ver aquele espetáculo fabuloso, viu-se ajoelhado perante os companheiros, os olhos cheios de lágrimas, sentindo uma alegria que somente os espectadores desses teatros do céu podem aquilatar. Com palavras, ninguém consegue descrever tal felicidade, mas é maravilhoso. Essas venturas não são conquistadas de um dia para o outro, mas, se Deus quiser, conquistaremos tudo isso que já foi granjeado por Miramez, pela vivência no bem, no perdão, e no amor, em milênios Incontáveis.

Para nós, Miramez é um Anjo bom, a nos orientar e a nos conduzir para a eternidade, junto ao Cristo.

Quando estava tudo serenado, comentou sorrindo Miramez:

— Como disse, foi um pequeno incidente de viagem, como muitos que acontecem por estas bandas. Mas, sempre que necessário, as bênçãos de Deus se fazem presentes em meio à tormenta e essa desaparece, abrindo novas perspectivas alentadoras para os viajores. Esta viagem é muito importante e não pode nem deve ser perturbada ao bel prazer dos espíritos

que comandam as tempestades. Pois no confronto das Trevas com a Luz, as marcas desta última ficam indelévels nos corações e nas consciências dos inimigos do Bem. Toda batalha rende frutos e, se assim não fora, não existiriam as lutas. Jesus deixou-nos o ensinamento de que o escândalo é necessário, mas advertiu também: “Ai daqueles que forem instrumentos do escândalo”.

A caravana Espiritual comandada por Miramez, desceu até o navio, agora calmo, a deslizar mansamente na massa líquida do mar. Cardoso estava ansioso por rever os seus e conhecer seu cunhado e as duas crianças, muito lembradas por Miramez. Entraram em um salão muito confortável, onde se reunia a família Travassos e Cardoso dirigiu-se em direção aos parentes, abraçando-os fortemente, sem que eles dessem conta de sua presença. Mãe Dudu, mesmo em espírito, conservou-se à parte, lembrando-se dos preconceitos das moças contra a presença de escravos, sem o devido consentimento.

O Dr. Cícero Calislande sentiu súbito interesse de conversar sobre a Fazenda “Riachuelo”, pedindo explicações a Belinda e Márcia, parecendo que sua sensibilidade era mais aguda que as dos demais.

Miramez havia falado aos demais companheiros sobre o drama dos espíritos perseguidores da família Travassos, esclarecendo que eles viajavam no mesmo navio, para o Brasil. Cardoso, Niquinha e Mãe Dudu, curiosos por conhecê-los, encontraram os três no porão da embarcação, mais atemorizados que os próprios passageiros, cabisbaixos, tristes, sem trocarem uma só palavra, sentindo, ao que parecia, terrível angústia se apossar dos seus já sofrendores corações. Todos da caravana espiritual conheciam o drama daquela família desencarnada: Joaquim Nabuco, Dona Beatriz e o rapaz Cláudio, e a influência deles não atingia os personagens da Fazenda “Riachuelo”; apenas Cláudio conseguia se aproximar de Belinda, mas sem muito ânimo, apesar de seu ardente amor pela moça.

Para Cardoso, aquela viagem se constituía em motivo de grande felicidade.

O mesmo sentia Niquinha e até mesmo Mãe Dudu, embora já acostumada às andanças pelo espaço, com o Mentor espiritual da fazenda.

Em dado momento, estando a sós com Niquinha em algum lugar do navio, Sinhozinho, fitando seu encantador perfil, aproximou-se, tomou nas suas as lindas mãos da Senhora e lhe falou:

— Antônia Lis Pantoni, aqui estamos, ante a presença de Deus, em nossas consciências; eis que estamos juntos por mútua atração, eis que pertencemos um ao outro por lei; se assim é, e se já aceitamos essa verdade, porque não abandonas os compromissos feitos no convento de Salvador, por amor a este que tanto te quer e vens para meu convívio na Fazenda “Riachuelo”? De lá, com a bênção dos céus, se for a tua vontade, poderemos morar em outro lugar. Se existe a felicidade no mundo, eu me considerarei um dos eleitos da Terra, com a tua concordância. Se o teu coração reprovar o meu convite, não sei o que será do meu destino”.

Miramez e Mãe Dudu, conservaram-se à parte. Em trabalho invisível aos inimigos da família Travassos, procuravam acalmá-los, confortá-los e transmitir-lhes influências benéficas de fraternidade, amor e perdão. Embora parecesse inútil, era uma semente plantada, que germinaria com o tempo, auxiliada pela jardinagem da própria consciência e amparada por espíritos já maduros no serviço do bem e da paz.

Niquinha escutou toda a conversa, com dignidade e paciência. Esperou um pouco, e respondeu:

— Querido, sinto no coração uma voz que também me impele a atender-te, mas que igualmente não posso aceitar. Não que me falte o sentimento maior do amor, muito menos porque esteja imbuída do propósito de fazer-te sofrer, nem porque me sinta fraca para transpor as barreiras que nos separam. Não meu filho; só há uma coisa, somente uma a impedir o nosso encontro na presente vida terrena, que eu também tanto desejava!

Com os olhos já umedecidos, Cardoso espera, ansioso, a revelação dessa barreira intransponível.

— É a lei que me impede — continuou Niquinha — de voltar a teus braços amorosos e fraternos. Tenho um dever, acima de tudo, perante minha própria consciência; resgatar todos os meus débitos referentes ao mundo do meu coração para que depois, livre, possa amar-te eternamente,

sem nenhum impedimento; compreendeste agora? Também padeço com tua ausência, mas é assim que desenvolveremos qualidades que nos permitirão desfrutar mais tarde, a plenitude do amor. A minha tarefa no mundo físico está prestes a terminar; tu ainda demorarás, procurando as melhores decisões em todas as tuas atitudes, para que consigas acompanhar a caravana dos espíritos do bem. Quero que compreendas teu estado: és um dos mais bem dotados da Terra, desfrutas de boa fortuna, ótimo coração e acima dessas coisas, a companhia de Mãe Dudu e a assistência do bondosíssimo Miramez. Achas pouco? Peço-te, se me amas verdadeiramente, não insistir no impossível. O restante, poderás saber pelo querido Miramez, através de Mãe Dudu. Quanto a nós, estaremos sempre juntos, pelo coração.

Faltaram ao moço palavras para responder, dada a pureza e simplicidade dos argumentos de Niquinha. Calou-se diante da superioridade espiritual daquela que sonhara transformar em senhora da Fazenda “Riachuelo”.

Os outros componentes da caravana foram-se aproximando e tomaram posição para o regresso à morada física. Quando já estavam quase saindo, percebeu-se que Mãe Dudu perdia aquele fulgor de luz, voltando à aparência comum, escrava sem brilho, tornando-se inclusive visível ao trio obsessivo dos Travassos, fazendo contato com eles.

Beatriz foi logo dizendo à preta velha:

— Escrava, não?

— Sim, respondeu humildemente.

Beatriz, rosto contraído, cabelos em desalinho e fogo na consciência foi dizendo:

— Com certeza és mais uma das vítimas dos Travassos! — Deve ser!... Deve ser!... responderam em coro Joaquim e Cláudio.

— Então, minha velha, conta o teu caso, para que possamos somar com os nossos e ver se podemos fazer algo por ti.

A velha, mansamente, olhos lacrimosos, não pelo modo como eles compreendiam as coisas, mas por piedade maternal para com aqueles espíritos, ainda tão voltados para o crime, ponderou:

— Estamos aqui, em viagem. É preciso descobrir um meio de chegarmos lá antes deles, não achas?

Nabuco pergunta:

— Mas como poderemos fazer isso ? Como sair daqui ?

Cláudio deu uma boa gargalhada, dizendo:

— Velha coitada!... Precisa mesmo da nossa ajuda... Ela ainda sonha acordada!

Mãe Dudu tomou assento entre eles e comentou, prestativa: — Eu estudei anos e anos numa escola e aprendi muitas coisas que talvez nos sirvam agora!

Como suas palavras provinham do coração e tinham o tom da sinceridade, os três gostaram da conversa e ficaram a escutar a escrava, que narrou suas proezas como alma, em tempos idos, de um escola na velha Caldeia.

Pressentindo o conhecimento de Mãe Dudu sobre as Ciências, a Vida e a Lei, ficaram pasmados, continuando a ouvir a velha escrava a contar com ênfase suas experiências. Lembram-se então do Prof. Pantaleão, também dotado daquelas qualidades a que se referia a Mãe Dudu.

— Aprendi, meus amigos — prossegue a velha — a voar sem ser preciso nada, senão o pensamento adestrado que, modéstia à parte, possuo.

Os Nabuco se ajoelharam em torno da velha e um deles perguntou:

— Tu voas, mas e nós?

— Reunindo-vos à minha volta, estareis a mim ligados por uma força que desconheceis e que eu coloco em função.

A alegria reinou naqueles corações, ansiosos por voar e por aprender a

fazê-lo. Não largaram mais a Mãe Dudu, receosos de perdê-la, e um deles, já grato pela intenção da velha, disse respeitosamente:

— A senhora não vai perder nada conosco; vamos recompensá-la, com uma desforra total dos males que eles lhe causaram. Coitada, como deve ter sofrido! Ainda mais como escrava e humilde como parece! Ela não sabe que, quanto melhor, para esses carrascos, mais eles montam na pessoa...

Mãe Dudu fez-lhes um sinal de partida, aconselhando-os: — Nestas viagens não devemos pensar coisas más e negativas; sabeis que estamos usando um meio de viajar pertencentes aos Anjos e, por isso, nossa conduta deve assemelhar-se à deles.

Todos firmes, olhos fechados, confiantes na preta velha.

Miramez , Cardoso e Niquinha, com mais outros servidores da Fraternidade, alçaram voo. Os obsessores só viam Mãe Dudu, que havia baixado suas vibrações, para essa finalidade.

Ao chegarem à Fazenda “Riachuelo”, eles se extasiaram com a paisagem, a beleza da Natureza.

— Encanta e convida! — comentou Cláudio — E aqui poderemos ficar para sempre, tomando conta da região, já que os satanazes donos já morreram. Que todos vão para os quintos, é o nosso prazer!

Mãe Dudu levou-os para sua casa, onde dormiram o resto da noite, com o propósito de traçar os planos de ataque na manhã seguinte, para que, quando o restante da família Travassos chegasse, encontrasse apenas cinzas do passado, ficando eles como únicos donos. Pretendiam arranjar escravos, mas somente Senhores de Engenho; havia muitos; dependia de achá-los.

Por todos os lados do país morrem esses trapos da sociedade — comentava Nabuco — com capas brilhantes, mas podres por dentro. Com a habilidade dessa velha, vamos pegar todos, mas todos... — disse sorrindo, já com bastante sono. E dormiram.

No dia seguinte, acordaram em um apartamento separado da casa, como se fosse construído com um engenhoso acabamento externo, parecendo matéria plástica meio brilhante. Por dentro, ao contrário, era mal arranjado, sem mobília, com um simples e tosco banco para cada um. Além da falta de conforto, as paredes, por dentro, eram revestidas com uma massa gomosa, dando aparência de cola. Assustados e enfurecidos de ali estarem, avançam para a porta, mas não conseguem abri-la. A primeira a tentar foi Beatriz, que fica agarrada na massa pegajosa que revestia as paredes, de onde só saiu depois de muito tempo, com os três empregando todas as forças no mister de desgarrá-la. Toda melenta e suja, passaram dias para que a massa fosse secando em seu corpo.

Em outros momentos ficaram furiosos, blasfemando contra alguém que passava, mas nenhum se aventura a encostar nas paredes, com medo de ficar agarrado. A moradia pequena e improvisada tinha as paredes relativamente finas e flexíveis, mas a matéria pegajosa afastava-lhes qualquer propósito de fuga.

Pensavam na velha escrava: Ou pegaram de novo aquela velha boba, ou ela estava vestida de ovelha, só para enganar. Desconfiaram da escrava: aquela mansidão era mau prenúncio! Poderá ser feiticeira, querendo ajudar esses miseráveis desta fazenda! Se tivéssemos ficado no navio, tudo daria certo. Quando a gente quer demais, acaba perdendo tudo.

Pensaram no Prof. Pantaleão, o que lhes trouxe algumas esperanças. Após se entenderem, emitiram, juntos, pensamentos, como se fosse um só, conforme as próprias Instruções do Prof. Pantaleão. As concentrações se fazem a intervalos constantes e sabiam que a persistência era muito interessante e contavam certo com a vitória. Não sabiam que as paredes eram feitas de certo material, isolante de vibrações, em determinada variação de faixas.

E as vibrações emitidas por eles, ali dentro, eram retidas pelas paredes, que absorviam suas ondas, impedindo-as de atingirem o exterior.

Mãe Dudu se lembrava de todo desdobramento que tivera durante a noite. Contou a Cardoso todo o trabalho desempenhado, inclusive, a prisão dos três espíritos, a serem doutrinados na fazenda, pois quando os filhos de

Deus não compreendem pelo amor, fazem-se compreensivos pela dor.

O moço lhe contou um sonho que tivera, no qual havia voado como um pássaro e que, em dado momento, ele se transformara em um navio que ia se afundando, ameaçando todos os que nele viajavam. De repente surgiram anjos que a todos salvaram e ele se apaixonou por um deles, lindo e puro, chegando a ponto de convidá-lo para residir na Fazenda “Riachuelo”.

Depois, contraindo um pouco as feições, diz:

— Ah! lembro-me de mais alguma coisa! Ao chegarmos em determinado lugar, grandes nuvens negras se avolumaram nos céus e parece ter havido uma chuva de pedras. Mas as pedras só caíam em cima de umas pessoas feias, que corriam temerosas. Tu contas a história de modo diferente, e o interessante é que o meu interesse pelo Anjo era por se tratar da Niquinha. Será que Niquinha se lembra desse sonho de outra forma?

A velha meditou um pouco e disse:

— Talvez seja, mas no caso dela não creio, pois a Niquinha é mesmo um Anjo. Se achaste o que eu narrei mais lógico, o dela terá mais brilho. Mas, ao fim das contas, o trabalho de Deus é o mesmo em favor dos homens.

Niquinha, ao acordar em Salvador, ainda chegou a ver alguns dos amigos espirituais movimentando-se em seu quarto e teve plena consciência da viagem que fizera. Somente Sinhozinho é que perdera mais de setenta por cento da consciência, e os acontecimentos vinham à sua memória como símbolos, um pouco deslocados da realidade.

Cardoso havia, enviado uma caravana numerosa ao Rio de Janeiro para buscar os viajantes que, ao chegarem, já teriam à sua espera escravos e meios necessários à viagem para a fazenda. O Padre Terêncio dava as últimas providências para o acabamento de sua capela, visando receber as filhas da casa, ainda mais que ia chegar um médico dos mais afamados de Lisboa. E pensava : “Mas gente! O que vem esse médico fazer aqui neste mato? Se pelo menos fosse no Rio de Janeiro... Isto deve ser arrumação de mulher! Mas preparemo-nos para receber Sua Majestade!” E deu uma

gostosa gargalhada...

O velho Padre sentia, às vezes, profunda melancolia, depois da morte do casal Travassos, a quem dedicava alta estima e amizade. Mas procurava fazer o máximo para bem receber as filhas do casal e o médico português.

Cardoso, também, ficara bastante abalado, mas sentia conforto espiritual de Miramez e pensava nas palavras de Niquinha: “Tu, Sinhozinho, estás em uma das melhores posições da Terra, abastado, coração bom, a companhia da Mãe Dudu e a assistência do nosso Guia Miramez”. Com tanta assistência espiritual e mais a vivência com almas tão elevadas, foi aos poucos compreendendo melhor a finalidade da vida. Tratando bem os escravos, notava uma sensível melhoria do rendimento do trabalho na lavoura. Eles se mostravam mais dóceis e obedientes aos seus superiores; o Padre Terêncio chegou a se espantar com o progresso da fazenda, só lamentando a ausência do casal Travassos. Não obstante, comentava com certa reserva:

— Olha Sinhozinho... até certo ponto tu estás certo. Mas chega de tanta liberdade; estás passando dos limites! Daqui a pouco, de tanta liberdade, os escravos passam a senhores e nós seremos dominados. Além do mais a fazenda não é somente tua, pois com o falecimento de teus pais, pertence a várias pessoas. Só deves fazer reformas com o consentimento de tuas irmãs e teu cunhado, de quem não conheces a opinião com relação a escravos.

— Padre Terêncio, nunca passei dos limites nas relações entre patrões e empregados.

— Mas não se trata de patrão e empregados! Eles são escravos! Não são donos de si mesmos! É diferente!

— Padre Terêncio: podem ser escravos para ti e para outros. Para mim, são companheiros de trabalho. Eu os considero como meus próprios irmãos. Acho que não existe diferença, pois esta gente tem fome de carinho e necessidade de amor. Veja como eles trabalham agora, de sol a sol, sem reclamar, alegres, em troca de que, Padre? Em troca de um misero prato de comida e de uns ordinários panos, que eles mesmos fabricam. Enquanto isso, nós comemos do melhor, vestimos roupas de tecidos

importados e ainda vivemos reclamando! Não encontro justiça nisso, nem tampouco amor a Deus e ao próximo, preconizado pelo Cristo, que tanto pregas no templo. Perdoa-me, se te ofendo, mas são modos diferentes de ver as coisas. Quando minhas irmãs e meu cunhado chegarem, não concordando com meus métodos, poderemos dividir a fazenda e os escravos e eu ficarei com minha parte, sem aborrecimentos. Depois poderemos comparar, se isso acontecer, em qual das fazendas vai existir mais harmonia, mais paz e mais progresso.

O Padre Terêncio, temeroso de um desfecho desagradável, principalmente porque não conhecia o médico prestes a chegar, botou panos quentes:

— Bem, meu filho, deixemos isso para depois. O tempo é o melhor conselheiro e na fazenda todos já dormem, na paz de Deus.

Daí a algumas semanas surge, na encosta da serra, a caravana das irmãs de Sinhozinho, com tudo já preparado para a recepção. A expectativa dominava a todos. O Dr. Cícero Drumond Calislande estava radioso de alegria na sua nova pátria. Gostou imensamente do Brasil e dizia que aquela seria sua morada, para a eternidade. Homem sofrido e experiente, o Dr. Cícero era uma alma acostumada a andar na trilha certa, compreendendo que os desvios representavam sofrimento que ele devia evitar.

A caravana ganha uma baixada, de onde podia ser vista por quase todos da fazenda. Esse dia era feriado, no casarão. Os tão esperados cavaleiros entram no grande pátio da fazenda e descem de suas montarias, abraçando-se uns aos outros, naquela efusão de ânimos, naquela esperança de dias mais felizes. A criadagem, em fila, é passada em revista, por sugestão do Padre Terêncio.

A fazenda ficou pequena para as festas. Os escravos, muito alegres, mais satisfeitos ficaram quando souberam da morte do casal Travassos, em Portugal. Somente o escravo Miguel ficou triste e abatido, pois o Dr. Travassos havia lhe prometido boa recompensa, quando voltasse das terras lusitanas.

Passadas algumas semanas, o Dr. Cícero chama o Sinhozinho Cardoso

para uma conversa particular. Queria colocar o cunhado a par de tudo o que ocorrera em Portugal, entre ele e o Dr. Teodomiro Travassos, seus desejos, depois entrar em entendimento sobre a fazenda e demais pertences. Conversaram muitas horas, a ponto de ser preciso tirar trinta minutos para distração, recompondo energias. Um dos pontos principais para o Dr. Cícero era fazer a vontade do Dr. Travassos, que consistia em forrar o escravo Miguel com uma dádiva de forma que ele pudesse viver, mesmo humildemente, o resto da sua vida, sem depender de ninguém. Sinhozinho concordou plenamente, porquanto já era sabedor da história das pedras, que o Dr. Cícero ignorava. Ficou combinado que, quando o escravo precisasse, poderia voltar para a fazenda, com algumas regalias e direitos de viver em paz. O escravo foi chamado e colocado a par do assunto.

Desta hora em diante, Miguel não achava lugar para ficar, de tanta alegria! Agradecia ao Senhor de Engenho muitas vezes. Correu a contar à Mãe Dudu, que sentiu muita satisfação com a notícia, e disse que esperava aquilo mesmo do nosso Doutor que faleceu.

— Jesus que abençoe a ele... e à nossa amada Maria José!

Duas semanas de convivência com o cunhado bastaram para que Cardoso sentisse certa afinidade por ele, muita convergência no modo de pensar. Também Cícero tinha horror à perseguição. Gostava de ver os escravos trabalhando e, certas vezes, comia com eles, o que não admirou Cardoso, que, de vez em quando, fazia o mesmo.

Mas o Padre Terêncio não gostou do gesto liberal do Dr. Cícero, continuando a afirmar:

— Escravo é escravo, não pode ser comparado com senhores! Acho isso um perigo!...

Mas o Reverendo contrabalançava suas ideias e pensava muito no assunto, mesmo porque recebia ótimo tratamento da parte do médico. Neste ambiente de cordialidade, o Padre sentia felicidade enorme...

As meninas, apesar de muito mudadas, conservavam o mesmo respeito pelo Vigário e passavam horas contando a ele as peripécias da

viagem e da vida em Lisboa, as alegrias que tiveram durante esta longa ausência. O Padre suspirava, com os olhos rasos d'água, lembrando-se do Dr. Teodomiro e esposa, casal a que ele tinha se afeiçoado tanto. As duas crianças constituíam o ponto máximo da alegria do Vigário. Ali estava a demonstração do respeito e amizade de toda a família; os garotos iam ser batizados na nova Igreja da fazenda, tendo como padrinhos o Padre Terêncio e o Sinhozinho Cardoso, selando, para a eternidade, a grande amizade reinante entre eles.

O Dr. Cícero prestou contas a Sinhozinho de todos os pertences da família, conforme pedira o velho, antes de morrer. Era uma imensa fortuna, jamais imaginada pelo filho do fazendeiro. Multiplicada durante o período em que a família permanecera em Portugal. O rapaz realmente se espantou de ver tanto dinheiro e ouro, certificando-se, ao mesmo tempo, da integridade do seu cunhado, que se quisesse, teria abiscoitado pelo menos metade daquela fortuna, sozinho, pois ninguém tomaria conhecimento disso.

E Sinhozinho meditava: que moço íntegro! Graças a Deus ainda existe gente séria neste mundo e este é um dos poucos que eu já encontrei. Estou satisfeito com sua vinda para aqui, não por causa do dinheiro de que foi portador, mas por encontrar um companheiro de tamanha dignidade, de honra, para ajudar na imprescindível reforma social e moral desta região. Deus tarda mas não falta, bem diz o Padre Terêncio; pelo menos nisso ele está certíssimo.

Sinhozinho expos suas ideias para o Dr. Cícero, que achou-as deveras avançadas para a época, principalmente no Brasil. Mas germinava há muito tempo no médico o mesmo sentimento de liberdade para todos os homens e ele disse:

— Se não temos notícias de alguma reforma assim em nenhuma região, vamos ser os primeiros a adotá-la. O avanço, meu companheiro, é prova de que não ficaremos para trás. Além disso, nossa atitude não constitui subversão, porquanto estaremos renunciando aos nossos próprios direitos, sem prejudicar os alheios; quem quiser nos acompanhar, que seja bem-vindo; quem não se interessar, fique onde está. Também sou de opinião que o ser humano não pode viver como animal de carga. Os

escravos merecem um pouco mais de respeito. Este não seria talvez o procedimento do Dr. Teodomiro, cuja memória muito reverenciamos, mas a nossa época é outra. Temos de viver de acordo com os tempos, não achas, Sinhozinho.

— É assim que penso, de há muito!

Padre Terêncio, vendo-os juntos com muita frequência, desconfiou que suas ideias eram irmãs, no que estava completamente certo. O Dr. Cícero tomava pouco parecer com o Vigário, achando que o mesmo entendia muito era de religião Católica Apostólica Romana e que ele devia se atualizar mais na sua função. Pensava assim, sem deixar de mostrar o máximo interesse pelo bem estar do Vigário, a quem pedia, de vez em quando, para contar histórias do Cristianismo Primitivo, comentando com ele que, no campo dos ensinamentos, parecia haver regredido, pois apreciava muito mais as histórias do passado que as do presente. O Reverendo, cheio de argumentos, vinha descendo pela estrada da vida da religião cristã, dando verniz aqui e ali, para que o Dr. apreciasse. Mas o médico não gostava das histórias mais novas, achando que aquele perfume primitivo, exalado pelo Cristo, havia desaparecido, faltando frasco à altura para contê-lo. Depois pedia desculpas ao Vigário, retocando seu modo de pensar com afirmativas deste teor:

— Padre: acho a Inquisição uma nódoa de sangue na Igreja de Roma, que nunca se limpará! Quero que compreendas o meu pensamento. Nunca, na Igreja do Cristo, no Evangelho de Jesus, aparece um só til do que se faz na tal de Santa Inquisição! E creio que tu, sendo Padre, Ministro de Nosso Senhor Jesus Cristo, homem de Deus, não poderás acolher no coração atitudes onde fermentam o ódio, onde prolifera a maledicência, onde não existe amor, nem a Deus nem tampouco ao próximo. Aquilo é o horror dos horrores. Vós, que morais neste paraíso, não podeis aquilatar, meu caro, o que é uma Inquisição! Nem mesmo o Senhor Vigário, sendo participante da igreja, que infelizmente promove essa desumanidade. Se foi Cristo que deu ordem para esse massacre humano sem precedentes na história do mundo, não sou Cristão, nem adoto as ideias desse Cristo! O meu é outro; é um Cristo ordeiro, pacífico, um Cristo humanizado, com fortes tendências para a espiritualização da humanidade. Só posso compreender um Jesus todo amor, um Jesus cheio de misericórdia, um Jesus transbordando

perdão, um Jesus na plenitude do bem. Não sendo assim, perdoa-me, não temos necessidade do Cristo, porque os homens são melhores.

O Padre abaixou a cabeça e pôs-se a pensar. O Sinhozinho regozijava-se com o entendimento do Dr. Cícero! Que ideias espetaculares! Quem teria sido seu professor? O Vigário, pensou, e disse, com humildade:

— Dr. Cícero, meu filho! Na Fazenda “Riachuelo” considero todos como meus filhos do coração. Aumentaste minha alegria, não só com os dois tesouros que já considero como meus, como por tua própria presença. A família sofreu um abalo irreparável com o desaparecimento do casal Travassos, que eu muito amava. Pois bem, com a chegada dos outros parentes, reparando a grande perda, Deus prova, meus filhos, Sua bondade para conosco. O casal inesquecível, que Portugal tem a honra de servir de último berço, floriu na manhã espiritual da verdadeira vida e Deus vem nos ofertar essas duas flores perfumadas para o nosso velho jardim, amparadas por um jardineiro decidido e amoroso, para assisti-las, de maneira que elas possam ser o Céu em nossa Terra. Meu Doutor, a Igreja Católica é uma continuidade da religião cristã e cresceu com os tempos. Nela ingressaram muitos lobos vestidos de ovelha que, ao invés de dispersar o rebanho do Cristo, conseguiu apenas afetar sua conduta nos planos mais sublimes da vida, que são constituídos pelo exercício do Perdão, do Amor e da Caridade. Mas se assim já aconteceu, o que vamos fazer, meu filho? Condenar esses homens perversos que matam em nome do Cristo? Ou praticar o contrário? Achas que devemos matá-los também? Assim, seríamos seus iguais! A nossa obrigação espiritual é viver mais ou menos a mensagem de Deus, ensinada por Cristo, pois é impossível uma vivência igual à dos primeiros seguidores do Mestre, porque para viver Jesus integralmente, meu filho, é necessário que os Céus baixem na Terra e que os homens da Terra tomem rumos diferentes, avançando rumo à área conquistada pela Luz. Teríamos imenso prazer se todos compreendessem e vivessem o Cristo. Mas onde a capacidade, onde o preparo para tão grande empreendimento? Não sei se fui claro, desculpa-me se também não me fiz compreendido, porque o meu desejo é acertar. A mente de um escravo não aceita corrigenda com palavras somente; é necessário que sua pele dê sinal de dor, anunciando o erro! Mas que seja tudo feito com critério e isso tem sido usado aqui, meu Doutor.

O Doutor Cícero, até certo ponto satisfeito com a conversa do Vigário, comentou:

— Apesar de tudo isso que expuseste, continuo a afirmar, porque não posso ser covarde aos meus sentimentos, que já chegou a hora da reforma de costumes, a mudança de sentimentos, no que se refere ao trato com os escravos, e que a essa fazenda cabe a honra de dar o grito de liberdade da escravidão. Ou então, alimentar essa ideia, onde quer que ela estiver nascendo.

— Também concordo — emendou Sinhozinho.

E o Padre Terêncio, feliz com suas argumentações, sorriu, dizendo:

— Se tal acontecer, meus filhos, eu estou com a vontade de Deus.

Abençoou os dois moços e saiu assoviando...

## CAPÍTULO XV

### “NOVA VIDA NA FAZENDA RIACHUELO”

Padre Terêncio mudou de tática, notando que o ambiente estava ficando estreito para ele. Dissera tudo aquilo em resposta ao Dr. Cícero mas, na realidade, pensava de forma diferente. Achava que escravos eram escravos, haviam nascido para aquela vida de serem vendidos e comprados como animais. Mas, a par dessa teoria, o Padre não concordava com muita perseguição aos negros, e chegava a livrar muitos deles do chicote do capataz, e até da masmorra. Não tolerava também que fossem castigados pela fome, dizendo que Jesus mandara dar pão aos famintos e vestir os nus e, conseqüentemente, atos como desnudar os escravos e deixá-los famintos contrariavam os ensinamentos do Mestre.

Por muitas vezes, o Padre doutrinou as filhas do Senhor de Engenho, que gostavam de mandar chicotear as negras por quaisquer pequenas faltas, e dizia-lhes:

— Jesus manda vestir os nus e vós mandais desnudar as pessoas? Eu sou o Guia espiritual da fazenda e, sempre que se tiver que disciplinar algum escravo, eu desejo ser ouvido.

Principalmente agora, Padre Terêncio procurava se afinizar com a conduta do Dr. Cícero, pelo menos aparentemente, para depois entrar com sua velha filosofia, de que escravo nasceu para escravo.

Para que o Vigário se ocupasse mais das coisas espirituais, terminaram sua capela, ornamentando-a carinhosamente, o que fez com que ele tomasse mais gosto pelos assuntos de ordem religiosa. Após a reforma,

adotou-se a ideia de se oferecer uma sopa aos escravos, todos os domingos, após a missa, na própria Igreja onde, nos fundos, foi puxada uma enorme coberta, especialmente construída para essa finalidade.

O alimento tomou o nome de chá-sopa, pois após a sopa era oferecido um saboroso chá de ervas, com substanciosas misturas planejadas pelo Dr. Cícero, e tanto o chá quanto a sopa foram recebidos com verdadeira festa pelos escravos.

O Padre achou a ideia excelente, pois o comparecimento à missa era maciço. Acabaram-se as ausências por doença e até os Senhores de Engenho, de voz em quando, iam assistir à missa, como uma recreação para o espírito. O Vigário se entusiasmou pela igreja e até passou a gostar mais dos escravos, que iam também satisfeitos à missa, melhorando, sob todos os aspectos, o ambiente espiritual da capela, todos os domingos.

Certa ocasião, Padre Terêncio foi convidado por outro Senhor de Engenho da redondeza para celebrar uma missa em sua fazenda, em virtude de viagem do Vigário local. No ato da pregação, Padre Terêncio mencionou a sua Igreja, com verdadeira satisfação, como exemplo de uma verdadeira Casa de Deus. Mencionando versículos do Evangelho, explicava a reforma da capela da Fazenda “Riachuelo” e dizia, em voz bem alta:

— Escravos, lá, meus irmãos, são nossos companheiros, nos domingos e feriados.

Terminada a predica, Padre Terêncio foi procurado por um grupo de escravos, pedindo sua interferência junto ao Senhor de Engenho local, no sentindo de que eles pudessem assistir à missa na Fazenda “Riachuelo”, pois haviam se confortado muito com a palavra do Reverendo. Envaidecido, o Padre fez a solicitação, no que foi prontamente atendido, não só pela atenção que merecia pessoalmente, como também porque aquela região estava sem seu Vigário.

E assim, escoltados por alguns capatazes, os escravos da outra fazenda passaram a ir aos domingos à Igreja da Fazenda “Riachuelo”, colocando todos, principalmente Cardoso e o Dr. Cícero, irradiantes de alegria, por verem o seu Vigário se interessando até pelos cativos de outras bandas. Era inegável que o chá-sopa influía grandemente na presença dos escravos, em

geral. Mãe Dudu dirigia a cozinha e todos, inclusive Sinhozinho e o Doutor, tomavam seu chá-sopa.

O número de escravos, das duas fazendas, que assistiam à missa, era enorme. Por sugestão do Doutor, Padre Terêncio começou a fazer uma prática do Evangelho em português, em linguagem bem simples, à altura da compreensão dos escravos. A Igreja Mãe não iria ficar sabendo, e se ficasse, o Padre continuaria como Vigário só na fazenda, sem vínculo com seus superiores. O velho Terêncio escutava a argumentação dos Sinhozinhos com ponderação, aceitando parte de suas ideias. No entanto, não concordava nem de longe com a possibilidade de se desmembrar de Roma. Não! A obediência ao centro de força da religião era necessária, pois a disciplina constituía a alma da Doutrina do Cristo, no julgar do velho religioso.

O chá-sopa da Fazenda “Riachuelo” ficou famoso. Padre Terêncio era chamado a outras fazendas para explicar como iniciar um trabalho similar, de tão elevado sentido social. A coesão dos escravos ia além da Igreja, passava ao trabalho; o rendimento nos serviços melhorava e, dada a experiência da Fazenda “Riachuelo”, trabalhos Idênticos foram sendo abertos por toda parte, chegando as notícias até à Bahia, Pernambuco e Ceará. Os convites ao Padre Terêncio se avolumavam cada vez mais, no sentido de aplicar seus métodos em outras fazendas, e a sua vaidade e o gosto pelo trabalho aumentaram consideravelmente.

Os dois senhores da Fazenda “Riachuelo” resolveram comprar uma residência no Rio de Janeiro, à altura da família Travassos, combinando entre si que cada um ficaria um ano na Capital, enquanto o outro administrasse a fazenda, e vice-versa. Assim estariam tendo a oportunidade de se instruírem mais e descansarem, merecidamente, da faina da fazenda, a cada ano. Por outro lado, era preciso olhar pelo futuro do casal de meninos, pois os estudos deles deveriam ser feitos no Rio. Ficou tudo acertado e Sinhozinho já planejara levar consigo a Mãe Dudu, quando chegasse a sua vez.

Certa tarde, Sinhozinho procura o Dr. Cícero para uma longa conversa. A amizade entre os dois atingia o grau de fraternidade pura. A afinidade abria caminho nos corações daqueles moços, que se davam as

mãos na viagem eterna da benfeitora reconstrução da vida. Os dois trocavam ideias sobre assuntos pertinentes a fazenda, no grande salão da casa grande. A certa altura, o filho do Dr. Teodomiro Travassos levanta-se, dá umas passadas de um lado para outro, e fala:

— Meu amigo: há muito queria te falar de um assunto muito interessante para nós e, principalmente, para ti.

Dr. Cícero aguçou os ouvidos e disse:

— Fala... fala, Cardoso! Gosto muito de coisas interessantes!

Aqui na Fazenda “Riachuelo” existe uma escrava, por sinal minha mãe de leite e pessoa a quem muito prezo que, tempos atrás, começou a manifestar uma doença, conhecida pelos escravos como doença de São Guido. Eu assisti várias vezes ela “sofrer” essa doença e percebi que depois que os sintomas passavam, ela ficava meio santificada, dava para curar os escravos enfermos, predizer o futuro e sua conversa atingia a uma cultura por nós desconhecida. Ficava agradável, dava conselhos a todos, induzindo os escravos a não sair da linha traçada pelos senhores, ensinava remédios. Enfim, a velha se tomava um gênio, depois da doença. Pesquisando algum tempo, conclui que falava por ela a alma de um antigo diplomata espanhol, chegado ao Brasil, em missão do Governo do seu país, e que gostou tanto desta terra que resolveu aqui ficar definitivamente. Até o nome dele impõe respeito e para pronunciar-lo corretamente é necessário alguma cultura: Fernando Miramez Olivídeo.

Dr. Cícero, olhando bem para Cardoso, disse:

— Mas como abordas tal assunto com tanta certeza? Onde encontraste provas?

— Encontrei nos próprios fatos. Certa vez eu me disfarcei de escravo e, na senzala, sem ser notado, vi a velha dando conselhos, falando de maneira simples mas com enorme profundidade. Fiquei observando, e a certa hora ela olhou para o meu lado e chamou-me pelo nome. Isso gerou certa confusão, os escravos quiseram correr. mas ela não deixou. Fiquei meio abatido, mas ela tomou a me chamar. “Venha aqui, Sinhozinho, tu és dos nossos”. E conversou comigo em linguagem elevada, tendo a nossa

troca de ideias varado noite a dentro, apôs os escravos terem se recolhido para dormir. Quero te levar para assistir a uma dessas conversações que tenho com o Miramez, para que possas deduzir a realidade e sentir o que sinto. Para que tenhas uma ideia, os fatos ocorridos em Portugal, com meus pais, as meninas e contigo, chegavam ao meu conhecimento antes das cartas chegarem aqui! Queres saber mais? Essas crianças que vieram de Portugal e que teu generoso coração tomou, como tuas, não são teus filhos, na realidade. Digo isso só para que avalies o valor da história que te conto. O dinheiro de que foste portador, eu já sabia que o trarias, de como foi adquirido, sendo que o próprio amigo ignora a sua procedência. Quando recebi, por teu intermédio, uma notícia do meu querido pai, mandando dar uma recompensa e a liberdade ao escravo Miguel, simplesmente estava se confirmando o que eu já sabia pelo amigo Miramez.

E Cardoso contou mais coisas acerca dos fenômenos e da grandiosidade das comunicações com almas de pessoas já falecidas. O Dr. Cícero estava boquiaberto com o que ouvira. Sentiu a necessidade de uma pesquisa mais profunda e, intimamente, se dispôs a realizá-la. Apôs alguns minutos, falou:

— Olha, Sinhozinho, eu acho que encontraste o fio da meada, perdido há séculos pelos antigos religiosos. Lembro-me agora que em Portugal existe um grande médico interessado nesses assuntos, por nome Dr. Bastos. Ele transformou seu hospital em casa de estudos de Psicologia profunda, apôs ir à França fazer pesquisas a respeito disso com o famoso Dr. Mesmer, que descobriu um fluído, atraído por nossa vontade adestrada, que cura enfermidades e restabelece organismos combalidos. O Dr. Bastos é um homem sério, que assistiu aos fenômenos em Paris, fez comprovações próprias e agora está em Lisboa, operando maravilhas. Eu mesmo assisti a alguns de seus estudos na Casa de Saúde São José onde, com outros interessados, o Dr. Bastos organizou um salão de estudos espirituais com o nome de Jesus Nazareno. Lá se estuda e se pratica o magnetismo, que é o nome do fluído, e os resultados têm sido maravilhosos. Na verdade, os outros hospitais ficaram quase vazios e o Dr. Bastos está sendo até mal visto pelos colegas, a exemplo do que ocorre com o Dr. Mesmer, na França. Isto que acabas de me narrar é o fio da meada de uma grande Ciência, que demanda estudos mais profundos, a fim de se tornar ao alcance de todos,

sem restrição de casta ou posição. Essa deve ser a verdadeira Ciência. Se aqui na Terra existem homens cujos conhecimentos suplantam a nossa razão, quanto mais a alma, nos Céus, o que não deve saber?

— Pois bem, meu caro; como essa revelação na Fazenda “Riachuelo” vem por intermédio de uma escrava, isso deve nos induzir a pensar sobre o igual valor dos seres humanos. Deus não escolheu, pelo menos aqui, um Senhor de Engenho para ser instrumento de Sua voz, certamente para que os senhores donos de recursos materiais tivessem oportunidade de meditar em Suas leis, que expressam a Justiça e o Amor. Por que Deus não usou o Padre desta fazenda para tais manifestações? Por que, ao invés de revelar essas coisas na capela, usou a senzala humilde, composta de seres humanos miseráveis, sem direito a coisa nenhuma? Isso á para valorizar a própria vida, pois o Cristo mesmo escolheu uma humilde manjedoura para nascer. O Evangelho não diz que o Cristo veio para os sofredores? E existem maiores sofredores que os cativos, que nem pertencem a si mesmo, que são separados dos filhos de quaisquer idades, segundo o desejo dos senhores? Há sofredores maiores do que eles, que vivem a receber o chicote dos capatazes e a superlotar as prisões fétidas? Assim as bênçãos de Deus bafejam suas cabeças. E quanto aos seus perseguidores, algum dia acertarão contas com a Justiça, pois seremos maltratados, assim como maltratamos; seremos perseguidos, assim como perseguimos; essa é a Lei inexorável de Deus.

Dr. Cícero, pasmado de ouvir aquelas coisas, pergunta:

— Cardoso, onde aprendeste tudo isso, meu amigo?

— Aprendi isso e muita mais ainda com o Miramez, que se serve de Mãe Dudu para anunciar as coisas de Jesus. É o Cristo que volta, através das almas Suas discípulas, formando legiões a levar as claridades a toda parte do Mundo. Ai está o princípio do fim das trevas. Espero que compreendas o grande objetivo espiritual da Fazenda “Riachuelo”. Tudo o que existe de material nela é pouco ou nada perante as grandezas espirituais, que haverão de vir.

Dr. Cícero queria ir na mesma hora à procura de Mãe Dudu, esquecendo-se da disciplina que as coisas Divinas requerem. — Espera,

meu amigo, se para tudo tem hora, quanto mais para...

Ele logo entendeu e sofreu aquele impulso natural de conhecer a verdade e de ouvir a voz dos céus.

Voltemos novamente ao Padre Terêncio, que agora não tinha mais tempo para azucrinar o Zé Melête. Suas horas eram poucas para tratar da sua Igreja, reformada nas bases da pura fraternidade, da caridade e do amor, por ideia dos dois proprietários da fazenda. O Vigário pediu a Sinhozinho mais dois escravos para ajudá-lo, no que foi atendido, e o Senhor de Engenho vizinho, onde o Padre ia celebrar missa de vez em quando, ofereceu-lhe um escravo forte e prestativo. Com imensa satisfação, todos se dedicavam diariamente aos preparativos, para que no fim da semana, tudo estivesse pronto na igreja. Ornamentos, flores, a coberta do chá-sopa, tudo muito limpo, mesmo porque era comum a presença dos Senhores de Engenho, por ocasião da distribuição dos alimentos.

Mãe Dudu agora era uma pessoa especial para o Dr. Cícero. Aonde ia, ali estava o médico a perguntar-lhe e a pedir-lhe conselhos, o que constrangia a velha preta, a ponto de ela se queixar ao Sinhozinho:

— Meu filho, não fica bem eu dar direção ao Doutor! Isso é papel do Padre Terêncio. Fala com o Doutor para mim!

Sinhozinho deu uma boa gargalhada e respondeu:

— Não, mamãe, eu não vou falar. Ele precisa é da tua companhia, pois está em tempo de perder a cabeça de vontade de falar com o nosso Miramez. E a Senhora quer que ele fale com o Miramez católico?

Passados alguns dias, ao cair de certa noite, Sinhozinho Cardoso e o Dr. Cícero se encontravam na casinhola de Mãe Dudu, com o médico em intensa expectativa. Passados alguns instantes, Mãe Dudu ajeitou-se na cadeira, baixou as vistas, como se estivesse orando, e pediu:

— Sinhozinho Cardoso: leia o nosso livrinho, meu filho.

Foi aberto o Novo Testamento, presente do Padre Terêncio, em

Mateus, capítulo 4, onde Jesus é tentado por Satanás, vencendo todas as provas. Cardoso, continuou lendo sobre a volta de Jesus à Galileia, cumprindo a profecia de Isaías, a convocação dos primeiros discípulos, a pregação por toda a Galileia e a cura dos enfermos. Após a leitura, falou alguma coisa sobre o texto lido e articulou sentida prece a Deus e a Jesus.

Miramez então saudou a todos, nestes termos:

— A paz seja convosco; que Jesus ilumine a todos, hoje e sempre. Meus companheiros de ideal: aqui estamos para estudarmos juntos, no sentido de melhor entendermos os escritos do sagrado Evangelho. Quanta coisa existe de preciosa, que ainda não foi descoberta, nestas páginas de sabedoria? Quanta água corre no subsolo evangélico, esperando que as mãos do coração e a força da inteligência façam-na brotar no grande deserto das almas humanas? O Mestre foi tentado, simbolizando que todo homem tem de passar por essas provas no percurso da vida e, tendo o exemplo de Cristo, sentirá mais força para vencer suas lutas, nas horas das grandes decisões. As provas são necessárias porque, fora delas, o ser humano não selará as experiências, com a certeza de que os caminhos do bem são os melhores. Sem os exemplos do Divino Mestre, os nossos sofrimentos duplicariam, até que encontrássemos a realidade. É por isso que Ele serve de caminho, é por isso que Ele consola e representa, para todos nós, a própria vida. Com Cristo, os fardos se aliviam, os jugos se tornam suaves. Com Cristo compreendemos mais depressa nossos deveres e abrimos os olhos com mais alegria de viver. Todos temos dívidas recíprocas e é por isso que a fraternidade entre os homens representa uma lei Divina. Fugir dela é distanciar-se da Felicidade. O perdão ao nosso semelhante é que nos livra do mal. Todos, mas todos mesmo, somos escravos uns dos outros, pois, querendo ou não, nossas vidas se entrelaçam por intermédio de canais invisíveis. A Revolta, o Egoísmo, o Orgulho, enfim, a desobediência à lei de Deus, obstruí alguns canais da vida e então nós começamos a definhar, a sentir inquietações, que se ramificam em diversas enfermidades catalogadas pela Ciência. Enquanto a humanidade não abrir os olhos para as verdades espirituais, continuará perdida no caos da Discórdia e da Luxúria, da Maledicência e do Egoísmo, da Mentira e da Incerteza, da Maldade e da Vingança, duplicando em meio a esses inimigos, a própria desgraça, transferindo esse estado mórbido para o plano

espiritual, após a morte física.

Miramez, manejando as faculdades da velha escrava, dá um pouco de tempo para os dois ouvintes assimilarem, e continua:

— Jesus volta à Galileia, sabendo do término da missão de João Batista e então começa Sua Divina epopeia nos campos do Mundo. Com dois pescadores, inicia o seu sistema de discipulado; reúne homens de certo preparo espiritual para dar continuidade às Suas ideias, ensinando o ser humano a salvar-se a si mesmo. Provando aos discípulos que era o Cristo que havia de vir, Jesus dá testemunho, curando os enfermos e enchendo de esperança àqueles que o ouviam. Também vós, meus amigos, estais no mundo para serdes discípulos, sofrendo tentações de toda ordem. Se estiverdes preparados, fazei qual Cristo no deserto: recusai as coisas fáceis, os valores que não correspondem a uma consciência tranquila e, tendo o Mestre por companheiro, vencereis as provas, alcançando uma vida melhor. Todos os que vivem na Fazenda “Riachuelo” são pescadores desse mar de trabalho, à procura dos peixes da felicidade. Vós sois os Mestres, com a tarefa de ensiná-los a pescar nas imensas águas da vida. Antes que eles lancem de novo as redes, convidai-os para o banquete da compreensão mútua e sereis aliviados dos vossos fardos, enquanto eles terão suavizados os seus jugos. Podereis, sim, serdes mestres, e eles, os escravos, discípulos. Com o tempo, outros copiarão vossos feitos. Isso não significa que renunciareis aos vossos postos e nem tampouco que a tolerância abra as portas para o desrespeito! Não! A autoridade, como justiça, a energia no momento exato e a palavra decisiva na hora adequada constituem ordem, e, fora dela, não pode haver progresso, em nenhum lugar do Mundo. Jesus amava profundamente a Pedro mas, em dados momentos, chamava-o à ordem com toda a energia, com a finalidade de cultivar, no Seu discípulo do coração, aquele potencial de fé que se tornou a pedra angular do cristianismo. Com o tempo, perceberéis o que deveis fazer para acertar melhor nos vossos labores.

O silêncio se fez, como era costumeiro, no intervalo da conversação de Miramez. Dr. Cícero estava profundamente impressionado. Ele não pensava que as coisas eram assim tão elevadas. O que havia assistido na Casa de Saúde São José, em Portugal, fora maravilhoso mas, na realidade, não chegava aos pés da filosofia do Mentor Miramez. Naquele momento,

teve vontade de que o Dr. Bastos estivesse ali.

O espírito comunicante, depois de alguns instantes, falou mansamente ao Dr. Cícero Drummond Calislande:

— Meu querido Cícero, tenho uma grande surpresa para ti esta noite. Os céus nunca se esquecem dos filhos da Terra. De minha parte, estou imensamente satisfeito com a tua presença nesta casa. Nós necessitamos mesmo entrar em completo intercâmbio, para que o Cristo apareça em nós, instruindo-nos e orientando-nos.

O médico já estava emocionado. Ao ouvir Miramez falar em “surpresa”, seu coração bateu com maior rapidez. Que surpresa seria? — Pensava ele. — Por Deus, que o Céu seja compassivo, pois não suportarei novas emoções esta noite.

O Instrutor, percebendo os pensamentos do Doutor, esclareceu: — Tua taça é enorme, meu filho: é necessário derramar mais um pouco de líquido espiritual nela, para que o teu coração transborde com as emoções dos céus. Tudo que demora, quando vem é com abundância.

Depois, dirigindo-se a Cardoso:

— Prepara-te também, para ficares em condições de propiciar paz e esperança a uma visita que está para vir. Nosso visitante trará, no coração, as marcas sofridas da saudade, e tudo devemos fazer no sentido de lhe proporcionarmos alento, reconforto.

Daí a instantes, notou-se a Mãe Dudu mudar de posição. Suas feições transformaram-se e ela começou a chorar, copiosamente. Depois de muito chorar, a velha abriu os olhos, firmou-os no Dr. Cícero e falou, com uma voz meio castelhana:

— Ci, és tu, meu filho, que estás aqui tão longe, nesta Terra! Ci, meu menino, tu não me conheces mais! Sou eu, tua mãe, aquela mesma que te entregou para as Irmãs de Caridade, para salvar tua vida. Tu não te lembras, meu filho; como o tempo é ingrato, ao desfazer o amor pelas mães nos corações dos filhos! Se tu te lembrares, meu filho, será a maior felicidade para mim e eu poderei viver em paz, no lugar para onde vou.

Graças a Deus, Ci, ninguém morre. Continuamos a viver, pois a Eternidade é nossa meta e é isso que nos dá ânimo para a vida, para a luta. Sofri muito, mas agora me acho quase feliz aqui ao teu lado, graças a Deus. Quero que conheças e respeites esse amigo espiritual que nos protege a todos, pois assim tua vida se transformará de trevas para luz, de tristeza, em alegria pura; de ódio, em amor. Esse nosso companheiro é amigo de Jesus, do Cristo que salva, amando!

Dr. Cícero estava em êxtase de emoção e alegria, e as lágrimas corriam abundantes de seus olhos. Naquela emoção, mãe e filho se abraçaram demoradamente. Desde a hora em que o espírito falou seu apelido, o médico reconheceu sua mãe, pois ninguém no mundo sabia do seu apelido. Sentando-se novamente, o Dr. Cícero pergunta ao espírito, com a voz trêmula:

— Mamãe, quero notícias do papai, saber onde ele está, por favor. Ele está aqui também? Eu queria falar com ele, como tive a ventura de dialogar com a Senhora.

Continuando o diálogo, o espírito responde:

— Teu pai ainda está em região de sofrimento, meu filho. Ele não atendeu ao apelo do perdão e o ódio aos carrascos da Inquisição ainda o segura em regiões sombrias. Hoje, eu considero aqueles carrascos como irmãos menos avisados. Considero-os espíritos merecedores do nosso perdão e da nossa compreensão. Muitos deles estão encarnados, sofrendo as consequências da própria maldade, pois essa é a lei. Outros, continuam em grandes dificuldades, no Mundo Espiritual. Nós não devemos desejar o mal àqueles que nos ofendem, porque, desta maneira, nós evitamos o acirramento do ódio e da vingança, recíprocos. O meu desejo era que teu pai perdoasse aqueles que nos ofenderam, para que hoje pudesse ter a ventura que eu tive. de te abraçar e sentir teu coração pulsar junto ao meu. Mas, infelizmente, ele permanece cego pelo ódio, pela vingança e pelo orgulho. O que eu e tu podemos fazer por teu pai, meu filho, é orar por ele, no sentido de que ele mesmo consiga a libertação, conhecendo e sentindo a verdade. Sinto imensa alegria de ver-te nesta fazenda, junto desses companheiros do teu coração. Aqui, meu filho, poderás encontrar o que eu estou achando agora, depois de muito sofrimento. Trinta anos transitei

pelos corredores do ódio, alimentando-me com a energia da vingança e refletindo os próprios males que causei. Mas, graças a Deus, acordei e estou trabalhando em prol daqueles que nos caluniaram. Sinto com isso um prazer grandioso, vivo hoje feliz no trabalho do bem comum. Meu filho, seja feita a vontade de Deus e as bênçãos de Jesus que iluminem os teus passos. Da minha parte, não sei como agradecer este encontro. Adeus!

Miramez apoderou-se das faculdades de Mãe Dudu e deu graças a Deus pelo ocorrido. O Doutor, desnorteado pela felicidade e afogado pela saudade, pediu ao Mentor:

— Meu irmão, queria falar mais alguma coisa com minha mãe. Pelo amor de Deus, deixe que eu converse com ela mais um pouco, para esclarecer certos assuntos. Complete, meu amigo, essa felicidade que talvez eu não volte a ter mais na vida. Permita-me, senhor, por favor!

Miramez, olhando mansamente para o Dr. Cícero, disse com sabedoria:

— Meu filho, o licor Divino é saboroso, mas em demasia, embriaga.

Agora precisas pensar. A meditação, nesses momentos, corresponde à alimentação espiritual. Sê obediente e vai repousar. Quem sabe o sono poderá tornar-te mais livre esta noite, em plena sintonia com os amados do teu coração? Hoje, meu filho, encontraste a resposta para todas as tuas indagações, como homem de Ciência. As chaves das explicações são essas que acabas de ver e ouvir, na ação dos espíritos. A Medicina meu caro Doutor, ainda perambulará por muito tempo para resolver os problemas inerentes ao seu campo de trabalho. Somente depois que ela abraçar as verdades espirituais é que as questões intrincadas começarão a ser resolvidas e explicados os enigmas que dançam nas cabeças dos sábios.

Miramez conversou um pouco com Sinhozinho Cardoso, dizendo estar satisfeito com a reforma na Igreja do Padre Terêncio. Animou todos ao trabalho, desejou paz e saúde para todos e deu seu boa noite de despedida.

Mãe Dudu acorda limpando os olhos, sorri como uma criança e pergunta:

— Então, meus filhos, correu tudo bem? O Doutor parece meio triste!

Sinhozinho, alegre, responde:

— Não é nada, Mãe Dudu. Se fosse eu que tivesse falado com minha mãe, talvez estivesse em piores condições. Ele foi muito forte e pelo que sinto será um homem renovado, de hoje em diante.

Dr. Cícero, saindo daquele marasmo, comentou:

— Sinhozinho: meu modo de pensar sobre a vida espiritual modificou-se completamente esta noite. Sei agora que a vida tem muito mais valor do que eu supunha e as religiões pregam. O que começa a despontar nesta fazenda é um prenúncio profético do que surgirá em todo o Mundo. É um anúncio celeste de que ninguém morre e de que a vida continua além do túmulo. Se a Medicina passar a usar isso, como nos disse o amigo Miramez, ela irá dar à humanidade as maiores esperanças, e eu creio que isso aconteça, mesmo que ainda demore um pouco.

Encerrada a reunião e a troca de ideias, os dois senhores tomaram o tradicional chá, despediram-se de Mãe Dudu e foram em busca de seus leitões.

## CAPÍTULO XVI

# REDENÇÃO DE UMA ALMA

Niquinha encontrou plena afinidade com as Irmãs de Caridade que, de fato, honravam esse título. A comunidade se preocupava com a miséria de seus semelhantes e, logo ao cair da noite, saíam as freiras a visitar as casas mais distantes da cidade, levando o pão por elas mesmas fabricado, roupas e alimentos. Tinham como companhia um velho escravo, já liberto, que escolhera o orfanato para passar os últimos dias de sua existência na Terra. O velho ainda era bastante forte, obediente, e sabia revidar à altura quaisquer tentativas de assalto contra as Irmãs. Seguia junto a elas também um cão de raça, adestrado para a defesa das freiras, talvez mais eficiente que o velho. Como é lógico, não faltavam a estas obreiras da caridade a proteção maior, as bênçãos dos céus, nas suas andanças pelas vilas de Feira, em altas horas da noite, em busca de confortar os famintos, os órfãos e os desamparados.

Ninguém chorava, que elas não ouvissem; ninguém sentia fome, que elas não percebessem; ninguém morria nos arrabaldes, que elas não fossem levar o conforto da palavra e da ajuda, indispensáveis aos familiares. Niquinha criou ambiente no seio daqueles corações, fazendo amigos dentro e fora da comunidade, pela palavra fácil e pela figura impressionante.

Depois da visita mal intencionada do Padre Gregório, Niquinha perdeu um pouco da satisfação de permanecer em Feira de Santana; uma ideia intuitiva lhe repetia que devia ir-se embora dali; não largar a comunidade das Irmãs, que se estendia por todo o Brasil, mas mudar de cidade. Resolveu conversar com a Superiora e suas colegas, a fim de tomar uma decisão final acerca do seu Destino. Em suas preces, pedia aos céus a

indicação de um lugar melhor para sua morada. Cada Irmã lamentava sua perda, pois Niquinha era muito estimada, sempre ajudando a todas, dentro das suas possibilidades. E tanto a beleza física, quanto a estrutura espiritual de Niquinha, favoreciam o aparecimento de uma energia penetrante que restaurava a alegria e a fé nos que dela se aproximavam. Por essas razões, todas eram contrárias à sua saída do Orfanato.

Mas o carma de Niquinha era favorável e o Destino é o senhor das vontades humanas. A comunidade das Irmãs foi visitada por um velho Sacerdote, de muita fama no campo da abnegação religiosa, tanto que estava sempre recebendo convites para visitar cidades que queriam desfrutar de suas bênçãos. Ao chegar ao Orfanato, o velho Sacerdote se viu cercado das religiosas, que solicitaram que ele fizesse a confissão de todas.

O famoso pároco, olhos mansos e confiantes, comentou:

— Jesus foi batizado por João, no Rio Jordão, não a pedido do Mestre, que também não se recusou a receber o batismo em público. Mas saindo dali e consagrado como Mestre, não fez o mesmo. Eu vou agir de forma semelhante. Aqui estou a convite vosso, para confessar a todas. Mas Deus vai permitir que eu o faça conversando em conjunto, trocando ideias acerca da vida do Messias e de Seus labores na vinha do Seu e do nosso Pai, que está nos céus. Mas quando saírem daqui, não façais como eu, a não ser que antes cada uma se confesse a si mesma, dizendo, como Paulo de Tarso: “O Cristo em nós é motivo de glória”. E esse Cristo só aparece em nós, quando decidimos revelá-lo em nossos atos. Minhas Irmãs em Cristo: não há necessidade de que conversemos sempre a dois, em particular, pois o ideal de uma é o de todas, a função de uma é a de todas e, por fim, todas possuem o nome mais bonito do Céu e da Terra: Irmã de Caridade. Que Jesus vos abençoe a todas, para sempre.

As Irmãs sentiam-se aliviadas com a presença do velho Vigário. Niquinha, que antes queria falar a sós com o Padre, não viu mais essa necessidade de confiança e aproximou-se do Sacerdote, beijou com respeito suas encarquilhadas mãos, dizendo:

— Pai Ernesto, estou neste Orfanato por graça de Deus e bondade das Irmãs da Casa. Fui destronada do meu reinado, pelo Destino; meu tesouro,

que era minha família, me foi exigido, e aqui estou pela vontade Divina. Sei que existe um outro Destino para mim, mas sinto-me débil para tomar uma decisão de escolher o lugar para onde devo ir. Quero sua opinião, de coração cheio de experiência no serviço do Cristo. As poucas palavras que ouvi do senhor me inspiraram confiança, porque partem de um coração eternizado no amor. Negar isso a mim, Pai Ernesto, é tirar todas as esperanças de um coração sofredor.

Padre Ernesto, sentindo aquele som meigo de voz, tão suave e partido de lábios tão formosos quanto divinos, franziu a testa, observando as belezas do físico e do espírito, irmanadas. Vendo a necessidade de achar uma solução que não faltasse à Caridade, convocou toda sua intuição, e disse, com firmeza:

— Minha filha, irás para Salvador; lá existe um convento que, por suas tradições, é o lugar indicado para tua moradia. A virtude lá constitui o alicerce. Teu novo nome deverá ser Marta. Renasça novamente, abraça outra vida, para que ela possa te confortar hoje, amanhã e eternamente. Dar-te-ei uma carta de próprio punho, coisa rara de uns anos para cá, dado meu estado, mas no teu caso farei o impossível. A missiva deve ser entregue à Irmã Maura, Superiora daquela comunidade e, com esse documento, ingressarás sem dificuldade naquela casa de Deus. De minha parte, nunca me esquecerei de ti nas minhas preces.

Niquinha tomou novamente as mãos do velho Padre, beijou-as e molhou-as de lágrimas. As outras Irmãs fizeram o mesmo, numa efusão pura de fraternidade, terminando, com o próprio Sacerdote, a derramar lágrimas.

Daí a uns trinta dias, incorporada a uma caravana de estudantes que voltavam a Salvador para continuar os estudos, e recomendada pelo Padre Ernesto, ao Cel. Faustino, pai de duas moças da comitiva, partiu Niquinha, que passaremos a chamar de Irmã Marta, com destino ao convento de Salvador.

A futura freira estava radiante de alegria, certa de que a escolha de Padre Ernesto, para Salvador, fazia parte de plano Divino.

A viagem foi um pouco acelerada, pois os jovens gostavam de sair do

ritmo normal, exigindo muito dos cavalos, mulas e jumentos. Não obstante, o trajeto foi cumprido em ordem, recebendo a Irmã Marta toda a assistência necessária. Finalmente, a caravana dá entrada em Salvador, para imensa alegria dos estudantes, já saudosos da Capital. Somente a Irmã Marta conservava-se meio triste, sem saber ao certo o que iria achar ali; montada em seu animal, lenço a esvoaçar na cabeça, parecia uma princesa desterrada. Deixava divagar o pensamento, à procura de Deus, desejando interrogá-Lo, como filha obediente e ordeira, sem contudo saber o porquê de muitas coisas, que lhe passam pela cabeça: “Meu Deus, para onde vou? Por que, Senhor, o Destino não me deixou junto aos meus? Por que, onde passo, sofro, tantas perseguições? Nunca pude, em minha vida na Terra, alcançar a felicidade, por pequena que fosse. Tive um marido que considerava bom e que me amava demais. Tive filhos como as outras mulheres. Contudo, faltava em mim a ressonância do que eles se propunham a oferecer-me. Viver num ambiente de compreensão foi o que fizemos, usando da força espiritual, alcançada no Evangelho do Mestre, o que já representa grande vitória. Mas queria meu Deus, é viver amando, amando profundamente. Não falais de amor, usando a língua dos sábios? Não falais do amor dos profetas? Não falastes de amor, pela presença de Jesus, na Terra? Por que negastes a mim esse amor que tanto procuro?”

E a Irmã Marta não percebia o andar do seu animal, nem tampouco o atropelo dos outros cavalos; seguia como se estivesse apagada para o mundo, abrindo seus sentidos para Deus, em permanente colóquio com o Senhor. Uma leve brisa parecia levar seus pensamentos ao Criador; dir-se-ia que suas ideias pareciam gotas de luz, que tomavam a forma de seus nobres sentimentos, rodopiando nos ares em busca de sintonia, em socorro à sua criadora.

Nessa altura, um ser espiritual plaina por sobre os animais em marcha, como a estrela de Belém a acompanhar a caravana; nota-se uma força resplandecente ir em direção à Irmã Marta, banhando todo o seu cérebro; desce na rede nervosa, acendendo pontos aqui e ali, rebrilha com intensidade, buscando imprimir na região cardíaca um jato de luz grossa, de um azul encantador. Sobe mais, fixando-se em dois pontos do crânio da Irmã Marta, onde se percebem sons suavíssimos, de delicadeza indescritível. Irmã Marta, cabeça baixa, parecendo esperar a resposta de

Deus, começa a sorrir sozinha; seu lindo rosto se alegra, e a Estrela inteligente começa a falar, em sons que penetravam não nos ouvidos, mas ressoavam na acústica craniana, proporcionando perfeito entendimento, sendo que o sentido auditivo, propriamente dito quase inexistente: "Irmã Marta; vais, minha filha, para onde tens que ir. Não percas o ânimo ao enfrentar o Destino, pois esta oportunidade lhe oferta as maiores chances de progresso. Perguntas por que não estás junto aos teus? Todos são teus filhos, irmãos e amigos; não confundas liberdade com vaidade, amor com amizade e parentes com superatividade. Na verdade buscaste, como todos nós outros, aqueles que mais refletem, no espelho da vida, aquilo que somos, porque é com eles que a felicidade se expressa em nossos corações. São o que denominamos de almas gêmeas, aquelas que guardam estreita afinidade conosco. Precisamos aprender a amar a todos, para depois conviver mais com um; e os nossos semelhantes são aqueles que nos rodeiam, cujas dívidas se assemelham às nossas e, enquanto os débitos não forem resgatados, continuamos ligados por fortes laços, que só o tempo, com sua função quitadora, consegue desligar. Aí então os semelhantes serão caracterizados pelo amor e pelas qualidades elevadas que possuímos. Não estás só, minha filha. As tuas companhias são tuas iguais, mas é que a igualdade dominante na tua personalidade pende para o lado contrário ao do teu coração. Empreendeste em tua vida a renovação e o desejo de pureza em teus caminhos, mormente em se tratando da moral evangélica. São muito nobres teus impulsos rumo ao Bem, mas o chumbo do teu passado pesa demasiado na presente vida, para a limpeza do entulho restante no território do teu coração. Alguém que te ama com fervor, igualmente passa as mesmas dores, à espera de te encontrar. As tuas almas são duas esferas a planar nos ares, com certo peso dos lados, a puxar para a Terra, em direções opostas. As maiores partes das esferas são leves, de naturezas sintonizadas pelas qualidades, porém, as partes opostas, de tamanhos minúsculos, mas de peso enorme, têm atrações contrárias. Com o tempo, as duas almas se afinizarão para a Eternidade. Agora, para o teu resgate final, a dor, o desprezo e a morte vão testar-te e se passares por essas provas, ser-te-á conferido o pergaminho da redenção.

Niquinha fechou o semblante e começou a chorar. A Voz, então se fez mais clara, dizendo : Bem-aventurados os que choram. Chora, mas sem perder o ânimo para sorrir. Sê confiante e nada te faltará. Se por acaso a

dor te visitar, sentirás a presença da compreensão; se por acaso o desprezo procurar o teu convívio, receberás a companhia do consolo; e se a morte te procurar, receberás em troca a vida eterna. Confia e espera, Marta, que seremos contigo”.

Irmã Marta está fora do Mundo, quase a dormir, quando uma das filhas do Coronel Faustino lhe bateu levemente na perna, falando:

— Irmã Marta, acorda, já chegamos!

— Ah... sim, obrigada, minha jovem.

E desceu do animal sorrindo para todos que os esperavam. As filhas do Coronel queriam que a irmã Marta ficasse uns dias com elas em um hotel, para passear, conhecer melhor a Capital, antes de ser internada. A oportunidade era muito boa para gozar um pouco da liberdade restante, mas a Irmã não aceitou, agradecendo gentilmente e se desculpando, pois estava ansiosa para conhecer o Convento. Além disso, já se acostumara ao recolhimento, durante o pouco tempo em que estivera acompanhando as religiosas de Feira de Santana. Irmã Marta descansou algumas horas na hospedaria, refez suas energias e pediu ao acompanhante da caravana para levá-la até ao Convento Coração de Jesus. A noitinha, fizeram-se anunciar em um grande portão de entrada de um casarão, que se dividia em três alas, sendo recebidas por duas Irmãs que, tendo recebido a carta de recomendação do Padre Ernesto, logo encaminharam a Irmã Marta à Superiora. A Irmã dirigente, ao ler a carta do santo Vigário, emocionou-se até às lágrimas, vindo várias religiosas pretendendo socorrê-la, supondo ter a carta trazido más notícias. Mas a Madre suspirou, dizendo:

— Nada, minhas filhas, as lágrimas são de alegria. É carta do Pai Ernesto, de próprio punho. Vou guardá-la como recordação, pois talvez seja a última que ele escreva nesta vida. E a pessoa indicada por ele deve ser gente do seu coração. Manda entrar, manda entrar...

Irmã Marta agradeceu muito ao seu acompanhante, mandando lembranças para toda a comunidade de crianças e os seus respeitos e admiração para o Coronel e família, rogando aos céus por todos aqueles que a ajudaram a chegar ao seu destino. Dando entrada na grande casa, abraça efusivamente Irmã Superiora e as demais colegas. Com custo,

articulou as primeiras palavras:

— Madre, estou aqui por vontade de Deus e bondade do Pai Ernesto, que escolheu essa casa como sendo a moradia do meu Destino. Demonstrou ele grande interesse de que eu ingressasse nesta casa de Deus. Ele mesmo escolheu meu novo nome e aqui estou eu, para sempre, convosco.

A Irmã Superiora, ao ver e ouvir aquela linda criatura sintetizar seu objetivo de servir a Deus e à comunidade das Irmãs, abençoou aquele coração e disse:

— Tu és bemvinda nesta casa e, de hoje em diante, serás uma das que aqui trabalham em favor do próximo.

São passados muitos anos. irmã Marta foi aos poucos ganhando confiança, granjeando a amizade das colegas e da irmã Superiora. Tinha no trabalho o companheiro ideal; não perdia tempo com divagações, reestruturando sua mente, não mais interrogando a Divindade acerca de seus sofrimentos. Guardara no coração aquele colóquio que tivera com a consciência, no caminho de Feira para Salvador. Tinha muito respeito pelas coisas do espírito e argumentava consigo mesma que nada tinha a queixar da vida, pois sempre tivera uma casa para morar, nunca passara fome e sempre havia encontrado pessoas amigas e sinceras. Pensando ainda, percebia que, graças a Deus, desfrutava de certo discernimento das leis Divinas. Havia sido útil em muitos lugares e seria ingratidão acusar alguém pelos pequenos infortúnios por que havia passado. Continuando a meditar, percebia agora que o mais certo é aceitar o que vier, estudando os fatos e sentindo que eles são os melhores mestres. Ficamos a interrogar os outros sobre o porquê dos golpes que levamos, achando-nos injustiçados; é perder tempo, porquanto não existe injustiça no Mundo. Todos recebemos de acordo com o que merecemos e a colheita é de acordo com o plantio. Os grandes santos tiveram vidas tumultuadas, sem família, sem pátria, sem proteção, mas com os corações alimentados na pura fé em Deus, em Jesus e nos Anjos. A beleza consiste nisto: amor e fé e conquistarmos a nós mesmos que o resto vem por acréscimo de misericórdia. Aqueles que se iluminam com as luzes do Evangelho nunca ficarão nas sombras e o primeiro passo é compreender os outros, sem nada esperar deles. A

compreensão é amar sem condições, é fazer toda a espécie de bem que pudermos, sem que a razão especule qual o mais necessitado e, em vez de criticar os defeitos alheios, procurarmos o silêncio. Sentirmos vergonha, sim; mas apenas das nossas fraquezas. Compreender é instruímo-nos, constantemente, no Evangelho do Cristo, meditando nos Seus altos conceitos e, quando não entendermos pela análise, procuremos, pela oração, o contato com a Divindade e obteremos luz para os nossos entendimentos. Esse modo de vida é o mais certo e representa os primeiros passos do cristão na vida espiritual.

Irmã Marta, com a aquiescência da Superiora, abre novas frentes de trabalho no convento, cria novas atividades para suas habitantes, alegando que uma comunidade digna não precisa viver a mendigar de porta em porta, mas sim, sustentar-se sem pesar a ninguém. Expandia entre as colegas suas ideias de que Deus lhes dera força e pensamento para agirem, sem precisar recorrer às migalhas que sobram das mesas dos moradores da cidade.

— Aquele que pensa que Nosso Senhor Jesus Cristo é um andarilho sem rumo, está enganado, pois Ele mesmo dizia: “Meu Pai trabalha sempre e eu opero constantemente”. Não podemos afirmar que o Evangelho liberta as consciências se não colocarmos os preceitos dele nas nossas condutas e alertarmos os irmãos, que não aceitam

Deus, para que saibam que o Pai é a inteligência Suprema, o Criador de todas as coisas. Pois bem — continuava a apregoar a Irmã Marta — se nós pregamos essas coisas, como poderemos ficar sem produzir frutos, quando até os que não aceitam a existência de Deus manejam suas inteligências e ganham o pão com o suor dos seus rostos, sobrando ainda para nos ofertar?

E continuava a Irmã, sob a atenção de todas:

— Temos de sair do fanatismo, para vivermos em um mundo de ação cristã, usando licitamente a inteligência, sem temor de nada, argumentando com os outros pela palavra e pelo exemplo. Não é por orgulho não, mas tenho repugnância de ver nossas companheiras de ideal pedindo esmolas para levantar uma casa de Deus, para Santo isso, Santo

aquilo, para manter uma ou outra comunidade Cristã. Que Deus me perdoe, mas acho isso horrível. O nosso Deus não precisa de escolas dos homens, e os santos já se libertaram das misérias humanas. Eles têm é para dar em abundância, e as comunidades devem provar isso, promovendo trabalhos à altura de suas dignidades, sem esperar por ajuda de ninguém. Devemos receber apenas de Deus. Quanto aos homens, devemos dar sem exigências de trocas, pois a troca é que deturpa a graça de Deus.

A Irmã Superiora meditou muito naqueles conceitos da Irmã Marta, terminando por lhe dar razão e comentar na reunião da comunidade:

— Bem que o Pai Ernesto recomendou que déssemos toda a assistência à Irmã Marta, pois sabia ele os frutos que ela viria a dar aqui. Não há outra saída para as comunidades. Parece que todas nós estávamos cegas, pois precisamos nos libertar da esmola. O Evangelho aponta o exemplo de Paulo de Tarso, que se tornou tecelão para viver e não ser pesado a ninguém. Nós somos muitas, sadias e inteligentes, vamos trabalhar, se Deus quiser Com tranquilidade, Irmã Marta continuou:

— Deus quer assim, Madre Maura. Para isso nos deu inteligência e o trabalho é o modo de provar a sua presença em nós.

Todas aceitaram as ideias da Irmã Marta e se dispuseram a pensar sobre quais os serviços mais dignos a serem feitos pelas noivas de Cristo. O Mundo interno do convento agitou-se, tornando aquela casa uma oficina de trabalhos à altura da dignidade cristã.

As ideias novas são combatidas, mas pelo menos em algumas Casas de Caridade esse exemplo foi se alastrando com o tempo, com a ajuda de Deus, e seus talentos foram bem aproveitados, como árvores bem tratadas e como massa bem fermentada. Não é que muitas casas não usassem o sistema de trabalhar para se manter, sem esperar tudo do próximo, mas é que essa ideia estava quase desaparecendo e os ambulantes a pedirem nas ruas para essas casas eram em número cada vez maior. As ajudas dos poderes públicos também se faziam ponderáveis e o próprio Evangelho não concorda com esse gesto, com esse erro cometido pelos dirigentes das Casas de Caridade.

Jesus já ensinara em seu Evangelho, mandando dar a César o que é de

Cesar e a Deus o que é de Deus e, ainda mais, manda Pedro pagar o imposto, pois o dinheiro dos poderes públicos traz, no fundo, o micróbio da deturpação doutrinária.

Correm os anos, e a Luz expulsou as Trevas, pelo menos no Convento Coração de Jesus. Cada grupo de Irmãs se dedicava a um trabalho, feito com amor e dedicação. Tecidos de rendas, manufaturas de madeira, couro e vime, plantio de flores, criação de galinhas, porcos, horticultura em alta escala, com prévia seleção de sementes, constituíam as atividades das Irmãs, secundando os trabalhos e a meditação nas coisas espirituais, que continuavam em primeiro lugar. Ali se fabricava o pão com tamanha arte que não dava para atender aos pedidos. Irmã Marta se regozijava pelos frutos do trabalho da comunidade, pois a Casa de Jesus ficou autossuficiente para viver, e esse era o seu ideal.

Com a autorização da Irmã Superiora, era feita uma reunião em conjunto, todas as semanas, para uma troca de ideias e críticas sadias e honestas, visando a melhoria dos trabalhos. Para maior vazão da produção foi instalada, por um grupo de Irmãs, uma barraca na feira-livre de Salvador, com venda de todos os produtos do convento, desde os ovos até a vassoura, e a ideia foi tão boa que, com pouco tempo, as Irmãs tiveram que instalar, definitivamente, uma casa especializada para venda de tudo aquilo que a comunidade produzia. Vinha gente de longe comprar as coisas produzidas pelas Irmãs de Caridade. Dezenas de famílias só gastavam e comiam das coisas saídas do convento. Era uma marca já conhecida em toda a parte, além do que todos sabiam que o lucro daqueles produtos era revertido em prol da instrução de crianças pobres, da velhice desamparada, enfim, para o perfeito funcionamento de uma verdadeira Casa de Cristo.

A limpeza do convento era o primeiro sinal de equilíbrio e os assuntos ali debatidos demonstravam a base moral daquela Casa de Deus. Reinava naquele ambiente a dinâmica da vida operante e do progresso sem limites. A observação de todas era de que, depois daquelas reformas na comunidade, elas estavam assimilando os ensinamentos de Jesus Cristo com mais profundidade e encontrando maiores facilidades para pô-los em prática.

Com o intenso labor, até as doenças desapareceram quase totalmente. Por outro lado, as Irmãs estruturaram um tipo de trabalho para doentes,

em Casas de Saúde e nas residências. Elas assistiam o enfermo, mas esse, de acordo com sua enfermidade, operava um trabalho qualquer, ocupando a mente, desde que não fosse prejudicial ao seu estado. Era um rudimento de terapêutica ocupacional, com ótimos resultados.

— O pensamento desocupado — dizia Irmã Marta — prolonga a enfermidade. O pensamento é um dom Divino e não foi feito para ficar parado. Acionemos pois essa qualidade superior, em benefício dos outros. Cristo, mesmo na cruz, dando os últimos suspiros, deu ânimo à Sua mãe e a João, dizendo que eles se amassem um ao outro, dando exemplo para a humanidade inteira.

E continuava:

Observando a Natureza, vemos que o vento não para; se ele fosse descansar, o que seria de nós? É no seu soprar constante, que ele nos oferta as bênçãos da vida, em nome de Deus. A água corrente é que nos garante a certeza de que podemos matar a nossa sede, sem distúrbios orgânicos. Se o sol fosse descansar da sua rota costumeira, não haveria vida no Mundo. O certo é que a vida é um eterno mover-se. Por que nós, que somos as maiores inteligências da criação, devemos parar? A lei é a mesma para todos e para tudo; colocando mãos à obra, Cristo estará conosco, hoje e eternamente.

As candidatas a noivas de Jesus que entravam para a comunidade já eram instruídas dentro dos moldes de trabalho... trabalho... e trabalho!

A casa religiosa, segundo uma explicação meio humorística de Irmã Marta, tinha o nome de “com-vento” e por Isso todos ali tinham que mover-se constantemente, em benefício dos outros, porque o vento não para de doar a vida, sem exigir nada de ninguém. Todas sorriam quando se lembravam da presença de espírito da querida Irmã de Caridade.

Correm os anos e o tempo grava tudo o que o homem pensa e faz para que a posteridade reconheça o valor da vida e a sabedoria de Deus.

O convento brilhava cada vez mais com a nova dinâmica estruturada por Irmã Marta, com a regência de Madre Maura. Acontece que quando começa a surgir a felicidade, o Destino dá golpes no sentido de retemperar

as almas, preparando-as para viver a verdadeira felicidade em outra parte, por não existir esse ambiente na face da Terra.

Foi o que aconteceu no Convento Coração de Jesus, na cidade de Salvador. Irmã Maura, certa manhã, aparece com umas manchas violáceas no rosto e pontos doloridos em todo o corpo. A manifestação doentia ganha proporções avantajadas em poucos dias e as Irmãs procuram um médico muito prestativo, cujos bons serviços eram sempre oferecidos ao Convento, por amor à causa de Jesus Cristo. O médico examina detidamente a Irmã Superiora e fica meio confuso com a enfermidade, que progride sem detença. Apelou para vários medicamentos sem êxito, enquanto as orações fervorosas das Irmãs eram feitas quase ininterruptamente, em benefício da Superiora.

Depois de vários dias de exames, inclusive em junta médica com colegas, o facultativo entristeceu-se profundamente, sentindo dificuldades em falar a verdade com as Irmãs de Caridade. Reuniu algumas delas dizendo:

— A Irmã Maura está leprosa! É preciso, com urgência, separá-la de todas, pois a doença é contagiosa e todos os cuidados são poucos. A Medicina, até hoje, não tem recursos para debelar esse mal que desgraça uma vida. O doente perde a saúde, os amigos e enfim, a vida. O único recurso é esperar o desígnio Divino.

O Doutor deixou uma receita para consolar a Irmã Superiora e se despediu, com os olhos marejados de lágrimas, por prezar muito a chefe do Convento. Irmã Marta ouviu tudo e após convocar todas as freiras, sentou-se à cabeceira da mesa e falou comovida:

— Minhas irmãs em Cristo: estamos passando momentos de grandes dores e talvez tenhamos que continuar assim, não sabemos por quanto tempo. Todas já são sabedoras da enfermidade incurável de Irmã Maura; surgiu nela, de uma hora para outra, a lepra, como que espanta até as almas escolhidas. E qual é o nosso dever? O médico, como homem da Ciência, acha que ela deve ser removida imediatamente para a casa apropriada dessa doença. No entanto, eu não penso dessa maneira. Afinal, somos ou não suas Irmãs em Cristo? Acima de Irmãs da Superior Maura, somos suas

filhas espirituais, e que filha abandona sua própria mãe? Porventura nossa vida nos pertence? Quando aqui entramos, não nos entregamos a Jesus, que por Sua vez se entregou a toda humanidade? A nossa Superiora tem que ficar é aqui neste convento, com todo nosso carinho, com todo nosso amor, agora que ela precisa de nós, porque o reconhecimento representa a essência da vida. Uma de nós tem de ser escolhida para ser fiel da nossa Mãe Maura, nome pelo qual vamos chamá-la doravante, pois ela é merecedora disso.

Quando Irmã Marta falou em escolher uma das religiosas para se dedicar à Superiora, como serva, entregando a vida para o que desse e viesse, todas se entreolharam, com os corações palpitando de medo de serem escolhidas. Quem seria? A interrogação pairava na mente de todas, sem que nenhuma se dispusesse à renúncia, doando a vida para consolar uma alma cansada e oprimida pela dor e pelo desespero, cuja existência fora usada em benefício de todas as suas filhas espirituais, sem interesse pelos tesouros do mundo, desejando sempre a alegria e o bem-estar de todas. Até Jesus foi desprezado, quem dirá nós outros, devedores desse mundo de provações!

Irmã Marta notou uma frieza geral no seio das colegas. Sem julgá-las covardes, deduziu que o exigido ultrapassava as condições espirituais das freiras e nós só podemos dar o que possuímos. As religiosas eram boas colegas para o trabalho de cada dia, o que já assinalava ótimos princípios, grandes iniciações para a Luz. No entanto, aquela tarefa era muito pesada para seus ombros. Tinha de ser ela mesma, Irmã Marta.

O silêncio no recinto era absoluto, parecendo que todas oravam, com os corações em saltos. Irmã Marta, tranquila, passa os grandes olhos pelas outras, que não correspondiam, a buscar, nas asas da prece, um conselho do Alto:

— Divino Jesus; estamos em um banquete em que o alimento está um pouco drástico e todas que aqui se reúnem estão indispostas a ingeri-lo. Concedei-nos, pois, um ânimo maior, Senhor, para que possamos nos alegrar na Dor, como se fosse na Saúde; encorajarmo-nos na Tristeza, como na Alegria; sentirmos a mesma disposição em meio ao Ódio, esperando sua transformação em Amor. Não nos deixeis cair nas tentações do Medo, da

Incerteza e da Covardia. Espero que antes de levantar desta mesa, o dedo de Deus aponte uma irmã decidida, para cuidar da Irmã Maura, que anos a fio se dedicou a esta casa, erguendo-a à altura dos melhores valores morais, com Nosso Senhor Jesus Cristo. Permita Deus que seja eu a escolhida, como é do meu desejo, Jesus. Abençoai primeiramente a nossa Mãe Maura, e depois, todas as que aqui se reuniram em Vosso nome.

Ao final da prece, uma luz de cores variadas desce do alto, em forma de dedo luminoso, apontando a Irmã Marta. Ninguém viu nada com os olhos da carne, mas algumas tiveram a impressão de distinguir a luz, pelo pensamento. Irmã Marta, além de ter também essa impressão, ouviu nitidamente uma voz amiga, muito sua conhecida, dizendo, nos corredores de sua mente: “Irmã Marta, sejas tu a escolhida, essa é a vontade dos Céus”.

E quando todas abrem os olhos, encontram a Irmã Marta já de pé, dizendo:

— Minhas Irmãs, sou eu, em nome de Deus, a escolhida para olhar a Mãe Maura.

Todas se levantaram e beijaram suas mãos, em sinal de humildade, reconhecendo sua superioridade dentre elas. Em seguida, foram até o leito de Mãe Maura, cercando a cama em silêncio e respeito, deixando somente para a Irmã Marta a conversa com a Superiora. Irmã Marta toma as duas mãos da Madre, beijando-as como se estivesse feliz em ser escolhida por Deus para serva de um ente muito amado, sem esperanças no mundo.

A Superiora já havia sido meio preparada pelo médico, que foi obrigado a dizer-lhe sobre a doença e o perigo de contágio. Sentindo o abalo psicológico, Mãe Maura desmanchou-se em lágrimas! Dando asas ao pensamento, encontrou-se desprezada, largada ao abandono, sem valor como ser humano e chorou... e chorou... Depois, a fé religiosa a consolou. Quantos no mundo não tinham aquela doença? Todos não passavam pelos corredores da morte, para viverem eternamente? Lembrou-se dos santos da história, da dor que os martirizou, do desprezo da humanidade pela vida pura que se dispunham a levar e se confortou um pouco com o seu drama.

Todas as Irmãs adentram o portal de um convento para uma vida de recolhimento, separando-se um pouco do mundo, de livre vontade. Mas no

caso da imposição de isolar-se pela dor e por amor aos seus semelhantes, como era o caso presente, era prova dura. Mas não havia outro jeito, a solução era o leprosário. As Irmãs conservavam-se respeitadas ao redor do leito, em silêncio total diante das lágrimas da Superiora.

Muitas vezes o silêncio é mais valioso que as palavras e era o que estava acontecendo com Mãe Maura. Sua mente vasculhava as vidas, regredia no tempo e no espaço, à procura de algo que lhe fizesse bem. Debanda para os Céus, volta à Terra, e sente que a melhor coisa a fazer é suportar com coragem tudo o que o Destino lhe impõe. Inicia uma prece, em silêncio, parecendo um salmo de David e, terminando, solta a voz e todas escutam a última frase libertada de seus lábios : “O Senhor é meu pastor, nada me faltará”.

Abre os olhos meio apagados pela tortura íntima e fala, com voz pausada:

— Irmã Marta, minha filha saia daí, por favor. Não quero nunca que nenhuma de vós se contamine com esta enfermidade. Esta prova é minha e não fica justo que uma de vós carregue comigo este fardo. Já consultei a consciência, já ouvi o coração e sei o que devo fazer a respeito de mim mesma. Quanto à comunidade, não deve sofrer danos por minha causa. Nós temos vidas passageiras na Terra, mas a Instituição ficará eternamente, servindo à humanidade. Se assim não fora, Jesus não deixaria Seus discípulos preparados para dar continuidade à sua ação benfeitora, que hoje desfrutamos. Graças à continuidade das instituições evangélicas á que ficamos conhecendo Cristo e podemos servi-Lo.

Terminando, com a voz quase sumida, disse:

— Não me toques, minha filha. Se me amas, obedece à minha vontade.

Todas as Irmãs, em torno da cama, conservavam-se em pleno silêncio, somente os olhos dando sinal do que ia por dentro de cada uma. Irmã Marta derramou seus lindos olhos, como facho de luz suave, sobre Mãe Maura, e falou com desembaraço:

— Querida Mãe de todos nós: também já sabemos da enfermidade que

te castiga. Para nós, não importa tanto a veste física, e o que domina os nossos sentimentos é o espírito. O teu valor para nós ainda é o mesmo, ou muito mais. Depois de tanto testemunho de fé e de certeza que a Irmã Superiora está dando, isto tudo representa que tiveste e tens competência para dirigir esta Casa; que Deus abençoe o teu Destino. Quanto ao receio de que uma de nós possa vir a contaminar-se, não te preocupes, pois já tomamos todas as providências para que a nossa ignorância espiritual, que é muito mais transmissível do que qualquer enfermidade física, não te seja transmitida. Disso é que temos muito medo. Quanto à outra doença nos visitar, acho que não merecemos essas bênçãos de Deus. Somente tu, Mamãe, com o coração preparado no amor, suporta transportar esse fardo, com a coragem que manifestas no momento. Já nos reunimos em nome de Deus e pedimos a Ele, por misericórdia, apontar quem deveria ficar contigo neste transe de dor, e o dedo de Deus, como prêmio para mim indicou esta tua serva, que aqui está, para te servir com prazer.

A velha chorava e sorria ao mesmo tempo, balançando a cabeça:

— Não... não... não é possível! Uma alma como tu, minha filha, não pode ser sacrificada, em plena saúde, por causa de uma outra já nos pórticos da morte. Serei compreensiva e não levarei nenhuma mágoa para a vida espiritual, por ter ficado sozinha. Sei que isso não significa abandono de vez para comigo, pois todos nós passamos e a preocupação maior deve ser com a Casa de Deus, com a continuidade dos trabalhos do Convento, em benefício da humanidade.

Irmã Marta, resoluta, afirma:

— A Casa não será prejudicada, Mãe Maura, só nós duas vamos ser separadas. Sé nós duas vamos meditar, nas lições sublimes da Dor. Quanto às outras, vamos ajudá-las com as nossas preces a Deus, a Jesus e aos Anjos.

Diante da firmeza de Irmã Marta, não houve outra alternativa. A princípio, pensou-se em isolar as duas em um cômodo nos fundos do convento, para realmente não haver contato físico com as outras Irmãs. Mas depois, a razão aconselhou melhor e resolveram comprar uma casinha nos arredores de Salvador, construindo uma muralha bem alta, para servir de moradia às duas pelo tempo que Deus indicasse, e sem perturbar a

Comunidade. Essa solução foi bem pensada, pois se ficassem no Convento e as línguas anunciassem a existência, lá, de uma Irmã leprosa, ninguém mais compraria os produtos da instituição, principalmente os da horticultura, e aí cairia por terra toda uma organização, o que não seria justo.

Decidiram, portanto, sair para uma chácara, cuja aquisição não era difícil, pois o Convento tinha bastante renda para sua manutenção. Com uma semana, Irmã Marta estava saindo pelos arredores de Salvador, à procura de uma casa com grande área, para comprar, o que foi feito em poucos dias. Após algumas arrumações necessárias, as duas Irmãs mudaram-se para lá, com lágrimas nos olhos e os corações oprimidos por deixarem o Convento. Outra Irmã, de grande habilidade e inteligência, assumiu a direção da Casa e os trabalhos voltaram à normalidade.

Todas as semanas vinha um grupo de Irmãs visitar a chácara, trazendo tudo o que era necessário para que as duas religiosas vivessem sem nada faltar. Irmã Marta ainda plantava, criava galinhas, afora o tempo dedicado a Mãe Maura e aos estudos espirituais. As duas viviam ali até que com um pouco de felicidade. Sabiam semanalmente das notícias do Convento e, de vez em quando, davam opiniões acerca de soluções dos problemas mais intrincados.

Com o tempo, a doença vai tomando curso: Mãe Maura vai ficando disforme, perdendo os dedos, as inflamações vão atingindo várias partes do corpo, perde as orelhas, o nariz desaparece aos poucos, a voz já não é a mesma, a sensibilidade desaparece por completo. Apenas uma coisa não sofreu dano: a fé viva da Madre, em Deus, em Jesus Cristo e em Maria Santíssima. Quando era abordada a vida de Jesus ou lido o Evangelho pela Irmã Marta, a velha leprosa parecia banhar-se de luz, e dentro da humilde casa recendia um perfume inebriante, fenômeno esse sempre experimentado por corações que vivem no amor. Mãe Maura, quando sentia o perfume embriagador e alegre, perguntava baixinho:

— Marta, de onde procede, minha filha, esse aroma tão agradável?

Irmã Marta sorri e diz, com bom humor:

— Há tempos queria perguntar-te a mesma coisa, Mãe Maura. —

Então não foste tu que arranjaste essa essência? — Inquiriu a velha.

— Não, Mãe; para que vou gastar comigo essências de plantas e flores, se o frasco do meu coração está cheio das fragrâncias do Cristo? Poderá ser, penso eu, a bondade de Deus, usando o vento, que não tem medo das enfermidades, nem usura com as joias da vida, repartindo daqui e dali, para todos, sem distinção. De uns tempos para cá, compreendi que até a Natureza entende as nossas necessidades. Sabendo que precisamos respirar para viver em um ambiente de mais fé, oferta-nos seu amor em forma de perfume, usando as mãos do vento.

Mãe Maura riu, com tanta satisfação que chegou ao ponto de precisar deitar-se, para descansar, dizendo:

— Essa Marta... essa Marta... Só Deus a compreende!

O tempo ia passando e Mãe Maura já não podia se levantar da Cama. Seu corpo não tinha mais forma e era uma só chaga. Em uma madrugada, em que o silêncio era o dono do ambiente, ela deu umas contorções na cama. Parecia querer falar, não conseguiu articular sequer uma palavra, e expirou. Na hora, sem alarme, irmã Marta pegou o Livro Santo e leu o Sermão da Montanha, compassadamente. Nisso observou que mãos translúcidas iam e vinham no resto do corpo de Irmã Maura, como se estivessem consertando alguma coisa no seu tabernáculo, já sem vida. Mas, na verdade, eram mãos ágeis, retirando o espírito da velha religiosa do bagaço fisiológico e, com magnetismo espiritual, limpava o perispírito de Irmã Maura, dos liames miasmáticos predispostos pelo estado do corpo físico.

Nisso vai passando, em frente à chácara, um rapaz, que é chamado pela Irmã Marta e solicitado para avisar no Convento a morte de Irmã Maura. O moço vai, prestativo e apressado, e poucas horas mais tarde o enterro saía do pequeno sitio em direção ao velho cemitério, onde seriam colocados os restos mortais da Irmã Maura, saudosa Diretora do Convento Coração de Jesus. As outras Irmãs convidaram Irmã Marta para sua volta definitiva para o Convento, mas essa disse:

— Agora, não posso. Tenho coisas na chácara, plantas e criações. Depois então vamos pensar...

Foi acompanhada pelas Irmãs até ao sitio, onde conversaram durante muito tempo, após o que as outras freiras se retiraram. Sozinha na casa, meditando no isolamento total, emitiu um pensamento aos Céus. E agora, Jesus, o que quereis que eu faça? E adormeceu.

No decorrer do sono fisiológico, Irmã Marta saiu do corpo, como se tira uma veste incômoda, pairando no espaço, olhando com alegria as estrelas a faiscarem no infinito. Lembra-se de Deus, sente aquele bem-estar indizível por ver seu corpo físico tombado no leito e ela, ela mesma em plena vida, em outra dimensão. Quis fazer uma prece, mas não conseguiu; ergueu a mente, querendo abarcar os Céus de uma só vez na sua visão panorâmica, e sente uma vontade irresistível de ver e ouvir alguém que a ama e a quem ela dedica também grande amor. Sem perceber, como por encanto, foi transportada para a Fazenda “Riachuelo”. Entrando na casinhola de Mãe Dudu, viu o Sinhozinho e abraçou-o, chorando, como se as portas do Céu estivessem se abrindo para ela. Viu o Dr. Cícero; beijou as mãos de Miramez, que já falava por intermédio da velha escrava.

O Guia espiritual interrompeu, por um instante, sua conversa com o Sinhozinho e fala, através de Mãe Dudu, para todos ouvirem:

Faze, minha irmã, aos outros, o mesmo que queres para ti. Abre as portas da casa do sitio, não mais como casa da morte e sim como “Vale da Vida” e deixa entrar nela todos aqueles que têm a prova de sofrer essa doença, como redenção, e que consumiu o corpo da velha Superiora do Convento.

Sinhozinho e o Dr. Cícero ficaram confusos, sem saber o porquê daquela conversa de Miramez, sem relação com o que ele vinha falando antes.

Irmã Marta acorda no corpo, lembra-se da viagem espiritual e principalmente dos conselhos de Miramez, respondendo a seu pedido feito a Jesus na hora de deitar, e aí, entendeu tudo.

Naquela mesma semana, Irmã Marta começou a sentir uma febre muito alta. Procurou combater os sintomas com alguns medicamentos já conhecidos e conseguiu algum alívio. Mais alguns dias, chegam à porta do sitio duas mulheres, já meio disformes, revelando a mesma doença da irmã

Maura. A freira abriu-lhes a porta, como lhe fora anunciado no sonho, e ouviu das mulheres a notícia do drama de um casal e dois filhos, com a mesma doença, em uma região próxima, morrendo à míngua pelo fato de vizinhos e transeuntes terem medo do contágio. Com o espaço de seis meses, haviam já dez doentes leprosos no "Vale da Vida", como a chácara passou a chamar-se.

Semanas depois, aqueles doentes ali recolhidos já trabalhavam no grande quintal, todo fechado, cultivando-se de tudo um pouco. Com o tempo, já havia no sítio vinte e três hansenianos, como Irmãos da Irmã Marta e como companheiros de trabalhos.

As freiras do Convento iam todas as semanas ao "Vale da Vida" levar cestos de comestíveis, mas até isso Irmã Marta suspendeu, não por orgulho, mas por haver no "Vale", produção suficiente para o consumo da casa.

Os doentes do "Vale da Vida" sentiam ali um pouco de felicidade. O trabalho consumia quase todo o tempo dos que ali viviam e o restante era dedicado ao estudo e às meditações sobre Deus e a criação. Jesus era minuciosamente analisado por eles. Bem assim as Suas Leis, de como agem na criação, e dessas coisas a Irmã Marta tirava belíssimas lições, sem nunca deixar dúvidas nos companheiros.

Passam-se os anos e o "Vale da Vida" continua progredindo, com a produção limitada ao consumo da pequena comunidade, pois era impossível vender alguma coisa produzida ali, para fora.

Certo dia Irmã Marta teve um sonho em que estava sendo queimada. Acordou aflita e com o corpo realmente em brasa. Não encontrava jeito de ficar, de tanta ardência na pele. Passou dias assim, vindo depois algumas borbulhas, em seguida ferimentos e por fim começaram a surgir grandes manchas violáceas no rosto, parecendo que o sangue ia minar na pele.

Lembrou-se da viagem espiritual que tinha feito e de um Anjo lhe falando da doença redentora. E pensou: "Estou entendendo o motivo desta doença; esta é a enfermidade da redenção, é a Lepra bendita, que vou receber de braços abertos, pois irmana meu coração com a minha consciência, facultando-me forças para viver no meio dos hansenianos, como igual a eles também na enfermidade.

Fez alguns tratamentos, não dando lugar somente para o misticismo. O fanatismo nunca encontrara ressonâncias na Irmã Marta e ela sempre trilhava no centro das coisas. A doença progrediu violenta e com pouco tempo assumiu proporções indescritíveis, deformando por completo o lindo rosto da Irmã Marta. Todos os companheiros de enfermidade se penalizavam de ver a mudança da fisionomia da Irmã. As mãos perderam toda a linha feminina, para se tomarem quadrados de carne, sem forma e sem vida. Somente sua voz se conservou intacta, parecendo que os sons emitidos em suas conversações eram misturados com luz, embriagados com o néctar da vida. Os outros doentes não queriam perder uma só palavra da Irmã, sentindo-se aliviados com a sua conversação.

A religiosa doente era visitada duas vezes por semana pelas freiras do Convento, que choravam angustiadas, prevendo a perda da companheira querida.

Com o decorrer de alguns meses, quem não tivesse conhecido antes a linda senhora, nunca diria que aquela era a mulher do Quiosque Relâmpago, da Fazenda “Riachuelo”. Parecia que a enfermidade havia se paralisado nos doentes do “Vale” para, sem piedade, destruir, deformar e imprimir seu selo drástico naquela que era a alma querida do Sinhozinho Cardoso.

O corpo físico de Irmã Marta era como que um laboratório que transforma plantas em perfumes, trabalhando a alma daquela mulher, para fazer surgir a essência Divina, no seu Céu íntimo, fazendo transbordar a ânfora do coração, a recender na eternidade como luz que nunca mais se apaga e como aroma que jamais desaparece.

Irmã Marta não se levantava mais do leito. Mesmo da cama, administrava o Vale, contava estórias e nunca reclamava da sorte. Começou a avistar no seu quarto a Irmã Maura, toda sorridente, contando-lhe sobre as coisas dos Céus. Via Miramez, lembrava-se claramente da sua vida com o Papudo, seus filhos, via a família Travassos, o Dr. Bastos e o Dr. Miguel, a transformação desses homens, o Dr. Cícero, sua vinda para a fazenda, a Mãe Dudu, o Padre Terêncio, a reforma social na região, a obediência dos escravos, a vinda do capataz Dedão atrás da família Pantoni, o sofrimento dos mesmos, a outra caravana em busca da primeira,

o sofrimento de Sinhozinho Cardoso, por amor a ela.

Ao conhecer tudo aquilo, sentiu vida nova. Como é belo viver, como é divino, meu Deus, sofrer, para amar e ver a realidade espiritual. Em algumas noites era retirada, do corpo em frangalhos, para visitar a casa de Mãe Dudu, em plena consciência. Tanto fazia estar no corpo como fora dele, sua consciência dos dois mundos era igual, sem nenhuma perturbação. Houve uma hora em que entra, em seu quarto, Miramez, trazendo, pela primeira vez, o espírito do Papudo. Esse ajoelha-se na beira da cama, agarra as mãos de Irmã Marta, beijando-as e soluçando sem parar.

O Mentor Miramez se abeirou do leito e balançou o espírito de Papudo, dizendo:

— Não deixes que teus sentimentos, ainda em desequilíbrio, te impeçam de ver novamente a Irmã Marta. Sê forte e muda teus pensamentos, para que ela seja igualmente beneficiada.

Mais em baixo, via-se, com toda humildade, Poli beijando os pés da enferma, sem conseguir dizer nada, deixando apenas as lágrimas correrem. Foi contada à Irmã toda a história do Dr. Teodomiro em Portugal. Ela mostrou vontade de vê-los, mas Miramez balançou o indicador, negando e prometendo para outra oportunidade.

O pequeno quarto aromatizou-se todo, dando a impressão que haviam derramado ali um vidro de essências raras. Todos sentiam o perfume embriagador, dos Céus.

Certo dia, Irmã Marta chamou a todos, pediu-lhes desculpas pelo que ela não pudera fazer por eles, nomeou uma doente, com certas qualidades, para o seu lugar, deu instruções para a continuidade dos trabalhos. Mandou chamar as freiras do Convento, despediu-se de todas, como se estivesse prestes a fazer uma viagem. Algumas delas choraram copiosamente, outras não suportaram permanecer muito tempo ali, assistindo aquela cena do último adeus. Nesse mesmo dia, Irmã Marta se despedia do mundo material para entrar no mundo espiritual.

Seu último desejo foi ouvir um trecho evangélico, que ela pudesse comentar.

A aflição dos doentes e das freiras era enorme, mas a serenidade da Irmã Marta tranquilizava a todos, tomando o ambiente mais calmo. A Irmã Luiza, que agora dirigia o Convento, leu com ênfase o capítulo 6 da 1.<sup>a</sup> epístola de Paulo aos Coríntios e Irmã Marta, sorrindo, falou:

— Vede bem, meus irmãos em Cristo, Paulo censurando o litígio e a discórdia entre os irmãos de seita; a existência de mau juízo entre irmãos, porque todo aquele que proceder dessa forma não entrará no Reino dos Céus. Quem de nós poderá ter o clima do Reino de Deus dentro do coração, se cometer a Maledicência, se alimentar pensamentos de ódio e vingança contra os nossos próprios companheiros? Vede bem, meus queridos, não vos esqueçais do perdão em todas as horas, não vos esqueçais de amar, mesmo quando ofendidos, e orai constantemente pelos caluniadores. Sem esse procedimento, não podereis fazer parte com o Cristo, no Seu Reino. A Caridade que fizerdes aos outros é um grande trunfo para a entrada no Reino de Deus, mas em verdade, se não praticardes essa caridade no próprio coração, não vereis os Céus, com o Mestre. Como vedes, meus queridos, podereis ser bons para os outros, sendo maus convosco mesmos. Podeis ser caridosos para com o próximo, e faltar essa virtude para vós mesmos. Cuidai para que, instruindo os seres humanos, não vos esqueçais de educar a vós mesmos. Orai e vigiai, pois esse é o preceito do Cristo e da moral cristã, constituindo o próprio alicerce da libertação espiritual. Não vos esqueçais de educar os instintos sensuais, nos atos e na mente, pois se o ato indigno abre sulcos nas estradas das almas, os maus pensamentos corrompem os bons costumes. O vosso lema deve ser educar-vos, para depois instruídes os outros; moralizar-vos, para esperardes moral dos outros; serdes caridosos convosco mesmo, para depois ampliardes essa virtude em favor do próximo; esquecerdes das faltas alheias, para depois apontardes aos semelhantes o valor do Perdão; vigiar a vós mesmos, e orar em prol da humanidade.

Fez força para continuar a falar, mas não conseguiu. Esboçou um gesto com a mão, como que abençoando a todos, e expirou.

No mundo espiritual, havia aquele cortejo de almas à espera da Irmã Marta. Ali, no plano da Vida Maior, o Mentor Miramez fez uma sentida prece ao Senhor, agradecendo tudo aquilo que a antiga mulher do quiosque havia granjeado naquela existência. Luzes riscavam o céu,

perfumes recendiam no espaço e, em direção ao sul, abria-se como que um caminho de flores, em verdadeira policromia divina, indicando a reta que a caravana deveria seguir. Todos entrelaçaram-se as mãos e volitaram serenamente, como pombos da Terra a voar para os Céus.

## CAPÍTULOS XVII

# DRAMAS DA INQUISIÇÃO

Vamos dar um pulo até Lisboa, procurando ver os acontecimentos da Casa de Saúde São José, os Drs. Bastos e Miguel, os estudos do Templo “Jesus Nazareno”, as curas magnéticas etc.

Não existe nenhum lugar da Terra desprezado pela Inteligência Divina, não importando sua posição na escala evolutiva. Lógico é que o recebimento é feito de acordo com o merecimento. Que filhos não merecem as bênçãos dos pais? Até os animais, as plantas e os minerais, todos recebem assistência do mundo espiritual, com a medida do tamanho dos respectivos valores. Não existem países mais bem situados que outros, na contadoria Divina, sem o que as esperanças se desvaneceriam.

A Santa Inquisição foi um ato negro na escrita espiritual de Portugal, mas ela foi feita pelos próprios homens. Todos os que sofreram as consequências daquela fase cruel, organizada por um punhado de clérigos bestializados, eram devedores no banco universal, onde nossos feitos e pensamentos representam valores que outros não tiram dali, senão nós mesmos, com os cheques assinados em várias vidas e com o abono do tempo.

Os que caíram nas malhas da Inquisição foram somente os lobos vestidos de ovelhas. Não existe o inocente sofredor, pois todos os que sofrem têm dívidas no cartório da vida. A Vida alimenta uma linha de sofrimento denominada “dor evolução”. Ninguém foge disso, pois trata-se de lei de Deus. No animal, essa dor é diferente, parecendo que alguém está reajustando o ser, apertando parafusos. No ser humano, porém, a dor consciente da provação-expição torna-se outra, já que o homem tem

outros sentidos desenvolvidos, no campo da percepção. Parece que o organismo humano fica desorganizado com a dor; a sua percepção acusa que lhe estão tirando alguma coisa e daí é que vem o desespero, na dor. Quando a alma atinge a consciência do próprio existir, quando não tem mais dúvidas da vida que continua, quando seus débitos vão sendo saldados com a lei no banco universal, aí, então, o estado é outro, surgindo valores novos através da consciência, do processo da dor e seus frutos. Os que se revoltam contra a dor, são os que mais sofrem; o escândalo é produto da ignorância e impede a transmissão da mensagem que a dor carrega.

A Terra ainda é ambiente de muita dor, porque não se educam animais selvagens sem a tala e o ferrão. Nós outros, daqui e daí, somos, por ordem natural das coisas, selvagens, que só o Amor e o Carinho levam à educação, necessitando também da dor que nos amedronta e faz com que respeitemos a lei de Deus. Os sofrimentos não são iguais para todos os espíritos, pois eles vêm de acordo com o débito de cada um. Ninguém foge à lei das reações que suas ações provocam.

A Santa Inquisição foi uma catástrofe moral no planeta, mas serviu como agente satânico, a cobrar os débitos dos maus pagadores. Oprimidos e opressores estavam em situação espiritual de pagar contas, uns, e fazer débitos, outros. Eram lobos perseguindo outros lobos, vestidos de ovelhas. Quando almas dedicadas ao bem são agarradas nas redes desses malfeitores inconscientes é que estão pagando dívidas contraídas em outras épocas, porque ovelhas verdadeiras só o são aquelas que não devem mais nada no banco universal da vida. A expressão parece meio forte, mas analisando bem, quem de nós não é falso profeta, se todos os dias falseamos a verdade? Mas ninguém engana a lei, porque ela possui agentes em todas as consciências, em todos os lugares, e isso, assim, é para o nosso próprio bem.

As grandes calamidades são provações coletivas, atraídas pelos homens. Mas as bênçãos de Deus são tão grandes, que transformam tais provações em remédio para toda ordem de doenças. Costuma-se dizer, na Terra, que esse ou aquele país é o culpado das guerras no mundo. Esse é um grande engano, porque todos os que habitam o globo são culpados, uns mais outros menos. Às vezes, os governos são os menos culpados, pois é o próprio povo, em muitos casos, que exige do governo o início de uma guerra, sob pena de ser tirado do poder. A Natureza cobra dos homens por

força da lei, e onde existir culpa, haverá desgraça. Existem países que devem menos na escrita Divina, por isso pagam menos aos agentes cobradores da lei.

Portugal atraiu como débito a Santa Inquisição, esse plasma negro, que mesmo o sabão evangélico demora a tirar. As consequências vieram, mas não durarão eternamente e, algum dia, a Nação lusa há de figurar no concerto das outras, como luz fulgurante de cooperação e de boa convivência.

O Dr. Bastos levava no seu carma alguma coisa a ajustar com a Santa inquisição, a qual estava sempre à espreita. Ainda não havia agarrado sua presa porque alguém defendia o médico, por ter sido beneficiado por ele. Quem não deixava o Tribunal da Inquisição processar o Dr. Bastos e todo o seu grupo era Dom Rafael, inquisidor-mór. Não fosse ele, o Dr. Bastos já teria acertado contas com o Tribunal do Santo Ofício.

Mas os tempos passam e os homens desaparecem. Dom Rafael morreu, comentando-se que teria sido envenenado por fontes desconhecidas. A família quis protestar, mas logo se calou, tendo o sobrinho do religioso sido desterrado para a Espanha, com o selo do silêncio preso aos lábios, avisado para que se mantivesse discreto.

A Casa de Saúde São José cresceu de maneira assustadora, a ponto de os outros hospitais sentirem falta de doentes e desequilibrarem suas finanças. No dizer da classe médica, a culpa era do Dr. Bastos que, por sinal, não tinha tempo para mais nada. Todas as suas horas eram tomadas, dada a quantidade de doentes que vinham de todas as bandas de Portugal, procurando seu hospital. O Centro de Estudos Espirituais, aberto no hospital, pelo Dr. Bastos, estava em plena atividade. A casa recebia livros, revistas e cartas em profusão, e a biblioteca crescia sempre. A fé dos doentes já constituía patrimônio de cada um, e muitos deles queriam permanecer no hospital após a alta, só pelo prazer de ouvir os médicos, pelo carinho das enfermeiras, enfim, o ambiente do hospital era atraente e confortador. Foi instalada, para os doentes, uma sala de trabalho e, dependendo da vocação, da idade e grau de instrução, todo doente encontrava alguma coisa que pudesse fazer. Após um minucioso preparo psicológico, o doente era instado a escolher o trabalho que mais lhe

agradasse. Não existe doença que impeça o paciente de fazer alguma coisa, costumava dizer o Dr. Bastos. Aquele que está realmente imobilizado, poderá tolerar com paciência e fé em Deus a enfermidade, porque assim os visitantes são beneficiados pela esperança e pela fé.

A presença do velhinho de cabelos brancos já era uma mensagem de otimismo; depois que conheceu a verdade espiritual, o Dr. Bastos tinha sempre um sorriso nos lábios e nunca alguém o via mal humorado. O Dr. Miguel acompanhava os passos do colega, como se houvesse encontrado a felicidade. Ambos haviam aprendido a magia divina de cultivar a alegria permanente.

As reuniões no Salão Jesus Nazareno progrediram muito. Trinta e três pessoas (doze senhoras e vinte e um homens) todos se congoçavam naqueles objetivos de aprender as coisas espirituais, curar os enfermos e dar alívio a quem dele necessitasse. Foi constatado que toda cura magnética era mais eficiente quando acompanhada de uma ardente súplica ao Senhor e isso era feito com o maior prazer. Costumavam colocar um recipiente no salão, para depósito de água magnetizada e todos os trinta e três membros do salão se colocavam em torno da mesa, com as mãos estendidas, e então era feita uma prece. Quem tivesse olhos para ver, notava filetes luminosos a se desprenderem dos trezentos e trinta dedos e, como chuva Divina, banhava o líquido precioso, enriquecendo-o com elementos superiores. No pleno mais alto, via-se um fecho de luz esverdeada viva, que atraía o magnetismo animal despreendido pelos companheiros humanos. Terminada a reunião, a água era recolhida para ser usada somente pelos doentes da casa, que tomavam aquele líquido com tamanha fé que, só ele, em algumas ocasiões, curava o doente. Poucos conhecem o valor da fé. Bem dizia Jesus que “quem tiver fé do tamanho de um grão de mostarda, removerá montanhas”. Se os médicos abrissem a inteligência para o campo da fé, os hospitais se esvaziariam e as Casas de Saúde teriam que se transformar em escolas. Quantos doentes existem no mundo que, sem nenhum carma, sofrem enfermidades que só existem na mente, por falta de princípio educacional da alma?

A humanidade não pode viver sem fé, porque sem ela ninguém consegue manter a esperança. A fé é o sustentáculo da própria vida e aquele que não a possui é igual a um barco perdido no oceano, sem

remador, e que é tocado sempre para as margens da vida.

O Dr. Bastos possuía fé adiantada, que poderia levá-lo até o sacrifício, e os doentes que ali entravam para tratamento eram tocados por essa fé, sempre alimentada no estudo e na prática do Bem. Era enorme o número de curados pelo poder do magnetismo, aliado a medicamentos bem escolhidos pelo bom senso dos médicos da casa.

Quando o Dr. Bastos viu que não estava dando conta dos pedidos de visitas, inclusive a enfermos distantes, foi ao encontro de vários colegas, diretores de outras Casas de Saúde, convidando-os para assistirem às reuniões de estudos sobre magnetismo para, em pouco tempo, aplicarem aqueles mesmos tratamentos nos doentes da suas casas. Aquilo iria beneficiar os enfermos e ajudaria a esvaziar um pouco a Casa de Saúde São José, que estava superlotada. Não era ideia do Dr. Bastos prejudicar a Medicina oficial, mas sim, aliar a ela um método de curar tão velho quanto o Mundo.

Mas os outros médicos não eram receptivos às ideias do Dr. Bastos. Não se interessavam por curas mirabolantes, com ou sem comprovação científica e, além disso, a igreja era contra tais artimanhas. Em resposta oficial ao convite formulado verbalmente pelo Diretor da Casa de Saúde São José, endereçaram-lhe o seguinte ofício:

“Dr. Bastos:

Solicitamo-lhe reconsiderar seu lugar de médico, sem o que poderá perder o seu diploma, em virtude de atos de charlatanice. O senhor está envolvido em um fanatismo que nem é religioso, nem científico. É um ecletismo nascido da cabeça doentia de um velho médico francês, que vai acabar em uma cela, respondendo pelos males que causou.

Caso o senhor persista nas suas teorias, seremos forçados a fazer um relatório sobre suas ilusórias curas e dos males que sua conduta está causando à Ciência Médica de Portugal, e enviar tal peça a Paris, onde a associação de classe está tomando novas providências contra o Dr. Mesmer, que ninguém sabe ao certo se é realmente médico formado.

Além disso, o senhor sabe muito bem que a Santa Inquisição só não o

convidou ainda para explicar isso, porque as mãos do saudoso Dom Rafael rasgava todos os processos contra o senhor, pois até ele, por incrível que pareça, foi envolvido pelo seu nefando poder satã-magnético, assim como seu sobrinho, que já foi desterrado para a Espanha, a mando da Santa Inquisição.

Veja, Dr. Bastos, os males que tem causado à sociedade. Mas ainda há tempo de renegar tudo isso publicamente, recebendo o nosso perdão, tolerância essa proveniente de seu prestígio junto ao povo.

Ficamos certos de que a sua inteligência de profissional não lhe mostrará outro caminho, senão o que esperamos.

Pelo grupo,

a) Abílio C. Pinheiro”

O Dr. Bastos leu o ofício, pausadamente, para todo o grupo dos trinta e três companheiros de estudos no Salão Jesus Nazareno, pedindo-lhes uma opinião, desde que a dele já estava tomada. Morreria, se necessário fosse, pelo ideal, pois as grandes ideias sempre requereram vidas para se expandirem no Mundo inteiro. O sacrifício pelo bem da humanidade representa a semente do amor, que renascerá para sempre. Jesus, sacrificado na cruz, sem piedade, renasceu para a humanidade inteira, para nunca mais morrer.

O Dr. Mesmer, na França, se for chamado ao testemunho, deve estar disposto a comprovar sua fé. Eu estou pronto, não só frente ao ódio gratuito dos meus colegas, que veem na Medicina, acima do dever de curar, o ouro a ganhar, como também frente à malfadada Santa inquisição — dizia o médico aos companheiros.

Mesmo naquela hora de decisão que requer vidas, o Dr. Bastos não perdia o bom humor, nem a serenidade conquistada por amor ao bem de todos. A notícia do ofício da classe médica gerou um reboliço no Grupo Jesus Nazareno. Uns deram opinião para que se mudassem as reuniões para lugar secreto, outros achavam que deveriam parar as atividades. Somente dois é que se dispunham a acompanhar o Dr. Bastos em qualquer situação que o Destino impusesse. O grupo foi se dispersando aos poucos, sabendo

que, com a morte de Dom Rafael, a perseguição da Medicina oficial, aliada ao ódio da Santa Inquisição, tinha força até para destronar reis. Sem força política, sem defesa social, com encargos de família, negócios e amor pela vida, os membros do grupo abandonaram as reuniões, ficando apenas o Dr. Bastos, o Dr. Miguel e um cidadão que havia entrado na Casa de Saúde desenganado por muitos médicos e que ali obtivera sua cura. Queria ser fiel, demonstrar sua gratidão àquela Casa, que o havia libertado da morte. Não lhe importaria morrer, como amigo inseparável da Casa que o acolhera e dos companheiros que tanto fizeram por ele. Não temia a morte; estava disposto a pisar por onde o Dr. Bastos passasse, sem nenhuma dúvida. Não queria pensar no que poderia acontecer, pois isso era secundário; o principal era dar o testemunho ao lado do querido amigo Dr. Bastos.

O próprio médico se admirava da fé e da coragem do Joaquim Fiorentino, e pensava : “Como o Joaquim arranhou tanta fé, meu Deus, para enfrentar os inquisidores? Isso até me dá novas esperanças. Agora sei que a fé não tem limites, desde que se tenha consciência de um ideal com Deus. Agora compreendo a força que alimentava os cristãos primitivos nos circos romanos e nas masmorras farisaicas. Era a fé pura, que ilumina todo o caminho para onde vai o sacrificado. Meu Jesus, quanto ainda temos de sofrer para aprender! O conhecimento que temos da vida ainda é superficial e para penetrarmos em sua profundidade, só através de sulcos abertos pelas catástrofes morais, espirituais e físicas. A vida na Terra é passageira e cheia de tropeços, mas aquele que começa a enxergar a verdadeira existência, que é a do espírito, sempre encontra amparo e consolo”. E pensava, acertadamente, que o Joaquim Fiorentino iria ser seu companheiro de torturas.

Aquela noite, o velho médico dormiu pouco, pensando na resposta que deveria dar aos colegas de profissão, que seria como que um certificado da sua estrutura moral, da sua certeza em um Deus de amor e em um Cristo de bondade. Ele tinha quatro filhos, todos criados; a esposa, já estava no “mundo da verdade”. Não queria dormir sem preparar a resposta à carta dos colegas. Lembrou-se da perturbação em que se encontrava o Dr. Miguel e achou justo deixá-lo à margem dos acontecimentos, já que ele não estava bem preparado para enfrentar lutas como aquelas. Fazendo

antes uma prece a Deus, em busca de inspiração, o Dr. Bastos começou a redigir a resposta ao ofício que recebera:

"Caros colegas de profissão :

Rogo a Deus e a Jesus Cristo pela paz em vossos corações. Recebi a carta-ofício dos companheiros, convidando-me a reconsiderar meus atos de charlatão, deturpando a Medicina oficial.

Não creio ter nada a reconsiderar, porque todos os meus atos são apoiados pela consciência, dominada pelo espírito cristão.

Quanto à prática de charlatanice, meus colegas estão equivocados, pois charlatão é aquele que não tem diploma. Mesmo os próprios charlatães eu respeito, admirando-me do conhecimento que têm, sem estudar. Seria menor ignorância dos charlatães combater os médicos do que os diplomados quererem destruí-los. Não estou a favor desses homens, mas acho que devemos estudá-los, no sentido de aliarmos nossos conhecimentos com a intuição deles, com seus poderes ocultos.

Não estou envolvido em fanatismo, como dizeis. Fanatismo é base de desequilíbrio e isso vós não encontrastes na Casa onde trabalho e nem tampouco em minha vida. O fanatismo produz perseguição, alimenta o ódio e fomenta a usura, coisas que não existem em nosso meio, mas sim na tal de Santa Inquisição.

Quanto ao ecletismo, não há vida sem ele; o próprio remédio que dais ao enfermo é de natureza eclética. Assim também o nosso corpo, os nossos pensamentos, as ideias políticas e sociais, o nosso alimento, os livros que estudamos, o mar, a selva. Já observastes o ecletismo dominante, produzindo a beleza? Se não notastes, passai a fazê-lo doravante e vereis que estou com a razão. As próprias letras diferem umas das outras, sem o que não teríamos os nomes, que por sua vez diferem entre si, surgindo as frases e daí a carta que me enviastes, por exemplo. Vós usais o ecletismo e ao mesmo tempo o combateis. Nós o usamos porque a força magnética, pelo que já está provado, existe em tudo e em toda parte. No ar, na água, nos alimentos, nos animais, em nós mesmos; a própria carta que escrevestes está impregnada desse magnetismo, agente da vida, veículo sensível a carregar de nós aquilo que nele plasmamos. Por esse motivo,

peço-vos ; antes de combater, estudai.

Acho que a verdade foi torcida em vossa carta, pois não causei mal a ninguém. Peço-vos que comproveis os fatos. No tocante a Dom Rafael, nome que muito respeito e ainda prezo, nada lhe ofereci. Fui chamado por carta a comparecer à sua casa para tratar de seu sobrinho que, havia dez anos, estava sendo tratado pela Medicina oficial, sem resultados, e tanto o rapaz como o Sacerdote estavam em verdadeira aflição. Se quiserdes comprovar a verdade, tenho comigo a carta de Dom Rafael.

Os males que a Casa de Saúde São José está causando se referem, não ao povo, mas sim aos bolsos de um punhado de usurários ostentando diplomas, sem obedecer ao menos os juramentos feitos na formatura.

Poderei sim, ir a público, mas para afirmar tudo aquilo que tenho feito, como verdadeiro, e dizer que continuarei agindo assim, até o dia que Deus quiser. Não temo a morte, meus amigos, porque sou sabedor de que ela não existe. Eu é que vos peço que reconsideréis o que escrevestes para mim. Meditai no que vai escrito nesta carta e apelaí para a aprovação das vossas consciências.

O prestígio que desfruto junto ao povo não é pelo fato de eu ser médico, mas sim pelo modo como exerço a Medicina.

Peço-vos que consulteis o Evangelho de Cristo, antes de qualquer ato de agressão, a quem quer que seja.

Do amigo e colega de sempre,

a) Bastos”

Quando a carta-resposta chegou às mãos do Dr. Abílio, esse foi tomado de intenso ódio contra o Dr. Bastos, que comentou com os colegas:

— Nós fomos advertir esse sujeito para que ele não caísse em buraco maior e ele tem a petulância de nos desmoralizar e, pior ainda, ataca toda a Ciência Médica. Mas Isso não fica assim. Irei pessoalmente à casa de Dom Germano e mostrarei a ele essa carta atrevida que, por si só, vale como uma denúncia, e das boas. Esse homem, ou está ficando doido, ou já é

maluco. Mostrou a carta aos colegas e todos eram de opinião que a entregassem ao Santo Ofício, que também era atacado na missiva.

Se assim pensaram, mais depressa o fizeram e a carta foi parar nas mãos de Dom Germano, que logo abriu processo. Denúncias choviam, a falsidade campeava nas línguas dos faladores; testemunhas que não conheciam sequer o Dr. Bastos, depunham contra ele, frente aos inquisidores. Em pouco tempo, o Dr. Bastos recebe uma intimação para comparecer ao Tribunal Inquisitorial, por denúncias fundadas em testemunhas verídicas e uma carta comprometedora, escrita de próprio punho.

Nessa altura, o Grupo Jesus Nazareno já tinha sido desfeito, permanecendo na casa somente o Dr. Miguel e Joaquim Florentino. — Quanto a mim — dizia Florentino — já iria morrer mesmo, porque fui enganado pela Medicina e curado pelo Dr. Bastos. Caso seja necessário, darei a vida, porque isso talvez possa confortar um pouco aquele que, abaixo de Deus, fez com que eu vivesse. Onde o Dr. Bastos botar o pé, estarei com ele.

Dr. Bastos entregou a direção da Casa ao Dr. Miguel, dizendo-lhe:

— Miguel: faze dentro desta Casa o que a tua consciência ditar, porque eu estou fazendo o que a minha me aconselha. Sê fiel à voz do teu coração e que Deus te abençoe.

Dr. Bastos despediu-se de todos os obreiros do hospital, abraçou os filhos, em lágrimas, revestiu-se de uma firmeza impressionante e, com passos firmes, partiu para o Tribunal, em companhia de Florentino. Daí a algumas horas, o Dr. Bastos e seu companheiro entravam na ampla sala de interrogatório. Esperaram bastante tempo, até que uma algazarra anunciou a chegada dos cruéis inquisidores, que tomaram assento e iniciaram o interrogatório.

— O senhor é que é o famoso Dr. Bastos? — perguntou o inquisidor.  
— Sim, meu senhor. Sou um simples médico, às suas ordens, em nome de Deus e de Jesus Cristo.

— Diante desta carta malcriada que o senhor escreveu, ainda tem

coragem de falar em Deus e Jesus? Ou nega esta assinatura e o que está escrito na missiva? — Diz o inquisidor, virando a carta para o lado do médico.

Dr. Bastos sentiu logo qual seria o seu Destino. Notou a ação de seus colegas na denúncia feita, mas estava ali para o que desse e viesse, em nome do Mestre. Calmamente, respondeu:

— Sim senhor; essa carta foi escrita por mim. Não posso negar uma coisa que fiz livremente e espontaneamente, mas desejaria ser ouvido no sentido de justificar o meu procedimento, ao escrever a carta.

Os julgadores, como velhos gozadores dos infortúnios alheios, escutaram tudo o que o Dr. Bastos tinha para falar diante do Tribunal, ao fim do que responderam:

— Olha, velho. A lei aqui somos nós. Aqui dentro, toda argumentação é água podre e só esta carta é suficiente para comprometer uma vida. Além disso, estavas praticando coisas ilícitas no teu hospital, práticas condenadas pela Santa Madre Igreja. O Tribunal da Inquisição é para isso mesmo, servir de instrumento de limpeza da subversão contra a nossa Igreja Católica Apostólica Romana. Podes te considerar feliz, porque Dom Rafael rasgava todos os processos em que o teu nome era citado.

O velho estava influenciado pelo teu satânico magnetismo, mas aqui, agora, o caso é diferente. Teu demônio vai ser derrubado, e não permitimos que converses mais, a não ser quando Interrogado. Virando-se para Florentino, o inquisidor falou:

— E tu, quem és?

— Eu, meu senhor, sou Joaquim Florentino, companheiro do Dr. Bastos. Quero sofrer no lugar dele. O senhor pode fazer comigo o dobro mas, por favor, solte este homem. Ele é um santo, nunca fez mal a ninguém. Fui curado por ele de doença Incurável pela Medicina e estou vivendo graças a Deus e a ele. Por isso, aceito o sacrifício em seu lugar. Eu não sirvo para nada, meu senhor, mas esse velhinho aqui, ainda pode ser muito útil a humanidade. Se for ouvido, ficarei imensamente grato!

Os três inquisidores deram boas gargalhadas e um deles falou:

— Muito bem, Florentino; fiel como um cão, heim ? Também estás sob a influência deste mago. Nós vamos ouvir o teu pedido de dobrar a tortura.

E deu sinal a dois homens, que mais pareciam touros. Eles agarraram o Florentino, levando-o aos empurrões para dentro. Ao Dr. Bastos foi indicada uma porta, por onde entrou silenciosamente, sendo trancada a fechadura. Florentino foi descendo com os homens por uma escadaria que dava para um pátio todo fechado. O que se passava ali não era visto por ninguém. Ao descer o último degrau, Florentino recebeu um forte tapa à altura do ouvido e por pouco não partia a cabeça junto a uma cepa de madeira que servia às torturas. Virgem Maria, pensou o amigo do médico, nunca imaginei que eles fossem tão violentos! Mas vou aguentar, pois Deus há de me ajudar. Ficarei satisfeito se eles soltarem o Dr. Bastos!

Os dois homenzarrões, chegando para perto do Florentino, rindo a valer da fraqueza do candidato às torturas, agarram-no novamente, arrancam suas vestes, prendem seus braços em uma tora de pau com o lugar certo de enfiar os braços, sem, contudo, poder tirá-los. Fazem-no ajoelhar-se, prendem as pernas pelas curvas dos joelhos em outra tora de madeira, jogam-lhe um balde de água fria e soltam uns cães furiosos, acostumados ao ato sexual com seres humanos. Uma turma de inquisidores, assistindo à cena de um alpendre, quase perde o fôlego de tanto rir. A fúria dos cachorros era impressionante. Até o papel deve sentir vergonha ao receber as letras que formam essa história. Depois de duas horas, Florentino é tirado do pátio, já quase sem sentidos, para ser interrogado em outro dia.

Florentino acorda alta madrugada, com uma verdadeira tortura no coração. Pensa então : “Meu Deus, foi bom eu não saber antes que isso aqui era assim; a coisa é horrível e não é à-toa que muitos que aqui entram negam tudo, repudiam tudo o que eles quiserem; não há outro caminho”. E pede a Deus forças para suportar. Quando lembrava que o Dr. Bastos estava livre, sentia-se mais feliz, não sabendo que o velho médico também estava preso. Ao raiar o dia, apareceu alguém com um alimento que mais parecia lavagem de porcos. Disseram-lhe, então:

— Hoje é dia de teu descanso. Amanhã vamos continuar com nossas brincadeiras, até falares direitinho sobre as ladroagens do teu chefe, na Casa de Saúde São José.

Levantando-se, Florentino rebateu, com desembaraço:

— Não permito que acuses o Dr. Bastos, ele é um homem digno de respeito!

— Vamos ver amanhã, se falas ou não...

Outra turma sem alma arrancou as vestes do Dr. Bastos, deixando o venerando velho com um simples calção. Um dos Sacerdotes perguntou:

— Velho charlatão; então não repudias teu ato com Satanás, com a prática desse tal de magnetismo e de mexer com demônios? Faze isso e serás libertado!

Dr. Bastos olhou com firmeza para o representante da nefanda Inquisição e disse:

— Meu senhor, respeito o modo que os senhores têm de pensar, mas não compartilho com ele. Como os senhores, eu estudo a vida do Cristo, procurando pôr em prática o que leio, e não entendo Jesus com uma perseguição bárbara, da maneira que a Santa Inquisição pratica. Conheço aquele Cristo de amor e de perdão; reconheço um Mestre de tolerância e de concórdia. Eu não exijo, dos senhores a mesma interpretação, mas para mim, isso é que é o certo e, desse modo, não creio que os homens desta casa aceitem o Cristo como o Caminho, a Verdade e a Vida, pois agem de forma contrária, fechando todos os caminhos, torcendo a verdade e mudando a vida dos que aqui entram.

Nessa altura, o carrasco indignou-se por não ter palavras para responder e acionou a mão no queixo do médico, que rodopiou para aqui e para ali, indo de encontro à parede. O sangue borbulhava nos cantos da boca; estava meio inconsciente. Agarraram o médico como um pano, abriram um grande gavetão e colocaram-no ali, deixando-o somente com a cabeça do lado de fora, em uma abertura apropriada. Abriram-lhe a boca, colocando nela um pedaço de pau adequado para que a boca ficasse aberta,

deram-lhe dois talhes nos cantos da boca, onde passaram um pouco de sal.

Trancaram a porta e saíram, indignados com a coragem do velho.

No outro dia, foram em busca do Florentino.

— Vai dizendo! Como é Florentino, já resolveste a contar a verdade?

— A verdade eu confesso a qualquer hora. Mas vós quereis que eu invente mentiras. Isso eu não farei nunca!

— É o que iremos ver! — zombou o carrasco.

Agarra Florentino pelos cabelos e mete-lhe o pé com força, jogando-o escada abaixo. Florentino bate com a cabeça em uma pedra, fraturando o crânio. O sangue jorra sem medidas e nenhuma iniciativa de amparo é tomada pelos carrascos. Meia hora após o acidente, um deles vem com uma vasilha contendo água salgada e quente, despejando todo o conteúdo na cabeça do pobre homem. — Vamos ver se assim o Demônio sai dessa peste! — comenta o carrasco.

Agarraram o corpo inerte de Florentino e jogaram-no na casa dos cães, que fizeram grande algazarra, com o corpo quase sem vida. À tarde, quando os carrascos voltaram, o companheiro do Dr. Bastos já estava no outro mundo, o que provocou ditos jocosos dos torturadores:

— Esse aguentou muito pouco!

Viraram-se novamente para o Dr. Bastos, que acorda torturado. A alegria permanente das suas feições havia desaparecido, dando lugar a uma tristeza melancólica. O médico foi retirado do gavetão, em meio às gargalhadas dos carrascos, que lhe perguntaram:

— Como é, velho demônio; já repudias tuas ideias?

Retiraram o pedaço de pau que impedia o médico de responder. O Dr. Bastos procura fazer o maxilar voltar ao lugar normal, vagorosamente, perde um pouco do controle, mas dentro de poucos segundos consegue responder:

— Nunca repudio o bem! Nunca renego o Cristo! Nunca deixo de acreditar na bondade de Deus!

Recostado em uma improvisada cama de madeira, deixa escapar dos olhos lágrimas abundantes, pensando na Casa de Saúde, nos companheiros, nos filhos, nas lutas que manteve para sustentar aquele tratamento em benefício do povo. Lembra-se do sofrimento de Jesus, por ser portador da verdade, dos castigos imprimidos ao apóstolo Paulo, por anunciar a verdade do Evangelho. Recorda-se das inspirações que tinha quando fazia as reuniões sobre magnetismo; aquela facilidade de expressão que lhe vinha à mente nas discussões com o Dr. Teodomiro Travassos, em defesa das crianças a nascer. Lembra-se de quando ia fazer tratamentos magnéticos: parecia que alguém estava por trás dele. À noite, em sonho, andara com um companheiro que o Instruía, sem, contudo, ver seu rosto. Naquela situação angustiante em que se encontrava, perguntava a Deus quem seria aquele companheiro. E será que naquela hora de maior agonia, era abandonado?

Meu Deus, ouve meu pensamento, abençoa meu torturado espírito, aumenta minha fé! Após a prece, sentiu-se mais animado.

Nessa altura, o chefe do Tribunal adentra o cubículo, com um desenho na mão onde, por gráficos, mostrava aos carrascos o que deveria ser feito com o prisioneiro.

O médico lembra-se do amigo Fiorentino e pede a Jesus para que o assistisse, onde quer que ele estivesse. Dom Germano, o Inquisidor-chefe, assume a posição de comando, levanta a cabeça e diz, com voz segura, os detalhes das torturas, apresentando os gráficos. Nisso, desaloja-se do alto uma pedra que fazia parte do segundo andar, vem em direção a Dom Germano, sem esse perceber, e bate em sua cabeça, com um peso de mais ou menos quatro quilos. A altura era grande e a cabeça do chefe do Santo Ofício racha de fora a fora. Dom Germano tomba no chão, sem vida. É logo socorrido e levado às pressas para o socorro urgente, mas antes disso o espírito de Dom Germano desprega-se do corpo físico, pela força do ódio e imediatamente toma a forma de uma serpente. De seus olhos partem chispas de forças destruidoras em direção ao Dr. Bastos, mas quando aquela chuva de magnetismo deletério vai atingindo o médico, aparece em sua

frente o espírito venerável de Dom Cardume, que faz evoluções com as mãos, impedindo a negra operação do inquilino das Trevas. Dom Cardume apruma a mente, colhe na Natureza duas massas uniformes de fluidos, comprime uma na outra e, do choque das duas forças antagônicas, parte um raio em direção à serpente. Essa rola desesperada escada afora e se afugenta nos porões da velha quinta.

A Inquisição mantinha em Portugal várias quintas, apelidadas pelos perseguidos de "Quintas dos Infernos", daí surgindo a expressão popular, quando duas pessoas discutem ou mesmo brincam : “Vai para as Quintas dos infernos!”

E eram mesmo departamentos das sombras! Não havia respeito humano. Muitos confessavam o que os inquisidores queriam, somente para não sofrerem mais. Até crianças eram sacrificadas!

Com a morte de Dom Germano, assumiu a chefia, provisoriamente, o Padre Euzébio, homem que nunca sorria. O bom dia que ele dava aos prisioneiros era uma cuspada na cara e, para quem resmungasse, a mão tinha serviço. O ódio intenso era o clima do Tribunal após a morte de Dom Germano. Comentava-se que o Dr. Bastos devia ter parte com o Demônio, atribuindo ao médico a culpa pela morte do Inquisidor-chefe. Com um misto de medo e ódio, resolveram fazer uma reunião, para discutirem as medidas a tomarem com relação ao Dr. Bastos.

Para alegria do velho, Dom Cardume ficou visível aos seus olhos. O médico, ao contemplar aquela figura iluminada ao seu lado, não alimentava dúvidas de que se tratava de um amigo de muito tempo. Conhecia as feições de Dom Cardume por intuição e os gestos e os traços eram os mesmos que imaginava de alguém que o ajudava do mundo invisível. O Sacerdote, Guia espiritual da Casa de Saúde São José, sorriu, contente com a fibra do seu tutelado. Dr. Bastos caiu de joelhos no frio piso de pedras, tenta pegar as mãos de Dom Cardume, mas não consegue; mesmo assim, beija as fímbrias das vestes resplandecentes do companheiro em Cristo, e fala com dificuldade, rosto molhado em pranto, e voz embargada:

— Amigo, meu Guia espiritual! Dá-me coragem ! Não deixe que o desânimo tome conta do meu ser. Faze com que pulse em mim a coragem

ampliada para enfrentar esses carrascos das Trevas, sem, contudo, ofendê-los, nem mesmo pelo pensamento. Quero que o Cristo nasça em mim, mesmo na masmorra desta casa. Sei que tens feito muito por mim; isso era um pressentimento antigo e quero agradecer-te de toda alma. Quero acrescentar, com meus agradecimentos, mais um pedido. Ajuda, pelo amor de Deus, a Florentino, pois parece que ele tem pouca experiência no trato com a dor.

Dom Cardume, sorrindo, desvaneceu-se no ar, deixando um clima de esperança e certeza para o Dr. Bastos.

No casarão da Quinta escutava-se constantemente gritos e mais gritos, num intenso movimento de torturas. É provável que no Século XX, ninguém acredite no código de torturas do Santo Ofício, que abrangia quatrocentos e quarenta e seis meios diferentes de fazer sofrer os prisioneiros, desde arrancar as unhas até pendurar de cabeça para baixo, em uma corda que se movia por uma carretilha, em direção a um grande tacho de azeite fervente. Os cachorros, de vez em quando, faziam aquela algazarra, por motivos que todos já devem saber. Só nesta quinta havia umas novecentas pessoas, entre homens e mulheres. Entravam e saíam diariamente dezenas de pessoas, os escrivães avolumavam os processos, relatando tudo o que era feito com os prisioneiros. As confissões, os repúdios dos sofredores, enfim, eram milhares os processos que provavam a eficiência da Inquisição na limpeza da subversão. Os dignitários da Igreja sentiam-se aliviados e convictos de que em breves tempos a Terra estaria limpa de todo e qualquer perigo dos contraditores da Igreja. Ainda mais, ajudavam a Nação a acabar com os ladrões da pátria.

Os Inquisidores acabaram a reunião, com uma proposta para o Dr. Bastos. Quando a porta foi aberta, o médico se achava deitado no duro leito, à espera de qualquer prova. A visão que tivera de Dom Cardume enchera seu coração de alegria. Foram dizendo ao Doutor:

— Levanta-te para conversarmos. Estás com fome?

— Não, meus senhores; eu não tenho fome!

— Estamos querendo propor-te um negócio, com as vantagens todas

para ti.

O interesse nosso é que esta casa seja sempre forte e respeitada...

E convidaram o Dr. Bastos para fazer parte do Tribunal da Inquisição. Era só vestir uma batina, trocar de nome, deixar a barba crescer e ninguém o reconheceria. Todos pensariam que o médico havia morrido ou sido desterrado.

— Já que tens parte com Satanás, és mago negro e sabes lidar com as Trevas, serás muito útil para nós. Se aceitares, faremos um pacto e seremos amigos para sempre!

O Dr. Bastos olhou para todos com piedade, deixando escapar duas lágrimas de dor no coração, por ver tanta hipocrisia e maldade.

— Não! — responde o médico — Não quero pacto com homens que cultivam o ódio, que não respeitam o pudor das pessoas, que têm o Cristo nos lábios e a maldade no coração. Eu já fiz um pacto, e como sou fiel, não posso fazer outro.

— E com quem fizeste esse pacto? — pergunta enfurecido o Padre Euzébio.

O Dr. Bastos, percorrendo com os olhos os Inquisidores, respondeu mansamente:

— O homem com quem fiz esse pacto, talvez já tenhais ouvido falar dele. Seu nome é Jesus Cristo!

Padre Euzébio não responde. Cospe no venerando rosto do Dr. Bastos e bate à porta com toda a força. Desce escada abaixo e procura o recinto onde três tachos de azeite ferviam, tendo em cima dispositivos em forma de carretilhas, onde podiam ficar dependuradas pessoas nuas, com a facilidade de serem abaixadas e elevadas, ao gosto dos carrascos. E era o que estavam fazendo com uma mulher. Padre Euzébio foi chegando, possesso de ódio, e gritou:

— Enfia a cara dessa vaca dentro do tacho, que ela confessa logo!

E chegando perto deu uma cuspada bem na boca da mulher, cujo rosto beirava o azeite. A torturada, já a se rebentar de desespero, enfia a mão no azeite fervente e joga um punhado do líquido em ebulição na cara do Padre Euzébio, atingindo seu olho esquerdo. O Vigário limpa o olho com gemidos, lava com azeite de linhaça, passa uma pomada refrescante, mas nota que perdeu a visão. Levanta-se com tanto ódio que nem sente a dor da queimadura, arranca de dentro da batina uma lâmina brilhante e enterra o punhal, com todo o prazer, nas costas da mulher torturada. Ela grita horripelantemente, mas o Padre apaga sua voz com várias outras espetadas, liquidando a pobre criatura cujo sangue quente se mistura com o azeite do tacho. O Inquisidor deixa o punhal enterrado no tórax da mulher, dizendo:

— Não quero mais essa arma, para não me lembrar mais dessa fera! — E sai à procura de cuidados urgentes para o olho atingido.

Or. Bastos, após uns quinze dias, sente, em plena madrugada, que está morrendo. Vê ao lado da sua cama Dom Cardume, estendendo-lhe os braços e, do outro lado, o Dr. Lelis, diretor espiritual da Casa de Saúde Santo Antônio de Pádua. Dom Cardume fala com nitidez:

— Amigo Bastos: vem, meu filho! Vem para o nosso reino! Tu és um dos amigos do Cristo!

Dr. Bastos nota o ambiente em outra dimensão, a espiritual, e, sorrindo, com lágrimas nos olhos, abraça e beija Dom Cardume. Sua mulher foi chegando, acompanhada de outros espíritos, amigos sorridentes e felizes, o que fez com que o Dr. Bastos desse vazão às lágrimas do amor.

Quando os Inquisidores abrem o cubículo fétido onde jazia o Dr. Bastos esse estava morto, tendo havido ainda um comentário impertinente:

— A cobra, quando é venenosa demais, ela mesma se mata; foi o que aconteceu. Tratemos de jogar esse trapo para os urubus e encerremos essa negra história.

Horas após, já bem disposto no plano espiritual, Dr. Bastos interroga Dom Cardume:

— Respeitável irmão, será que tudo que foi feito, aquele trabalho na Casa de Saúde São José, a coragem que tivemos diante dos Inquisidores, foi tudo em vão? O hospital, voltando a ser como era antes, desaparece todo o nosso esforço, como também o trabalho espiritual?

— Não Bastos — respondeu Dom Cardume com alegria — nada fica perdido nesse Mundo de Deus. Tudo o que se faz de bem eterniza-se na vida. Tudo o que foi feito são sementes que, quando for o tempo, serão novamente aproveitadas pelos Céus. E começam a prosperar e cada vez que surgirem, vêm com novas nuances de luz, com trabalhos acrescidos, apresentando valores maiores. A Luz espanca as Trevas e essas é que vão desaparecendo com o tempo. Essa é a lei. Quanto a ti, irás agora conosco receber o galardão a que fez jus. O Céu te chama como um dos bem-aventurados no Reino de Cristo. Depois, vamos continuar juntos a lutar com o Mestre e pelo Mestre, eternamente.

Dr. Bastos, como se fora uma criança, começa a sorrir, encontrando a chave da felicidade...

## CAPÍTULO XVIII

### O FIM DO PADRE — O TRIO INIMIGO

A Fazenda “Riachuelo” não parecia mais aquela região dominada pelo Dr. Teodomiro Travassos. Tudo nela mudou, tudo nela progrediu. Os dois dirigentes, irmanados pela mesma fé e unidos pelo mesmo ideal, construíram uma comunidade muito avançada para a época.

O Padre Terêncio achava-se muito doente. Havia sido chamado a Mariana, pelos altos dignitários da Igreja, mas não pôde comparecer, devido ao seu estado de saúde. Talvez tivesse sido até bom ele não atender ao chamado, porque o assunto não era muito agradável. O Clero queria chamá-lo à ordem, em decorrência das reformas feitas na Igreja da fazenda, por influência dos novos dirigentes. O velho Vigário estava com os pés inchados, a pele descorada e suas palavras saíam entrecortadas, devido ao cansaço. O coração trabalhava com dificuldade e o lábio inferior avolumara-se muito. É que havia, pelos arredores, uma espécie de marimbondo, chamado “Tontão”, cuja picada ocasionava uma inchação permanente. Pois o Pe. Terêncio levou uma dessas ferroadas, justo no lábio inferior. Zé Melête, já de cabeça branca, atendia às necessidades do Pároco. Muitos escravos já haviam morrido e outros comprados pelos dois Senhores de Engenho. Para isso, não havia dificuldades, pois compravam escravos tidos como preguiçosos e, na Fazenda “Riachuelo”, eles viravam bons de serviço, li eles não eram tratados como animais e sim como homens.

Uma grande barragem havia sido feita no Córrego do Mulato e a extensão das águas Irrigava as margens, com proveito fabuloso, em favor da horticultura. Mesmo parte dos canaviais era Irrigada, bem como a lavoura de feijão e de milho. A fartura na fazenda era enorme, havendo grandes sobras para exportação. Todo ano estocava-se de tudo o que a fazenda

produzia e, com o passar dos tropeiros, as mercadorias iam sendo vendidas por um criado de inteira confiança, que fazia essas transações.

Sinhozinho Cardoso foi ao Rio e lá adquiriu uma grande mansão, comparável a uma Quinta portuguesa. Era um casarão com todo o conforto, próximo ao centro da cidade, à beira do Oceano Atlântico. No segundo andar havia um grande alpendre com vista para o mar. Quem ali se instalava, olhando para as águas, esquecia-se das atribulações da vida, tal a sensação de calma. As águas, no entender de quem sente o descanso, têm algo de maravilhoso, que nós desconhecemos. O mar tem uma vida muito presente para aqueles que o contemplam e aquela mansão convidava a gente para grandes meditações.

Os moradores da Fazenda “Riachuelo” ali se instalaram, confortavelmente, pois levaram alguns escravos, deixando apenas Belinda e Mãe Dudu, para virem depois.

O Rio de Janeiro, para quem tinha dinheiro, oferecia ambientes para grandes distrações, mas Cardoso nunca foi atraído a lugares que não fossem dignos de uma família frequentar. Encontrou, na Capital do País, companheiros com o mesmo ideal alimentado por ele, no que toca à liberdade dos escravos. Alguns até subversivos, dos quais Cardoso se afastava discretamente, pois já havia sido advertido pelo Miramez para evitar tais companhias. Mas encontrou pessoas de nobre índole, que somente objetivavam o bem da Nação Brasileira. A liberdade dos escravos, pensava, só viria trazer benefícios para a nossa Pátria. Mas alguns, de visão curta, viam nisso o desmoraamento do País. De imediato, haveria algum prejuízo para os Senhores de Engenho, porém, mais tarde, isso redundaria em lucros, devido à alegria dos escravos. A vida, com liberdade, é mais vida.

No Rio de Janeiro e São Paulo já havia muitos núcleos a favor da libertação dos escravos. Era uma ideia ainda prematura, mas havia utilidade em se falar constantemente a respeito, como se rega uma semente. O resto fica a critério do tempo. Sinhozinho não tinha esperança de ver, com seus olhos, a libertação da escravatura. Mas, pelo menos, punha no fabuloso alicerce de ideias nobres a sua pedra, dando o seu quinhão de ajuda.

Os Senhores de Engenho, quando percebiam a discussão desses assuntos nas grandes Capitais, tomavam-se de fúria. Acorriam ao Rio para se porem bem a par da situação e estudar, com os colegas, meios no sentido de abafar qualquer movimento.

Deixando tudo organizado no Rio, Sinhozinho partiu para a Fazenda “Riachuelo”.

Na fazenda, Dr. Cícero respondia pela função de Senhor de Engenho e, nos casos urgentes, era o clínico da região. A chegada de Sinhozinho foi motivo de muita alegria e toda a família já fazia planos para a mudança para o Rio. Os escravos que iam ficaram alegres, mas os que iam ficar se entristeciam. Em todo caso, um dos Sinhozinhos ficava, garantindo a paz deles.

Com a doença do Padre Terêncio, Dr. Cícero é quem fazia as pregações na Igreja. Contava alguma história da vida de Cristo para os escravos, depois fazia uma pregação à altura do entendimento dos cativos. Após, vinha o tradicional chá-sopa.

Às vezes Padre Terêncio comparecia, ficava assistindo a pregação do Doutor e, no fim, abençoava os escravos, indo para casa todo contente. Mãe Dudu não faltava na cozinha, chefiando a turma que tinha o dever de preparar a sopa.

Certa noite, Zé Melête chega apavorado, dizendo:

— Dr. Cícero, o Padre Terêncio está morrendo! Corra Doutor, pode ser que o senhor dê um jeito!

Dr. Cícero, que não se assustava com nada, vai andando com o escravo e fala, em tom de brincadeira:

— Zé, deixa o Padre Terêncio para lá! Ele nem é tão bom assim para ti! Deixa que esse velho morra.

Não faça isso, Doutor! Na verdade ele é muito nervoso, mas gosto muito do Padre Terêncio. Ele morrendo, Doutor, fica tudo mais difícil para todos nós. Tem hora que o Vigário anima muito a gente na vida. Apresse

os passos Doutor, Deus há de ajudar que ele escape!

Dr. Cícero ficou pensando nos bons sentimentos dos escravos que, no fundo, tinham bons corações, com qualidades que dependiam apenas de cultivo.

Chegando à casa do Sacerdote, o médico achou-o mal. Faltava-lhe o ar, respirava com muita dificuldade. O genro do Dr. Teodomiro auscultou as costas e o peito do velho Padre e verificou que o pêndulo de sua vida estava por um fio. Além de outras complicações, ele sofria de hidropisia, doença produzida por ferroadas de insetos que eram abundantes na região. O Doutor, vendo o fim do velho Padre, manda o Zé Melête chamar Mãe Dudu; que vem prestativa e solícita.

— Tenho necessidade de tua companhia — falou o médico — Padre Terêncio está passando mal e quero dar a ele uma assistência completa e gostaria que ficasse aqui comigo esta noite.

— Pois não — respondeu a velha — ficaremos rogando a Deus pela sua melhora.

Dr. Cícero dá sinal ao escravo para se retirar e Zé Melête sai para seu quartinho, cabisbaixo, rezando a Deus pela melhora do Padre Terêncio. O médico, a sós com Mãe Dudu, toma todas as providências, mas o velho somente olha para os dois, sem, contudo, poder falar. O cansaço e a falta de ar tomavam proporções inesperadas! Com os poucos recursos terapêuticos existentes na fazenda, o médico não conseguia debelar o mal que assolava o velho enfermo. Administrava-lhe poções de ervas para que a pressão baixasse um pouco e a corrente sanguínea aliviasse o músculo cardíaco, tranquilizando o cérebro e acalmando o sistema nervoso. Mãe Dudu, ao seu modo, pede a Jesus e a Deus a cura do Padre Terêncio. Tendo cedido um pouco a dispneia do Vigário, Dr. Cícero senta-se pensativo e pergunta à preta:

— Será que não podias pedir ao amigo Miramez, para ele dar um jeito em benefício do doente?

Mãe Dudu olha bem para o doente e responde:

— Olha Doutor, o nosso querido Miramez já está aqui há muito tempo, ajudando o Padre Terêncio; o doente é que não se ajuda - e a velha sai do quarto, acompanhada pelo médico.

— Dr. Cícero — continua a negra — Miramez disse que chegou a hora do Padre Terêncio ir embora para a vida espiritual, mas o medo do Vigário está atrapalhando muito. Ele está com uma tensão nervosa enorme; não quer dormir, com medo de morrer, e Isso atrapalha muito.

— Então o Padre vai morrer esta noite? — perguntou o médico. — Vai. Eu estou repetindo o que estou ouvindo; vamos aguardar fazendo a nossa parte.

A essa altura, o Vigário parecia cochilar. Mãe Dudu consegue avistar o amigo espiritual em trabalho intenso, de preparação para a retirada do Sacerdote, do corpo. Após uma hora, Padre Terêncio ressonava tranquilamente. Miramez, com dois auxiliares em torno do enfermo, aplica passes magnéticos em vários pontos do organismo do doente e, com mãos hábeis, começa a deslocar as pernas espirituais, depois os braços, como se estivesse desatando alguma coisa que os prendia. Tornava a colocá-los nos seus devidos lugares, fazendo a mesma operação no tórax. Depois, aproxima-se da cabeça do Padre, que parecia querer acordar. O adestrado Guia põe sua destra na cabeça do enfermo, imprime na sua mente uma carga fluídica de uma substância esverdeada, que dá a Impressão de um calmante, substância essa que interpenetra por todas as regiões do globo craniano, escorrendo, como por encanto, para a base do encéfalo, enroscando-se ali como se fosse uma força inteligente. O Vigário afrouxa o corpo. Os dois companheiros de Miramez aplicam-lhe várias modalidades de passes nos membros inferiores, facilitando assim a retirada do espírito.

O Guia espiritual da Fazenda "Riachuelo", com extrema habilidade, pega entre as suas mãos a cabeça do Sacerdote, como se faz com uma criança recém-nascida e vai puxando com cuidado. Nota-se que da sua poderosa mente descem filetes de luzes, como se fossem minúsculas mãos em operações rapidíssimas, deslocando a base da vida do espírito do mundo da carne. O corpo do Padre Terêncio deu aquele tremor; o médico fez menção de se aproximar, mas Mãe Dudu levantou a mão, dizendo:

— Dr., não toques no Padre. Agora é a vez dos médicos do espaço. A tua parte já foi feita. Se quiseres ajudar ainda, pegue o Evangelho do Vigário, debaixo do seu travesseiro e lê com atenção. Essa ajuda será muito grande. Quanto a mim, ficarei sendo a mãe de leite do Vigário, mesmo na morte. Parece que se desprende de mim uma substância leitosa em direção a ele, e Miramez é quem faz a explicação. Mandou-me assentar aqui, ficar quieta em oração, e disse que eu ia ser mãe de leite do Sacerdote, mesmo na hora da sua morte, porque ele ia nascer para a vida espiritual. Eu não entendi bem. E tu, entendeste?

O Doutor ficou sem resposta. Apanhou debaixo do travesseiro o Evangelho e começou a ler baixinho as sublimes lições de Paulo sobre a vida espiritual. A velha escrava continuava orando, quase fora do corpo, auxiliando o Mentor Miramez. Padre Terêncio já estava nascendo para a vida espiritual. O medo do Vigário dificultava muito o desenlace, mas a habilidade de Miramez, o ambiente espiritualizado e a enorme ajuda de Mãe Dudu facilitavam o seu desprendimento. O espírito do doente pairava no ar do pequeno quarto, fazendo dupla com seu volumoso físico, estirado no leito, já sem vida. Miramez virou-se para seus cooperadores e disse : — A primeira etapa já está pronta. Só resta agora o corte da faixa fluídica, mas as condições espirituais do Reverendo não permitem que desatemos um corpo do outro, nesse instante. Agradecemos a Deus tudo o que recebemos nesta hora, por Sua bondade.

Mãe Dudu e o Dr. Cícero, por ordem espiritual, já ajeitavam o corpo do Padre na cama, iniciando os preparos para os funerais. A alma do velho Terêncio também foi colocada ao lado do corpo físico, notando-se forte atração de um pelo outro.

O Padre parecia dormir...

O Sol iluminava novamente, anunciando outro dia. A morte do Padre Terêncio é noticiada em toda a fazenda, dando-se feriado para os escravos. Zé Melête chorava sem parar. O enterro foi feito no cemitério da fazenda e, enquanto os escravos carregavam o caixão do Reverendo, os obreiros invisíveis transportavam o seu espírito para um pequeno posto de socorro espiritual, a fim de ser tratado, recebendo o devido preparo para se efetuar o corte do cordão fluídico, base primordial da ligação do corpo espiritual

com o corpo físico.

A fazenda volta ao seu ritmo normal de trabalho. Sinhozinho, estando no Rio, não sabia da morte do Padre, mas não tardaria a voltar para a fazenda. Dr. Cícero se desdobrava em serviços diversos, fazendo inclusive o trabalho do Padre Terêncio. Durante meses não houve celebração de missa, mas o médico lia na Igreja trechos do Evangelho, fazia comentários, contava histórias de fundo moral para os escravos, terminando os trabalhos com o famoso chá-sopa, que tanto agradava aos escravos. O velho Sacerdote fazia muita falta na fazenda, mas o que se vai fazer quando o Destino dita um acontecimento?

Dona Márcia, mulher do Dr. Cícero, já tinha um outro menino que floria a casa com sua graça e beleza. O Doutor se encantava com o garoto, que corria por todos os lados da fazenda, sadio e esperto. Belinda, que vivia muito triste, começou a se alegrar com a notícia da mudança para o Rio de Janeiro. Não gostava da roça, principalmente depois da viagem à Europa. Viver na fazenda, para ela, não era viver. Nas conversas mais íntimas no lar, dizia à irmã:

— Mato, é para animais! O que a gente fica fazendo aqui? Qual é o meu futuro nesta fazenda? Se eu fosse escrava, estaria certo, mas como Senhora, isso é o cúmulo! Se o Sinhozinho não tivesse tido essa ideia de comprar uma casa no Rio, eu iria sozinha para lá. Aqui é que eu não fico. O dia que eu sair para o Rio, não voltarei nunca mais. Para ti, Márcia, ainda está certo; já te casaste e moras com teu marido, aqui. Mas eu! Mesmo tu! A educação desses meninos não pode ser feita no mato, tendes que ir para o Rio. Os que quiserem ficar, que fiquem; eu é que não posso. E não vou ficar!

De certa forma, a moça tinha bastante razão para mudar-se definitivamente para a Capital do País. Não possuía nenhum ideal que pudesse colocar em prática na fazenda. Achava graça era no mar, nos teatros, nos lugares pitorescos e, principalmente, nos salões sociais; queria passar o resto de sua vida daquela forma, ou então entregar sua mão a um cavalheiro do seu porte social e, na fazenda, nunca iria achar isso.

Com mais alguns meses, Sinhozinho chega à Fazenda “Riachuelo”,

com boas notícias para aqueles que ambicionavam a vida no Rio de Janeiro. Sinhozinho sentiu muito a morte do Padre Terêncio, mas já esperava por esse desfecho. Deixara o Padre já doente; além disso, sabia que a morte era apenas uma troca de ambiente, o começo de outra vida. Portanto, na mesma hora que sentia tristeza, surgia a alegria de conhecer a verdade. E lembrava-se das palavras do Cristo: “Conhecereis a verdade e ela vos tornará livres”.

Sinhozinho gostava de ficar sozinho frente a um lago artificial que haviam feito na fazenda, onde os gansos e os patos brincavam e onde os peixes faziam suas evoluções. Para Sinhozinho, essa contemplação era uma terapia. Tinha o maior prazer de observar a Natureza. Pensava em Jesus e como não havia ninguém perto, falava sozinho:

— Meu Deus! Como é lindo o Evangelho de Cristo! Mas como é difícil chegar ao ponto de sentir sua beleza! Esse “conhecereis a verdade e ela vos tornará livres” é impressionante! É sublime a facilidade com que Jesus falava essas coisas tão verdadeiras. O Evangelho é um repositório de valores imortais. Nós somos os garimpeiros de má conduta, que nunca pagamos o dízimo ao dono das terras. Por essa razão, custamos a encontrar pedras preciosas. O tributo é coisa sagrada que devemos aos nossos semelhantes, principalmente aos que sofrem, aos que choram, aos encarcerados e aos vendidos como animais, sem direito a se defenderem, que têm que se calar mesmo estando com a razão, É por isso que não entendemos as claridades da Boa Nova de Jesus, o Cristo Inconfundível. Peguei o fio da meada da cultura espiritual. É o conhecer a si mesmo, é o respeito ao direito dos outros, é a disciplina dos nossos impulsos; é a coragem, não aquela que ofende os outros, mas a que corrige a nós mesmos, É seguir, se queremos compartilhar com Jesus no seu banquete, acompanhar Paulo nas suas disciplinas e seu destemor. É assim que encontraremos cada vez mais tesouros valiosíssimos nas Terras da Boa Nova. Jesus, ao meu ver, reuniu todas as joias do mundo e com elas compôs os tópicos do livro da vida, como sendo uma fonte eterna, de forma que quem beber dela, nunca mais terá sede. — Vamos encontrar o trio inimigo no apartamento plástico, revestido por dentro de uma massa, como já explicamos em capítulo anterior. Joaquim, Cláudio e Beatriz estavam em situação calamitosa. Cabelos compridos, unhas enormes, vestes imundas,

além da sujeira interior. A revolta os colocava quase a estourar de ódio. A organização perispiritual de cada um deles, condizendo com suas vibrações inferiores, quase os obrigava a tomar formas animais. Mas não chegaram a tanto, pois já pertenciam a uma escala melhor.

Certo dia aparece, ligado ao apartamento deles, uma espécie de corredor, como se fosse um túnel, dando saída livre. Quando perceberam aquilo, entreolharam-se espantados com aquela inesperada saída, trocando ideias a respeito. Dizia Beatriz:

— Mas o que será isso?! Não compreendo! Ninguém daqui pediu para sair! Por que aparece, de uma hora para outra, esta abertura? Tem dente de coelho aí! Eu é que não caio nessa! Quem quiser que vá... menos a velha Beatriz! Essa não!

Joaquim foi, pé ante pé, até à entrada do túnel, farejou e disse, como velha raposa:

— Creio que é outra armadilha desses covardes. Nós temos sempre que desconfiar neste mundo. Estamos presos aqui porque não desconfiamos daquela escrava. Escrava nada; vestia-se de escrava, mas era uma loba, algum feiticeiro transformado em escrava, para nos ludibriar. E o que aconteceu? Caimos como patos, entramos na arapuca, como pássaros famintos! Eu é que não caio noutra! Não vou servir de instrumento para esses vagabundos gozarem a vida inteira. Além de tudo, quem está perdido não caça caminho; esse é um ditado muito certo. Já que estamos perdidos aqui, eu não vou aventurar-me a perder tempo, em caçar estrada, cujo destino eu desconheço.

E afastou-se, deitando-se novamente no seu banco-cama. Cláudio pensou, lembrou-se de sua amada. Onde estaria Belinda àquelas horas? O coração não esquece! Sentia amor e ódio ao mesmo tempo! Se ela estiver ao lado de outro, enforcarei os dois. Mas, se estiver só! Que beleza! Vou amá-la para sempre! Serei seu galã! Saberei cortejá-la com classe e, durante o sono dela, ficarei visível e então... Já estou sentindo todas as sensações. Isso é que vai ser vida! O amor por Belinda começou a incendiar seu coração e esse estado de alma jogava-o em qualquer aventura. Pensou demoradamente e falou, com convicção:

— Acho um erro esse ditado que papai citou! Sou de opinião de que quem está perdido é que tem de caçar caminho. Onde já se viu quem não está perdido caçar caminho? Eu sou aventureiro, corajoso, e para mim não tem tempo ruim! Vou deixar para a noite, porque à noite as coisas dão mais certo. Possuo a sutileza do gato, a coragem do tigre, e a energia para enfrentar o que der e vier vai nascer da saudade de um coração que pulsa, furioso, por encontrar o seu igual, que lateja no peito de uma mulher que se chama Belinda. Quanto ao mais, nada falta! Somente o tempo, o chegar da hora! Chega, noite de meus sonhos! Benvinda seja para esse caminhante solitário!

Cláudio joga-se ao banco, dando boas gargalhadas e deixa o pensamento traçar planos para a grande aventura.

À noite, na casa de Mãe Dudu, estava tudo preparado para a conversa séria com um dos inimigos invisíveis da família Travassos.

Miramez já havia avisado a Mãe Dudu, para que ela explicasse a Sinhozinho e ao Dr. Cícero que os dois iam conversar com um espírito que odiava toda a família. Ambos os homens, através da velha escrava, ouviam sempre a história desses três inimigos espirituais, que deveriam ser convertidos ao bem, no tempo certo. A hora havia chegado e naquela noite ia começar o trabalho com um dos Inimigos.

Após anoitecer, por volta das dezenove horas e meia, Cláudio levanta-se, despede-se dos pais e diz:

— Se eu por acaso não voltar até amanhã é porque está tudo bem. Aí todos poderão vir, também.

Consertou a calça rota na cintura e partiu como um raio, corredor abaixo, sentindo que estava indo sem fazer força, como se estivesse sendo chupado pelo corredor afora. Num instante, Cláudio estava no corpo de Mãe Dudu, que transformou o rosto, mudou o jeito de falar, ao passo que os dois Senhores de Engenho, presentes na casa da velha, sentiram um odor insuportável no ambiente. O espírito de Cláudio sentiu que estava dentro de uma bacia de água morna, falando:

— É estranho! Não consigo enxergar nada! Por favor, se existe alguém

aí, fale para que eu escute e me anime mais. Eu quero ver, por favor...

Miramez , que se encontrava por trás de Mãe Dudu, colocou a destra na base da visão da velha escrava, partindo de sua mão raios de um dourado encantador, misturado a um azul celeste brilhante. Aquela luz que partia da mão do instrutor formava uma coroa fosforescente na cabeça de Mãe Dudu, dando ao espírito de Cláudio a visão e um raciocínio claro, para que ele mantivesse uma conversa livre com os senhores que ali se achavam. O espírito avistou Sinhozinho e Dr. Cícero, na sala, e foi dizendo:

— Quem sois? Por que me amarrastes neste lugar sem que eu fizesse nada contra vós? Quero uma explicação, tenho o direito de ouvir uma explicação! Parece que conheço um de vós. Se não me engano, veio de Portugal. Fazes parte dos assassinos, que á a família Travassos? Vamos, fale.

Sinhozinho começou a dizer:

— Meu irmão: permite que eu te chame assim. Peço-te, por favor, o teu silêncio, mostrando, assim, que és uma alma que assimilou uma boa educação. Respeitamos os teus argumentos, estudaremos as tuas ideias e daremos o devido valor quando a lógica nos convencer. O nosso amigo está dentro de uma simples casa de oração e respeito. Quando aqui entramos, procuramos todo o recolhimento possível. Procuramos nos lembrar de Jesus Cristo, meditamos nas Suas augustas lições e bebemos dessa água Divina com muita sede. E aqui, meu irmão, tu chegaste, sedento também, e nós queremos repartir contigo essa água santa, para que nunca mais sintas sede. Tu, que és espírito, sentir-te-ás mais saciado do que nós outros, que aqui estamos, no mundo da matéria. Já perdeste o corpo de carne e te serves, por misericórdia de uma nossa irmã, do corpo dela para falar conosco. Quanto à família Travassos, meu irmão, ela não tem culpa dos teus dissabores. Ela também já passou, e ainda passa por dramas dolorosos, porque todos temos uma cruz a carregar. Não há no mundo quem não sofra e é o sofrimento que nos faz conhecer o valor da Fraternidade, do Amor e da Caridade.

Sinhozinho silencia, dando oportunidade ao espírito de voltar a falar. Cláudio já estava Inquieto, querendo refutar, xingar, saber porque estava

preso. Volta a falar:

— Agora já sei que estou dentro de um covil. Esta vaca velha de quem me sirvo é a mesma que nos iludiu no navio, quando estávamos viajando para cá. Não fora ela, nós estaríamos livres, É isso que se chama Caridade? Amor? Isso é que é coisa de Deus? Vós sois uns ladrões da felicidade alheia, sois covardes, porque vós aproveitais de espíritos amarrados para dizeres o que bem entendeis. E ainda vos serves da boba desta escrava. Escrava só serve mesmo é para cavalo dos outros. Não sei porque não arrebento todos vós agora mesmo. Quem conversa comigo ainda vem com a manha de estimular a minha educação, para poder montar e esporear o tanto que quiser. Mas comigo não vai ficar assim não! Os Travassos vão nos pagar o mal que nos fizeram! Onde está o tal do vampiro do Dr. Teodomiro Travassos? Já o fulminamos e à pantera negra da sua mulher. Para terminar, viemos botar fogo no resto, deixando somente as cinzas, para que a história conte os feitos da família de urubus que povoou esta região.

Dos cantos da boca da velha escrava, que servia de instrumento para Cláudio falar, escorria uma baba esbranquiçada, que repugnava até a ele mesmo. Sinhozinho dava grande atenção ao que o espírito falava. Dr. Cícero estava assombrado de ver tanto ódio, mesmo depois da morte. E pensava: meu Deus! Depois do túmulo todos nós devíamos nos concentrar no Amor, na Humildade! Por que tanta fúria, tanta maldade?! Sinhozinho olhou para o Doutor e disse:

— Agora é a tua vez. Conversa com ele, sê dócil, faze de conta que estás lidando com uma criança pirracenta e que essa criança é teu filho do coração!

Dr. Cícero deu um sorriso de satisfação, olhou para Cláudio, como se Mãe Dudu fosse ele, e falou:

— Deus te abençoe, meu filho!

Cláudio, já um pouco melhor da sua fúria, responde:

— Mas as tuas bênçãos são daquelas que vêm acompanhadas de um relho de couro cru? É aquela bênção que a boca fala limpinha, com o coração cheio de azinhavre? Deve ser, porque se moras no mesmo covil,

deves pertencer à mesma matilha. Mas se queres falar, fala. Eu quero mesmo conversar com alguém, para sair deste lugar infernal. Quem sabe se de tanto falar em Deus e Cristo, não chegareis a ter piedade de alguém?

Dr. Cícero foi dizendo:

— Meu amigo, eu também sofri, talvez mais que tu. A minha história é a seguinte...

E conta toda sua vida, desde criança, com a perseguição da Inquisição. Quando termina a narrativa, Cláudio deixa escapar algumas lágrimas pelos olhos da velha, perguntando, abafado:

— E como te tornaste feliz?

— Encontrei a paz, meu irmão — disse o médico — em Jesus Cristo, apesar de ter sido criado com os próprios carrascos de meus pais. Há ocasiões em que nós não podemos fazer nada, mas com o tempo, conseguimos ficar livres.

Nessa oportunidade, vendo que Cláudio abrisse os sentimentos, Miramez coloca sua destra no coração do moço, que chora convulsivamente. Dr. Cícero volta a falar:

— Chora, meu irmão, deixa as lágrimas correrem, porque só elas têm o poder de limpar as nódoas do coração, para que esse possa sentir o convite de Jesus para o perdão e para o amor. Eu devo ser teu conhecido. De fato, morei em Portugal e o Destino quis que eu viesse para esta fazenda, onde espero aprender muito. Queria que compreendesses o motivo da nossa intenção para contigo, nesta conversação. Aceita o nosso convite e conversa conosco, acerca de Jesus, mesmo que o Mestre não tenha ainda surgido em teu coração. Nós também estamos lutando para que Cristo nasça em nós e temos certeza de que isso não tardará. Esta velha escrava que te serve, meu irmão, é quem, dentre nós, está te dando mais, fornecendo o material indispensável para que nos veja e para que possamos trocar ideias nesse tom cordial e familiar. Essa faculdade, esse dom de Mãe Dudu, corresponde a uma bênção dos Céus para todos nós. Agradeçamos, pois, ao nosso bom Deus e conversemos mais, para nos entendermos mutuamente e tornemo-nos amigos, para sempre.

Cláudio não tinha mais vontade de maltratar ninguém. Somente ouvia, com certo prazer. Queria fazer várias perguntas, mas sua voz não saía; alguma coisa parecia embargá-la. Avançou, usando o corpo da velha e ajoelhou-se aos pés do Doutor, beijando suas mãos e pedindo ajuda. Em seguida, fez a mesma coisa com Sinhozinho, sentindo neles uma força poderosa de sinceridade e de amor, transmitida pelos corações em paz com o Cristo.

— Mostrai-me esse Cristo, de que tanto falais. Dai-me esse Evangelho para que eu possa também ser feliz e tenha a paz, que nunca conheci.

Nesse instante, Miramez se fez visível ao rapaz e esse, ao ver aquela estampa de homem luminosa, bate os joelhos no chão e desata a chorar, acompanhado de soluços, dizendo, em palavras entrecortadas:

— Eu pensei que não havia Anjos... que era conversa das religiões! Mas é verdade, meu Deus! Será que ele está aqui para me ajudar? Jesus, já sei que existes! Será que estou sonhando?

E para que Mãe Dudu não ficasse muito abalada, Miramez diz a Cláudio:

— Agora mesmo tu estarás comigo no Reino da instrução e do trabalho. Se queres progredir, meu irmão, se desejas realmente a felicidade, ela está à tua espera.

Cláudio vai se retirando, em companhia do Instrutor espiritual.

Mãe Dudu, meio estafada, custou a abrir os olhos. Conversou pouco, parecia querer dormir, porque o sono sempre recompõe o organismo, nesses casos.

No outro dia, Sinhozinho e o Dr. Cícero comentaram longamente o ocorrido na noite anterior.

— Olha amigo — diz o Doutor— encontrei o diagnóstico de muitas enfermidades incuráveis. A causa é essa! Inimizade espiritual. Sanando essa, a doença desaparece. Mas o difícil é fazer a alma do outro mundo crer que deve perdoar. Agora, acabei de crer, com mais certeza, que somente

Jesus é realmente o caminho para a solução!

— E os outros espíritos que estão presos ? — comenta Sinhozinho — Será que os dois vão ser trazidos pelo Miramez no dia em que tornarmos a nos reunir?

— Não sei — respondeu o médico — Na verdade, conseguimos, com a grande ajuda de Miramez, convencer aquele espírito. Mas os outros, nós não conhecemos a natureza deles. E para onde será que foi esse espírito que esteve conosco? Eu não estou bem certo, mas deve haver um lugar para essas almas.

Passam-se os dias com tudo tranquilo na fazenda, exceção feita às duas filhas do Dr. Teodomiro, que se agitavam em grandes arrumações. A notícia da compra da casa no Rio de Janeiro foi uma boa nova para elas. Belinda, principalmente, regozijava-se. Nunca mais voltaria à Fazenda “Riachuelo”, nem a passeio. A outra irmã pensava muito na educação dos filhos, esperando que mais tarde seu marido também pudesse ir definitivamente para a Capital, deixando a fazenda sob as ordens de fieis capatazes. Mas Dr. Cícero não pensava assim. Tinha uma missão junto aos escravos e pedia a Deus novas forças para cumprir fielmente sua tarefa. Também Sinhozinho queria ser fiel à sua consciência. Amava os escravos e, principalmente, a sua velha mãe de leite. Os dois estavam ansiosos à espera da próxima reunião na casa de Mãe Dudu, para ver se aparecia outro dos espíritos inimigos para uma conversa.

## CAPÍTULO XIX

### ALÉM DO ÓDIO

Joaquim e Beatriz Nabuco estavam inquietos no apartamento. O túnel por onde Cláudio saíra havia desaparecido, logo agora que eles estavam dispostos a passarem por ele. As lágrimas já começavam a surgir nos seus endurecidos olhos, por haverem perdido a oportunidade e por não saberem da situação de Cláudio, o filho tão amado. Começaram a sentir saudades, força que tortura qualquer coração, seja de santo, seja de pária, de criminosos ou de juízes. Sem poder avançar nas paredes, à procura de aberturas, jogaram-se nos bancos e começaram a chorar, sem interrupção.

Nisso ouviram um ruído no teto do apartamento. Assustados, olham para cima e procuram, sem sucesso, localizar o lugar exato de onde provinha o barulho. O som vai aumentando, ficando mais claro, e daí a pouco eles escutam uma voz:

— Meus filhos, por que não cedeis ao amor? Por que permaneceis torturados, alimentando o próprio ódio? Quereis sofrer mais? Sede mansos, compreensivos e sereis recompensados. Tudo muda no mundo, como sabeis. Somente as vossas ideias é que vão permanecer imutáveis? Deixai isso para os ignorantes! Olhai o exemplo da Natureza. Quando se planta uma árvore, no início ela é uma tenra plantinha; depois vai se avolumando, tomando forma, e com o passar do tempo é uma gigantesca e frondosa árvore, que vem beneficiar a todos com os recursos que possui. Sem odiar a ninguém, transforma o ar em benefício comum, dá sombra para o viajor cansado, oferece seus frutos para a restauração das energias dos famintos e, no fim, sacrifica-se, é cortada e queimada para dar alegria aos homens. E vós, o que fazeis? Sendo espíritos já conscientes da vida, sabendo que a bondade de Deus é incomensurável? Vós sois mais do que árvores, frutos,

sombras e sacrifícios; sois filhos de Deus, com consciência, dotados dos valores imortais da razão, gozais da liberdade de pensar. Por que não usar esses valores para o bem, sabendo que é da lei que o que fazemos aos outros recebemos em quantidade idêntica? Vós podeis verificar a função dessa lei, com o pouco que sofrestes. Quanto de mal já semeastes, achando que a vingança é a solução, para o pouco que sofrestes? Se o Evangelho ensina o perdão, é porque o perdão abre o caminho para a felicidade. Se não fora assim, Cristo teria dito o contrário. Todos os plantadores de ventos que conhecemos, estão envolvidos nos torturantes reveses das tempestades. Observando a vida dos santos na Terra, vereis que os problemas que eles enfrentam são exteriores, pois por dentro eles vivem em plena felicidade, mesmo ferindo os pés nas farpas do mundo. Quem faz da vida uma vingança, dando vazão ao instinto de ferocidade, ao Orgulho, à Vaidade, carrega, além dos difíceis problemas do mundo, um inferno no coração. Seria bom que ouvísseis as presentes exortações, não só por estardes presos, oprimidos pela lei de reação, em resposta à ação que praticastes, mas que continuásseis a meditar, estudar, para depois responder, por livre e espontânea vontade, se quereis ou não seguir o convite, que não é nosso e sim do Cristo. Uma pergunta: por que gostais tanto de Cláudio? Porque ele vos respeita, é obediente e tem muito amor por vós. Daí é que vem a saudade; daí é que nasce o vosso amor por ele. Por que não mudais o modo de pensar e, em vez de amarem somente a Cláudio, não passais a amar toda humanidade? Aí, recebereis dessa humanidade o mesmo amor, como é da lei. Pensai um pouco e, quando quiseres conversar, falai no canto esquerdo do salão. Por esse meio podereis comunicar-se conosco. Adeus!

Imediatamente, Nabuco e Beatriz pularam para o canto indicado, falando por uma abertura:

— Queremos conversar com a voz que acaba de nos convidar para uma mudança de ideias. Estais nos ouvindo?

Trocam olhares e Nabuco diz à Beatriz:

— Vamos falar mais alto. Talvez... — e grita — Queremos falar com a voz que nos convida a mudar de ideia!

Uma voz mansa e tranquila responde:

— Estamos ouvindo muito bem. O que quereis conosco?

— Queremos que nos ajudeis! — responde Nabuco — Queremos ser felizes, mesmo que isso nos custe a prática do contrário àquilo que vínhamos fazendo. Se vós já tendes experiência de que o bem conduz a alma para a felicidade, ensinai-nos a fazer o bem; queremos é sair daqui. Por favor, nós vos pedimos, pelo amor de Deus, que acrediteis. Não suportamos mais!

A voz torna a ressoar no salão:

— Se estais dispostos, com lealdade, a seguir os conselhos de Jesus, sereis recompensados e logo estareis conosco, no Reino do aprendizado. Se quereis nos iludir, sereis removidos para lugares dez vezes piores do que este. Deus abençoe vossos corações, para que entendais, conosco, a vontade do Cristo, e então sereis livres para sempre. Meus queridos irmãos, atentai para isso: vós não sabeis que tudo o que existe tem uma idade. A forma de tudo é variável. É a lei, descoberta no mundo por Lavoisier, de que nada se acaba, mas tudo se transforma. Essa residência onde vos encontrais foi planejada para determinada duração, e amanhã à noite ela vai se espatifar pelos ares, como está planejado. Se não sairdes daí, sereis enrolados nessa massa contorcida pela força energética em libertação, e aí não poderemos prever vossos destinos. Permita Deus que isso não vos aconteça!

Nessa altura, os dois espíritos fizeram uma barulhada infernai, pedindo:

— Pelo amor de Deus, tirai-nos daqui! Aceitamos tudo o que seja, para que nos tireis daqui, estais escutando?

— Sim, estamos — respondeu a voz — ficai tranquilos e conservai-vos em oração. Fazei qualquer prece e sede humildes, para que possamos ajudar-vos.

— Não vos esqueçais de nós — falou Nabuco, passando, junto com Beatriz, a balbuciar orações de toda ordem, pensando na liberdade.

Daí a alguns momentos, voltaram a ouvir um pequeno barulho no teto. Beatriz foi ao canto e disse:

— Falai, falai que nós vos obedeceremos!

— Meus filhos — respondeu a voz — entrai no túnel que o Cláudio usou e chegareis a nós.

— Essa saída desapareceu — falou Nabuco — logo depois que o Cláudio passou!

— Enganai-vos. Olhai para o local, observai e vereis!

Os dois viram-se para trás, sem perder tempo, e veem novamente a saída. Avançam sem hesitar e são chupados através do túnel. Quando quiseram consertar os corpos já estavam, como por encanto, dentro da casa da Mãe Dudu. Viram a sala humilde, com pouca iluminação, e pareceu-lhes divisar dois homens a conversarem em voz baixa. A visão deles não era bem nítida, não lhes permitindo divisar bem os dois senhores. Ficaram quietos e, daí a pouco, Joaquim Nabuco foi atraído automaticamente para Mãe Dudu, sentindo-se dentro de uma pessoa. Esforça-se para sair daquela situação, mas não consegue. Surge-lhe a vontade de falar e, para sua surpresa, a voz sai normalmente:

— Meu Deus! Onde estou? Quem sois vós dois aí? Sois gente do mundo ou companheiros das Trevas?

O Dr. Cícero sentiu vontade de responder:

— Meu irmão, tu estás falando com alma que ainda vive em um corpo físico. É por isso que estás estranhando. Não precisas ficar admirado, porque entre o Céu e a Terra, tudo pode acontecer, desde que a lei permita. Podes falar sem temor, porque é conversando que poderemos entender as coisas, mesmo as mais difíceis. É conversando que se aprende, é conversando que ensinamos, desde quando essa conversa obedeça o ritmo do bem e procure as claridades da verdade. Fala!

Joaquim Nabuco, já dominando completamente o corpo da velha, fala com seu sotaque lisboeta:

— Onde está meu menino Cláudio? Preciso vê-lo; só assim sentirei paz. Sua mãe também está aqui e sente as saudades a sufocarem o coração. Não sei, meu senhor, por que motivo estou nessas paragens. Desconheço o motivo por que ficamos presos tanto tempo encerrados em um cômodo onde estávamos arriscados a sermos derretidos ou espatifados por tremenda explosão. Se não fosse uma voz amiga, que nos tirou de lá, estaríamos fritos. Ai, Meu Jesus Cristo, se não fosse a voz!...

— Meu amigo — respondeu intuitivamente o Dr. Cícero para que desejas o mal? Quem alimenta o ódio e a Vingança está sempre em grandes aflições. Os nossos sofrimentos são gerados pelos sofrimentos que causamos aos outros. Por conseguinte, se não queremos sofrer mais, façamos o bem, na certeza de que o bem há de nos procurar. Por que sentes amor pelo rapaz? Porque ele te ama também! Não é o caso de troca de valores iguais? Essa é a manifestação da lei de Deus; o semelhante atrai o semelhante. Se queres amor, ama; se queres perdão, perdoa; se esperas felicidade, faz os outros felizes. Talvez alimentes no coração um plano de vingança e é esse pensamento indigno que dá nascimento aos teus tormentos. Se queres que os teus tormentos desapareçam, acaba com a causa.

Uma faixa luminosa ligava Mãe Dudu ao espírito de Dona Beatriz, ensejando que ela escutasse tudo o que estava sendo dito ao Nabuco e, dessa maneira, ambos estavam sendo instruídos. Cláudio estava sentado, já bem disposto, escutando o diálogo com bastante proveito. Ele via seus pais sem que esses o percebessem. Joaquim Nabuco voltou a falar, com bastante humildade:

— Pelo que acabas de falar, és um homem de paz e, se assim é, poderás me informar, para sossego meu e da Beatriz, onde está o meu menino.

— Teu menino está aqui conosco — responde convicto o Dr. Cícero.

Nesse instante o Miramez influencia o médico, que aponta para um lado da sala e diz:

— Olha lá!

Joaquim Nabuco olha para o lugar indicado e avança em sua direção,

abraçando efusivamente o filho. O Dr. Cícero achou que o corpo de Mãe Dudu abraçava o ar, mas ele enlaçava, em seus braços, o querido Cláudio. Miramez aplicou as mãos na fronte de Mãe Dudu e fez com que Joaquim visse com bastante nitidez o moço Cláudio. Nabuco não aguenta a emoção e prorrompe em pranto copioso. A mãe também enxerga o filho e entabula longa conversa. Cláudio, a esta altura, aconselha-os:

— Sede obedientes, por favor; eu já senti a realidade. Agora só preciso de tempo para a devida recuperação. Esses homens, que por bênção de Deus estão conversando conosco, instruindo-nos acerca do bem que devemos fazer, são honrados, devem ser respeitados no que dizem e falam. Eles tratam os escravos dessa fazenda como filhos seus. Os antigos donos que morreram em Portugal estão sofrendo as consequências dos erros que praticaram. Eu não tenho mais ódio deles, graças a Deus e a esses moços, e também à velha escrava que lhes serve de instrumento para falar. Estou em um bom lugar; sabes onde, mamãe? Numa região Além do Ódio, onde sé existe o Amor.

Nesse momento, Mãe Dudu tomou Cláudio pela mão esquerda e Beatriz pela direita. Os três, chorando de alegria, fazem a prece que conheciam, quando encarnados: o Pai Nosso. Ao terminarem, já se notavam rabiscos de claridades na escura massa áurica dos três espíritos, sinais que prenunciavam a reforma dos corações. Com o ambiente meio alegre, os espíritos foram retirados, prometendo-se à Dona Beatriz que, em outra oportunidade, ela poderia usar a Mãe Dudu para também falar com os dois Senhores da Terra.

Mãe Dudu acorda, esfrega os olhos, sorri e pergunta:

— Foi tudo bem?

— Tudo bem; não podia ser melhor! — responde Sinhozinho.

Depois que terminaram as comunicações entre homens e espíritos, os moradores da fazenda foram à procura de seus leitões. Os espíritos saíram à procura de uma hospedagem espiritual que pudesse acolher aquelas três almas renovadas em seus sentimentos, em cujos corações começavam a aparecer pontos de apoio para o Bem. Miramez e outros amigos espirituais

retiram-se com o trio, e o instrutor paira no espaço, acompanhado dos outros espíritos, e começa a falar, dirigindo-se aos Nabuco:

— Meus filhos, vamos esperar um pouco aqui, para que possamos contemplar um espetáculo da Natureza.

Meio assustados, eles se juntam ao benfeitor, querendo saber o que iria ocorrer. Miramez continua:

— Nós vamos assistir, de onde estamos, à explosão da sala onde vos encontráveis. Está se aproximando a hora da sua destruição e é bom que assistamos para aprendermos mais.

Todos atentos, começaram a divisar o pequeno apartamento meio luminoso por fora, de maneira a ser conhecido de longe por alguém que passasse por ali. Todos puderam observar a casinha explodir e ir pelos ares, como se fora uma pena agitada pela ventania. Dividiu-se em mil pedaços e aquela energia libertada estende-se em uma direção, dá várias voltas na massa cheia de magnetismo inferior, produzido pelo ódio, e sai em direção ao infinito, sem rota certa, parecendo um grande biscoito, grosso no meio e afilado nas extremidades. Incandescente, aquele corpo partiu com velocidade impressionante. De vez em quando, Miramez fazia com que a imagem do biscoitão voador chegasse perto dos espectadores, que ficavam assustados com o volume daquela massa em chamas, que foi desaparecendo aos poucos, até sumir no espaço sem limites.

Os Nabuco estavam sobremodo constrangidos. Cláudio dirigiu-se a Miramez:

— Amigo, se nós, por acaso, não saíssemos daquela sala, ela explodiria conosco lá dentro? E nesse caso, nós estaríamos agora viajando sem destino naquele carro de fogo?

O instrutor, meditativo, parecendo entender de antemão tudo o que eles pensavam e falavam, respondeu:

— Sim, meus irmãos. Estaríeis viajando, presos às teias magnéticas produzidas por vós mesmos. Aquele fogo que acabais de ver é a temperatura do Ódio. Por Incrível que pareça, aquele material do cômodo

em que estáveis presos foi tirado da massa uniforme do vosso pensamento, crescendo cada vez mais pela força da Vingança. O pensamento é força obediente aos nossos sentimentos. Ele grava tudo o que passa pela nossa imaginação e, filtrando-se em nossa sensibilidade, essa força potencial endurece nos refolhos de sua estrutura, tornando-se uma energia presa. Desta maneira, a qualquer hora, pode acontecer uma catástrofe, com o objetivo de libertar as forças aprisionadas pela Invigilância das almas. O que acabais de contemplar é a força do ódio, dando curso inverso à destinação da vontade de Deus que, por misericórdia, nos fornece os meios de pensar e sentir a própria vida. O Evangelho de Jesus traça para todos nós uma conduta, não existindo outra que possa nos libertar dos sofrimentos. Todos os desequilíbrios das almas nascem do modo pelo qual é usado o pensamento. Quando Deus deu ao ser espiritual essa faculdade, deixou estruturado como usá-la para que não se caia em tentações. Depois aprendereis muita coisa acerca de como usar a faculdade de pensar. As escolas de Deus, pelo amor, só abrem as portas para os espíritos renovados. As almas que ainda não se interessam pelo bem ficam entregues às forças brutas da Natureza, com consequências desastrosas reguladas pela lei

Os espíritos que cercavam o instrutor. Miramez estavam deslumbrados com os profundos conhecimentos do Guia espiritual. Não imaginavam, nem de leve, que os caminhos do bem eram tão saborosos, como estavam começando a sentir. Agradeceram a Deus por tudo e saíram em direção a uma comunidade espiritual.

No campo material, os comentários acerca dos acontecimentos passados na casa de Mãe Dudu foram animados. Dr. Cícero iniciou a conversa com Sinhozinho:

— Será que os espíritos foram mesmo conduzidos para o bem? Em muitas coisas a gente fica no ar; a dificuldade que temos de conhecer o outro lado é grande demais e em certas horas ficamos confusos!

Sinhozinho riu e comentou:

— Qual é a tua dúvida? Talvez eu possa fazê-la desaparecer. A troca de ideias sempre faz nascer a compreensão.

— Bem, quando eu estava conversando com o espírito de Joaquim, houve um momento em que tive vontade, quando ele perguntou pelo filho, de apontar para um canto da casa de Mãe Dudu, e dizer: olha para ali. Tu te lembras? Pois bem, eu não estava vendo nada, senti foi vontade de falar. Não acha isso meio duvidoso? Não será que, em virtude do sofrimento, o espírito tenha sido influenciado pela minha sugestão? Se eu mostrasse a ele outra coisa, ele veria aquilo que eu quisesse? Essas é que são as minhas dúvidas.

Sinhozinho mudou de posição, contraiu o semblante e falou com firmeza:

— Meu amigo, então não acreditas no nosso querido Miramez?

— Oh! – espantou-se o médico – eu não disse isso! Não chego a tanto! Estou apenas duvidando de mim mesmo, das minhas intuições. Do nosso Miramez eu nunca duvidaria, principalmente depois das provas que já obtive! Tenho plena confiança no que ele disser, mas ocorre que ele não falou nada a respeito. Nesse sentido é que minhas dúvidas crescem.

Pensativo, Sinhozinho ouviu o cunhado. Com a fé e a confiança que não davam lugar às incertezas, respondeu:

— Olha, meu amigo; se nós confiamos no Guia espiritual Miramez, temos de confiar no trabalho organizado por ele. A tudo que se passa aqui ele está atento e não te deixaria cometer um erro desse, logo tu que, segundo o que disse o próprio Miramez, tens acentuada sensibilidade espiritual. Para mim, foi ele que acionou o teu braço, fazendo-o apontar para o canto da casa, porquanto lá estava o espírito de Cláudio, à espera dos outros espíritos e da hora certa para o choque emocional. Isso, no mundo espiritual é levado muito em conta, pois abrindo-se as portas dos corações, com a ajuda espiritual, começa a florescer o amor.

Dr. Cícero sentiu que o amigo falava a pura verdade. Na hora exata, ele havia sido forçado a dizer aquelas palavras ao espírito. Antes, não pensara em dizer que o Cláudio estava ali. Sinhozinho tinha razão... Delicadamente, pede desculpas ao cunhado que, sorrindo, bate a mão em seu ombro, dizendo:

— Bobagem, amigo. Com isso mostras que tua razão está fazendo parte de tudo que aprendes!

— Mas acontece que queria aceitar as coisas da maneira que tu as recebe, sem nenhuma dúvida. Com certeza, tens felicidade nisso.

Deram a conversa por terminada e saíram, cada um para o seu lado.

As mulheres já haviam terminado os preparativos para a viagem. Belinda irradiava alegria, pelo fato de ir morar no Rio de Janeiro. Márcia também estava satisfeita, mas um tanto preocupada, pois o marido tinha que ficar na fazenda durante um ano inteiro. A vida na Fazenda “Riachuelo” estava em pleno progresso, movido pelo dinamismo dos dois Senhores de Engenho e pela proteção espiritual atraída por eles.

Certo dia, Dr. Cícero, ouvindo os escravos cantarem na senzala, e analisando as letras da música, notou que ela carecia de melhor sentido. Começou então, a escrever letras e Sinhozinho, que tinha bom ouvido, punha a música e ensinava os escravos a cantar. As letras tinham que ser curtas, fáceis de decorar e dentro da maior simplicidade. As letras eram feitas com certo sentido espiritual, como as que seguem abaixo, três das inúmeras composições dos dois senhores:

Deus! Deus é nosso pai,  
Jesus Cristo, nosso amor.  
Deus! Deus é nossa luz,  
Jesus Cristo, nossa flor!

Viva Deus e viva o mundo!  
Viva a linda senzala!  
Viva Jesus, viva o mundo!  
Viva as bênçãos nesta sala!

Trabalham! Trabalham!  
Na casa grande de Deus,  
Aqueles que não trabalham  
Não podem ser filhos Seus.

Os escravos, satisfeitos, cantarolavam as músicas o dia inteiro, nos seus serviços. Havia algumas que eles consideravam sagradas e só as cantavam quando em conjunto, na senzala. Alguns sentiam certo estado de felicidade com o ambiente formado pelo canto, que na verdade era uma verdadeira prece dos corações sofredores. E como nenhum pedido é feito em vão, eram sempre respondidos com a presença de entidades espirituais elevadas que deixam sempre, por onde passam, uma sensação de bem estar, que sentimos, sem haver palavras que possam descrever. Assim acontecia quando os escravos enchiam a senzala com o seu canto.

O Dr. Teodomiro Travassos estava bastante modificado, em relação ao modo de pensar. Ele acordou da ilusão mortuária da vida física. Estava completamente vivo, em outros campos da vida. Apalpou-se, sentiu-se, era ele mesmo, sem faltar nada. Começou a pensar naquele padrão de vida. Como é que se processava? O que é que pertencia a ele naquela região? Será que tinha ali os mesmos direitos? Que dia seria aquele? Perdera a noção do tempo; sentia alguns abalos emocionais, o pensamento melhorava e piorava, de acordo com o que ele pensava ou sentia. Naquela interrogação íntima constante é convidado para uma aula, no lugar onde fora recolhido. Estava acordando do que parecia ser um grande pesadelo. Consciente e inconsciente ao mesmo tempo, não sabia bem explicar seu verdadeiro estado espiritual. Sentia fome, necessidade de tudo, até de higiene. Como ficara daquele feito? Nunca havia caído numa situação semelhante! Como ficara daquele jeito? Queria gritar pelos escravos, mas controlava-se. Não estava bem certo de onde se encontrava. Tinha que ter certeza primeiro, para então usar seus direitos. Ao perceber melhor seu estado, observou a decadência em que estava, em todos os sentidos. Estava horrível, parecia um pária! Um Senhor de Engenho nessas condições? Que devo fazer? Só se eu encontrasse o Padre Terêncio; ele poderia indicar-me o caminho e dizer-me o que eu deveria fazer.

E a tortura aumentava no seu coração. Parecia-lhe que havia permanecido em uma selva durante muito tempo e recordava-se aos poucos dos sofrimentos por que passara. Debruça-se no velho catre que lhe servia de leito e chora... soluçando como uma criança desamparada. Após algum tempo, começou a balbuciar uma rogativa, pedindo a Deus que o deixasse mesmo como um escravo, mas livre das torturas que estava

sentindo. Nessa hora, ouviu uma voz a chamá-lo:

— Irmão Travassos, vem, meu filho, para a escola da vida espiritual; abre teu coração ao arrependimento, esquece todo o ódio e busca o amor, que ele te livrará dos tormentos causados pela vingança; se dócil aos conselhos bons, acorda para a luz, trabalha para o bem de todos e ama sempre, que serás feliz.

Dr. Travassos levanta-se, olha para o lado de onde saia a voz, e começa a distinguir o vulto de um Padre; seria o Padre Terêncio? Achando que era o velho amigo, ajoelha-se aos seus pés e diz: — Meu grande amigo Padre Terêncio! Por Deus! Por que custaste tanto a aparecer? Eu precisava de ti para me salvar dessa situação calamitosa, meu Vigário. Tu sabes que eu sempre te obedeci, nos assuntos religiosos. Dá-me notícias, acalma meu coração! Onde estão minha mulher, minhas filhas e Sinhozinho Cardoso? Como está a fazenda? Fala, por amor de Deus; não deixes que eu pense que isso é sonho!

E chora sem interrupção. Acontece que o Padre que ele estava vendo não era o Terêncio. Esse ainda permanecia no pronto-socorro espiritual da Fazenda "Riachuelo". O espírito que se aproximara do Dr. Travassos era Monsenhor Cardume, que falou com doçura:

— Meu filho Travassos: não falas com nosso irmão Padre Terêncio, mas com outro companheiro que veio te convidar para a felicidade. O tempo urge e a vida não espera mais do que a lei determina. Se desejas te livrar das torturas do coração, acorda para Jesus Cristo e vem decidido a modificar-te. Vem, meu filho, para a escola do amor, que fica Além do Ódio; não percas tempo, acompanha-me.

Dr. Teodomiro, o arrogante Senhor de Engenho, quando no mundo físico, segura nas mãos benfeitoras de Monsenhor Cardume, em direção a um grande salão, onde iam e vinham muitos espíritos em serviço na casa. Mas logo chega um servidor tranquilo e humilde, disposto a colaborar. Cumprimentou cortesmente e foi respondido por Monsenhor Cardume:

— Isidoro, preciso dos teus bons serviços. Este nosso irmão, Teodomiro Travassos, tem necessidade de recuperação e espero que, nos moldes da casa, ele recuperado em nome de Jesus Cristo.

— Perfeitamente — respondeu o servidor.

E deu a mão ao ex-Senhor de Engenho, que o acompanhou com certa dificuldade para um salão próximo, de onde se descortinava belíssima vista para o Infinito. Ali ele foi tratado com os recursos da comunidade, instruído com as possibilidades do sítio espiritual e aprendeu a servir humildemente, sem condições.

O Dr. Travassos recuperou-se rapidamente com a terapêutica usada na casa. Aquele sítio espiritual, localizado nos céus de Portugal, tinha o nome de Parque de Recuperação Estrela do Oriente. Já bastante refeito, o tutelado de Dom Cardume sentia grandes saudades do Brasil, fazendo planos de trabalho para quando chegasse à Fazenda “Riachuelo”. De vez em quando visitava Dona Maria José, que se encontrava Internada no mesmo parque. Mas sua esposa da Terra não mostrava ainda sinal de consciência. Somente sonhava, tendo pesadelos constantes e pedindo notícias dos seus queridos que viviam na Nação Brasileira.

Em certos momentos, grande tristeza assomava ao coração do Dr. Teodomiro, quando ele se lembrava dos males causados aos outros, quando na sua vida terrena.

Mas logo afastava aquilo da mente, com muita disposição para se recuperar, saldando suas dívidas para com a humanidade. Já sentia saudade dos escravos, e costumava pensar que se Deus permitisse, ele iria ser escravo, para sentir no próprio caminho as necessidades alheias.

Passados alguns anos, o Mentor espiritual Fernando Miramez Olivídeo aparece em Portugal, em companhia de amigos espirituais, com o objetivo de levar para o Brasil o Dr. Teodomiro Travassos. O ex-fazendeiro Já compreendia sua função espiritual em todos os cantos da Terra. Sabia que existe um dirigente espiritual para o planeta, que era Nosso Senhor Jesus Cristo, e que abaixo dele, a escala era enorme até os lares. Em virtude de seus estudos no Parque de Recuperação Estrela do Oriente, havia recuperado um pouco da memória do passado, lembrando-se do Guia espiritual que, em nome do Céu, dirigia o grupo de espíritos de que ele fazia parte. E Monsenhor Cardume, em suas frequentes visitas ao Estrela

do Oriente, pôs seu tutelado a par da vinda de Miramez, para leva-lo à Legião do Triunfo, organização espiritual criada pelo próprio Miramez , com outros companheiros do bem, para dar assistência a todos aqueles que deixassem o fardo físico na Fazenda “Riachuelo”, servindo a instituição de pronto-socorro aos necessitados de toda a ordem, desde que estivessem em condições de serem amparados.

Miramez chegou ao Parque de Recuperação Estrela do Oriente, acompanhado de alguns servidores da Legião e de Dom Cardume. Sua visita foi anunciada e Dr. Teodomiro corre ao seu encontro, como um estudante Interno ao receber, no colégio, a visita dos pais. O ex-Senhor de Engenho estava ansioso por voltar ao Brasil, sentir o clima da Jovem Nação, matar a saudade dos seus familiares. Abraçou, como de costume, Dom Cardume, cumprimentou os outros visitantes e olhou, com firmeza os olhos de Miramez, surgindo aos poucos, no mundo da sua consciência, a lembrança daquele amigo, tutor espiritual de muitos Irmãos. Pôs-se de joelhos, agarrou as mãos de Miramez e beijou-as sem constrangimento.

Miramez coloca sua destra na cabeça do impetuoso Senhor de Engenho, dizendo:

— Levanta-te, meu filho, que eu também sou falível. Confia em Deus e tem como Gula Jesus Cristo, porque quanto a mim, sou apenas um teu companheiro empenhado nas mesmas lutas para melhorar-me. Agradecemos aos Céus essa oportunidade de nos encontrarmos de novo para novos planos. Estamos aqui para levar-te à Legião do Triunfo, tua velha casa, onde poderás trabalhar em favor dos que sofrem. Ali a legião do bem é grande, mas o serviço a fazer é maior ainda. Portanto, precisamos lá de obreiros e mais obreiros de boa vontade.

O Irmão Travassos, sentindo a felicidade encher seu coração, pôs-se à disposição para viajar a qualquer hora. Nisso, Dom Cardume toma a palavra e diz:

— Quanto à saída do nosso irmão Teodomiro, já está tudo acertado com a direção para hoje; não há problema nenhum e o amigo pode ficar sossegado. Caso queira — dirigiu-se ao irmão Travassos — podes fazer tuas

despedidas e agradecimentos agora mesmo, aproveitando o tempo para mostrar as dependências da casa aos nossos amigos do Brasil. Enquanto isso, eu ficarei conversando um pouco com Miramez.

— Pois não, Dom Cardume. Assim farei — respondeu Travassos, saindo com os visitantes a mostrar-lhes as dependências do casarão, explicando-lhes como funcionava a Estrela do Oriente nos Céus lusitanos.

O Parque era uma espécie de Reino para aqueles citados no sermão da montanha, do Evangelho. As perguntas se avolumavam em cima do Teodomiro, respondendo ele prazerosamente. Um dos visitantes pergunta:

— Quando foi construído esse parque, meu irmão?

Teodomiro, que havia lido toda a história da instituição, explica:

— Esse parque, meu irmão, foi organizado por antigos judeus convertidos para Jesus, radicados em Portugal, que deram suas vidas pela causa do Mestre, há mais de mil anos. Depois que Jesus surgiu na Terra, meus companheiros, foi que apareceram todas essas colônias e pronto-socorro, todos esses sítios, enfim, todas essas comunidades de amparo, para ajuda aos espíritos recém saídos da Terra. Antes disso, não havia condições nem Inspiração para nenhuma dessas construções. Fica parecendo fantasia, mas é a pura verdade. Só depois de pregado o Evangelho nos quadrantes espirituais da Terra é que a Caridade foi feita na verdadeira expressão do Amor. Antes, ninguém a conhecia como fonte de salvação. Cada lar desse, em qualquer canto do mundo, tem sua história fascinante, alicerçada na inconfundível personalidade de Jesus.

Adélío, um amigo que acompanhava o irmão Teodomiro na visita ao parque inquire, surpreso:

— Mas antes de Jesus não havia nenhuma assistência espiritual nesse campo em que trabalhamos?

O antigo dono da Fazenda “Riachuelo” responde, prestimoso:

— Não é bem assim! Assistência nunca deixou de existir em tempo algum. Eu talvez não tenha sido bem explícito. A maneira pela qual a

assistência é dada hoje é que à muito mais completa. É como compararmos os animais da selva com as ricas quintas no turbulento seio de Lisboa, entendes?

Os companheiros queriam perguntar mais, mas o tempo se esgotou. Teodomiro apresentou seus acompanhantes aos dirigentes do parque, agradecendo aos mesmos o tratamento recebido ali, explicando que ia partir para o Brasil, em companhia do seu tutor espiritual, Fernando Miramez de Olivídeo.

A caravana deu adeus a Portugal e partiu, sulcando o espaço, rumo ao Torrão Brasileiro. Quando já haviam alcançado grande altura, Miramez aponta para trás, parando para que todos observassem a forma do Parque de Recuperação Estrela do Oriente que, em forma de estrela, falseava luzes de todos os matizes, ensejando linda contemplação que não pode ser descrita em folha de papel.

O Dr. Teodomiro sentia a grandeza de Deus, compreendia o amor de Jesus para com todo o rebanho do qual Ele era o Pastor. Quando a caravana vai se abeirando dos Céus da América do Sul, Miramez diminui a velocidade e o grupo contempla, nos Céus adjacentes ao Brasil, um Cristo de braços abertos, como se estivesse convidando toda a humanidade para participar do banquete espiritual na Pátria do Cruzeiro. O irmão Teodomiro pediu para pararem, olha bastante para a divina obra, cai de joelhos e de seus olhos rolam lágrimas de deslumbramento e de saudades, de amor e de felicidade. Eram lágrimas que pareciam estar separadas nos escaninhos do coração, para serem derramadas depois de tanto ódio, no percorrer de sua existência no mundo da carne. Os outros espíritos que acompanhavam Miramez fizeram o mesmo, pois ainda não tinham visto a arte das artes, em pleno fulgor nos espaços da América do Sul, simbolizando o espírito da Nação dando a entender que o Mestre dos Mestres estava na Terra de Santa Cruz, esperando por todos aqueles que tivessem a felicidade de fazer parte do rebanho brasileiro. Como todos haviam ficado extáticos com a beleza do “Cristo da Redenção”,

Miramez falou, comovido:

— Meus filhos, também eu, quando tive a oportunidade de passar por essas bandas pela primeira vez, senti o mesmo impulso que vós estais sentindo, de vos ajoelhardes frente a esse símbolo de vida, e chorar. Esse resplandecente Cristo, de braços abertos, tem mil metros de altura e foi feito de uma matéria que fornece ao viajor que o contempla reações diferentes, causando-nos alegria duradoura. Isso também significa que ele nasceu no Oriente, mas veio nos esperar aqui no Ocidente. O Brasil é a Terra da Promissão, da Justiça e do Amor. Se o Evangelho foi desnaturado, esquecido e empanado pelas outras Nações do Mundo, o Brasil está destinado a recuperá-lo, em espírito e verdade. O Cristo espera Seus verdadeiros discípulos na Nação Brasileira, para que, dali, as luzes do Seu amor possam dissipar todas as trevas que hajam gangrenado as outras Nações. Os artistas que planejaram e construíram essa figura simbólica do Mestre, como preito de gratidão a Jesus, desceram de esferas luminosas. Isso aconteceu antes que o Brasil fosse visitado pelos desbravadores portugueses.

Após a explanação de Miramez, todos prosseguiram a viagem em silêncio e desceram na Fazenda “Riachuelo”. O antigo Senhor de Engenho fecha os olhos em uma prece, agradecendo todas as oportunidades que surgiram em seu caminho, de maneira que ele pudesse, naquela hora, adentrar seu lar terreno, reformado, com a compreensão que já possuía da vida e pela vida.

A família do Senhor de Engenho já havia se mudado para o Rio. Reinava grande alegria, principalmente no coração de Belinda, por ter realizado seu sonho de viver no Rio, desfrutando da vida e mantendo a esperança de casar-se. Os meninos já estavam crescidos, frequentando escolas, com ótimo aproveitamento; eram duas inteligências que iriam trabalhar muito para a libertação dos escravos, fazendo parte da grande engrenagem para que a Princesa Isabel pudesse assinar a Lei do Ventre Livre e, posteriormente, a definitiva liberdade total da escravidão no Brasil, sonho alimentado pelos dois senhores sucessores do Dr. Teodomiro Travassos.

E a Fazenda “Riachuelo” continuava na sua reforma das coisas, progredindo na arte de trabalhar, com seus habitantes entusiasmados de viver, esperando a ansiosa notícia da liberdade dos cativos, seu definitivo

ideal.

## CAPÍTULO XX

### COLÔNIA DO TRIUNFO

“Na casa de Meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, não teria dito. Pois vou preparar-vos lugar”.

No dizer do Mestre Jesus, há muitas moradas na casa do Pai, tanto materiais como espirituais. “Se assim não fora, eu não teria dito; pois vou preparar-vos lugar”.

Ficamos sabendo que antes do Cristo não havia moradas no plano espiritual, adequadas para receber toda a avalanche de espíritos desencarnados que tivessem necessidade de um tratamento adequado com misericórdia. Os ambientes existentes não eram dotados dos valores do coração, como atualmente. O que hoje existe, são legados do código Divino ao mundo espiritual, com repercussão no mundo material, verdadeiros tesouros deixados pelo próprio Cristo, há dois mil anos.

Foi depois que o Céu desceu à Terra, pelo canal cósmico Jesus Cristo, que Ele, o Mestre dos mestres, preparou lugar. Deu ordem para a organização de colônias, postos e comunidades inúmeras, estimulando, com o Seu próprio amor, esse serviço de caridade, em todos os quadrantes do planeta. Jesus disse mais: “E quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também”.

Afirma o Divino Senhor que iria preparar lugar e que voltaria para buscar o seu rebanho, que é constituído por toda a humanidade. Assim, todos os que passam para o outro lado da vida são recebidos em nome de Jesus e conduzidos para a casa que lhes é própria. Ninguém fica no abandono, em circunstância nenhuma, mesmo aqueles que são arrojados às

zonas inferiores, pelos seus próprios atos, pois os mensageiros dos Céus sempre os assistem. No momento oportuno, quando os corações, amordaçados pelo ódio, dão sinal de arrependimento, são conduzidos para uma das casas do Pai. Tais moradas, cuja ordem evolutiva é variável, existem em toda a extensão do infinito, com várias delas nos Céus Brasileiros.

Os espíritos Evoluem com seus próprios esforços. Porém, encontram mais facilidade quando procuram reunir os esforços, em grupos. Há uma lei de fraternidade, uma lei da compensação de trabalhos e troca de experiências, que ajuda muito. O que uma alma já granjeou poderá servir de exemplo para outra, e vice-versa

Os figurantes deste romance representam fração mínima dos que trabalham reunidos pelo ideal de servir à grande causa de Nosso Senhor Jesus Cristo. E, para que eles tivessem um lar também no espaço espiritual, foi criado, nos Céus do País, um casarão de proporções indescritíveis, que serve também como ponto de concentração dos que se movimentam nos dois planos. O lar correspondente da Fazenda “Riachuelo” no mundo dos espíritos tomou o nome de Legião do Triunfo e tinha, no Cristo, a figura máxima. Três obreiros do bem idealizaram essa legião, sendo um deles o nosso bem conhecido Fernando Miramez de Olivídeo. E todos os que ali aportavam tinham como uma das principais metas de trabalho, dar a melhor assistência possível aos escravos brasileiros. Para tal propósito, trabalhavam procurando minorar os sofrimentos daquela gente. Contudo, não interferiam nos limites traçados pela lei do carma<sup>[3]</sup>, que impulsiona o ser para a subida evolutiva, quer ele queira, quer não.

O desenho do casarão, visto de longe, se assemelhava a dois T colocados um ao inverso do outro, quase a formar um “X”, o que lhe valeu ser chamado, mais popularmente, de CCX. Nos seus amplos quintais, além de plantações diversas, havia alas reservadas para esportes, palestras e seleção de pessoal para os trabalhos.

Vasta gama de povos foi aderindo à colônia, inclusive alguns índios, desde que se dispusessem a trabalhar, uma vez que a ociosidade não era permitida naquelas hostes. Até mesmo os enfermos tinham que

desempenhar um determinado labor, de acordo com o seu estado de saúde. Era gente de todas as raças e camadas sociais, que se afinizavam pelo ideal do bem comum.

Com o passar dos tempos e a grande quantidade de espíritos que a buscavam, a Legião do Triunfo foi se tornando pequena. Surgiu, então, a ideia de uma ampliação: transformá-la em colônia. Fez-se, assim, o pedido ao Plano Maior. A resposta veio positiva, estabelecendo-se planos para transformar a Legião do Triunfo em “Colônia do Triunfo”, acabando o nome antigo do departamento, conhecido doravante apenas por CCX.

Espíritos especialistas desceram de esferas superiores. Traçaram planos, desenharam as plantas e prepararam o terreno. Ao todo, os engenheiros siderais eram sete.

Um deles era o Mentor Miramez, Guia espiritual da Fazenda “Riachuelo” e que se constituía em uma coluna pensante, a buscar o material necessário à construção de mais uma casa do Pai. Os outros seis eram de planos diferentes e somente por umas duas vezes foram vistos pelos habitantes, mesmo assim, com muito sacrifício. Suas vibrações sutis os tornavam invisíveis e foi necessária uma sessão de materialização, em um dos salões da Legião, para que pudessem ser vistos normalmente pelos trabalhadores. Isso porque somente alguns poucos se achavam em condições de sintonizar um plano tão elevado.

Esses engenheiros, em seus trabalhos, estudaram minuciosamente as plantas da colônia em perspectiva, que era dividida em sete partes, cada uma com um responsável direto.

Depois apareceram outros espíritos superiores, que atravessaram os pórticos da Legião, transportando volumosa bagagem, espécies de câmeras cinematográficas, e outros aparelhos similares. Foram logo reconhecidos pelos “Colunas” como os “plasmadores de história”. Seu trabalho consistia em plasmar em matéria sensibilíssima, toda a construção, como numa filmagem aperfeiçoada, legando aos arquivos da instituição as ocorrências todas da sua construção.

Ao se apresentarem foram recebidos com euforia, mas, logo após,

pediram licença para começar seus trabalhos, com desculpas de não poderem perder tempo. Os “Colunas” riram com a atitude dos cinegrafistas, que conversavam muito entre si, mas sempre trabalhando. Miramez exultou, pois é dos que apreciam fazer várias coisas a um só tempo.

Foi mostrado o local aos cinegrafistas. Era necessário que iniciassem as filmagens antes do começo das obras. Lá arrumaram suas máquinas em pontos estratégicos, num trabalho complicadíssimo, que requer conhecimentos de Geografia, muita sensibilidade auditiva, intuição do momento exato de disparar, sem perda de tempo, e obedecendo às ordens de um diretor, captadas através de minúsculos aparelhos colocados no interior dos ouvidos.

Na construção propriamente dita, em primeiro lugar se processa a limpeza do ambiente, por intermédio de desintegradores espirituais, para não retardar a fermentação da massa fluídica a se mover na ampla região.

Interligando os cinegrafistas, são instalados fios que só se tornam visíveis quando todo o sistema vibratório é ligado, deixando de existir ao se desligar a transmissão por volume de ondas. As ondas, por sua vez, eram formadas por uma projeção de forças magnéticas um tanto grosseiras e serviam de canal para micro células luminosas. No aparelho manual, de cada cinegrafista, essas ondas imprimiam a filmagem, a partir do instante em que o cinegrafista recebesse a ordem do diretor. Se o trabalho das filmagens, num dado instante, carecesse de mais luz, havia um dispositivo que, a um leve toque, acendia um grande holofote giratório, com energia fornecida por um reator e aproveitada para aumentar a potência da própria máquina de plasmagem.

Trabalho admirável aquele, realizado antes da chegada dos “Colunas” e que propiciava, a quantos o assistiam, lições sublimes e profundas da Ciência, Tecnologia, Filosofia, Geografia e História.

O diretor, postado no alto, a tudo via, devido a um sistema de espelhos refletores, grampeados em hastes presas a um engenhoso dispositivo montado em seus ombros. Num dado instante ele fala, utilizando-se de um minúsculo aparelho fixado próximo aos seus lábios,

ordenando a dois dos cinegrafistas que assestassem suas objetivas para o BS quadrante sul. Num lapso, os dois dispararam suas máquinas na direção preconizada e, com os olhos encaixados na forquilha traseira do aparelho, viram sete pontos luminosos pequeninos, a se moverem rumo ao local determinado para a construção da colônia. Os outros tiveram ordens para intercruzar seus holofotes, dirigindo-os para a iluminação total da região. Logo em seguida, descem ao centro da morada em construção os sete "Colunas", conversando rapidamente, sendo focalizados por outras câmeras. A planta total foi dividida qual um queijo, com as partes concêntricas afiladas.

Cada um dos "Colunas" tomou conta da parte que lhe pertencia. No centro da colônia iria ser construído um edifício impressionante, com mais de duzentos metros de altura, com a forma de um foguete ou de um lápis de luz, conforme passou a ser chamado. Desse edifício saiam grandes avenidas, a se estenderem em todos os rumos.

Vamos encontrar os sete espíritos encarregados da construção já em seus diferentes pontos. Algumas máquinas focalizavam os "Colunas", mas duas delas se voltavam para o alto, por determinação do diretor; e mesmo sem que os câmeras observassem alguma coisa, continuaram a filmagem sem se deterem. Com poucos segundos começaram a surgir, aqui e ali, espécies de pequenas nuvens, com pouco brilho, mas que eram atraídas umas pelas outras, confundindo-se, como por encanto. Na verdade, eram poderosas massas energéticas atraídas pelas mentes adestradas dos "Colunas", com a mesma densidade, com o mesmo peso, com o mesmo teor vibratório, com o mesmo poder de elasticidade e, em poucos minutos, parecia um turbilhão de pequenas nebulosas a se fundirem com a massa maior. Foi se estendendo, foi se avolumando e girando no alto por força exclusiva da própria energia nelas existentes. Os "Colunas" eram focalizados de vez em quando, e pareciam revestidos de poderosíssima luz, no comando total da inteligência, formando, por projeção de força, um campo de atração no espaço, e daí é que eram atraídas essas pequenas nuvens de forças, formando a grande nebulosa sem forma definida, a girar em torno de si mesma, esperando novas transformações.

A certa altura raiou um sinal confuso para os câmeras, mas perfeitamente entendível para os "Colunas", que começaram a deixar os

seus postos e, afastados olham para o alto. Nisso, os câmeras recebem ordens, quase todos, de focalizarem para o alto. Ajustam a posição, nos ângulos pedidos pelo diretor, vindo a ordem de filmarem os aparelhos. Dão os últimos toques, colocam lentes de aproximação, fazendo um ajustamento automático de lentes de forma que qualquer imagem, a milhares de quilômetros, parecia ficar a poucos metros de distância, com a faculdade de o operador poder aproximar e distanciar a imagem, sob o controle de dispositivos do maquinário.

Com todos dentro de grande expectativa, desenha-se no espaço cósmico um filete de luz em direção à volumosa massa de fluidos, com aparência completa de uma nebulosa recém formada. Luzes furavam o espaço por intermédio dos poderosos holofotes, que também iluminavam por baixo da massa uniforme, mostrando assim toda a beleza do espetáculo da criação da Colônia do Triunfo, em pleno Céu da Pátria Brasileira, Nação escolhida para refletir com mais pureza as bênçãos dos Céus no resto do planeta.

Com o correr dos segundos, já se notava que o risco de luz brilhante, antes obediente, estende-se em todas as direções, tornando-se uma enorme região de terras rasgava o espaço em uma projetada direção da nebulosa giratória. Voltando a visão para o espaço, ninguém suportaria observar, nem mesmo através das máquinas em virtude da intensidade da luz. Os câmeras fecharam os olhos, deixando as máquinas trabalharem automaticamente. A esfera de luz penetra a massa de fluídos densos, produzindo sons belíssimos.

Nesse instante, a voz do comandante ecoa forte para que todas as máquinas focalizassem o centro da nebulosa, com pleno funcionamento dos holofotes, para melhor visão do roteiro da esfera na compacta massa de fluidos espirituais atraídos ali pelos "Colunas" de Deus, em serviço com Jesus.

Descrevemos, aqui, um período da criação da Colônia do Triunfo, vindo então o descanso do primeiro dia de labor. Aquela massa fluídica era como se fosse uma massa de trigo para o fabrico de pães. Estava pronta e a esfera de luz era como que o fermento Divino para consubstanciar a massa, dar-lhe maior elasticidade e vida. Aquela esfera iria girar algum tempo ali,

visitando todas as particularidades da matéria fluídica, enriquecendo seus componentes com valores eternos.

Quando surgiam perguntas sobre detalhes, aos maiores da espiritualidade, ele contornavam o assunto e notávamos logo que ainda não era tempo de conhecermos essas verdades.

A massa, quando fermentada, tomou outra expressão. Cresceu de tamanho assustadoramente, e sentia-se a vida presente em toda ela. Em nova etapa do trabalho dos “Colunas”, esses tomaram lugares diferentes, com o sistema de filmagem já em pleno funcionamento. Projetaram suas forças mentais no centro da nebulosa e essa, obediente, estende-se em todas as direções, tornando-se uma enorme região de terras espirituais. Daquela massa disforme, já se distinguiu a extensão fabulosa da colônia, com forma definida para ali trabalharem, viverem e evoluírem muitas e muitas almas em busca da perfeição. Veio novamente o descanso, para depois continuarem o trabalho.

A seguir, foram estruturadas as ruas, avenidas etc., tudo partindo do centro da colônia, e assim as fontes, sulcos no terreno por onde iriam passar os rios. Tudo ficou pronto, em vários períodos de trabalho e, como já falamos no início, erguia-se no centro o “lápiz de luz”, com mais de duzentos metros de altura, onde se localizaria toda a administração da colônia. O edifício era como se fosse um enorme foguete moderno, apontado em direção ao Céu.

O último salão da gigantesca construção é destinado à observação panorâmica do cosmo. No afilamento do grande lápis foram instalados, por operários competentes, de outras esferas, aparelhos de alta sensibilidade, de maneira que se pudesse captar em 180°, os Céus, e projetar na grande tela côncava a imagem focalizada. Ali também funcionaria a biblioteca, com mais ou menos um bilhão de volumes<sup>{4}</sup> para todos os estudantes de boa vontade. É, de fato, um imponente edifício, no centro da praça, onde se ergue majestoso e soberano como se estivesse indicando aos transeuntes as outras moradas do Pai. Na parte exterior do grande prédio funcionam grandes elevadores, a deslizarem suavemente, deixando o pessoal aqui e ali. No primeiro andar ficou centralizado tudo o que se refere à assistência social. Ali se encontram informações das mais perfeitas, com um fichário

completo para consultas. Graças a essa organização, a colônia tem prestado relevantes serviços de caridade. Os outros andares são ocupados por departamentos especializados em tudo o que se possa pensar sobre evolução das almas; escolas funcionam sem interrupção, inclusive para encarnados que queiram se matricular em cursos de aperfeiçoamento. Há muitos encarnados que assistem aos cursos administrados no lápis de luz da Colônia do Triunfo, recebendo aulas mais leves, sem exigências de tarefas que são impostas aos espíritos livres do fardo físico.

As avenidas que se estendem em todas as direções, partindo do centro da praça, caracterizam a beleza estética da colônia. Desde o princípio dessas vias começam as construções que vão se sucedendo até o fechamento da área habitada, onde foram feitos enormes pavilhões destinados à assistência dos espíritos recém chegados ou dos que ainda permanecem enfermos, carecendo de maior equilíbrio.

De um ponto mais alto da região, nasce um córrego que vem se avolumando com afluentes, e que se abre em braços na área construída, obedecendo aos planos traçados pelos responsáveis pela construção. Pomares e mais pomares crescem em grande extensão; flores de todas as qualidades, árvores de todas as espécies, campos, matas. Enfim, a colônia se mostra atraente para espíritos das mais variadas naturezas.

Enquanto isso, na Fazenda "Riachuelo" reuniam-se, na casa de Mãe Dudu, Sinhozinho Cardoso e o Dr. Cícero Drumond Calislande que, depois de uma leitura evangélica — 2ª Epístola de Pedro, cap. 3 — comentou o trecho, de acordo com suas possibilidades, ressaltando a frase "o cristão deve esperar o Senhor, viver vida reta, estudar as Escrituras e crescer em Jesus Cristo".

— Todo cristão — começa a falar o Doutor — tem que esperar a Deus em sua consciência e procurar ouvir Sua voz, obediente a esse comando íntimo. Com certo espaço de tempo, creio que não mais cairemos em tentação, porquanto o Senhor nos guiará e nada nos faltará na vida. Para que o Senhor nasça em nós, é necessário que sejamos obedientes às Suas leis, explicadas por Jesus e desenvolvidas pelos apóstolos. Com esse esforço, nossa alma começará a ouvir e a obedecer a vontade de Deus, atendendo ao impulso do coração. Pedro continua dizendo: "Viver vida reta". Não

poderemos sentir felicidade se não iniciarmos a vida sem desvios, sem erros, estruturada dentro dos preceitos do Mestre. Não há vida mais reta do que a ensinada por Jesus e vivida por Ele, na face da Terra. A existência de curvas significa sofrimentos, demora. Nas próprias experiências do mundo físico nós sabemos que quem passa por uma estrada reta chega primeiro do que aquele que envereda por um caminho cheio de curvas. Viver vida reta é viver honestamente, ó viver no Bem, no Perdão, no Amor, no completo respeito aos direitos alheios. Estudar as Escrituras é uma obrigação de todo homem, principalmente do cristão. Ali estão todas as normas de vida do Mestre. Com a força usada na dedução das coisas lidas, descobrimos outras coisas mais valiosas e nós é que saímos ganhando, por nos termos alimentado com o pão Divino da compreensão, com o vinho da Sabedoria e o fermento da Verdade, que começará a crescer em nós, para a eternidade. Crescer em Cristo, é conhecer Jesus em todos os seus fundamentos e meditar nas Suas sublimes lições. É procurar, na vivência diária, a mesma conduta do Mestre. Pelo que já notamos, Cristo está em todos nós de maneira invisível, só aparecendo quando começamos a entende-Lo, quando começamos a senti-Lo, quando começamos a vivê-Lo. Aí, Ele se faz presente e realmente iniciamos a caminhar com o Mestre e ouvir diretamente a Sua voz, como aconteceu a Paulo, o vaso escolhido para a glória de Deus, no dizer do próprio Cristo.

O Dr. Cícero silenciou, dando graças a Deus pela oportunidade daqueles momentos de recolhimento espiritual, e Sinhozinho fez sentida prece, tornando o ambiente completamente favorável ao trabalho espiritual.

Logo as faculdades de Mãe Dudu foram tomadas por Miramez, que foi dizendo:

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, meus filhos do coração! Que as bênçãos do Eterno caiam sobre todos vós. Aqui venho eu, como todas as vezes, por sentir a felicidade de estar nesse meio, tendo a oportunidade de insuflar em vossos corações um ânimo maior peia vida, uma alegria mais verdadeira pelo trabalho e uma caridade mais substanciosa para com aqueles que ainda não conheceram a Liberdade que não sentiram ainda os próprios dons de que são portadores. Não que eu ande espargindo luzes por onde passo, nem porque possuo entendimento

maior que os outros. E por estar do lado de cá; e a misericórdia do nosso Mestre foi tanta que encontramos a velha escrava humilde, portadora dessas qualidades, que serve de pontilhão entre os dois mundos. Entender Deus á o nosso objetivo maior, mas para entendermos o máximo, necessário se faz que primeiramente entendamos o mínimo, as mínimas coisas da criação, que pululam por todo o infinito. A leitura feita, da Segunda Epístola de Pedro, em um dos versículos, traz toda nossa missão desta noite: anunciar para vós que, agraciados pela Luz Divina, tivemos a ventura de ver, colocada em nossas mãos, mais uma casa do Pai, a serviço da fraternidade pura. Ouçamos o versículo: “Nós, porém, segundo a Sua promessa, esperamos novos Céus e nova Terra, nos quais habita a Justiça”. Qual, meu Deus, a esperança dos cativos desta Nação amiga, de encontrar novos Céus? Qual meu Jesus, a certeza desses escravos de encontrar nova Terra e novos Céus, onde exista justiça para todos, para eles e para nós? Terra, onde encontramos o trabalho sem desespero; Céus, onde não se registram as guerras fratricidas, a não ser a luta íntima de cada ser, a procura de aperfeiçoamento. Terra, onde os campos não retardam as colheitas, por faltarem as condições climáticas necessárias, porque lá não faltará a Chuva e o Vento, o Sol e as bênçãos de Deus para o bom trabalhador; Céus, que não deixam nunca de ouvir o lamento da Terra, através de seus emissários; Terra que fundamenta suas aspirações no mais alto grau de justiça, dando a todos oportunidades compatíveis com seu adiantamento espiritual. Céus, que derramam bênçãos, em todos, por igual, de forma que um sente felicidade quando vê o outro receber mais, por direito. Céus e Terra se confundem, porque um sem o outro, para o nosso estado evolutivo, não teria razão de ser.

Sinhozinho Cardoso e o Dr. Cícero estavam ansiosos pela notícia de Miramez. Qual seria a nova, motivo de tantos rodeios? O silêncio se fez, sem ninguém ter coragem de quebrá-lo. Miramez continua, sorridente:

— Meus filhos, temos de agradecer a Deus por tudo que Ele nos tem confiado. Eu venho anunciar-vos que foi criada, pela misericórdia de Jesus, nova Terra, aparecendo, com isso, novos Céus, para todos nós, escravos de nossos defeitos. Lá, haverá justiça, feita por nós mesmos. Lá, encontraremos motivos para melhorar mais. E a Justiça, por lei, proteger-nos-á com mais amplitude. Todos são sabedores da existência da Legião do

Triunfo. Pois bem, essa passou a ser departamento de uma comunidade muito maior, com o nome de “Colônia do Triunfo”, com possibilidades avançadas de nos instruímos com métodos mais condizentes para com aqueles que têm por meta o progresso. A antiga organização, que conhecíamos pelas iniciais CCX, continua sendo conhecida assim, perdendo o nome de Legião do Triunfo, a favor do de “Colônia”. Foi para isso que hoje vim junto aos irmãos: para agradecer a Deus tudo o que recebemos. E se permitis, faremos juntos uma oração, em reconhecimento à grande oferta dos Céus aos espíritos ainda chumbados à Terra.

Reina o silêncio. Passados alguns segundos, Sinhozinho dirige-se ao Mentor espiritual:

— Caro amigo Miramez: nós não temos palavras para vos agradecer o anúncio desse grande acontecimento. O que temos para oferecer a Deus, diante de tanta bondade? O que somos, perante a vida, em comparação com a Sabedoria Superior? Nada, mas nada mesmo! Somos, por misericórdia desse Deus de luz, verdadeiras crianças e, sendo assim, o que podemos fazer, dentro da nossa capacidade e atendendo ao nosso coração, é acompanhar-vos, em prece, pois somente vós tendes capacidade para proferir uma oração, nesta hora.

Dr. Cícero, antes envolvido em profunda meditação, aproveita o silêncio e diz:

— Caro companheiro espiritual Miramez: recebei, como sempre, os nossos respeitos e a nossa admiração, na plenitude dos nossos entendimentos. O que eu tenho a dizer é uma repetição do que já disse o Sinhozinho. Agradecei a Deus por tudo e inclua os nossos préstimos, caso sejam de alguma utilidade, na vossa fervorosa oração.

Miramez concentrou sua mente no Senhor, deixou exteriorizar todo seu sentimento de amor, e falou com doçura:

— Deus, de bondade infinita! Lembramo-nos de novo da visão que destes a Moisés, do princípio da vida a se estender em toda a crosta da Terra, mostrando ao legislador hebreu quanto vale a bondade dos Céus, de onde saiu o germe da própria vida, que até hoje vibra em todos os quadrantes do globo. E Moisés, como canal condutor das verdades

soberanas, plasmou toda essa história, em que se fundamenta tudo no mundo, para um livro, de maneira que o povo pudesse compreender alguns reflexos da verdade. Ensinai-nos a confiança e a obediência possuídas por Moisés, depois que ouviu a Vossa voz. Ensinai-nos a orar, Senhor, como ensinastes aos profetas, de Abraão até Malaquias, tempo em que a oração era cultivada de maneira a fazer desaparecer todas as dúvidas, dissipar todo o temor, ampliar todas as qualidades espirituais da força do amor. Lembramo-nos de Daniel na cova dos leões, sem ser atacado pelas feras, garantido pela força da fé, motivada pela prece viva. Lembramo-nos da fé de Salomão, entendendo que, no clima da oração, sua sabedoria se estenderia até o infinito. Não nos esquecemos do grande profeta Isaias, que depois de longas orações, em esconderijo apropriado para a conversa com os Céus, dali saía profetizando coisas que valeriam para séculos adiante, chegando a ponto de detalhar minuciosamente alguns martírios do Mestre. Não podemos deixar de nos lembrar de Eliseu, com seus fenômenos e tantos outros personagens bíblicos que, por falta de tempo e de espaço, deixamos de mencionar. E, passando mais adiante, encontramos o próprio Cristo a incentivar a oração, como único talismã de garantia permanente, para a vida com a paz. E os Seus discípulos continuam em todos os labores, orando e trabalhando, servindo e amando, mas tendo por base, para o intercâmbio com os Anjos, o clima da oração. Senhor de todas as coisas, ensinai-nos a orar, para que possamos servir melhor! Deus de bondade, agradecemos-vos pelo meio que possuímos, que é a prece, por tudo o que nos concedestes, principalmente a criação da Colônia do Triunfo, como misericórdia para todos nós, sofredores. E esses de boa vontade, nesta fazenda de escravos, que ora aqui estão, pedem a Vossa bênção magnânima, para que possam trilhar os caminhos ditados pela consciência, e que essa possa sempre refletir a Vossa lei. E nós todos, da Colônia do Triunfo, no mundo físico e fora dele, pedimo-Vos, como os discípulos rogavam a Jesus: ensinai-nos a orar aquela oração que primeiro se exterioriza em vivência, depois em palavras. Que a Vossa paz seja nosso clima, para sempre.

Espiritualmente, parecia que dentro da casa da velha escrava havia um Sol. Luzes coloriam todo o ambiente; os Senhores de Engenho pareciam tomar banho em uma piscina de luz. As paredes, o teto, o chão, os móveis da casinhola, tudo vibrava em intensa harmonia. O cálice de

felicidade dos dois homens não comportava tanta alegria espiritual, tanta compreensão, tanta bondade de Deus!

Miramez despediu-se, retirando-se do corpo de Mãe Dudu, que mais parecia uma estrela no céu daquele lar. Dezenas de entidades espirituais haviam se reunido para a grande festa da noite; todos abraçaram Miramez, como leal servidor de Jesus Cristo. No mundo espiritual, viam-se ondulações policrômicas a tremularem nos céus da fazenda, desprendendo um perfume encantador, saído do frasco divino do coração que ama.

E a Colônia do Triunfo, vista de cima, parecia mais uma grande ilha, no meio de um oceano cósmico, a cumprir a promessa do Cristo, que haveria de aparecer nova Terra, de onde se contemplariam novos Céus, onde reinaria muita Justiça e Amor.

# ENTREVISTA FEITA AO MÉDIUM J. NUNES MAIA, POR HYARBAS OLAVO FERREIRA

1 — Como se explica o fato de Espíritos renomados, e através de médiuns famosos, proferirem inverdades comprovadas posteriormente, e não buscarem, pelo menos, uma Justificativa do seu proceder?

— Não é do nosso feitio julgar a ninguém: nem médiuns, nem Espíritos, pelos quais temos muita admiração e respeito. Tanto os médiuns, meu filho, famosos, como dizeis, quanto os Espíritos comunicantes na Terra, são almas em faixas diferentes, mas falíveis, todos os dois. De fato, existem inúmeras contradições entre os escritos dos grandes médiuns. Isso se explica pelo fato de que cada um escreve para uma gama de leitores diferentes. No entanto, poderemos notar que no fundo de todos os escritos o primordial objetivo é o de melhorar a alma, induzindo-a para o verdadeiro bem.

A transmissão mediúnica é muito mais difícil do que pensais. A filtragem das mensagens varia, de médium para médium, e no caso de profecias, somente as dos grandes são divulgadas. Caso que ocorre, igualmente, na Ciência e na Filosofia.

Quanto ao fato de escreverem inverdades, não vos preocupeis muito, porque somente o certo ficará de pé. A vida doutrinária do espiritismo está prestes a sofrer uma grande reforma. Como acontece com todas as coisas. Ou não credes no progresso?

Centenas de livros Espíritas vão deixar de circular, por estarem incompatíveis com o avanço científico e a expansão filosófica da nova geração... Isso, para muitos, será um escândalo. Mas, como ele é necessário,

a sua presença é infalível.

Quanto a não haver justificativa feita por eles, a vaidade os impede, por já estarem qualificados dentre os grandes, e a falta de humildade verdadeira grita mais alto que o bom-senso. E talvez seja melhor assim, porque muitos não estão preparados para ouvir uma retificação. Poderão perder a confiança. Que seja cega, no entanto está servindo de óleo divino que, de qualquer forma, sustenta o motor da vida.

2 — Um Espírito bem intencionado, de acordo com o seu ponto de vista, seria ou não induzido a retificar um erro anteriormente cometido ?

— Nem sempre isso é o certo. Se os homens, por exemplo, intentassem voltar atrás, sempre, após cometido um erro, estariam retardando a sua marcha evolutiva. Consertar as coisas é tarefa muito difícil, que nem sempre se processa consoante o que julgamos. Há erros, por exemplo, que só vêm a ser corrigidos em uma outra encarnação, obedecendo a um esquema perfeito e não de todo por nós compreendido, atualmente.

3 — Por que ainda não verificamos nenhum exemplo de “Instrutor espiritual” que venha concordar que esteve, em algum tempo, alimentando ideias falsas?

— Em muitos casos, as aparências são necessárias. Depende muito do estado evolutivo de cada criatura. A verdade, em toda a criação, obedece à relatividade. Sendo assim, uma ideia que seja falsa para uma criatura, pode ser verdadeira para outra. A retificação está entregue ao tempo, e os próprios homens servirão de instrumentos para que ela se processe. Há bilhões de almas, encarnadas e desencarnadas, vivendo na atmosfera terrestre. Cada uma delas vibra em uma faixa diferente, procurando assimilar apenas aquilo que está ao alcance da sua evolução.

Tudo, meu filho, se encadeia de acordo com a vontade de Deus. Se gostais das coisas mais puras, construí vosso império interior, deixando que os outros façam o que podem e devem fazer.

4 — Que pensa da ideia que admite que Jesus possuía um corpo fluídico ?

— Prefiro ficar no meio: estudar as duas teorias, considerando que de ambas poderemos tirar muita coisa boa, edificante. A ciência de hoje, por exemplo, já constata que todo corpo físico é o agregado de fluídos, e que todo fluído é o agregado de partículas preliminarmente livres, da própria matéria. O que já escrevemos dá margem para que se conclua e se justifique a existência de várias teorias, em uma mesma fé.

5 — Acha que Jesus sofreu, moral ou fisicamente ?

— Quem já leu o Livro dos Espíritos, conhece esta resposta, quando o Instrutor Espiritual se refere aos Espíritos puros.

6 — Alguns outros afixam que Jesus teve uma evolução reta. Você está de acordo com eles ?

— Estamos de acordo!... Achamos que todas as almas têm evolução reta, pois todos somos iguais, saídos de um mesmo Pai, justo e bom. O que a ignorância julga ser curva, aos olhos do planejamento sideral constitui pura reta. Sendo Deus a onisciência total, a Inteligência Suprema, certamente não iria esquematizar curvas para o roteiro evolutivo dos Espíritos. O que ocorre com um, passa com todos, em variados processos, mas com equivalência, que sempre escapa ao nosso falho raciocínio.

Pureza é sinônimo de evolução, em todos os campos da vida. Pureza, somente se processa com o tempo, com sacrifícios. Uma criança, por exemplo, que do Jardim da Infância chega ao curso superior, teria passado por curvas? Existem outros meios, no mundo, de se instruir, que não sejam esses ?

Se aprendizado é curva, o que seria a reta? Os puros que nos desculpem, mas ninguém evolui sem errar.

7 — Se Jesus não sofreu, qual a vantagem que ele demonstrou, em Sua missão ?

—A vantagem é o roteiro luminoso e inconfundível que Ele nos legou. Por outro lado, notamos, no Seu proceder, o interesse em fazer com que se cumprissem as escrituras do Velho Testamento, a fim de que melhor O aceitassem.

Se Jesus passou por algum sofrimento, sua interpretação escapa, completamente, aos nossos dicionários, requerendo compreensões ainda por vir.

8 — Que relação existe entre moral e mediunidade?

— Nenhuma! no tocante à sua existência. Todos os homens carregam, em si, em estado de germen, todas as faculdades existentes. Todavia, a moral evangélica aprimora o intercâmbio entre as almas, encarnadas e desencarnadas, fazendo com que se cumpra um velho aforismo: “Na proporção em que sou, o que é meu me vem pela lei de atração”.

Se um médium Espírita tem uma moral duvidosa, com tendências para a subversão, a calúnia, a mentira, a falsidade, o orgulho, o ciúme, luxúria, a vingança, claro e justo que, pela afinidade, Espíritos desses mesmos sentimentos dele se aproximem, com frequência. Mas, mesmo assim, de vez em quando ele se comunica com Espíritos mais ou menos elevados, como também acontece que médiuns de alta moral cristã se comuniquem com Espíritos zombeteiros, ou com os chamados pseudossábios. No ambiente da Terra, ninguém se livra disso...

9 — Por que os maiores fenômenos mediúnicos ocorrem, quase sempre, tendo como médiuns pessoas de moral duvidosa, consoante os preceitos gerais?

— Isso é somente nas vistas dos homens. Aqueles que se acham mais puros não suportariam nem a décima parte das torturas morais a que esses médiuns são submetidos, através de calúnias, do avanço das Trevas, para que eles se percam. Os escolhidos para tais fenômenos são os melhores para os mesmos... Quem os julgar fracassados estará completamente enganado. Eles estão fazendo o que devem e podem.

Todos eles, assim como tudo, se movimentam dentro da vontade de Deus...

Grande tolice o dizer-se que Deus não quer isso ou aquilo. Deus só não quer o que não existe, pois Sua vontade é soberana! Assim, tudo o quanto acontece se constitui em planos para a evolução inexorável, considerando que após atingido certo grau de evolução o Espírito só deseja

o bem. Nesse ponto, ele serve de instrumento, nas mãos do Próprio Deus, para que sejam educados, também, os ignorantes, que estariam fazendo o mal, para valorizar o bem; que provam o mal... para abraçar o amor...

10 — Por que as revelações Espíritas de ordem científica não são compatíveis com a realidade?

— Os médiuns precisam desses impactos, para se tornarem mais humildes. A vaidade mediúnica é uma das piores. Nem sempre a expressão de humildade é a humildade verdadeira.

Esses impactos também ocorrem na própria Ciência, na política etc. Agora, quanto ao se afirmar que nenhuma das revelações de ordem científica, mediúnica, se realiza, não é verdade: muitas delas estão certas e comprovadas...

# BREVE COMENTÁRIO DO ENTREVISTADOR

Também esta entrevista foi inspirada pelo Mentor Miramez. Difícil seria separar o pensamento do próprio médium e o do Espírito. Às vezes as duas opiniões coincidem, entre si.

Procurei dirigir perguntas sobre assuntos que, atualmente, se constituem em temas palpitantes e controvertidos. Os estudiosos do Espiritismo por certo perceberão, de forma mais precisa, a que nos referimos.

Se bem que nem eu, ou o médium, alimentemos a pretensão de sermos senhores da lógica ou da verdade, nossa esperança é a de que os leitores aqui encontrem dados e reflexões para suas ilações mais aprofundadas.

hyarbas, 14/fev/73

P — Quando você começou a psicografar?

R — Livros, há um ano e pouco. Mensagens, nas reuniões doutrinárias, desde o ano de 1944, um ano após o meu ingresso nas fileiras espiritistas.

P — Como você se sente ante a psicografia?

R — Como se minha mente fosse uma escuridão e alguém acendesse uma luz dentro da minha cabeça.

P — Perde os sentidos totalmente?

R — Não. Sinto-me como que anestesiado. Ou então, se não é agravo

dizer, como se tivesse tomado um copo de vinho, daquele com que Jesus alegrou os convivas, por ocasião das bodas de Caná. Isso, de um modo geral, porque há outras circunstâncias em que sinto coisas bem diversas.

P — Você acha que está caminhando para uma grande mediunidade?

R — Não acho mediunidade nenhuma grande ou pequena. Todos os nossos deveres na Terra são compatíveis com as nossas forças. Os céus não colocam fardos pesados em ombros frágeis. Assim sendo, somente se carrega o que se suporta. E carregando o que se suporta, nada é grande, nem pequeno. É o que é.

P — Por que os médiuns de maior expressão no mundo, quando se aproximam um do outro, começam a discordar entre si, fazendo declarações ofensivas, reciprocamente? Não é entre eles que deveria haver maior compreensão?

R — Acho que sim. No entanto, até mesmo entre os discípulos de Jesus, relatam os Evangelhos, houve discordâncias e discussões. E isso acontece nos planos espirituais mais ou menos elevados. Em todos os sentidos, o Cristo nos ensinou o perdão. Aquele que muito amar será salvo das ofensas e quem amar mais do que o muito, começará a ver o complemento do trabalho que a gente não pode fazer, naquilo que achamos errado nos outros.

P — Você acha que Allan Kardec está reencarnado, para dar continuidade à Doutrina Espírita, como relata o Espírito Z ao Mestre de Lion?

R — Se Jesus achar necessário, com certeza enviará o nosso querido codificador. Mas até então não surgiu nenhum indício que nos fizesse sentir aquela inteligência, irmanada com o coração, em grandes proporções. E se porventura estiver por aí, esperando o estalo de Vieira, todos haverão de reconhecê-lo, como sendo um sol espiritual para o terceiro milênio.

P — O que você acha do movimento espírita no Brasil?

R — Até o fim do século o espiritismo será a maior religião desse País.

P — Então, daqui a alguns anos o Brasil vai ser um céu?

R — Não foi isso que eu disse. Céu, na Terra, pelo que nos é dado compreender, só daqui a mil anos. A transformação do homem, como é o ideal do Espiritismo Cristão, é muito lenta. E a própria natureza nos mostra que não poderia ser de outra forma. E Deus e Jesus já sabiam disso antes que houvesse Terra.

P — O que você acha da pureza doutrinária?

R — Acho uma beleza. No entanto, ela só encontrará ressonância nos corações, quando houver maior evolução espiritual.

P — Você se julga um espírito evoluído dentre aqueles que comungam com você nas hostes doutrinárias?

R — Essa pergunta me faz sorrir. Eu me julgar isso ou aquilo, não vai mudar nada para nós. Eu sou um grande devedor, diante da lei impulsionada pela evolução. Se quer saber o mal que já pratiquei, eu me recordo com bastante nitidez dos desatinos perpetrados por mim em outras reencarnações. E desta vez estou me esforçando para Iniciar a recuperação dos meus inúmeros débitos.

P — Como vê o fanatismo na Doutrina dos Espíritos?

R — Como nas outras religiões, filosofias e ciências. Fanatismo é ignorância, e com ela desaparece. Não foi o próprio Jesus quem disse: “conhecereis a verdade e ela vos tornará livres”?

P — Por que a consciência nos acusa somente depois de errarmos? Não seria bem melhor se ela nos pressionasse antes do atentado contra a Lei?

R — Para não ser uma imposição, só há sentença depois do delito. Se nunca cometêssemos qualquer erro, como poderia a consciência recusar nossos gestos? Mesmo assim, quase sempre temos uma forte noção acerca do que pretendemos fazer: se é bom ou mau.

P — Você se acha um homem bom?

R — Acho-me um homem com tendências para o bem.

P — O que você acha da Campanha do Livro Espírita Gratuito ?

R — Um trabalho fabuloso, pois leva o livro espírita a lugares de difícil acesso. É a mensagem do Cristo, penetrando em todos os rincões do País, preparando essa gente para o terceiro milênio.

P — Você já fez viagem astral, consciente?

R — Algumas vezes.

P — É fácil sair do corpo físico, sem estar dormindo?

R — Não. E dentre as práticas de ordem espiritual, essa se constitui numa das mais perigosas e um tanto difícil, principalmente quando não é espontânea.

P — O que aumenta ou diminui, no ser humano, para sair ou não em viagem astral, consciente?

R — A viagem astral consciente é também um dos inúmeros dons que o ser humano possui, mais ou menos desenvolvido, e pessoas há que nascem com ele em pleno fulgor. Outras, carecem de muito exercício, que às vezes leva toda uma existência. E outras carecem ainda de muitas existências, praticando. De qualquer forma, em qualquer caso, representa uma conquista da alma.

P — A falta de prática faz com que as pessoas que já possuem esse dom o percam?

R — Nada se perde, quanto mais em se tratando de coisas espirituais.

P — Então não é um dom que todos possuem?

R — Por que não? Há dons em germe, em nós, que somente daqui há séculos ou milênios começarão a se desabrochar.

P — Qual é o método usado pela natureza para fazer-nos esquecer o que nos ocorreu durante o sono, não sendo viagem astral consciente?

R — Para ilustrarmos o assunto com mais simplicidade, podemos assim entender: quando estamos em uma sala separada de outra por uma porta hermeticamente fechada, as pessoas que conversam de um lado, não percebem a conversa dos que se encontram do outro lado. Assim acontece quando da saída do espírito durante o sono.

Em viagem astral consciente, a porta que divide as duas salas fica mais ou menos aberta, enquanto no desdobramento inconsciente, podemos dizer que a porta que separa o espírito do corpo se encontra fechada. As recordações que porventura tenhamos, nesse caso, serão confusas, qual se ouvíssemos conversas através de portas fechadas, quando não se ouve bem.

P — Qual é a maior missão do Espiritismo na Terra?

R — Reformar o homem.

P — E quando isso se dará?

R — Talvez na entrada do quarto milênio, porque todo o terceiro deverá ser de regeneração e preparo para o reino de Deus, na face da Terra.

P — Esse plano, elaborado para a espiritualização do homem, não pode falhar?

R — Não. Os planos de Deus nunca falham. Mesmo a demora não pode ser tomada como tal, porquanto já estava prevista.

P — Você não acha que o mundo está regredindo moralmente?

R — Acho que ele está evoluindo, normalmente, sem nenhuma perda. A impressão que temos de regressão, é por não entendermos os processos usados por Deus, em nosso benefício.

P — Mas as guerras, as pestes, e a fome que campeiam em todo o mundo? Que diz a respeito?

R — Leia um pouco a História Universal, que esconde muita realidade, e concordará conosco. Tudo isso que você pensa ser ruim para a humanidade, significa, também, processo evolutivo. Veja, por exemplo, o Coliseu de Roma. As mesmas multidões que ali se divertiam, observando

chacinas, hoje frequentam os campos de futebol, no mundo todo.

P — E o resto?

Também evolui muito. Tanto que hoje quem tem mais medo da guerra são os grandes, devido à corrida evolutiva, no aperfeiçoamento do instrumento de matança. Qual país que iria lançar um foguete balístico caríssimo, em um acampamento de soldados? O foguete seria dirigido, por controle remoto, exatamente para um alvo mais importante: o quartel-general, procurando sempre os pontos-chave da economia intelectual e física.

P — Mas e essa falta de moral, como que uma regressão do ser humano para o animal?

R — O que você julga ser regressão e que agora está aflorando na massa humana, estava por dentro. Era muito pior. Agora, estão saindo as mazelas, para que o coração se liberte, tomando-se livre das impurezas.

P — Mas não parece que os puros estão se sujando com esse processo?

R — Quem é puro, nunca se suja com as mazelas alheias. O diamante é sempre pedra preciosa, mesmo dentro de um lameiro.

P — Muitos falam que o mundo está para acabar e que isso se dará no fim deste século. É verdade?

R — A própria ciência já afirmou, com muita propriedade, que nada acaba, tudo se transforma. O que realmente vai desaparecer deste mundo é o mal, as más intenções, a ignorância. E a humanidade vai começar a viver em outra dimensão. Talvez, com duros sacrifícios, porque regenerar não é fácil, para quem se acostumou a errar milênios incontáveis.

P — E qual é o fim dos tempos, anunciado?

É o fim dos tempos maus.

P — Qual a missão do Espiritismo, nesse setor dos tempos anunciados?

R — Ajudar na transformação do homem.

P — E os espíritos desencarnados, não?

R — Os que vivem no duplo da terra fazem parte desta mesma humanidade. Portanto, todos são considerados espíritos humanos.

P — Quem o está inspirando para responder estas perguntas?

R — O nosso companheiro espiritual, Miramez.

## Súmula

**PREFÁCIO**

**CAPÍTULO I O CANTO DO SABIÁ**

**CAPÍTULO II A VIDA NO CASARÃO**

**CAPÍTULO III MÃE DUDU**

**CAPÍTULO IV A VIAGEM A PORTUGAL**

**CAPÍTULO V PRINCÍPIO DE DORES**

**CAPÍTULO VI DRAMAS DE CORAÇÕES**

**CAPÍTULO VII SOMENTE O BEM É ETERNO**

**CAPÍTULO VIII PONTO FINAL EM UMA EXISTÊNCIA**

**CAPÍTULO IX REGRESSO AO BRASIL**

**CAPÍTULO X DOIS MÉDICOS RENOVADOS**

**CAPÍTULO XI O CAPATAZ DEDÃO**

**CAPÍTULO XII A FAMÍLIA PANTONI**

**CAPÍTULO XIII NOVAS ESPERANÇAS**

**CAPÍTULO XIV O REGRESSO DA FAMÍLIA**

**CAPÍTULO XV “NOVA VIDA NA FAZENDA RIACHUELO”**

**CAPÍTULO XVI REDENÇÃO DE UMA ALMA**

**CAPÍTULOS XVII DRAMAS DA INQUISIÇÃO**

**CAPÍTULO XVIII O FIM DO PADRE — O TRIO INIMIGO**

**CAPÍTULO XIX ALÉM DO ÓDIO**

**CAPÍTULO XX COLÔNIA DO TRIUNFO**

**ENTREVISTA FEITA AO MÉDIUM J. NUNES MAIA, POR HYARBAS OLAVO FERREIRA**

**BREVE COMENTÁRIO DO ENTREVISTADOR**

{1} Sabueiro — Regionalismo. Nome que davam aos carros de bois.

{2} [N.R.] deduzi a palavra “socorro” ilegível no PDF

{3} [N.R.] Essa palavra o autor espiritual toma emprestada do budismo que significa ação. No Espiritismo temos a lei de ação e reação [causa e efeito]. A palavra carma das doutrinas budista, hinduísta, jainista, síque e teosófica. Em cada uma dessas doutrinas, o termo tem um sentido próprio.

{4} Obs. : Os livros na Colônia Espiritual, são diferentes no volume e na ordenação.